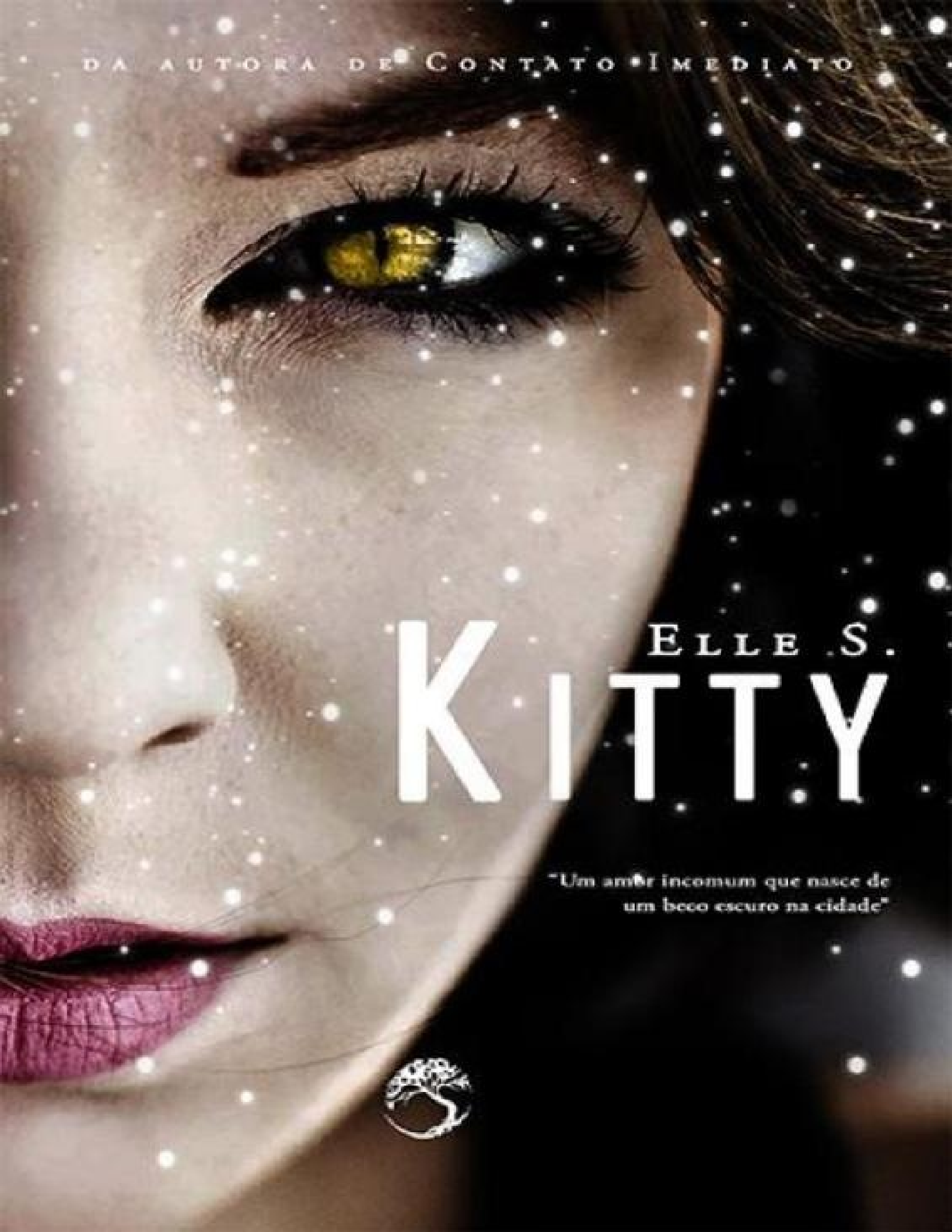

DA AUTORA DE CONTATO IMEDIATO
ELLE S.
KITTY
"Um amor incomum que nasce de um beco escuro na cidade"

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

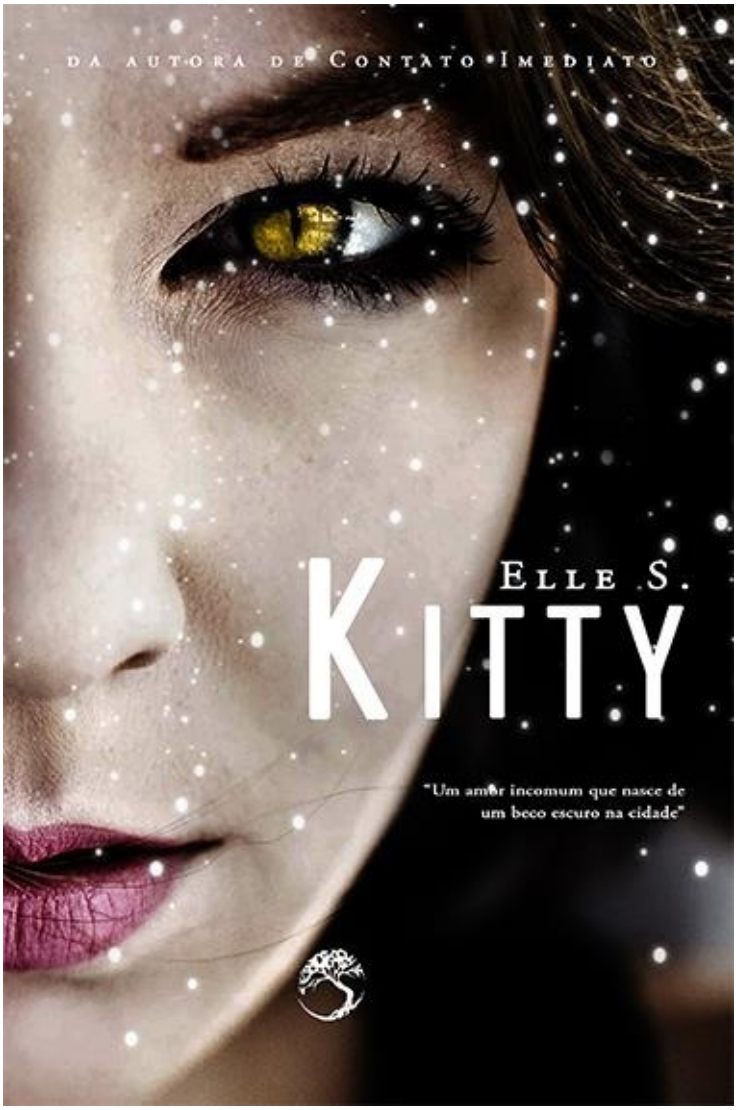
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

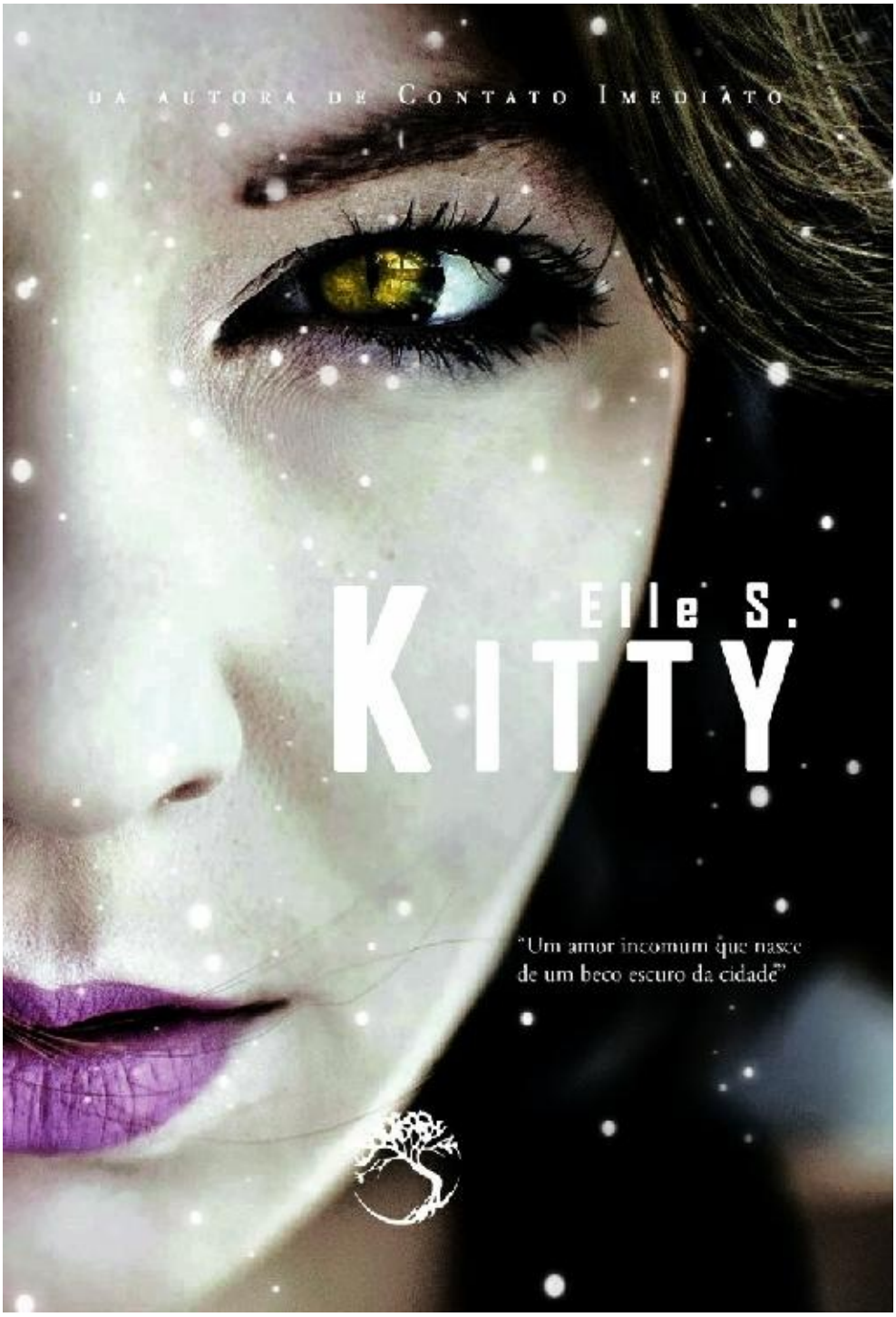
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

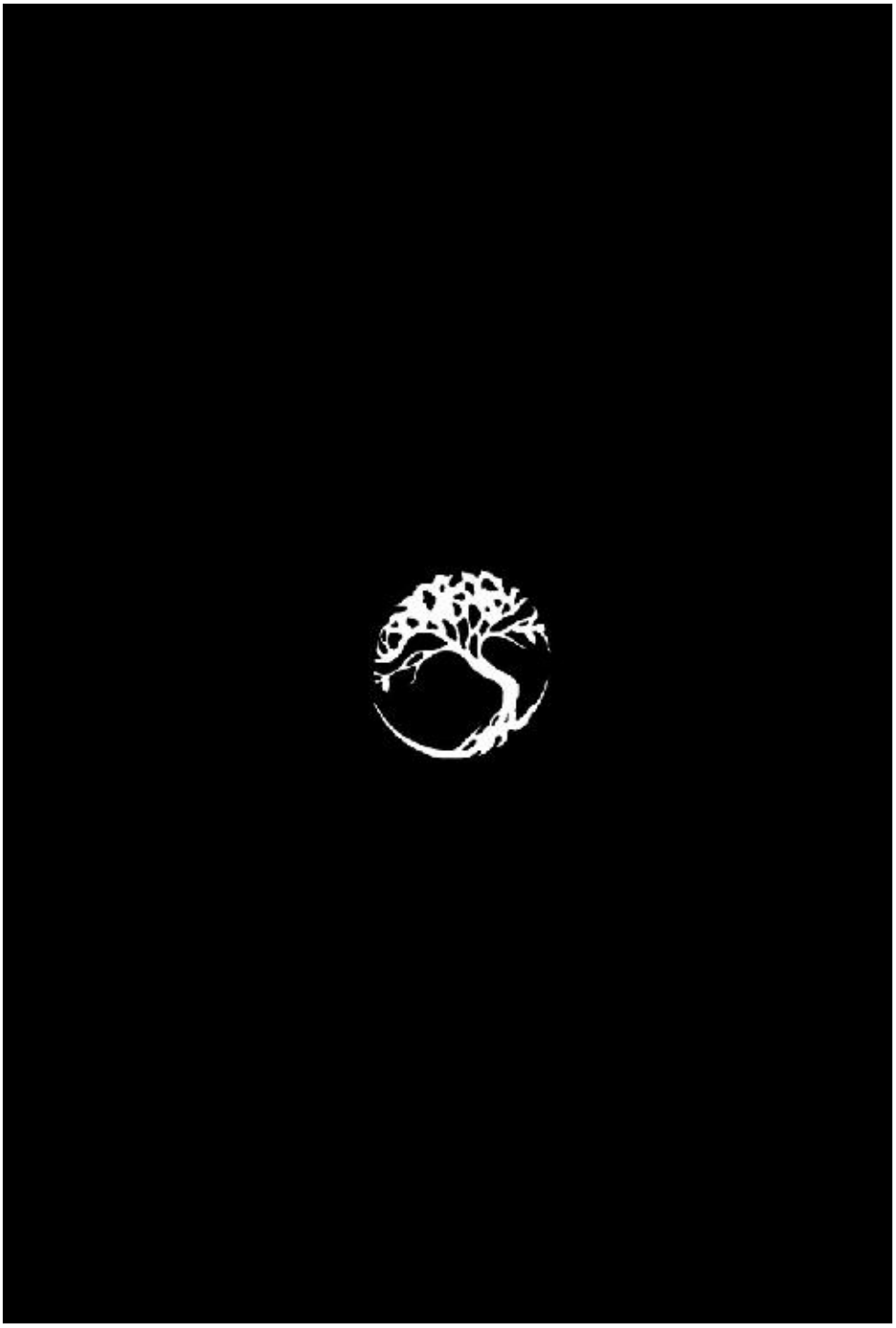
Sobre nós:

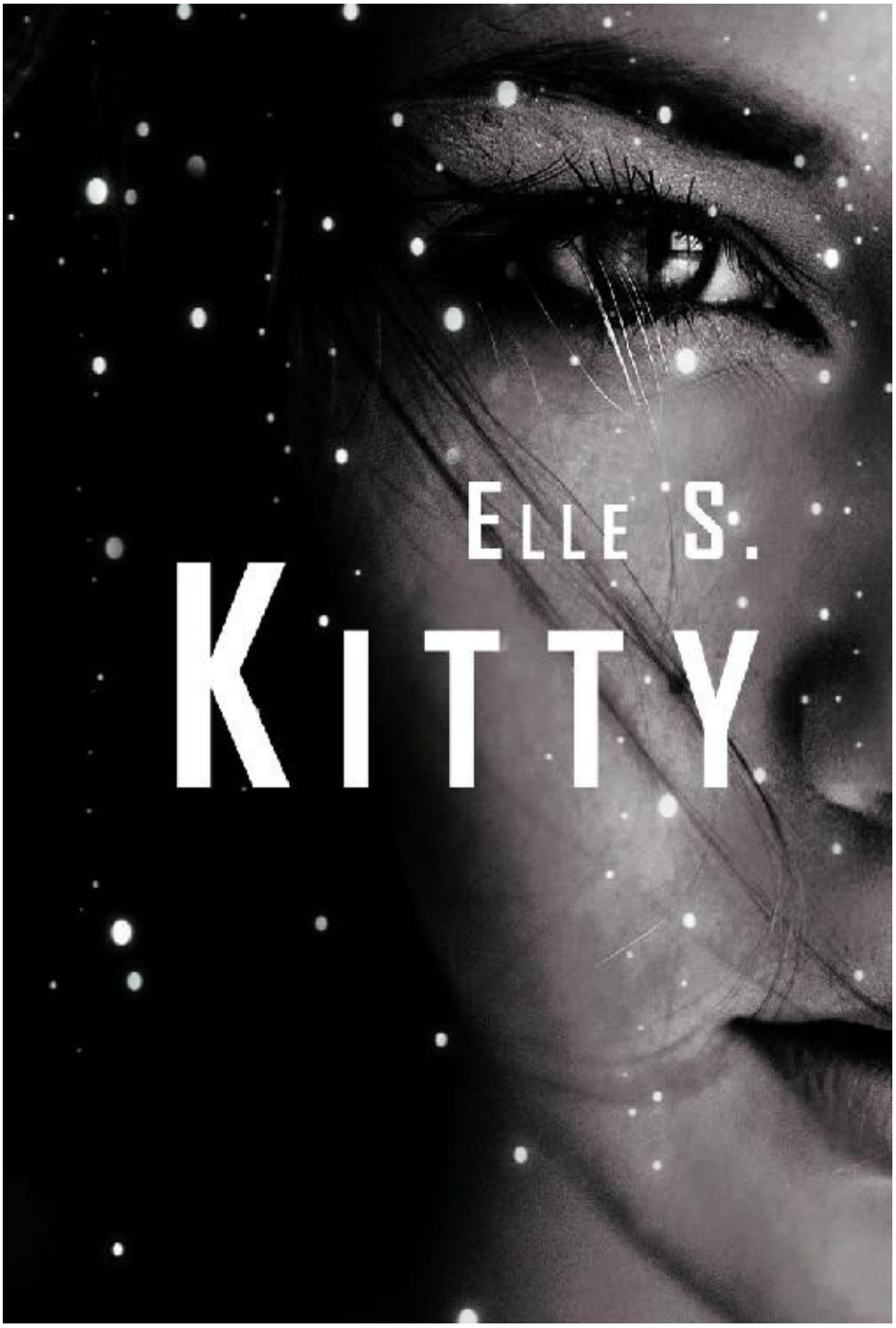
O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

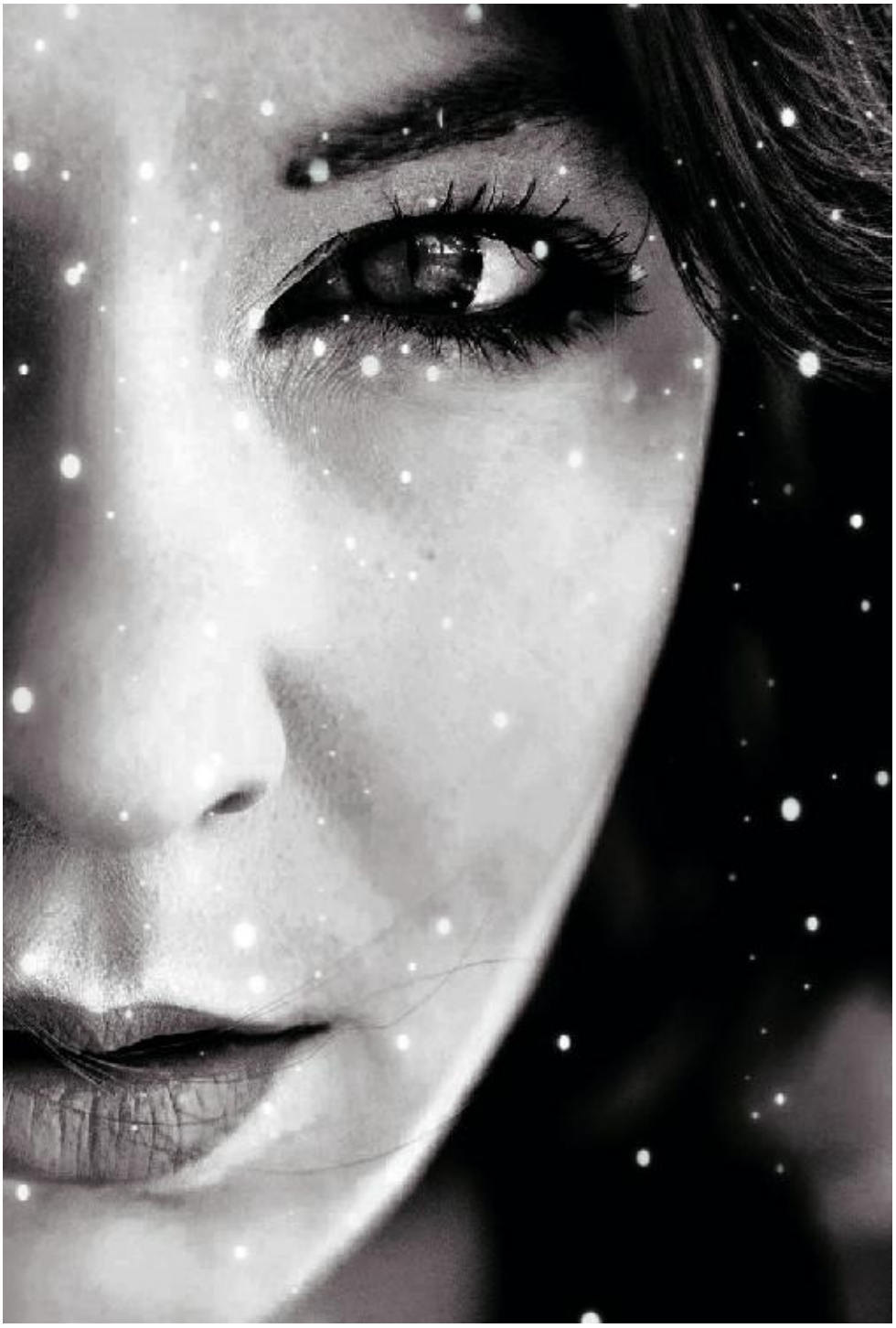
"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

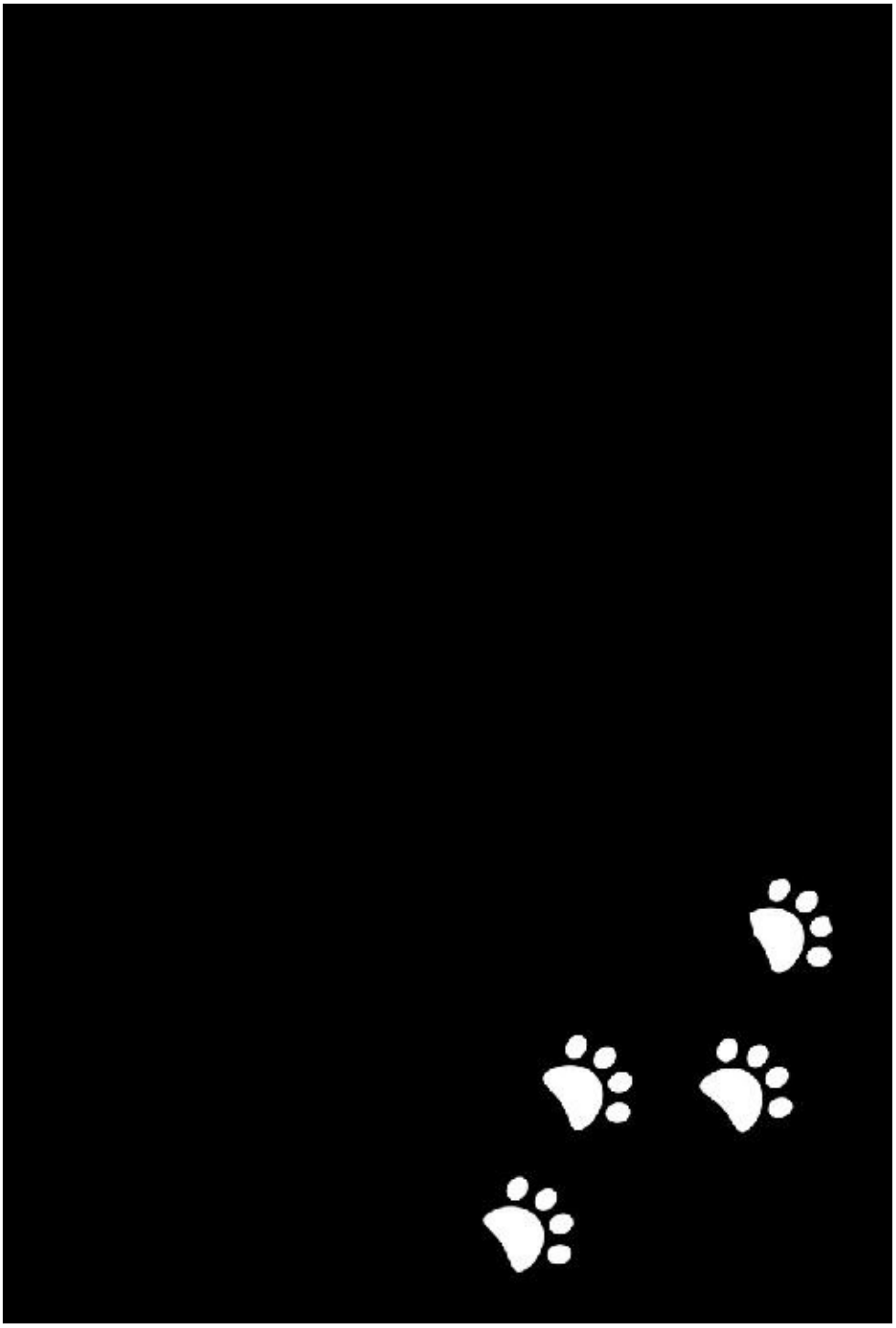

DA AUTORA DE CONTATO IMEDIATO
ELLE S.
KITTY
"Um amor incomum que nasce de um beco escuro na cidade"


DA AUTORA DE CONTATO IMEDIATO
Elle S.
KITTY
"Um amor incomum que nasce de um beco escuro da cidade"




ELLE S.
KITTY





DA AUTORA DE CONTATO IMEDIATO

Elle S.

KITTY

"UM AMOR INCOMUM QUE NASCE DE UM BECO ESCURO DA CIDADE"

EDITORA ARWEN

Copyright© Editora Arwen 2014

Todos os direitos reservados pela Editora Arwen. Nenhuma parte desta edição deverá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da editora.

Produção Editorial

Editor Chefe:	André Calderon S. dos Santos
Diretora Editorial:	Aline C. Carrasco
Design e Capa:	Bernardo Manfredi
Revisão:	Dilsa de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

E45k S., Elle
Kitty / Elle S.
1. ed. - São Paulo : Arwen 2014.

ISBN: 978-85-68255-01-8

1. Literatura Brasileira; 2. Romance; I. Título.

06-8255 CDD. 869.93
CDU. 821.13

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Editora Arwen
E-mail: *contato@editoraarwen.com.br*
www.editoraarwen.com.br

"Dando raízes aos seus sonhos"

Oh, ela me conhece muito bem
Oh, ela me conhece como eu me conheço
She – Ed Sheeran

Para todos aqueles que leram Kitty.

Para os que leram só um pedaço, um subtítulo, um capítulo, a fanfic, trechos no twitter.

Que leram só de me ouvir falar sem parar e, agora, para quem leu o livro.

Foi a fé de vocês na gata que a trouxe até aqui.

Esse também vai para os gatos de rua que me ignoram quando tento adotá-los, e para o homem ruivo que me ensinou o poder das palavras.

Muito obrigada!

Elle S.



Encontrada

Eu vi São Paulo crescer. Vi as ruas se alargarem e os comércios prosperarem. Vi negros, brancos e índios. Vi os imigrantes se misturarem a nordestinos e vi as pessoas se multiplicarem, se transformarem e então se extinguirem. Guerras, doenças, revoltas e carnavais. Eu estive pelas ruas em todos os melhores e piores momentos daquela cidade. Me habituei ao sol dar lugar à garoa fria e esta abrir passagem ao sol novamente. Algo tão confuso que, com o passar dos anos, se tornara a coisa mais natural do mundo para mim. Vivi em diversas casas e caminhei por inúmeras ruas. Vi bairros nascerem e a modernidade tomar o que já era comum e costumeiro, para aí então a tecnologia se tornar conhecida e familiar.

Conheci como a palma de minha pata cada espaço, cada calçamento, cada aroma e cada novidade. E, em mais de quatrocentos anos, nunca pude dizer que tinha realmente vivido até aquele dia. Afinal, eu jamais havia sentido o meu coração bater tão forte. Jamais me sentira tão humana e tão eu.

Estava esticando minhas patas por perto da Haddock Lobo, cumprindo o meu ritual de todas as noites: a infinita ronda atrás de algo pra comer que não fosse degradante ou nojento. Eu tinha de me alimentar, certo? Nem sempre tinha a sorte de encontrar um restaurante com um lixo de qualidade, mas desde que eu encontrara aquele pequeno bistrô, com o nada criativo nome de Saborart, minhas refeições noturnas estavam tendo um toque a mais de classe.

Viver na rua pode fazer as pessoas perderem completamente o seu bom gosto, se sujeitando a comer o que lhes fosse dado. Mas eu não era desse tipo. Eu ainda sabia o que era ter estilo e nem mais mil anos na rua me fariam perdê-lo. Então me enfiei pelas lixeiras até dar a volta pelo restaurante, encontrando a escura porta da cozinha.

Eu sabia que aquele era o horário perfeito para encontrar o ajudante de cozinha com um vício por cigarros de cheiro herbal e horrível, mas que o deixava completamente disposto a me dar alguns cortes de peixe que muito me agradavam. Ele sempre saía para fumar no mesmo horário e saber a sua rotina era o que garantia meu jantar. Assim que o rapaz me viu, um sorriso estranho e vagaroso nasceu em seus lábios, fazendo com que ele estendesse a mão para me tocar, sendo frustrado no mesmo momento, pois por mais agradecida que eu

estivesse, não permitiria qualquer tipo de intimidade.

— Vem, gatinha, vem comer seu peixinho.

A carne primeiro, a falsa passada de rabo em agradecimento depois, camarada.

Como eu exigira silenciosamente, com minha clara distância, o homem voltou para a cozinha e saiu de lá com alguns pedaços de atum cru. Ele os colocou entre nós e observou, enquanto eu fazia um pouco de charme antes de andar até eles e colocá-los na boca com a graciosidade que apenas nós, felinos, tínhamos. Não dediquei mais nenhum segundo de atenção ao cozinheiro. O meu intento havia sido cumprido: eu estava alimentada.

Mas não o bastante para me desligar do mundo. São Paulo podia ser meu lar, mas não era uma cidade pacata. A violência era uma parte grande demais daquele todo para que eu pudesse ignorá-la.

Então, não me demorei com o jantar e percorri algumas ruas bem iluminadas até encontrar o beco que eu procurava. Meu abrigo.

Ficar na rua era se deixar transformar em presa fácil para algum desumano, bêbado ou não, que achava divertido brincar de chutar animais pela madrugada. E, sinceramente, naquela noite eu não estava com ânimo algum para brincar de futebol com ser inferior algum.

Foi fácil encontrar a grande caixa úmida que eu usava como casa e, assim que me aconcheguei da melhor maneira que pude, me deixei relaxar. O escuro e o silêncio do beco me embalavam em direção ao sono. Meu estômago estava cheio, eu estava viva. Dormir era a minha próxima providência, além de rezar a qualquer entidade felina que me ouvisse para que as coisas finalmente dessem certo.

Infelizmente, minhas preces não foram atendidas. Praticamente no mesmo momento, o som característico de vômito veio para me despertar. Aquilo ecoou pela escuridão e, mesmo que eu desejasse do fundo da minha alma ignorá-lo, não foi possível. Ele continuou por tempo o suficiente para eu ter de sair da minha zona confortável e me impor.

De todos os becos de São Paulo, o sem noção tinha que escolher justo aquele para esvaziar o seu estômago? Mas que droga! Antes que eu pudesse alertá-lo que aquele pedaço já tinha dona, os sons se transformaram e um soluço tímido, mais ainda assim audível, começou. Rosnei e miei para alertar ao chorão. Não importava de qual espécie ele fosse, ele deveria partir. Seus fungados e outros ruídos estavam atrapalhando meu descanso merecido.

Por mais ameaçadora que eu pudesse ter parecido, nada aconteceu. Os sons continuaram. Ah, eu merecia? Miei novamente, mais alto e com o dobro de irritação, e escutei passos. Isso aí, otário!

Aquela era a minha área e se ele quisesse chorar, que fosse para outro lugar. Mas ao contrário do que eu esperava, os passos não se afastavam, eles se aproximavam.

O pânico que eu senti ficou mascarado diante da minha raiva. Merda! Ele se aproximava enquanto eu tentava me ocultar nas sombras, mesmo sem ser tão bem sucedida assim. Quando quase consegui me esconder, senti duas mãos perfeitamente humanas, grandes e calosas demais, me erguerem, retirando-me da caixa e me deixando suspensa, da maneira que eu mais odiava. Aquela posição estúpida me fazia abanar o rabo, à mercê de quem me segurava. Então me debati, raivosa, querendo me libertar imediatamente.

O rosto do maldito que me segurava estava oculto pelas mesmas sombras que eu tentara usar a meu favor, e sem pensar duas vezes preparei as minhas garras. Eu não estava para brincadeiras naquela noite. Em noite alguma, por sinal.

— Você parece o Rupert, sabia? — disse a voz masculina sem firmeza. Eu ainda conseguia ouvir o choro nela.

A coisa mais feia desse mundo, para mim, era macho chorão. Independente da espécie. Por favor, como sexo dominante, era de se esperar mais de tipos como esses. Se é para ficar de chororô, deixe que nós, fêmeas, assumamos o controle.

— Pobre gatinho. Também abandonaram você. Está sozinho, não é, bichano?

Qual o problema daquele cara com gêneros? Ah, meu querido! Coloque tudo nos substantivos femininos. Pelo amor de todos os pumas, aquele ser não consegue ver que está tratando com uma dama? Miei de pura revolta e para meu infortúnio, ele entendeu aquilo como uma resposta.

— Eu também estou. — A tristeza na voz dele tinha um quê diferente que eu não soube interpretar, tampouco odiar. Era errado ter pena de alguém que te perturbava no meio da madrugada. Tipos assim merecem arranhões, não compaixão. — É tão difícil, não é? Ser sozinho?

Aquele homem não sabia o que era ser sozinho. Ele tinha pequenas amostras do que era ser solitário. Se ele vivesse até 90 anos, não experimentaria nem um décimo do que eu já sofrera por mim mesma, sem ter com quem contar, sem ter alguém ao lado. Não, ele não tinha a mínima ideia do que era solidão. Eu só queria que ele me colocasse de volta na caixa e desse o fora. Não era pedir demais, poxa!

— Não vamos mais ser sozinhos. Você vem pra casa comigo, amigão.

Eu não sabia por onde começar a rebater a loucura daquele homem. Com quem diabos ele pensava que estava falando? E, como assim, ele estava pensando que eu iria pra casa dele? Com ele? A rua era o meu lar e eu estava

muito bem sozinha. Sozinha! A! Substantivo feminino.

Dei mais um rosnado ameaçador, mas não fui tão eficiente quanto tinha sido das outras vezes.

Tudo que o estranho fez foi me aproximar de seu peito, me encaixando da forma mais confortável que podia em seu colo quente. Recebi um carinho malditamente bom nos pelos da minha cabeça.

O que eu reconheci como uma técnica bastante eficaz de distração. Afinal, meus olhos se fecharam instantaneamente, um pouco contra a minha vontade. E, quando dei novamente por mim, estava dentro de um carro, colocada com cuidado em um banco de couro maravilhoso. Um daqueles que só se via em outdoors, mas que pareciam feitos para serem arranhados até se esfarelar por gatas de garbo, como eu.

A porta já estava fechada, mas o calor dentro do carro me levava a admitir que, talvez, não fosse uma ideia tão ruim assim deixar que o homem me levasse para dar uma volta. Assim que ele abrisse a porta novamente, eu me mandaria de lá e jamais o veria de novo. Simples e eficaz. Não havia nem porque me exaltar. Talvez assim ele parasse de chorar. Ou quem sabe uma boa ação ajudaria a melhorar a droga de vida que eu tinha.

A dificuldade do homem para colocar a chave na ignição fez com que ele precisasse acender a luz no teto do carro. Até aquele momento, a escuridão me impedira de olhar seriamente para o desconhecido. Não pude ver muito, seu rosto estava inclinado e oculto, mas consegui ter um leve vislumbre do seu cabelo cor de fogo antes de seu dono finalmente conseguir encaixar a chave e desligar a luz.

Mesmo sendo madrugada e o horário já bem avançado, o homem ainda teve de esperar um pouco antes de tirar seu carro da vaga e entrar no tráfego junto com os outros carros. Só então, meu suposto companheiro de viagem se deu conta de que algo estava errado ali.

E não era o fato de ele estar levando uma gata desconhecida para casa.

— Oh, desculpe, cara, nem me apresentei. Meu nome é Eduardo, mas pode me chamar de Duda... Eu até prefiro.

Que seja! Prazer, Eduardo. Para começo de conversa, não crie intimidade, e me chame como quiser, mas deixe-me dizer uma coisa: você é louco e provavelmente deve ter fumado um cigarro bem forte para estar conversando com uma gata. E pior ainda por não perceber que eu era uma fêmea. Vamos lá! Nem era tão difícil. Era só olhar para meu perfil aristocrático, minha leveza e suavidade para perceber isso. Sem falar nos óbvios órgãos genitais, se todo o resto falhasse.

— Já disse que você parece o Rupert? Ele era o gato dos meus pais. O

bichano também era cinzento assim, mas não tinha as orelhas caídas. E o seu focinho parece um tanto mais torto.

Mas que audácia! Eu estava ali para ser insultada? Que tipo de dia às avessas era aquele que eu estava tendo? Eu já não estava sendo castigada o suficiente pela vida? Eu realmente merecia esse pouquinho a mais?

Era mais do que claro que aquele tal Eduardo estava bêbado à morte. Ele chorara sem motivo e vomitara no beco. Sem contar o cheiro de álcool que ele emanava. E ainda estava dirigindo! Certo.

Eu estava sendo pseudoadotada por um tipo que dirigia bêbado, chorava em becos escuros e não sabia distinguir um gato macho de um espécime exemplar do sexo feminino como eu. Certamente eu estava em boas mãos. Com certeza. E com o carro em movimento eu não tinha nem para onde correr.

Para meu momentâneo alívio, o carro finalmente parou em frente a uma casa tipicamente colonial, com uma enorme parede cheia de hera que contrastava com o portão branco e elegante.

Quando fui tirada no colo de dentro do automóvel, uma olhada ao redor me fez reconhecer onde eu estava. Aquele lugar não era muito longe do parque do Ibirapuera, o que demonstrava que o meu projeto de dono não era nada pobre. Aquele era um bairro chique. Não que fizesse alguma diferença, a única coisa que eu deveria fazer era fugir e não observar o status do lugar.

Mas era complicado me concentrar quando ele afagava minha cabeça daquela maneira prazerosa. Eduardo estava atrapalhando todos os meus planos. O correto a fazer era descer do carro, sozinha, e me enveredar pelas sombras, para poder desaparecer por cima dos telhados.

Porém, ele estava me carregando e nublando a minha mente com aquele carinho idiota, me impedindo de ter forças para lhe dar uma bela arranhada no braço, pular do seu colo e correr.

Por isso não me movi. Apenas deixei que ele me carregasse para dentro da casa e o assisti fechar a porta, daquele jeito destrambelhado característico dos bêbados. O ruivo me colocou no chão para conseguir tirar a blusa de frio e guardar as chaves numa mesa ao lado da porta. Otário, se eu quisesse, sairia pela janela e não seria nada difícil achar uma numa casa tão grande quanto aquela. E como já vinha acontecendo desde que eu o escutara vomitar em meu beco, meus planos mudaram completamente e me peguei curiosa para saber como era a casa de Eduardo. Jamais Duda, não queria intimidade com o tipo.

Fazia muito tempo desde que eu vira o interior de uma casa humana, e a de Eduardo era grande.

Grande e azul. A cor estava espalhada por todos os lados. Um tapete. Um quadro. Um sofá enorme que lembrava o céu numa noite chuvosa. O misto de

azul e branco era até aconchegante, para ser honesta.

— Bem-vinda ao seu novo lar.

Ignorei completamente as boas vindas e continuei a minha avaliação. Eu desejava ver o rosto de Eduardo, mas novamente tudo o que eu conseguia enxergar eram as pernas de seus jeans escuros, e quando erguia o pescoço, uma massa revolta de cabelos ruivos. Nada mais. Talvez fosse melhor procurar logo a minha saída.

Com passos cuidadosos, percorri o hall e atravessei um longo corredor, infelizmente sem janela alguma. Senti a presença de Eduardo atrás de mim, trôpego, indo na direção do que eu imaginava ser a cozinha e onde eu, sinceramente, esperava que tivesse uma grande janela para me permitir escapar de toda a loucura daquela noite.

A cozinha era um espaço enorme e bem iluminado, com diversos equipamentos prateados e reluzentes que eu não tinha a mínima ideia para quê serviam, mas pareciam se encaixar bem no espaço. Além disso, havia um balcão gigantesco rodeado de banquetas de estofado azul que eram atraentes e pareciam confortáveis.

Mas o que mais me chamou atenção foi a enorme janela em frente à pia. Minha rota de fuga.

— Está com fome, bichano?

Merda, é tão complicado assim para esse cara ver que eu sou uma fêmea? E não, eu não estava com fome e quem ele pensa que... Oh! A deliciosa ração do saquinho roxo!

Eu aceito que me chame de vendida por isso. Mas quando se é uma gata de extremo bom gosto , é completamente impossível resistir ao apelo que aquela embalagem roxa tem. No exato momento em que balançou aquele saquinho, Eduardo ganhou uma noite de sincera lealdade da minha parte.

O milagre suculento de salmão! Meu sabor favorito! Sejamos honestos, aquele cara fizera por merecer a minha bandeira branca. Alguém que oferece aquela delícia e ainda mais daquele sublime sabor, jamais poderia ser uma má pessoa.

Com a habilidade de uma manada desajeitada de elefantes, Eduardo colocou a comida num potinho azul royal e o depositou à minha frente, enquanto abria a porta da geladeira, capturando uma garrafa quase vazia do que parecia ser vinho e virando o seu conteúdo sem graça direto em sua garganta.

— Vai ser bom ter um companheiro nessa casa, cara. Não vou ser tão sozinho e você não vai passar frio na rua. — disse ele, enquanto colocava a garrafa vazia em cima do balcão e vasculhava o refrigerador em busca de outra. — Vou arrumar uma cama pra você quando acabar de comer.

Cama? Ele disse cama ou eu estava muito atenta ao meu delicioso aperitivo que não entendi direito as suas palavras? Não. Eu estava fora desse negócio de cama. Quando um dono te dá cama, logo quer dar um nome e te levar ao veterinário. Trocando em miúdos: ser domesticada. E eu não nascera para isso. Mas nascera para me refastelar em um prato de petiscos de salmão.

— Acho que você precisa de um nome não é, garoto?

Uma coisa levava a outra. Eu tinha razão. Estava pronta para dar uma bela explicação para Eduardo de como as coisas funcionavam comigo, quando ele se ajoelhou à minha frente, acariciando minha cabeça daquele jeito tão dele, me permitindo olhar direto em seus olhos.

E foi quando eu soube que tinha me perdido. Eles eram castanhos. Firmes, mas tão doces que eu não consegui desviar os meus, rendida pela beleza deles. Incapaz de mirar outra coisa que não fosse ele, estudando atentamente a sua pele pálida e seus cabelos tão alaranjados e finos, espalhados pela sua testa em todas as direções possíveis, tive de conter a minha pata para não tocar os seus fios sedosos. Ele parecia tão doce e pacífico, e ao mesmo tempo tão bêbado, que eu inclinei a cabeça, me esforçando fisicamente para entender o louco contraste que aquele homem era. Um louco, mas maravilhoso contraste. A sua barba ruiva era um caso à parte, me convidando a tocá-la, mas lhe dando um ar misterioso que me repelia ao mesmo tempo. Certamente um contraste.

Algo que dizia para eu ficar distante. E que eu já sabia que seria obrigada a desobedecer.

— Acho que eu vou te chamar de Beto. É um bom nome. — E assim acaba o encanto. Como assim Beto? Minhas garras começaram a se formar e talvez aquela tenha sido a resposta que Eduardo precisava para mudar de ideia no mesmo momento. Bom mesmo, ou ele veria o que eu iria fazer com o nome que ele queria me enfiar goela abaixo. — Talvez... Tom? Qual é, cara, Tom é um nome legal!

Tom até poderia ser um nome legal, claro. Para um homem! O que eu, claramente, não era. Eu era uma bela fêmea, de marca maior, uma Diva. E não conseguia entender como ele não tinha notado aquele fato ainda. Um miado descontente e alto resolveu o meu problema, por ora.

— É, acho que Tom não é um bom nome. Mas vamos pensar em alguma coisa juntos.

Eduardo me agarrou pela barriga, quando notou que eu havia acabado de comer, novamente balançando de bêbado, voltando para o que eu desconfiava ser a sala e se deitando em seu enorme sofá. Depois, me colocou em cima da sua barriga para que o encarasse mesmo naquela posição.

Seu rosto era lindo. Mesmo um tanto desfigurado pelo cansaço que o começo

de uma ressaca trazia, Eduardo tinha traços másculos e adoráveis ao mesmo tempo. O homem era uma verdadeira contradição, mas eu não estava reclamando, longe de mim. Com a cabeça apoiada no encosto, ele resmungava em voz baixa, repetindo nomes, sentindo-os em seus lábios e tentando chegar a um bom o suficiente para mim. Nomes masculinos, devo ressaltar.

E, de repente, notei que seus olhos brilhavam de modo estranho. Não compreendi que era um choro até ver a primeira lágrima escorrer pelo canto do seu rosto. Silenciosa, mas dolorosa o bastante para ser logo seguida por diversas delas.

— Por que, Alice? Por quê?

Eu não precisava ser mais inteligente do que era para saber que aquele nome sussurrado não era para mim. Alice, fosse lá quem fosse, era a mulher que colocara Eduardo no chão, fazendo com que ele se sentisse machucado o bastante para chorar por ela, beber litros por ela e se arriscar dirigindo em uma cidade perigosa como São Paulo. Com certeza, Alice não era uma pessoa muito legal. E Eduardo não era uma pessoa com muito amor próprio para superar uma desilusão amorosa.

Aos poucos seus dedos me puxaram mais contra o seu peito, se aconchegando no sofá e me aconchegando a ele, até que eu estivesse tão próxima que podia sentir o calor do seu agasalho negro me aquecer.

Eu assistia a dor de Eduardo sem entender o que fazer para pará-la. A cena era de partir um coração, mas eu não tinha um. Era amarga o bastante para já ter aberto mão do meu há muito tempo.

Logo o pranto ficou mais suave, a sua respiração também estava mais regular e eu agradeci pelo álcool em seu sangue tê-lo feito dormir.

Esperei alguns momentos, me certificando de que ele havia, realmente, caído no sono, antes de me esgueirar para fora de seus braços e cair em pé, no chão. Era hora de fugir. Voltei à cozinha sem qualquer dificuldade, subindo na pia com um pulo elegante e me apoiando na janela, pronta para partir. Sem intimidade, sem laços. Sem dores futuras.

Eduardo me agradeceria por ter partido, eu sabia. Quando a manhã chegasse e junto a ela, o retorno da sua sanidade, ele agradeceria por não ter adotado um gato, como ele pensava. Ele não precisava de companhia, precisava beber menos. E também de colocar outras cores senão azul em sua casa. Ele não precisava de mim.

Entretanto, desci da pia e voltei para sala. Malditos princípios arcaicos que eu não conseguia abandonar mesmo depois de tantos anos na rua. Eu havia prometido que não tentaria fugir e lhe dera uma noite de lealdade. Isso significava que, por mais arriscado que fosse, eu deveria ficar ali.

Apenas uma noite. Assim que o dia raiasse, eu iria embora. Sem mais nenhuma crise de consciência.

Aquilo não tinha nada a ver com o aperto que eu sentira ao vê-lo chorar. Nem como eu achava os olhos dele realmente cativantes e hipnóticos. Nem seus cabelos ruivos que eram tão brilhantes e atraentes. Não tinha nada a ver com Eduardo. Tinha a ver com manter uma palavra.

Mas talvez eu não fosse tão boa assim em me enganar, já que voltei para o sofá, me enfiando no mesmo ponto de onde eu havia escapado momentos antes, sendo segurada com carinho nos braços de Eduardo, acalentada e aquecida. Ele dormia, então não saberia se eu fizesse o que estava morrendo de vontade de fazer desde que eu o vira por inteiro.

Deixei minha pata se enfiar por cima do seu braço até tocar a sua barba, sentindo o pelo eriçado e adorando a sensação de sua pele barbada sob meu toque. Repeti isso mais duas vezes antes de me dar conta do que eu estava fazendo e me odiar por isso.

Apenas eu sabia o que acontecera da última vez que eu me deixara levar daquela maneira. E a dor que havia me causado me fizera aprender a não cair nos mesmos truques, a não errar de novo.

A me proteger de tudo e todos, mas acima de tudo, de mim mesma.

Forcei as patas para baixo, tentando escapar do agarro de Eduardo, desejando ir para o chão e ficar o mais distante dele possível. Só que em seu sono mais que etílico, o ruivo me apertou ainda mais forte em seus braços, me deixando confortável e me aproximando de si para que pudesse sussurrar em minha orelha:

— Não estou mais sozinho, Jack. Obrigado.

Mesmo não me chamando Jack, mesmo sabendo que assim que o dia nascesse eu tinha de ir embora e não olhar mais para trás, e conhecendo todos os perigos que me afeiçoar demais a Eduardo trazia, eu não resisti a dar uma patada suave em seu rosto.

Um carinho, que em minha silenciosa linguagem dizia que eu estava ali agora. Que Eduardo não deveria mais chorar, ele não estava mais sozinho.

Não mais.



Nomeada

Cortinas.

Eduardo precisava de cortinas. Urgentemente!

São Paulo até podia ser a terra da garoa, mas quando o Sol decidia castigar pelas manhãs, ele o fazia para valer. E sem nenhuma cortina para parar aquele tirano, as coisas ficavam bem ruins.

Me desenrosquei do peito dele, notando com um prazer confuso que havia deixado seu agasalho preto cheio dos meus pelos, e pulei do sofá, seguindo o já conhecido corredor de volta para a cozinha.

Sol nascido. Hora de partir.

Olhei para trás uma última vez, desejando notar se meu dono temporário estava bem, ou ao menos respirando, e continuei o meu caminho de volta à liberdade. Eu já pajeara Eduardo pela madrugada, impedindo-o de se afogar na própria baba e deixando que ele matasse a sua carência me abraçando por todo o tempo. Esse era um pagamento justo o bastante pelo alimento delicioso que ele me oferecera.

Elegantemente, fui à cozinha, mas quase perdi a última de minhas sete vidas quando cheguei àquele cômodo. Que merda era aquela? Miei alto para deixar claro o meu desconforto e ultraje daquela situação diante de mim. Por todos os felinos! Eduardo, tem um cara nu em sua cozinha. Me socorra!

— Opa! Um gato.

Eduardo, tem um cara nu, mas com uns desenhos bem legais pelo corpo. E ele está me olhando estranho. Depressa!

Os braços dele tinham diversas tatuagens num padrão esverdeado que era bem bonito de se apreciar e me distraía daquela coisa se balançando no meio das suas pernas. Oh, havia desenhos em seu peito também, poucos, todos em preto, mas igualmente interessantes.

Atraentes o bastante para me distraírem e quase me deixar ser pega, uma vez que o peladão estendeu os braços para me levantar e eu pulei de lado bem a tempo de impedi-lo, correndo para o outro lado da cozinha. Ele era louco se pensava que me pegaria naquela situação. Poxa, eu era uma dama, não podia ficar vendo os órgãos alheios daquela maneira. E o decoro? Onde fica?

— Vem, gatinho. Gatinho, gatinho... Pronto! — O maldito realmente

conseguiu me pegar quando me encurralou contra a parede perto do armário prateado e eu fiz toda a questão de deixar minhas garras afiadas fincarem em seu braço, arranhando uma boa parte dele. Eu deveria era arranhar aquilo que ele tinha no meio das pernas para ele aprender a cobrir aquela coisa. Pensando bem...

Não. Ele que aprendesse sozinho, porque eu jamais colocaria a minha linda patinha naquilo.

Quando me soltou, cobrindo o braço arranhado com a outra mão, cai de pé no piso frio e o olhei em desafio, notando que o idiota ria de maneira boba. Maluco, certo?

— Entendi, você é uma gata. Uma garota. Bom, desculpe então.

Eduardo, esse cara está me olhando estranho. Cadê você? Acorda, me protege! O estranho tentou fazer um novo movimento para me pegar - talvez fosse um masoquista - e eu corri para o outro lado da cozinha, sendo seguida e começando a ficar nervosa. Mas como se finalmente os deuses felinos tivessem ouvido uma de minhas orações, Eduardo escolheu aquele justo momento para entrar na cozinha, segurando a cabeça com uma expressão de quem sofria uma dor terrível.

Se não fosse pedir demais, eu queria um prato daquela delícia de novo, roupas para o senhor pelado e um bom corte de cabelo também.

— Ressaca das grandes, hein, Duda? — brincou o homem nu, indo para trás do balcão e, finalmente, cobrindo aquela coisa. Ele entregou um copo cheio de um líquido escuro para Eduardo, que se acomodava em uma das banquetas, cobrindo o rosto com as mãos e coçando a barba, devastado. Seu agasalho ainda estava cheio dos meus pelos e eu me senti bem com isso.

Até mesmo eu, uma gata sem dono, aprecio marcar meu território de vez em quando. Não que Eduardo fosse meu território ou que eu quisesse fazer daquela casa meu lar, nem fazer de Eduardo meu dono. Ele já estava desperto e já tinha outra pessoa para olhar por ele. Legal, ótimo, trabalho cumprido. Parabéns aos envolvidos! Tudo o que eu tinha de fazer agora era partir. Eu já deveria estar longe, mas com todos na cozinha e o homem nu tão perto da janela, as minhas chances de fuga eram quase nulas.

— Alice ligou.

Pelo chiado do pelado, aquela era uma ocorrência comum. E muito, muito ruim. Ainda assim, ele deixou que o amigo continuasse o seu relato que não veio até que Eduardo terminasse de tomar o que quer que houvesse em seu copo.

— Por que ela sempre espera eu estar bem para me derrubar de novo, Arthur?

— Porque ela é uma vadia — apontou o pelado, agora conhecido por Arthur,

enquanto retirava uma panela de seu gancho e com uma destreza espantosa, começava a preparar algo com um cheiro delicioso. Mas logo notou que Eduardo falava sério e sua expressão mudou de brincalhona para séria. — Eu não tenho nenhum compromisso até o restaurante abrir, quer companhia?

— Não. Eu estou bem. E tem o Jack, agora. Não estou mais sozinho, Tui.

Tui? Um apelido tão deprimente quanto o dono. E espera um pouco. Quem diabos é Jack?

Apenas um olhar de Eduardo denunciou que Jack era eu. Por todos os felinos! Ele ainda não notou que eu sou fêmea?

— Quem é Jack?

— Meu novo gatinho. Ele vai morar aqui agora.

As ações de Arthur pararam repentinamente enquanto ele encarava Eduardo como se ele estivesse louco. Seu cabelo curto e claro refletia na luz e ele parecia não estar realmente levando o amigo a sério, mas meu suposto dono apenas me encarava ternamente, daquele jeito perigoso para a minha sanidade.

— Ele não é ele. É ela. É uma fêmea, Duda.

— Fêmea?

Sua dúvida fere, Eduardo.

— Sim. Ela até me arranhou, acho que não gostou muito de me ver pelado.

Fiquei contente por Arthur ser mais observador do que parecia, mas logo minha atenção voltou para Eduardo que me encarava com atenção, como se procurando algum indício de que eu era, realmente, representante do sexo feminino. Mas, poxa, não estava óbvio?

— Não, não é fêmea.

Aquilo estava começando a me chatear quando meu projeto de dono se colocou de pé e se aproximou. Como assim ele não conseguia notar minha feminilidade de longe? Eduardo, querido, se não tem algo balançando no meio das minhas patas traseiras, então eu era uma fêmea. Simples assim. Não ensinam biologia nas escolas paulistas?

Num gesto rápido, Eduardo fez um carinho na minha cabeça, me distraindo, antes de me erguer pelas patas da frente, me colocando de pé e encarando meus órgãos. Arranhei-o com força, fazendo com que ele me soltasse e cobrisse a mão arranhada. Que ultraje! Que indelicadeza! Estranhamente estava me sentindo mal por arranhá-lo, mas foi ele quem começou. Não se tratava uma dama daquela forma! Encarei Arthur quando sua risada alta ecoou pela cozinha e notei que, mesmo rindo, ele continuava mexendo nas panelas. Hábil.

— Parece que todas as suas mulheres são de personalidade forte, não é, Sr. Molina?

— Não enche — resmungou Eduardo enquanto colocava a mão sob a água

fria da pia. Eu achara o seu ato cruel, desnecessário e vulgar. — Eu estava bêbado ontem, achei realmente que ela fosse um macho, estava escuro e... — cansado de se explicar, ele simplesmente enrolou a mão em um pano de prato — Por isso eu dei o nome de Jack. Jack Daniels, entende?

A sobrancelha loira de Arthur se ergueu e eu achei interessante como ele não conseguia esconder as suas emoções. O seu rosto era expressivo demais e era óbvio que ele estava segurando o riso. Isso me fez gostar um pouco mais dele, apesar de ainda não ter colocado alguma roupa para cobrir aquela coisa.

— Me desculpe, querida. Eu não quis ser rude com você.

Eduardo veio em minha direção com a mão ainda enrolada e eu pude notar que ao arregaçar as mangas do seu agasalho para não molhá-las, ele revelou que também tinha uma tatuagem. Não tantas como seu amigo. Apenas uma.

Meus olhos estavam presos naquele desenho e eu não consegui desviá-los por mais que eu quisesse. De todos os símbolos do mundo, Eduardo tinha de escolher justamente aquele para gravar em seu corpo? Sua mão arranhada acariciou o topo da minha cabeça, tentando apressar as minhas desculpas, mas se eu fosse honesta comigo mesma, teria de confessar que já o havia perdoado.

E esse era um motivo bom o suficiente para me lembrar de que eu tinha de partir. Isso e a tatuagem.

E a comida, claro. Afinal, quando Eduardo colocou um pequeno pote cheio dela na minha frente, eu não fui capaz de fingir que o aroma delicioso de salmão mexia completamente comigo e não me fiz de rogada antes de enfiar o focinho dentro da tigela.

Modos? Que modos? Talvez fosse estranho alguém que não tinha gatos ter tantos saches de ração em casa. Mas ninguém estava me ouvindo reclamar, estava? Continuei comendo como se não houvesse amanhã e ouvindo a conversa dos amigos acima de mim.

— Já que ela é uma garota, acho que precisa de um novo nome — disse Arthur.

— Estou pensando nisso. Mas a ressaca está grande — reclamou Eduardo e eu ergui os olhos o suficiente para vê-lo se arrastar para a banqueta novamente.

— Me deixe dar um nome para ela, então.

Não. Eduardo, não permita. Olhe bem para a cara dele e diga se ele não vai me dar algum nome estranho e de duplo sentido... Afinal, alguém que cozinha nu na casa de outra pessoa não tem muita coisa boa a oferecer.

— Fique à vontade.

Ergui a cabeça para receber a minha sentença e vi Arthur piscar para mim enquanto colocava o que havia preparado – e tinha um cheiro magnífico, ainda melhor que o do salmão – dentro de um prato na frente de Eduardo.

— Bichaninha!

Nem por cima do meu cadáver! Prefiro ser atropelada na Marginal Pinheiros a receber um nome desses. Eduardo como meu suposto dono, deveria fazer algo para impedir uma coisa dessas.

— Você é maluco se acha que eu vou dar um nome desses para a minha gata.

Obrigada, Eduardo.

— Arranje um nome melhor, então. — A destreza de Arthur com as panelas ainda me deixava chocada. Naquele momento, ele as virava com o que parecia, pelo cheiro, ser doce. — Quando eu dei o nome da Una foi por causa da heterocromia dela. Isso a fazia ser única.

Eduardo se voltou para mim novamente e sorriu. Eu podia ver em seus olhos castanhos que ele sabia como me chamar e quando ele se voltou para o seu amigo com o mesmo sorriso, Arthur também sabia que eu já estava nomeada. Por isso, apenas esperei que Eduardo saísse de sua banqueta novamente e se ajoelhasse na minha frente.

Minha cabeça se ergueu e eu tentei olhar no fundo dos seus olhos, mas não fui capaz, com todo meu tamanho diminuto. Mas não precisei encará-lo por muito mais tempo, porque seus dedos vieram para a lateral do meu corpo em mais um dos seus carinhos malditamente gostosos e me vi erguendo a pata esquerda para segurar em seu braço, entregue de uma maneira que não poderia jamais acontecer.

Quando me dei conta do que estava fazendo, me afastei chegando mais perto da parede e longe o bastante para que seus braços não me alcançassem mais. Realmente me afastando, física e emocionalmente.

— Ei, Kitty. — Meus olhos buscaram os dele no momento em que meu novo nome saiu de seus lábios.

Com um gesto simples, Eduardo me chamou para perto e me senti cativa e submissa como jamais fui, andando até ele. Deixei que meu rabo roçasse em sua pele e adorei a maneira como escapou uma risada de seus lábios, sentindo cócegas com meu afago sem intenção.

— Esse é um bom nome pra você, não é? Kitty! — Seus dedos roçavam a minha cabeça e eu ficava ainda mais rendida. — Tem classe, personalidade e é encantador. Como você.

Fechei os olhos apreciando as suas palavras, sentindo-as me abater e me odiando por me entregar tão facilmente por um punhado de carinho. Há anos sendo ignorada nas ruas, receber tanto em tão pouco tempo estava me abalando demais. Sim, essa era a melhor desculpa que eu poderia arrumar. E a melhor razão para eu dar logo um fim em tudo aquilo e voltar para onde era o meu lugar. Voltar para as ruas.

— Sinto informar, Duda, mas a sua Kitty não vai ficar por muito tempo — declarou Arthur.

Eduardo encarou o amigo que estava apoiado contra o balcão, distraído da sua culinária, para observar a nossa cena carinhosa no chão. Algo no rosto do ruivo deve ter indicado a sua confusão, já que Arthur continuou explicando.

— Kitty é uma gata de rua, ela vai fugir logo. Esses tipos não são domesticáveis, mesmo com todo o carinho e ração, eles não se habituam facilmente em lares.

Mesmo com a deliciosa ração e aquele carinho nos pelos da cabeça, Arthur tinha razão. Eu ainda não compreendia as razões que haviam me feito ficar por tanto tempo, mas sabia que assim que a oportunidade chegasse, eu deveria partir e não olhar para trás. Não era apenas o mais prudente a fazer, como o mais seguro. Para mim. Para Eduardo.

— Talvez ela vá. Todos vão, não é mesmo? Acho que não consigo manter muita coisa por perto. Pessoas, animais... — O tom de voz era ameno, mas senti que algo estava errado quando fui colocada de volta no chão e Eduardo foi para perto da porta que eu ainda não havia notado, oculta do meu ponto de visão pela geladeira.

— Eu ainda estou aqui, não estou? Mesmo depois de todos esses anos? — Arthur sorriu e foi para perto do amigo, se apoiando na dita geladeira, sem se importar com a sua nudez.

— Ver você pelado na minha cozinha não era bem o que eu planejava quando te conheci na quarta série, sabia?

— Justifico que esse é um dos poucos lugares em que eu ainda posso cozinhar à vontade — ele fez um gesto expondo ainda mais aquela coisa e eu praticamente vomitei o que havia comido. Mas logo a seriedade voltou às suas palavras. — Mas o que realmente aconteceu ontem à noite?

— Alice ligou. Disse que sentia a minha falta, que ainda tinha esperança para nós e que sabia que eu a amava... Que a aceitaria de volta. Eu fiquei perdido, Tui, não sabia o que fazer. Fui ao restaurante, mas estava cheio, então parei num bar e bebi algumas. Passei mal e parei num beco, foi lá que achei a Kitty, então voltamos para a casa.

Notei que Eduardo havia deixado de lado do relato todas as suas lágrimas, mas não me manifestei sobre isso.

— De carro? Você voltou para casa de carro? Você é louco, Eduardo? Você poderia morrer. Ou ser preso. Sabe-se lá o quê! Você está sem carteira justamente por isso, seu estúpido.

A bronca fez o ruivo abaixar a cabeça, envergonhado, e Arthur parecer realmente digno de dar um sermão daqueles, mesmo nu e apoiado à geladeira.

— Sinto muito. Eu precisava espairecer. — Explicou-se.

— Da próxima vez, espaireça a pé.

Quando Eduardo ergueu a cabeça novamente, estava sorrindo, agradecido, e eu senti que aquela amizade era mais forte do que eu pensava. Eles pareciam o tipo de amigos que estava sempre ali um para o outro, tempo o bastante para entenderem que broncas significavam o quanto se importavam. Além disso, palavras não eram mais tão necessárias quando conheciam a linguagem corporal um do outro tão bem.

— Alice não merece que você faça isso com você mesmo, Duda.

— A lista das coisas que Alice não merece é grande. Meu amor é uma delas. Mas continuo o dando a ela. Engraçado, não? — Antes que Arthur pudesse dizer alguma coisa, Eduardo abriu a porta. — Acho que preciso desenhar alguma coisa.

Sem terminar o seu café ou ao menos pentear aquele cabelo rebelde, mas macio e amaldiçoadamente atrativo, ele simplesmente saiu para o que parecia ser o jardim.

Arthur se voltou para mim e sorriu, deixando a porta aberta, como se me desse a oportunidade pela qual eu buscava desde que eu entrara naquela casa. Como se soubesse exatamente do que eu precisava. A porta estava escancarada e ele voltara para as suas panelas, cantando o que parecia ser uma música sertaneja, lavando os utensílios sujos e me ignorando. O rapaz deu as costas para mim, como se não quisesse ver quando eu fizesse o que deveria ser feito.

Foi então que tomei o meu rumo. Era hora de ir embora. Foi um prazer conhecer Eduardo, aprender mais sobre a anatomia masculina, comer coisa boa, mas tudo tinha um fim.

Ficar ali era arriscar colocar tudo a perder. Eu me apegaria ainda mais à Eduardo. Uma noite ao seu lado e eu já sentia aquela conexão inexplicável com ele. Outra noite poderia ser um erro sem dimensões. E me apegar me faria ficar, me faria viver ao seu lado e ser a sua gatinha, me fazendo vê-lo envelhecer e eu continuar, vendo-o partir e eu continuar, sozinha. Tendo que começar tudo do zero, de novo, com mais uma pessoa amada na lembrança, mais uma pessoa que partira depois de eu me apegar o suficiente para carregar comigo através dos anos, nas ruas. Mais amargura para me levarem por mais mil anos.

O sol do lado de fora estava estranhamente acolhedor, o que era surpreendente para os padrões paulistas de oito ou oitenta. Então, me deixei aquecer mais um pouquinho antes de me decidir sobre como escalaria o enorme muro que me separava da rua, deixando que as memórias me invadissem e me fizessem lembrar de todas as pessoas que eu já deixara me cativar. Não muitas, mas o suficiente para me fazer sentir a falta delas e, sem querer, deixei-me

compará-las a Eduardo.

Ele era carente. Precisava de alguém que estivesse ali por ele, que pudesse lhe dar a certeza de que não partiria do seu lado. E essa não era eu. Talvez pudesse ser Arthur e suas coisas balançantes. Talvez a malvada Alice, aquela que o fazia chorar em becos escuros. Não eu.

Atravessei o quintal e notei uma construção pequena. Uma espécie de edícula, mas muito menor do que uma. Pintada de azul, como era de se esperar. Escutei vindo de lá o som de um lápis sendo firmemente arrastado contra o papel e, mesmo sabendo que aquela era uma decisão estúpida, eu parei à porta, olhando para dentro.

Era o prenúncio da bola. Como no conto da Princesa e do Sapo. Sempre haveria uma bola que me faria ficar ao lado da Princesa, ou Príncipe, no meu caso. E eu já estava cansada de reencenar aquela maldita história milhares de vezes, apenas ficando mais machucada a cada reprise.

Eduardo estava sentado em uma cadeira alta, preta e confortável. Com uma prancheta em seu colo, ele rabiscava numa folha um belo rosto feminino. Um rosto que se repetia em vários desenhos espalhados pelo chão e pelas paredes do que parecia ser o seu estúdio de desenho. Então, num acesso de raiva, ele rasgou o rabisco, amassando e atirando para bem longe. Apoiou o rosto nas mãos, os cotovelos sobre os joelhos e começou a soluçar de uma maneira desesperadora.

A dor que ele emanava era quase palpável. Eu senti uma necessidade inexplicável de ir até lá, roçar o meu rabo em sua pele e colocar a minha pata no desenho negro em seu braço, sentindo-me se encaixar no rabisco de uma pata felina marcada em sua pele. Mas me contive. Eu tinha de partir enquanto era tempo. Antes de me deixar apegar.

— Oh, Alice.

Sem olhar para trás, saltei em algumas coisas espalhadas ao fundo do quintal, até ter uma altura boa o bastante para pular para o muro. De lá, foi fácil demais pular para fora, subindo a rua com toda a velocidade com que fui capaz, deixando a vizinhança para trás.

Deixando Eduardo para trás. E, com alguma sorte, as suas novas lembranças também.



Insistente

Peixe velho jamais seria a mesma coisa depois de passar 12 horas comendo aquela ração suculenta de salmão. Mas não era como se eu tivesse muita escolha.

Sardinha. Quem merecia comer sardinha? Por todos os felinos! Será que não tinha como me arranjarem ao menos atum? Não precisava ser grande, não, só precisava não ser sardinha. Era decadente demais... Um castigo que eu certamente não merecia.

Soltei um som de reprovação e o cozinheiro entendeu que eu estava insatisfeita com o meu menu. Mas quem estaria de acordo com aquilo? Uma dama de qualidade como eu jamais compactuaria com uma situação daquelas. Sardinha velha. Que horror!

Eu até conseguia sentir o sabor da ração de salmão que estaria comendo se estivesse na casa de Eduardo. Porém, da mesma forma que o pensamento surgiu, me esforcei para afastá-lo. Eu estava comendo peixe velho, sim, mas pelo menos estávamos seguros. Eu de sua aura encantadora e do risco de me apegar terrivelmente e ele estava seguro de mim.

— Desculpe, meu bem, mas é só isso que temos hoje — informou o cozinheiro.

Que tipo de estabelecimento era aquele que só podia me oferecer sardinha rançosa? Chame o gerente, cara, ele ouvirá uma reclamação de minha parte. O homem deu de ombros mais uma vez, se desculpando e voltou para dentro do restaurante que já estava bem silencioso.

Era tarde, a maioria das pessoas já estava se preparando para mais um dia e eu estava vagando sozinha pela cidade mal iluminada. E se fosse analisar, esse era um belo resumo de minha vida.

Entretanto, eu não tinha tempo para sentir pena de mim mesma e me ocupei então em comer o meu peixe, bocado por bocado, acompanhado, certamente, de vários resmungos irritados por ter de baixar meu nível daquela maneira, alerta a todos os sons à minha volta.

Pessoas andando apressadas de volta para suas casas, portas se fechando, carros esquentando.

Mais uma noite terminando em São Paulo. E, no momento em que a porta dos fundos do Saborart foi aberta novamente, esperei por mais um pedaço de

comida.

Ergui os olhos para receber elegantemente o meu pedaço de atum, de tamanho grande, de preferência, quando fui recebida por um par de olhos extremamente azuis e um braço com diversos desenhos coloridos segurando um enorme saco de lixo.

Droga!

Eu poderia alegar que não o reconhecia vestido, mas seria mentira. Arthur estava parado à minha frente com um sorriso reluzente, esquecendo do saco em suas mãos e me observando atentamente, provavelmente reconhecendo-me também.

Aquele era um bom momento para sair correndo e deixa-lo pensar que o cansaço da madrugada tinha feito com que ele imaginasse que havia me visto, mas não fui capaz. Eu apenas encarei a porta ainda aberta onde um homem de cabelos incrivelmente laranja estava apoiado, esperando o retorno do seu amigo.

— Ei, Duda, olhe quem eu achei!

Quando finalmente meu cérebro pareceu funcionar e eu tentei correr para bem longe, fui pega pelas mãos fortes de Arthur que deixara o saco cair no chão, pouco se importando com ele e me aproximando de seu peito vestido em um dólmã branquíssimo, mas com um delicioso cheiro de comida boa. Os seus dedos fizeram um carinho bom, parecido com o de Eduardo, e eu me perdi nisso.

O ruivo ainda estava apoiado na porta e sorria delicadamente quando Arthur me puxou para ainda mais perto, aproximando-se da minha orelha para que pudesse sussurrar:

— Acredito em destino, Kitty. E se você voltou para ele, mesmo assim, sem querer, é porque tinha de ser. Duda precisa de alguém agora. Talvez este alguém seja você.

Arthur se virou de costas para a rua e me colocou nos braços de Eduardo, que já me esperavam estendidos, como se realmente estivesse ansioso por me ter neles.

Maldito destino, então.

Se era esse tal de destino que me colocara de volta no caminho de Eduardo, ou que fizera com que meu restaurante preferido, que por coincidência tinha um funcionário muito legal que me alimentava com frequência, fosse propriedade de Arthur, eu não queria continuar ali para saber o que mais ele poderia me causar.

Tentei me desenroscar de Eduardo e tudo o que este fez foi me apertar mais forte contra seu peito, me deixando sentir o cheiro delicioso que emanava de seu moletom, azul marinho dessa vez.

Seu perfume inebriava os meus sentidos felinos de uma forma praticamente impossível de resistir.

— Por que você sumiu, garota? Eu estava preocupado. Não faça isso de novo, tudo bem? — Se eu conseguisse me desvencilhar de seu colo, quem sabe eu conseguisse correr para bem longe, me perder de verdade dessa vez e não encontrá-lo de novo nunca mais. Talvez eu corresse até o litoral, onde ninguém me acharia e eu teria o som das ondas para apagar as lembranças ou evitar completamente todas as chances de me apegar a um ruivo de olhos docemente escuros. — Não me deixe mais sozinho, Kitty.

Ergui meus olhos para encarar o seu olhar e acabei por admirar o seu maravilhoso sorriso. Foi o bastante para me lembrar de que aquilo era completamente errado. Eu não deveria me deixar apegar. Não de novo. Desde Daniel, não houvera mais pessoa alguma que conseguira me cativar por tempo o suficiente e então, do nada, Eduardo surgia em minha vida e trazia todos os medos de volta.

— Vamos para casa.

Não, Eduardo. Eu não tinha casa e jamais tivera. E achava que assim estava de bom tamanho para mim, aliás. Se ele me segurasse um pouco menos apertado, então eu conseguiria voltar para o meu lugar: a rua. Por mais que muitas pessoas pudessem pensar o contrário, eu achava que a rua era muito mais segura que outros lugares onde frequentara. Na rua eu não precisava ser mais do que uma gata.

Eduardo segurou meu rabo, acariciando e rindo suavemente quando meu corpo traidor fez com que ele se enrolasse em seu pulso. Arthur já havia colocado o saco de lixo onde este deveria ficar e nos chamava para dentro do restaurante. Eduardo não pensou duas vezes antes de seguir o amigo, atravessando a enorme cozinha, agora escura, já que o dono do restaurante apagara todas as luzes, deixando apenas a que ficava no hall de entrada.

— Eu vou deixar vocês em casa e vou pra minha. Ver toda essa interação felina me deu saudades da uma — comentou o Chef de cozinha.

Eduardo riu de uma piada interna que eu não fui capaz de compreender e passou pela porta da frente, esperando que Arthur a fechasse. Meu maldito corpo ainda não compreendera que eu não era uma merda de um animal doméstico e continuava sucumbindo aos carinhos de Eduardo.

Droga. Eu não era esse tipo de garota que se permitia ter donos. Ainda assim, o ruivo me fazia pensar duas vezes.

Minha pata achou no braço dele um ponto confortável para se apoiar e quando dei por mim, lá estava eu de novo, com a pata apoiada em cima do desenho que ele tinha tatuado. Era disso que Arthur falava? Seria o destino que levara o meu suposto dono a tatuar, antes mesmo de me conhecer, o desenho exato da minha pata para que, um dia, ela se encaixasse perfeitamente ali?

Segurando-me com firmeza, Eduardo seguiu Arthur até uma esquina onde uma caminhonete branca de um tamanho nada pequeno estava parada. O barulho de chaves vinha das mãos do loiro que destravou as portas e deixou que eu e Eduardo nos acomodássemos primeiro. Ou, como a cena realmente aconteceu, que Eduardo se sentasse no banco da frente, me segurando com força o suficiente para impedir que eu fugisse pela janela entreaberta.

O caminho até a casa de meu imposto dono foi tão rápido quanto da outra vez, ainda que Arthur tivesse escolhido uma rota diferente da que Eduardo escolhera na noite anterior. Mal dei por mim que estávamos em casa até que meu suposto dono abrisse a porta e descesse comigo. Obviamente eu estava recebendo o já conhecido carinho que conseguia sempre me distrair de tudo, inclusive das minhas prioridades. Fugir e nunca mais voltar deveria ser a primeira delas, mas também parecia ser a preferida em se desfazer sob os toques de Eduardo.

— Te vejo amanhã, Duda. Valeu pela força no Saborart hoje.

Eduardo apenas acenou, mais preocupado em impedir que a sua calça jeans deslizasse demais dos seus quadris e me segurar, ao mesmo tempo em que tentava tirar a chave da casa do seu bolso de trás.

Ele deveria me colocar no chão. Era uma saída perfeita. Pra ambos. Eduardo teria duas mãos para subir a calça, pegar a chave e ainda abrir a porta. E eu teria como começar a correr o mais rápido possível para o mais distante que fosse capaz.

Mas nada disso aconteceu. Arthur arrancou com o carro, fazendo um barulho discreto, e aproveitei a distração que isso proporcionou, junto ao fato de estar sendo segura apenas com uma das mãos de Eduardo e pulei para o chão, tentando pensar rápido para qual caminho fugir.

Que se danasse se Eduardo tinha um corpo quente e protetor, além de um jeito fofo que me atraía completamente. Que se danasse todo o salmão do saquinho colorido. Que se danassem os carinhos. Eu não me deixaria ferir mais uma vez. Eu não feriria mais ninguém.

— Ei, Kitty. Esqueceu para onde fica a entrada, minha linda? — chamou o ruivo.

Minha Linda. Pronto.

E minha resolução desapareceu completamente. Eu estava pronta para partir, mas apenas uma palavra tinha sido capaz de me trazer de volta. Ele segurava a porta aberta, sem ir atrás de mim, me pegando e me levando para dentro contra a minha vontade. Eduardo apenas esperava que eu me decidisse em segui-lo. Ele estava deixando a escolha em minhas patas e apesar de todo o sofrimento que qualquer uma de minhas escolhas, ficar ou partir, traria, eu balancei o rabo e o

segui para dentro de sua casa.

Gatos deveriam ser altivos, donos de si, elegantes em todos os malditos casos. Ousava dizer que, em certos casos, éramos até mesmo selvagens e isso era uma qualidade estupenda para nós, os felinos. Entretanto eu, ao simples som da voz de Eduardo, me esquecia de toda a tradição da minha espécie. Quando ele me chamava, eu não era uma gata, era simplesmente dele. Não era o que uma gata deveria ser, eu apenas pertencia docilmente ao meu ruivo dono.

Eduardo subiu o lance de escadas feito de um lindo material transparente e eu o segui, como se essa fosse a ação mais óbvia, observando todos os cômodos da casa do alto, especialmente o carpete creme que se estendia pelo andar inferior, ainda assim com um ou outro tapete azulado completamente decorativo. O azul já era a cara do Eduardo.

De uma forma irracional, eu também conseguia ver aquilo com a minha cara também: pelos espalhados por todos os lados, compridos fios cinza em cima do azul dos tapetes. Demarcando o meu território.

Não que eu tivesse decidido ficar. Eu não ficaria. Seria preciso muito salmão para me fazer permanecer ao lado desse cara, especialmente quando havia tanta coisa em jogo. E a maior delas sendo o meu segredo.

A proteção do meu mistério era minha maior missão, e ter Eduardo me bajulando tão atenciosamente, tratando tão bem uma gata de rua, fazia algo em meu coração derreter e desejar dividir com ele o que eu trancava as sete chaves.

Essa era a última coisa que deveria acontecer. Eu nem sequer deveria passar a noite. Poderia dar uma volta pela casa, conhecer o local e traçar uma rota de fuga. Mas, que merda! Por que era tão complicado concretizar meus planos quando Eduardo me esperava no meio do corredor, com os cabelos ruivos desgrenhados e um sorriso doce que amolecia meu coração mesmo contra a minha vontade?

— Vem, Kitty.

Meu amaldiçoado rabo ondulava ao meu redor, acompanhando Eduardo até o que deveria ser o seu quarto. A porta foi aberta com cuidado e, como um verdadeiro cavalheiro, ele deixou que eu entrasse primeiro.

Azul.

Aquela era a única coisa que eu tinha a dizer sobre o lugar. Havia desenhos em três das paredes, deixando apenas aquela onde a cabeceira da cama se apoiava com a pintura original. Um azul suave e que me lembrava de uma tarde ensolarada no parque. Do resto, diversos rabiscos, de todos os tipos possíveis, se espalhavam, acumulando-se e deixando o local adoravelmente acolhedor.

Diziam que o seu lar era uma extensão de você mesmo. O quarto de Eduardo era uma prova disso. Um recorte de um rosto com olhos extremamente escuros

me deixou nervosa. Não precisava de muito para relacionar aqueles olhos com os que eu havia visto Eduardo desenhando naquela edícula. Um motivo a mais para me levar a fugir.

— O que você achou, minha linda? — ele perguntou.

Oh, de novo com esse elogio... Eu mesma reconhecia que era linda, além de uma nata possuidora de glamour e classe. Ainda assim, não conseguia conter meu coração, sentindo-o bater mais forte quando ouvia sua voz rouca elogiar-me. Toda a mágoa que eu sentia por Eduardo ter duvidado da minha feminilidade havia esvaído. Para meu próprio infortúnio.

Subi na cama, demarcando o meu território mesmo sem querer, sentindo o edredom azul tão escuro que quase chegava a ser negro. O tecido era tão macio que fazia eu querer me aninhar a ele.

Por isso, continuei sapateando pela cama incrivelmente aconchegante até chegar à mesinha de cabeceira, onde blocos de papel se empilhavam junto a um copo onde canetas e lápis dividiam espaço. Entretanto foi o grande porta-retratos, cheio de diversas pequenas fotografias, que chamou a minha atenção.

Uma garota ruiva, basicamente uma versão feminina de Eduardo, fazia careta junto a ele numa das imagens do topo, seguida por uma versão jovem do meu dono acompanhado de um jovem Arthur com cachinhos louros, que segurava uma bola de futebol. Também havia uma imagem que parecia ser dos pais dele e então a foto da qual meus olhos não conseguiam se desviar.

Aquela era a maior das imagens no porta-retratos e, por mais que eu não a conhecesse, o seu olhar já me era familiar. Eles estavam desenhados na parede daquele quarto e em diversos papéis amassados na sala de desenhos. Tudo o que fui capaz de fazer foi invejar.

Invejei suas pernas longas, seus cabelos longos e escuros. Invejei também seus lábios cheios e perfeitos. Mas, acima de tudo, invejei ainda mais a maneira como ela se mantinha firme, em pé, abraçada à Eduardo, sorridente, assim como ele. Fazendo com que eu fechasse os meus próprios olhos, incapaz de continuar encarando a maneira como os olhos docemente castanhos de Eduardo não estavam voltados para a câmera e sim para a mulher ao seu lado.

— Oh, parece que você gostou da Alice.

Errado, meu caro! Eu nunca seria capaz de gostar de uma pessoa que o levava as lágrimas.

Ainda que fosse alguém tão deslumbrante. Eduardo era uma pessoa boa demais para ter o coração feito em migalhas por quem quer que fosse.

Mas agora, depois de vê-la, eu conseguia compreender o quanto a sua ausência o feria. Também entendia porque ele a amava tanto: Alice era linda e seu sorriso era tão luminoso que era um tanto improvável que ela pudesse ser

uma pessoa ruim.

— Acho que você pode dormir aqui hoje, eu te arrumo alguma coisa, uma caixa quem sabe, e você vai ficar pertinho de mim — o ruivo anunciou, andando pelo quarto.

Não, Eduardo. Que droga! Ele estava fazendo tudo errado. Estava tornando as coisas ainda mais difíceis para mim. Escute seu amigo, eu não era domesticável. Jamais seria. Eu fugiria dali na primeira oportunidade, e seria cuidadosa o suficiente para que não fosse mais encontrada, ainda que tivesse de tirar o Saborart da minha lista de restaurantes favoritos. Entretanto, valeria a pena.

Não poderia deixar que meu segredo fosse colocado em risco. O que facilmente aconteceria se eu continuasse tão perto daquele ruivo tão gentil.

Deitei-me em sua cama enquanto o observava retirar algumas peças de roupa de dentro do seu armário, provavelmente se preparando para tomar banho. Aproveitando o momento, lambi minha pata, começando a fazer o mesmo.

Banho de gato não era uma das minhas partes preferidas dos meus hábitos felinos, mas absurdamente necessário. Água não era muito o meu forte, por isso eu tinha de me contentar com o que podia fazer. Encher-me de lambidas era uma opção razoável.

— Vou tomar banho, Kitty. Nem pense em fugir, hein, garota, a casa está trancada.

E com essa bombástica informação, ele entrou em uma porta idêntica a do armário, de madeira escura, deixando-me ali, com a língua imóvel em cima da minha pata, atordoada.

Não. Como assim? Trancada como? Como eu iria embora, poxa? Não. Passar mais uma noite na casa de Eduardo era a última coisa que eu deveria fazer. Uma noite já fora o suficiente para me deixar completamente confusa. Duas seria impossível de lidar.

Nem pensar no lado positivo - o delicioso e suculento prato de salmão - compensava tal confusão em minha mente. Eu era realmente grata pela consideração que ele demonstrava comigo, mas precisava encarar a realidade. Eduardo era um cara legal demais para merecer a tal da Alice que o fazia chorar e dirigir sem carteira, ou uma gata de rua suja e cheia de si como eu. Eduardo merecia mais.

E eu merecia uma fuga. Eu não poderia ficar, por mais que uma grande parte de mim desejasse pertencer e ser cuidada, outra entendia o quão destrutivo o meu segredo poderia ser. Por isso, eu sentia necessidade de proteger, não só a mim mesma, mas como a todos a quem poderia afetar com esse segredo.

Para isso, tudo o que eu precisava era de uma janelinha aberta. Qualquer

uma, nem precisava ser tão grande assim, eu me apertava, se fosse preciso. Mas ao invés disso, as entidades felinas me deram uma nova saída: uma ideia incrível e infalível.

Caramba! Por que eu não pensara naquilo antes? Ah, é. A promessa dourada de ração havia ajudado a nublar meu lado racional. E, claro, se eu fosse realmente honesta, havia de confessar que o charme de Eduardo Molina também tinha sua parcela de culpa.

Entretanto, dessa vez eu não deixaria que nenhum dos dois me tirassem o foco. Eu tinha uma boa ideia e a colocaria em prática imediatamente. Assim que terminasse, teria a mais plena certeza de que estaria na rua de novo.

Onde era o meu lugar.



Astuciosa

Se eu tivesse lábios, certamente estaria sorrindo.

Poderia ouvir as engrenagens do meu cérebro trabalhando, tentando adivinhar o que o estava deixando bravo primeiro.

Talvez pudesse ser a cortina. Oh, sim. Eduardo a encarava como se não pudesse acreditar que os metros de tecido azul aparentemente bem caro estivessem pendurados em tiras assimétricas por todos os lados.

Ou talvez a sorte fosse do edredom, todo bagunçado. Ou ainda dos objetos de seu quarto, espalhados em todas as direções que consegui empurrar com o meu focinho. Eu realmente havia feito uma bagunça incrível e quase me parabenizei pela minha sagacidade.

A maneira como ele olhava para a confusão que eu havia criado me dizia que eu havia ido longe demais. Também dizia que eu havia conseguido o meu intento: ser chutada de sua casa.

Fora realmente uma pena que ele tivesse saído tão cedo do banheiro, do contrário, teria visto o porta retrato da sua maligna ex-namorada em uma porção de pedacinhos. Realmente uma pena.

— Catarina, o que você fez aqui?

O timbre da sua voz causou arrepios por todos os meus pelos e eu já me sentia pronta para ser pega pelo pescoço e colocada na rua, arrastada. Sem nenhuma delicadeza. Porque, na maioria das vezes, era justamente assim que acontecia.

Eduardo podia ser um cara legal e tudo o mais, porém, eu havia passado dos limites e lhe dava total razão para me expulsar de sua casa, na verdade, eu estava implorando para que aquele homem o fizesse. Se fugir não era uma opção. Sempre me sobrava a destruição.

Eu só havia usado essa estratégia uma ou duas vezes, mas o índice de eficácia era de 99%. E este número estava lindamente perto de aumentar. Infelizmente, o meu afeto por Eduardo não me permitira uma bagunça muito dantesca, entretanto podia assegurar que das vezes anteriores, eu conseguira realmente fazer a pessoa se arrepender de sequer ter pretendido me adotar. Eduardo já era carta fora do baralho.

— Por que você fez isso? — ele perguntou com um suspiro. Depois, deu

duas passadas de mão no cabelo. Pronto, cara, vai, me coloca pra fora. — Mas tudo bem, aqui é novo pra você e tudo o mais, mesmo que eu realmente gostasse daquelas cortinas.

O olhar desgostoso para as cortinas esfarrapadas não me deu falsas esperanças. Merda, eu mal podia acreditar.

— Não faça isso de novo, por favor, minha linda.

Opa. Calma. Pensa direito, Eduardo. Olha de novo para a cortina. Olha a cortina!!! Coloque-me na rua, homem. Acompanhe-me até a saída. Mas não deixe, de maneira alguma, o meu plano B falhar, por todos os linces, Eduardo.

Em séculos, ele nunca falhara. A não ser esse 1%. Porém, o seu sorriso delicado enquanto me encarava não me deixava alimentar esperanças.

— Vamos arrumar tudo isso amanhã, ok? Por hoje vamos apenas dormir, está muito tarde, minha linda, nós dois estamos cansados. — Como assim, Eduardo? Como meu plano pudera falhar?

— Amanhã será um dia melhor e vamos cuidar dessa bagunça toda, ok?

Não, ok não. Não estava nada, nem remotamente, ok. Por todos os gatos pardos! Onde estavam os gritos, onde estava o chute bem no meio do traseiro em direção à rua? Coloquei todo o meu empenho nessa desordem que Eduardo menosprezava, não aceitaria menos que um linchamento como agradecimento.

Mas não recebi sequer um olhar irritado.

Tudo o que o ruivo fez foi jogar a toalha para qualquer canto, colaborando com o plano B, mesmo sem querer, e se enfiar debaixo do edredom já devidamente amassado por minhas patas delicadas. Eu ainda estava pasma. Atônita, na verdade. Como o meu plano pudera falhar? Eu não conseguia acreditar. Não havia um plano C, jamais houvera, mas agora isso se fazia necessário.

Eu precisava de uma tática boa o suficiente para me livrar de Eduardo, aninhado nas cobertas, e evitar que eu pudesse ir longe demais com aqueles sentimentos estranhos que ele despertava dentro de mim.

Enquanto eu pensava, totalmente paralisada, seus olhos castanhos me encaravam esperançosos e, quando não fui capaz de captar a mensagem que eles tentavam me enviar, bastou que Eduardo fizesse um gesto.

Que decadência. Um simples gesto e lá estava eu, deixando que o edredom fosse levantado com suavidade e minhas patas se dobraram por debaixo de mim, me colocando em uma posição confortável para dormir. O que eu certamente não deveria estar fazendo, mas que não fui capaz de evitar, especialmente quando os dedos finos e calorosos de Eduardo começaram a coçar o topo da minha cabeça, fazendo um carinho delicioso nos meus pelos e ajudando-me a esquecer de qualquer resolução que terminasse em fuga.

Eu não deveria gostar tanto de sentir as suas mãos em mim. Nem deveria estar considerando aquela carícia tão boa. Tão malditamente boa. Tão viciante.

A cada toque, meu segredo ficava mais perto de sua exposição e quando isso acontecia, as pessoas nunca sabiam como lidar. Elas fugiam. Elas se decepcionavam e se machucavam. Física e emocionalmente. Eduardo era a única pessoa que eu não gostaria de decepcionar ou fazer sofrer quando finalmente tivesse o meu segredo revelado. E a última pessoa que eu gostaria de ver fugir de mim.

Esse era o motivo pelo qual eu deveria fugir antes, enquanto ainda me sobrava tempo e as emoções não haviam me vencido por completo.

— Você ficou com medo de que eu te desse uma bronca pela sua brincadeira? — sorriu, com os olhos encolhidos de leve pelo sono.

Brincadeira? Ei, cara, eu havia me empenhado de verdade para ter o meu trabalho chamado de brincadeira.

— Sua bobinha, eu jamais brigaria com você por isso. Todos nós fazemos uma besteira aqui ou lá, e você é adorável demais para que eu possa pensar em gritar contigo — um bocejo alto o fez interromper a sua frase e meu coração agradeceu por isso, perdendo o ritmo das batidas, confuso e entregue. — Agora que eu finalmente tenho você, será preciso muito mais que isso para que eu te deixe partir.

Meu corpo foi acolhido por seus braços quentes e seus olhos se fecharam diante de mim, deixando sua expressão calma e serena, como a de um garoto, ainda que, estudando a feição do ruivo diante de mim, pudesse estimar a sua idade em algo perto de vinte e seis ou vinte e sete anos.

Mesmo que eu tivesse interessada, novo demais para mim. Uma diferença de uns 300 anos. Não que idade importasse. Ou que eu tivesse alguma chance de cair no charme daquele adorável rapaz.

Oh, a quem eu queria enganar! Justamente por ser incapaz de enganar até mesmo a mim, que eu tomei a liberdade de me esgueirar para fora do abraço e do calor sublime do edredom azulado e saí da cama, andando pelo extenso corredor, na esperança de que houvesse alguma saída. Qualquer outra.

Durante aquela madrugada, eu não fechara meus olhos. O som dos meus passos era abafado pelo carpete em todos os cômodos e, ainda que tivesse percorrido até o mais escondido dos cantos, não havia encontrado sequer uma chance de escapar dali. Implorei aos felinos celestes que me ajudassem a achar ao menos uma janela ou porta entreaberta que me permitisse sair por ela e me misturar com a noite, escapando de vez de perto do enorme coração de Eduardo Molina, mas não fui atendida. Como sempre.

Pendurada na escada, paralisei observando pela enorme janela, que ia do

chão ao teto. Ela mostrava as cores do céu modificando suavemente, se tornando mais arroxeada, e então rosada para começar a dar vida ao amarelo rajado de azul, que dava boas-vindas a mais um novo dia na capital paulista.

Minha mente completamente desperta decidira me fazer sofrer, reprisando todos os momentos mais odiosos da minha vida, lembrando-me como era doloroso quando me deixava render, expondo o que eu escondia tão bem. As lágrimas ficavam presas dentro do meu peito, o tornando ainda mais pesado, e talvez tenha sido justamente essa pressão que tivesse me dado a chance de ter uma nova ideia.

O meu jeito atrevido e arrogante sempre foi o que fizera os humanos se sentirem atraídos. Na maior parte das vezes, cansados da docilidade dos cães, buscando a independência charmosa que era peculiar a nós, felinos, eu era obrigada a tolerar falhas tentativas de ser domesticada.

Prontamente resolvidas com fugas para jamais retornar ou, em casos extremos, a execução do Plano B.

Foi assim que tive a brilhante e astuciosa ideia de um Plano C: Se eu fosse justamente o contrário do que era, me tornando uma gatinha dócil e submissa, meu dono perderia o interesse e não se preocuparia em me trancar, deixando alguma saída acessível para que eu desse o fora dali o mais rápido possível. Partir para um lugar calmo e ermo, distante o bastante do Saborart e os olhos sagazes de Arthur, estava inserido no plano também.

O dia já havia raiado por completo quando voltei à cama de Duda e comecei a roçar meu rabo em seu rosto, sabendo que logo acordaria. O que realmente aconteceu, já que meu dono me segurou com as mãos ainda fracas, devido ao seu estado sonolento, e me acariciou, puxando-me para tão perto de si quanto fosse possível.

Eu deveria mesmo me sentir tão bem quando o calor de seu corpo passava para o meu? Deveria achar deliciosa a sensação de seus cabelos ruivos e desordenados acariciando os pelos da minha pata? E quanto àquela sensação de querer ficar naquele abraço por toda uma eternidade? Ela deveria existir?

Não. Para todas as perguntas: não! Mexi meu corpo, desconfortável por estar sendo hipnotizada tão facilmente, mesmo que estivesse disposta a colocar o Plano C em prática, mas extremamente despreparada para as coisas tão boas que sentia quando Eduardo estava por perto.

Proximidade era terrível e levava ao apego. E essa era, definitivamente, a última de minhas necessidades.

— Não vá, você está tão quentinha...

Seu abraço se tornou mais apertado e aquilo pareceu reverberar dentro de mim. Talvez o Plano C fosse a pior ideia que eu já tivera. E se Eduardo fosse o

tipo de pessoa que apreciava carinho e doçura? Estava meio óbvio que ele era um cara carente além da medida.

Por todos os felinos! Como eu me livraria daquele ruivo? O dono da massa de cabelos vermelhos finalmente se deu por vencido e me colocou com todo o cuidado aos seus pés, coçando minha cabeça delicadamente, antes de caminhar desorientado para onde eu havia aprendido ser o banheiro.

Eu tinha duas horas para fazer aquele plano funcionar. Se em vinte minutos o Plano C não fosse eficaz, eu voltaria para o B, e então para o C, e os intercalaria sem medo. Que se danasse se Eduardo me considerasse uma gata bipolar. Na verdade, eu até esperava que ele considerasse isso como a doença do gato louco e me colocasse para fora.

Um som estranho no andar debaixo chamou a minha atenção e corri, na esperança de encontrar uma porta aberta e passar sorrateiramente pela fresta. Eu estaria salvando a mim mesma de sucumbir ao bom coração de Eduardo e o salvando de partir o tal bom coração quando descobrisse quem eu realmente era.

Porém, quando cheguei à enorme sala, a porta já havia sido fechada novamente e Arthur, dessa vez vestido com uma camiseta branca e com os cabelos molhados, caminhava com calma em direção à cozinha, com alguns legumes e verduras em suas mãos. A lembrança do cheiro delicioso da comida do ex-peladão me fez segui-lo para a cozinha, sendo prontamente notada e recebendo um afago desajeitado, pelo número de sacolas que carregava, e um sorriso luminoso.

— Vamos cozinhar, certo?

O que levava um cara a aparecer às sete da manhã na casa de alguém para cozinhar? Eduardo, me socorra novamente porque há um cara insano na sua cozinha, ainda que felizmente vestido. Um trauma a menos para a minha vida eterna.

As panelas já eram retiradas dos apoios e os ingredientes se espalhavam pela mesa, numa ordem que apenas Arthur compreendia e parecia adorar, se o sorriso em seus lábios fosse um indicador.

— Madrugou na feira? — riu Eduardo enquanto se jogava na banqueta em frente ao amigo, já respirando fundo e fechando os olhos com prazer ao sentir o aroma delicioso da comida.

— Quem cedo madruga pega os melhores produtos.

— O ditado não é assim.

— Quem inventou o ditado não administrava um restaurante cinco estrelas, amigão.

Os dois começaram a rir e eu os encarei impaciente. Estava tudo muito bom e muito bem, mas já que não vão abrir nenhuma porta pra eu escapar, eu

esperava ao menos ser bem alimentada.

Onde estava a minha carne suculenta?

— O melhor de toda a cidade de São Paulo — o orgulho na voz de Eduardo me emocionou e o vi erguer o braço para pegar a embalagem roxa em cima do armário. Bendito seja, salmão. — Ainda assim, qualquer dia desses vou ter que comentar com algum de seus críticos que por melhor que você seja em seu restaurante, nunca cozinha tão bem quanto aqui.

A risada de Arthur deveria ser objeto de estudo. Como alguém consegue ser tão entusiasmado rindo daquela forma?

— Aqui tenho liberdade para cozinhar pelado. Isso se reflete nos meus dotes artísticos — respondeu o rapaz entusiasmado e seu amigo revirou os olhos. — E não é culpa minha se você mora mais perto do Saborart e das feiras do que eu. Não me sinto nem um pouco culpado em dormir aqui quando saio tarde do restaurante.

Ah! Isso explicava porque ele estava sempre na casa de Eduardo. E também porque ele sentia a necessidade de cozinhar pelado na casa alheia. Explicava... Entretanto, não me convencia a lhe dar nem um pouco de razão. Ainda acreditava que Arthur era completamente maluco. Embora tivesse um toque fenomenal para a cozinha.

Ouvi o cozinheiro murmurar um “que seja” e voltar sua atenção para a elaborada omelete que ele fazia, enquanto meu suposto dono despejava um pouco de ração num pote azul bebê. Não seja tímido, Eduardo, pode colocar um pouco mais. Eu não era do tipo que tinha frescura para comer.

— E o que você decidiu? Vai ficar mesmo com a Kitty?— A pergunta de Arthur fez com que eu encarasse os dois, pouco me importando com o cheiro do salmão invadindo as minhas narinas. Por algum motivo eu estava ansiosa pela resposta de Eduardo.

— Claro, Tui. Eu não vou deixa-la. Eu sinto que ela precisa de mim tanto quanto eu preciso dela. — Seus olhos castanhos me encararam e eu deixei que eles me cativassem por alguns momentos.

— Se o problema é companhia, pode encontrar alguma gata em um pet shop. Um lagarto, uma tartaruga... Não sei.

Sim, Eduardo tinha a escolha de me deixar e arranjar alguém adequado para ele. Algum animal que pudesse corresponder ao seu carinho da melhor forma, sem se retrair a cada toque, sem temer cada palavra que saía da boca de seu dono, desesperado de medo de que seu segredo estivesse por um fio.

— Não. Eu não quero nenhum outro animal, eu quero a Kitty.

Arthur me encarou sorridente, como se essa fosse justamente a resposta que esperava de seu amigo, de uma maneira assustadora, como se soubesse do meu

segredo e garantisse, com seus olhos azuis, que ficaria tudo bem.

Entretanto, era mentira. Nada nunca ficava bem. Nunca.

Como em uma epifania, me dei conta de que não havia plano B, C ou qualquer outra letra do universo que fosse capaz de me proteger das emoções que Eduardo despertava. Não havia como fugir, por mais imperativo que isso fosse.

Eduardo me queria.

Aquele homem talentoso, dedicado, carinhoso e gentil, além de lindo, me queria.

E, para meu próprio azar, tinha que admitir: eu o queria também.



Silenciada

— **S**endo assim, acho que está na hora de ambientar a sua nova garota — Arthur ainda sorria, concentrado em rechear a omelete. — Eu trouxe companhia para ela e vou te dar algumas dicas já que você nunca teve um gato.

Eduardo colocou o pote de salmão em pedaços na minha frente antes de confrontar o amigo.

— Isso é mentira. Eu tive o Rupert.

Arthur apontou a espátula para Duda antes de desmenti-lo:

— Mentira o caramba! Rupert era da Amanda, você mal chegava perto do gato da sua irmã. Ele ficava arranhando a porta do seu quarto pra você dar carinho para o pobrezinho e você ignorava o bichano.

A expressão culpada de Eduardo dizia que era verdade e notei que os traumas daquele homem deviam ser piores do que eu pensava. Ele precisava de um psicólogo, não de um gato. Se o senhor Molina pensava que iria compensar algum arrependimento passado com o tal Rupert, tomando conta de mim, então que abrisse a porta porque essa gata estava partindo.

— Eu trouxe a Una. Ela está no carro, não consegui trazer as sacolas e a caixa dela.

— Você trouxe a Una? Está louco? A Kitty vai fazer ela em pedacinhos em dois segundos! — Opa. O que é Una? E que ideia Eduardo faz de mim para pensar que eu seria capaz de destruir essa tal Una? Eu era uma boa gata quando queria, apesar de que ser boa não era uma de minhas maiores vocações. — Você é maluco. Eu vou lá no carro busca-la.

Assim que Eduardo saiu da sala, Arthur me atirou um cheiroso pedaço de linguiça temperada e não me fiz de rogada, o enfiando inteiro na boca. Modos eram para quem não tinha fome. E, puxa, eu estava faminta!

— Há algo diferente em você, Kitty. Ainda não sei o que é, mas continuo agradecendo a quem quer que seja que te trouxe para o Duda.

Meus olhos estavam arregalados enquanto Arthur continuava demonstrando toda a sua destreza culinária, conversando comigo sem se desligar um só instante de suas preciosas panelas. E não pude deixar de admirá-lo por isso, mesmo que o medo que suas palavras me causaram ainda estivesse correndo em minhas veias.

Como ele poderia saber que havia algo diferente em mim? E como ele

poderia agradecer o que havia me levado até Eduardo quando eu mesma repudiava e amaldiçoava o que quer que tenha sido?

— Duda é minha única família, garota, e acho que terei prazer em ter você na família também.

A maneira delicada e suave como ele me olhou, fez com que o resto de coração que eu tinha se partisse em diversos pequenos pedacinhos que coçaram meu peito e trouxeram água aos meus olhos. Eu não queria pertencer a nenhuma família, há mais de quatrocentos anos eu não sabia o que era sentir aquele afeto verdadeiro ou a sensação de pertencer e querer cuidar na mesma medida.

Ainda assim, algo naqueles dois me fazia querer abrir mão de todas as minhas resoluções e dar uma chance a mim mesma de me inserir na vida deles.

Talvez fosse incrível ter Eduardo me bajulando enquanto rabiscava alguma coisa num bloco de desenho velho, ou ter Arthur me jogando um pouco de linguiça quando não tivesse ninguém olhando. Talvez pudesse até conhecer Amanda, a tal irmã de Eduardo, ruiva e idêntica a ele. Quem sabe, ainda, eu pudesse ser o suficiente para preencher o coração de meu dono e ele não precisaria mais chorar por Alice.

E tão subitamente quanto me deixei partir para o mundo das fantasias, a realidade me atingiu como um tijolo no meio do nariz. Os passos macios chamaram a minha atenção e continuei sentada, virando a cabeça para trás e dando de cara com uma sofisticada gata branca, com uma delicada coleira cor de rosa, e uma expressão completamente amistosa.

Eu não podia entrar na vida de ninguém, porque assim que eu entrasse, eu a estragaria permanentemente. Eu era uma bomba, meus segundos até explodir estavam contados.

Arthur e Eduardo não mereciam isso. Não me mereciam.

— Kitty, essa é Una, a pequena companheira do Tui.

Finalmente se afastando das panelas, Arthur se aproximou, parando orgulhoso ao lado do amigo que fizera as apresentações.

— Una, seja gentil com a Kitty e a cumprimente.

Oh, droga.

O desespero começava a tomar conta de mim antes mesmo de me colocar em quatro patas, encarando a gata com receio. Socializar não era muito bem o meu forte. Por muitos, muitos, muitos motivos.

Em primeiro lugar, porque eu não era o tipo de felina que se socializa com qualquer tipo de gata desconhecida. Pior ainda com uma gata de Arthur, o cozinheiro nu. Por todos os tigres, sabe-se lá o que aquela pobre coitada já havia testemunhado. Certamente era uma traumatizada.

Una aproximou-se um pouco mais e seu rabo quase tocou o meu. Por puro

reflexo, encolhi o meu, colocando-me sentada para deixar mais espaço entre nós, especificando que não queria nenhum tipo de contato.

Eduardo por sua vez, não moveu sequer um músculo para me livrar daquela situação. Pelo contrário, parecia estar esperando que eu começasse minha socialização. Una se aproximou de novo e eu não consegui desviar a tempo de ser tocada. Saco! Eduardo me segura porque essa aqui está querendo amizade, me livre desse constrangimento.

Os dois homens estavam parados ao nosso lado, de braços cruzados. Eles esperavam alguma atitude de minha parte, como se estivessem apostando em alguma estúpida briga de cães de rua. E não me restava nenhuma dúvida de que Duda tinha alguma certeza de que eu iria destroçar Una assim que pudesse.

— Achei que Kitty ia ser violenta, mas parece que as duas vão se dar bem — comentou Arthur.

Ah, então Eduardo não era o único que apostava a meu favor.

Por favor, pelo amor que você tem na Alice, porque amor próprio você já provou que não tem, Eduardo, deixe que eu vá embora. Não bastava tudo o que eu tinha de lidar dentro de mim, eu ainda era obrigada a conversar com uma gata estranha? Eu não merecia esse tratamento.

— Espero que Kitty se sinta bem com Una, quem sabe ela fique mais confortável e não fique fugindo de mim.

Era ali que estava o erro. Eu não deveria decidir ficar. Eu não deveria nem sequer estar ali naquele momento.

Arthur preparou duas tigelas de leite e colocou à minha frente, chamando a atenção de Una e a trazendo para mais perto, deixando a gata branca quase colada em mim. E se ela tivesse germes?

Oh, o que eu estava falando? A gata de rua ali era eu, hipoteticamente, a suja era eu.

Una me encarou e seus olhos, um verde e outro azul, captaram a minha atenção. Ela era diferente e tão linda. A sua aparência era serena e delicada. Domesticável por completo e tão simpática que por alguns segundos me senti mal por não poder ser como ela. Um ronronar estranho escapou de sua garganta. Opa. Será que a gata de Arthur era lésbica? Sem preconceitos, na verdade, eu nem me surpreenderia se a coitadinha fosse traumatizada e depois de tanto ver aquela coisa balançante de seu dono ela quisesse ampliar seus horizontes.

— Parece que elas estão conversando — notou Duda.

A cabeça de Una se movia, como se ela estivesse tentando se comunicar e vários sons escapavam de sua garganta, tentando me fazer responder aos seus estímulos e não tornar aquilo um monólogo.

Porém, era impossível.

Eu tentei responder, mas não pude passar de uma tossida por uma bola de pelos presa em minha garganta. Eu não poderia jamais responder ao ronronar ininterrupto de Una. Eu jamais respondi a alguém. E essa era uma grande parte do meu segredo.

Insistente, Una tentou de novo. Até miou, alto, claro, me obrigando a miar de volta, o que eu fiz, esperando que ela entendesse o meu problema e parasse de tentar manter uma conversa que eu jamais conseguiria dar continuidade.

— Olha só, Duda, a Kitty tá se fazendo de superior. Poxa, a sua gata é uma figura — riu.

A panela no fogão fez um chiado e Arthur logo voltou para perto delas, levando Eduardo junto, ambos contentes com a aparente comunicação entre Una e eu. Aparente.

Pois aquilo era tudo, menos uma comunicação. Quando se há comunicação, pressupõe-se que uma pessoa compreende o que a outra está falando. E isso não acontecia comigo em circunstância alguma. Eu não era capaz de entender nada que Una dizia e certamente ela me compreendia menos ainda.

Não havia nada de errado com Una. Na verdade, eu estava honrada com seus esforços em começar uma conversa, mas o problema estava em mim. Era eu quem não conseguia me comunicar com nenhuma espécie animal. Gatos, cachorros, tartarugas, pombas de praça. Nada.

Por algum motivo estranho, eu era capaz de compreender apenas os humanos, me fazendo crer que talvez a minha parte humana fosse maior do que a felina. O que não me valia de muita coisa, já que eu ainda era incapaz de proferir qualquer coisa coerente para qualquer espécie.

Una me encarava com tristeza e a pena que ela expressava me deixou enfurecida. Eu não queria comiserações de ninguém, eu gostaria apenas de ir embora dali. Será que ninguém entendia? Tentei contornar a tigela de leite e atravessar o caminho da gata branca, mas ela me parou, se colocando à minha frente, os olhos cheios de emoção, como se me pedisse para esperar, para tentar de novo.

Eu havia aprendido há muito tempo a não criar esperanças. Una era uma tola se achava que tentar mudaria alguma coisa. Em quatrocentos anos, nenhuma palavra saiu da minha boca, em todos aqueles malditos anos, não houve um dia em que eu não quisesse voltar no tempo e reverter tudo. A dor de não ser capaz de ser compreendida, de viver no silêncio para sempre me matava, me tornava uma massa fraca de sentimentos.

E eu odiava ser fraca. Odiava sentir pena de mim mesma. Odiava reconhecer que eu não era nada do que me fazia aparentar: não era uma altiva e elegante gata, alheia a sentimentos, cheia de classe. Eu era só uma gata suja, eterna e

silenciada.

Ignorei o seu pedido mudo e subi as escadas transparentes, cega de desespero. Eu precisava partir imediatamente e esperava que Eduardo tivesse esquecido a janela de seu quarto aberta para que eu pudesse me jogar de lá e partir para nunca mais ser vista. Pular do segundo andar não era uma queda tão grave perto das que eu sofrera ao longo dos anos.

Viva às minhas sete vidas!

Quando cheguei à porta do quarto de Eduardo, notei Una atrás de mim. Gata burra! Ela já havia notado que eu não falaria com ela, então por que diabos ela continuava me seguindo? E a frustração não terminava nunca, já que ao olhar para dentro do cômodo, notei imediatamente que Eduardo havia sido cuidadoso: nenhuma janela aberta.

Não me deixei perder a fé e continuei percorrendo os quartos, entrando de cômodo em cômodo buscando a janela sagrada, me irritando mais a cada persiana fechada. Eduardo estava determinado em não deixar a sua pobre gatinha fugir.

O que era demasiadamente tolo da parte dele. Se Duda fosse um cara inteligente, iria me mandar embora enquanto ainda tinha tempo, antes que se apegasse, antes que eu me deixasse cativar e todo aquele drama que eu conhecia muito bem. As coisas não seriam nada fáceis se ele descobrisse meu segredo. Eu não queria ferir mais ninguém.

A cada janela completamente cerrada, Una emitia um som atrás de mim, certamente esperando que eu me desse por vencida e respondesse. O que jamais aconteceria.

Rendida, voltei à cozinha, onde Arthur e Eduardo degustavam o que o loiro havia preparado, rindo de alguma piadinha interna, completamente alheios às gatas aqui.

Una colocou sua pata em cima da minha e eu a encarei profundamente. Ela parecia ser realmente uma boa gata, bem cuidada, amada, quase me senti lisonjeada por vê-la perder seu tempo comigo. Entretanto, isso era tudo o que ela estava fazendo. Perdendo o seu tempo.

A sua pata tocou meu focinho e depois tocou seus olhos, tentando usar de gestos para demonstrar que ela também era diferente, que assim como eu não era capaz de falar, ela também tinha algo de diferente em si, no seu caso, os olhos um de cada cor. Seus olhos se ergueram para Arthur e a maneira afetuosa como encarou seu dono me deixou emocionada. Mas esforcei-me para não demonstrar.

Ela não compreendia que para ela era uma sorte pertencer a alguém que cuidava tão bem dela quanto Arthur aparentemente fazia. Era uma sorte maior ainda não ter de esconder um segredo, não ter de lutar contra si mesma e os

próprios sentimentos.

Una era uma gata de sorte. Era tudo o que eu sempre desejara ser, mas nunca poderia.

O silêncio na cozinha chamou minha atenção e notei que os dois homens nos encaravam com atenção.

— Então você vai ficar mesmo com essa gata?

Opa! E a consideração, cozinheiro? “Essa gata” era muito pouco para me descrever. “Essa linda e adorável gatinha de olhos tão brilhantes e cativantes” seria muito mais adequado. E dessa vez eu ainda o liberaria de se ajoelhar na minha presença, mas não garantia o mesmo na próxima vez, viu!

— Eu gosto dela, Tui. Nós temos algum tipo de conexão. Kitty parece se sentir tão sozinha quanto eu. — Eduardo sorriu para mim e quis bater minha cabeça na parede por deixar que meu coração batesse forte apenas por isso. — Confesso que tenho uma queda por esse jeito arrogante dela.

O orgulho em sua voz era a última coisa que eu precisava ouvir.

Maldito. Mil vezes maldito.

Aquele sorriso conseguia me fazer esquecer o meu horror a ter um dono. A maneira como ele se dissera fã de meu jeito arrogante, algo que eu estava disposta a disfarçar num Plano C apenas para que pudesse me ver livre de toda aquela massa de emoções que vinha num pacote com Eduardo, me fizera derreter por dentro. A cada segundo, a vontade de partir parecia mais vital, mas aqueles olhos castanhos e brilhantes me encarando com tanto carinho fazia com que achar uma saída fosse tão impossível quanto falar, por exemplo.

— Ela é mesmo diferente. Não como Una e sua heterocromia, mas algo maior.

— E acho que é isso que me faz querer tanto ficar com ela. Já notou como Kitty é calada? É como se seu silêncio escondesse uma porção de mistérios. Enquanto Una mia todos os seus pensamentos, Kitty os guarda, apenas fica me encarando com esses olhos de gato tão lindos que ela tem. Eu gosto e vou ficar com ela, Tui.

Os olhos de Eduardo não desviam dos meus e, antes que pudesse conter minhas próprias patas, me vi aproximando de sua banqueta, sentindo minhas emoções vencerem minha razão. Quando seus dedos se aproximaram de meu queixo, acariciando meus pelos da maneira mais deliciosa que eu já sentira, percebi que estava perdida.

— Eu vou ficar com você — sussurrou ele, alto o bastante apenas para que eu o ouvisse, sua boca perto demais da minha orelha para que meu pequeno corpo se arrepiasse levemente. — Você é minha, Kitty.

E foi então que tudo se perdeu. Porque por mais que eu alardeasse o

contrário, não havia como fugir mais. Eu me rendera antes que pudesse imaginar.

Cheia de segredos, silêncios e anos de vida, eu ainda pertencia a Eduardo. E pelos murros que meu coração dava em meu peito, nunca me sentira tão bem em ter um dono.

Nunca me senti tão bem em ser de alguém quanto em ser de Eduardo.



Vacinada

Depois de um verdadeiro sermão sobre vacinas, veterinários e coisas adequadas a gatos, além de uma senhora bronca sobre Eduardo estar dando as deliciosas rações de Una para mim, sem sequer saber se eu gostava mesmo daquele sabor ou se tinha necessidades nutricionais especiais, meu dono se viu forçado a marcar uma consulta para mim.

O que obviamente odiei.

Contudo, vi na situação uma chance para me mandar. Estarmos na rua, com tantas distrações para Eduardo, me daria a oportunidade perfeita para escapar de seus braços. Antes de chegar ao veterinário, obviamente.

A maneira como Duda me olhava, ainda sendo uma gata, me lembrava da maneira como Daniel me olhava antes. Quando as suas palavras haviam me tornado de volta ao que eu era. Aquele olhar tão caloroso, que fazia eu me sentir acolhida, como se houvesse realmente a possibilidade de eu ser amada e todo aquele tormento e sofrimento acabar, depois de tantos séculos. A dor antiga em meu coração seria apagada. Eu poderia começar de novo.

Mas flashes da forma como Daniel me expulsara de sua vida chegaram também. As suas palavras cruéis, as ofensas gritadas em alto e bom som, o nojo em seu olhar, em suas palavras frias, em suas mãos que me empurravam porta afora, deixando bem claro que eu jamais deveria voltar.

Tudo isso me lembrava de que eu não deveria me iludir, que eu precisava procurar a saída mais próxima.

Depois de uma hora tentando me livrar de Una e sua tentativa infinita de conversação, Arthur disse que deveríamos ir.

Delicado, Eduardo me segurou com cuidado. Encabulado e nervoso, explicou-me que tínhamos que ir a um lugar muito importante e que eu precisava ser uma boa menina.

Como se eu fosse estúpida e não soubesse onde estava indo. Eu sabia exatamente o que fazer.

Meu corpo se sentia pronto, meu foco estava na fuga. Nada daria errado dessa vez.

— Ele só vai verificar se está tudo bem com você, minha linda. Eu também fico nervoso com médicos, mas fique calma. Vai dar tudo certo.

Sim, daria tudo certo. Em poucas horas, a rua seria o meu lugar novamente.

Eduardo vestiu um agasalho, algo muito importante para o ar gelado que cortava São Paulo naquele dia, e abriu a porta, vendo Arthur já parado com sua enorme pick-up. Aproveitei o momento para sair sorrateiramente pela esquerda, maciamente, tentando não fazer nenhum barulho enquanto me afastava da casa coberta de hera, mas antes que pudesse ir longe, mãos grandes me seguravam em um colo macio.

Por que você não termina com tudo logo, Eduardo? Você deveria me agradecer por tentar fugir.

Seria tão mais fácil e mais indolor. Não deveríamos deixar que aquilo se prolongasse e se tornasse mais doloroso.

— Sua bobinha desorientada. O carro é pra lá.

Eu sabia onde o carro estava, droga! E sabia também onde aquilo iria acabar.

Opa. Espera. Uma caixa de transporte? Não. Eduardo. Não. Eu prometo ser boazinha, mas por todos os gatos do universo, não me confine naquele inferno. É horrível demais. Una, por sua vez, demonstrava ser a gatinha de estimação perfeita, parecendo completamente confortável dentro de sua caixa cor de rosa, enquanto a outra caixa reserva continuava aberta, esperando por mim.

Eduardo. Três dias sem fugir. Eu te dou mais três dias comigo se eu não for colocada ali.

— Kitty parece não ser do tipo que gosta de caixas de transporte, Tui.

— E também parece não ser do tipo domesticável e olha você dando casa e comida para ela. Agora enfia logo a Kitty nessa caixa ou vamos chegar atrasados. Eu ainda tenho que ir pro Saborart começar o almoço, droga.

Pensando rápido, Eduardo entrou no banco de trás, batendo a porta e arrastando a caixa de transporte para o chão, me colocando confortavelmente sentada em seu colo. Seus dedos faziam carinhos deliciosos no topo da minha cabeça.

O alivio corria pelo meu corpo. Eu já ficara em uma caixa de transporte uma vez, quando fui pega por engano pela Sociedade Protetora dos Animais, algo que eu evitava como a praga, e podia garantir que, não eram apenas os humanos que se sentiam claustrofóbicos. Gatos também podiam ser.

Eu estava enormemente agradecida a Eduardo por ter me poupado daquilo.

O transito não parecia tão assustador naquele horário e, por sorte, Arthur havia escolhido uma rota bem vazia, chegando em questão de minutos a um prédio elegante onde devia ser o nosso destino final, já que ele estacionou no meio fio e olhou impaciente para nós, esperando que descêssemos, ansioso para chegar em seu restaurante.

— Obrigado pela carona, cara.

E por incrível que parecesse, Eduardo não estava sendo sarcástico. De onde aquele homem havia surgido? Ninguém era tão legal assim. Mas Duda provava que exceções existiam.

— Precisa que eu venha te buscar? — Arthur perguntou gentilmente.

— Não, nós vamos de táxi, eu ainda preciso passar na Euforic para pegar algumas Jobs.

Arthur assentiu e esperou que entrássemos no prédio antes de sair de sua vaga e se misturar no trânsito com seu carro branco cheio de caixas com hortaliças.

O prédio de quatro andares abrigava uma clínica veterinária muito bonita e elegante, que parecia transpirar riqueza em todos os ladrilhos verdes e brancos, o que me fazia ter ainda mais certeza de que Eduardo não era nada pobre. Não que isso fosse mudar muita coisa no meu caso.

Depois de conversar com uma moça numa recepção enorme, Eduardo se sentou comigo em uma das poltronas esverdeadas.

— Não precisa ficar com medo, Kitty. Eu vou segurar a sua patinha. Bem assim. — Três de seus dedos seguraram a ponta de minha pata de uma maneira incrivelmente fofa. — E se ficar muito insegura, é só miar alto. Eu não vou deixar ninguém machucar você.

Eduardo não conseguia ver que era ele mesmo quem iria me machucar. Ele não via, mas apenas por segurar a minha mão daquela forma, ele já conseguia me ferir, me deixando vulnerável, disposta, rendida. Ele me machucaria demais se continuasse ao meu lado, e eu faria o mesmo com ele. Partiria seu coração de forma pior do que Alice havia feito.

— Viu? Você já está mais calma.

Seu sorriso, enquanto me erguia para que meus olhos pudessem ficar na altura de suas profundezas castanhas, me hipnotizava. Sua respiração quente fazia cócegas nos meus pelos e a maneira delicada com que suas mãos enormes tocavam meu corpo, atrapalhava completamente meus planos.

— Eduardo Molina e Kitty — chamou a garota da recepção, encarando Eduardo de uma maneira estranha. Talvez, admirando os cabelos ruivos despenteados e a aura simpática que meu dono parecia emanar.

Antes que eu pudesse evitar, rosnei para a recepcionista, surpreendendo tanto a ela quanto a mim pela reação. Por que diabos eu fizera aquilo?

Eduardo era um cara bonito, sim. A combinação de seus cabelos ruivos, as sardas delicadas e os seus olhos doces, eram capazes de colocar qualquer garota de joelhos. Caramba, o charme dele arrebatava até mesmo as felinas mais exigentes, eu era um exemplo vivo e eterno. A garota tinha todo o direito de admirar Eduardo. E eu não tinha direito nenhum de sentir ciúmes.

Eu era só uma gata.

Nada mais do que isso.

Meu coração bateu mais apressadamente enquanto atravessávamos a porta branca e um homem velho apertava a mão de Eduardo que não me segurava apertadamente contra o seu peito. O doutor apontou uma cadeira para meu ruivo dono, que se sentou à frente do médico e começaram a conversar sobre meus hábitos, enquanto Duda explicava que havia me achado há poucos dias.

E então a minha consulta finalmente começou.

Por quase duas horas eu fui apalpada, examinada, coçada, lavada e outros adjetivos tão desconfortáveis que eu não sabia nem como nomear. Isso sem falar do termômetro.

Se eu pudesse fazer um desejo, qualquer desejo, naquele instante, seria para ter axilas. Só para nunca mais ter que sofrer o que eu sofrera com aquele termômetro retal. E pela cara daquele veterinário de uma figa, foi muito engraçado quando eu me encolhi toda com aquele negócio dentro de mim. Droga, eu era uma gata de respeito para passar por essa humilhação.

Eduardo, o sempre tão incrível Eduardo, se virou de costas quando precisei medir a temperatura, me dando um pouco de privacidade, o que o médico obviamente não quis fazer.

— Só mais algumas vacinas, para deixarmos a sua nova carteirinha de vacinação em dia e sua gatinha já estará liberada — informou o doutor.

Ser apalpada e violada não era o bastante, ao que parecia. A simples visão da seringa havia me deixado tonta e recuei um pouco, em cima da grande superfície prateada onde eu fora colocada. E antes que pudesse cair, senti a ponta de minha pata ser agarrada por três dedos quentes, me fazendo erguer os olhos e dar de cara com um sorridente Eduardo.

— Estou bem aqui, minha linda, não precisa ter medo.

O brilho dos seus olhos foi tudo o que prestei atenção, apesar de estremecer de leve quando a agulha tocou minha pele. Aos poucos, me acalmei. A doçura do sorriso de Duda me deixara relaxar o bastante para que pudesse tomar todas as vacinas sem problema algum.

— Está tudo certo com a sua gata agora, Senhor Molina. Mas você deve voltar com ela em dois meses para uma nova pesagem, Kitty está desnutrida.

Viva na rua por quatrocentos anos e veja se não fica magro como um graveto, doutor.

— Estou a alimentando direito agora. O senhor tem alguma marca de ração para recomendar?

— Não, mas prefira dar rações com sabor de carne, ou pedaços dela. A pobrezinha parece um tanto anêmica.

Anêmica, o caramba! Chega, Eduardo. Estávamos ali há duas horas, escutando o tal doutorzinho se achando melhor que eu, me menosprezando e chegando ao cúmulo de me enfiar um termômetro!

Agora, ele se achava no direito de me mandar comer carne. Que carne, o quê! Carne é o sabor de ração para uma gata qualquer, não para mim.

Ou salmão ou nada.

— Kitty gosta de salmão.

— Ela é uma gata, Senhor Molina, ela vai comer o que der de comer a ela.

E eu vou comer é seu fígado, seu idiota.

— Tudo bem. E leite? Posso dar?

—Sim, mas prefira dar água. Leite apenas pela manhã e apenas se ela for bem comportada. Isso fará com que ela fique mais dócil e colabore com você no adestramento.

Umas duas ou três arranhadas e ele aprenderia como eu era dócil. Se Eduardo não estivesse me segurando, eu mostraria àquele cara de branco o que eu aprendera na rua: desfigurar idiotas.

— Tudo bem — concordou meu dono, um pouco confuso.

— Gatos são como crianças, senhor Molina. Eduque-os, dê agrados se merecerem e os castigue se forem desobedientes. Isso funcionará com a sua gata.

— Entendi.

Comigo presa firmemente em seu colo, Eduardo apertou a mão do veterinário e saiu da clínica depois de entregar à recepcionista - que eu podia jurar que havia piscado para ele - algumas notas de cinquenta.

Não pude ver o que havia escrito na nota fiscal, mas eu tinha certeza que era o telefone daquela oferecida.

Eduardo continuou me segurando por alguns quarteirões e quando se certificou que estávamos longe o bastante da clínica, meu dono me ergueu, sorrindo para mim que ainda o encarava encantada pela forma como a luz fraca do sol que atravessava as nuvens pesadas iluminava os seus cabelos vermelhos.

— Salmão e leite, Kitty. Porque ninguém vai me ensinar como tratar a minha gata.

Meus bigodes torceram no mais próximo que eu conseguia chegar de um sorriso sarcástico.

Eduardo Molina era a melhor pessoa que eu já conhecera, e não saber se essa era uma qualidade ou um defeito estava me deixando cada segundo mais apreensiva.

Meus pensamentos ainda se dividiam, escolhendo se aquilo era bom ou ruim, quando logo chegamos a um prédio em mármore preto e vidros espelhados, me deixando boquiaberta.

— Bom dia, Sr. Molina, vou avisar ao Miguel que você está aqui — avisou a recepcionista.

Outra moça bonita e sorridente que claramente não era imune ao charme ruivo do meu dono. Ela o cumprimentou e apertou alguns botões no telefone ao seu lado.

Segundos depois, fomos autorizados a subir e foi a primeira vez que andei de elevador. Algo que eu espero jamais repetir em minha vida, porque nada é tão ruim quanto aquela sensação de tontura que te abate enquanto aquele negócio sobe.

Assim que as portas foram abertas fomos recepcionadas por uma moça loura de lábios incrivelmente vermelhos. Ela cumprimentou Duda educadamente e sorriu para mim com ternura, uma reação que todos parecem ter ao ver um bichinho de estimação.

Não que eu fosse um, claro.

— Miguel já está te esperando, Eduardo — disse ela, nos conduzindo até uma sala envidraçada onde aproximadamente seis pessoas trabalhavam. A própria moça abriu a porta e nos deixou entrar.

A maior mesa da sala era ocupada por um rapaz da mesma idade de Duda, mas vestido em um terno escuro que parecia ser bem caro. Ele emanava autoridade e não precisei de muito para saber que ele era o tal Miguel. Seus olhos amendoados e o cabelo escuro e liso bem cortado deviam ser bem atrativos para as funcionárias daquele prédio, mas não tiveram qualquer efeito sobre mim.

Talvez eu preferisse ruivos.

— Preparado para nos dar a melhor arte de todas as campanhas de dia dos pais já feita?

Molina sorriu e me colocou no chão enquanto dava um abraço másculo no cara e se sentava com ele em sua mesa. Duda começou a conversar sobre negócios com o outro homem, mas não sem deixar de me observar, querendo saber se eu estava por perto, e apenas essa preocupação já foi o bastante para me deixar tocada.

Por que Eduardo não podia ser um daqueles homens ignorantes? Por que aquele maldito tinha de ser tão cativante?

Alheia à sua conversa, me sentei no chão acarpetado e observei a dinâmica da sala. Havia cinco homens, contando com Miguel, o chefe, obviamente. Mas na mesa mais próxima a ele havia uma moça que me observava com atenção, o rosto bonito iluminado por um sorriso sincero que fez com que eu me aproximasse dela sem nem ao menos saber por que eu o fazia.

— Oi, querida.

A voz dela era suave e, ao contrário dos meus padrões, deixei que ela me

segurasse em seus braços. Apesar de seus sapatos brancos feios e de seu suéter horrível, ela era muito bonita. A falta de maquiagem e a forma severa com que prendia os cabelos castanhos pareciam ter o intuito de esconder isso, mas eu podia vê-la por completo.

— Você não deveria estar trabalhando ao invés de mimar a gata do Molina, Ribeiro?

— Eu... Eu... — ela foi incapaz de responder, tamanha a autoridade que Miguel emanava.

Entretanto, sendo segura em seus braços, podia sentir o quanto a maneira como seu chefe lhe dirigira a deixava irritada. Seus dedos tremiam de raiva.

— Não que você faça muita coisa normalmente.

O desdém em sua voz era notável e me perguntei porque aquele homem tratava a garota daquela maneira. Para quebrar o clima, Eduardo juntou os papéis que Miguel havia lhe entregue e disse que precisávamos ir para que ele pudesse começar os primeiros rascunhos da campanha. O que me fez julgar, pelas conversas que eu escutava na rua, que aquela empresa era uma agência de publicidade.

A moça bonita fez questão de nos levar até a porta, e seu chefe continuou no mesmo lugar, acenando para meu dono antes de voltar a se focar no seu próprio trabalho.

— Sinto muito por Miguel, Elisa.

— Eu já me acostumei, você sabe — sorriu ela e, antes que a mão estendida de Eduardo tocasse o seu ombro num sinal de apoio, ela se afastou, incomodada. Não pelo quase toque do meu dono, mas pela maneira como a recepcionista a encarava. Julgando-a e recriminando-a.

Mulheres poderiam ser cruéis quando queriam.

— Vejo vocês semana que vem, certo?

— Certo. Tchau Edu, tchau gatinha — Elisa fez um carinho suave nos meus pelos antes de voltar para a sala e prosseguir seu trabalho, sob o atento olhar de seu chefe.

No elevador, a mão de Eduardo segurou a minha pata, me acalmando na descida e foi quando notei que apesar de todo o exame e de todas as vacinas, o meu veterinário havia esquecido de me prevenir contra o mais importante.

Os olhos dele me encaravam e eu fixei meu olhar no dele, sentindo o meu coração bater mais rápido, não pela adrenalina do elevador, mas pela maneira como ele me olhava, como suas mãos me tocavam.

Eu não era vacinada contra Eduardo. E tinha a mais plena certeza de que padeceria disso, porque não havia cura contra a dor que acompanhava o meu segredo, assim como não havia prevenção contra a doçura dos seus sorrisos e o

calor de seus olhos.



Ofendida

Voltamos para casa de táxi, enquanto Eduardo reclamava por não poder dirigir graças a juízes estúpidos como o Dr. Nogueira, pai de Arthur, segundo entendi, que haviam suspendido a sua carteira de motorista. Recebi uma tigela grande de ração e outra igualmente grande de leite. Depois Duda saiu porta afora para o seu estúdio para, provavelmente, trabalhar no que deveria ser a sua campanha, dada por Miguel.

Não precisei nem procurar uma saída.

Primeiramente porque eu já sabia que não havia nenhuma. Eduardo fizera questão de checar todas as janelas e portas antes de desaparecer para o pequeno estúdio no quintal. E depois, porque eu era uma gata de palavra.

Eu havia prometido mais três dias com ele caso não fosse colocada na caixa de transporte. E cumpriria. Tudo o que eu tinha de fazer era tomar cuidado para não deixar que Eduardo me cativasse mais do que já havia feito e esperar para que no final do terceiro dia, ele confiasse em mim o suficiente para deixar alguma porta ou janela aberta.

E dessa vez eu não faria mais promessas ou me deixaria levar pelas emoções. Eu me levaria apenas pela saída.

Dormi grande parte da tarde, sem nada o que fazer ou para onde correr e, quando acordei, o ruivo entrava em casa coçando os olhos, evidentemente cansado. Já era tarde e apesar de ter dormido bastante, eu ainda estava um pouco fadigada. Nada estranho, depois da manhã que eu tivera.

— Ei, Kitty — chamou ele quando passou pela cozinha, onde eu estava esparramada. Sem pensar duas vezes, o segui para o quarto. Enquanto se esticava na ponta dos pés, retirando uma grande caixa de cima do seu armário, Eduardo começou a tagarelar. — Percebi que você não gostou muito de Una, ela é meio mimada, não é mesmo?

Oh, Duda, eu adoraria ter uma opinião formada sobre Una, mas não pudera nem sequer conversar com ela e isso me deixava muito culpada. Entretanto, ela parecia ser uma boa gata.

Eduardo colocou a caixa rasa no chão e a forrou com um edredom azul claro que havia retirado de dentro do guarda-roupa, transformando-a numa pequena cama para que eu pudesse me acomodar confortavelmente.

Retirando os sapatos, ele se jogou na cama e eu me aninhei em meu novo local de sono, observando-o atentamente. Duda pegou um lápis e o seu bloco do lado da cabeceira, e começou a rabiscar nele, alheio a tudo, exceto ao desenho em suas mãos.

A maneira como seus olhos se estreitavam, atentos, e a sua boca se curvava, dando as mais diversas expressões ao seu rosto enquanto os seus traços tomavam forma, me fizeram assisti-lo encantada por um longo tempo, até me render ao sono novamente.

Fui acordada no dia seguinte pela maldita falta de cortinas no quarto de Molina. O que, no final das contas, era por minha própria culpa.

— Hora de acordar, Kitty.

Mentira. Hora de acordar era relativo. Cada pessoa tinha a sua e, honestamente, aquela não era a minha. Há séculos eu não dormia em um lugar tão gostoso, então nem uma matilha de cachorros babões seria capaz de me tirar dali.

— Eu te acordei para me despedir, minha linda. Eu preciso ir para a Euforic e volto só no final do dia, você ficaria assustada quando acordasse e não me encontrasse aqui.

A preocupação dele era adorável e lutei para não deixar aquilo me afetar ainda mais. Tentei também não deixar que minha vontade de fugir falasse mais alto do que a minha promessa de ficar por três dias.

— Tchau, Kitty — o nariz de Eduardo roçou nos meus pelos antes de sair correndo, agarrando uma pasta azul marinho que eu tinha a certeza de que estava cheia de desenhos incríveis. O som da porta lá embaixo anunciou que ele havia partido e naquela hora eu estava completamente desperta.

Detalhe: sem nada o que fazer, trancada naquela casa enorme.

O bloco de notas estava aberto na cama de Eduardo e não me contive, pulando para cima desta a fim de saber o que tanto o mantivera concentrado na noite anterior. A resposta era tão óbvia que me odiei por não ter pensado nela antes.

Com um lápis de cor vermelho, meu dono havia desenhado o perfil de Alice, os seus cabelos espalhados pelo vento enquanto ela olhava por cima do ombro, com as sobrancelhas arqueadas de uma maneira arrogante, mas desesperadamente linda.

Havia algo naquela mulher, mesmo tendo-a conhecido apenas por meio de fotos e desenhos, que não me deixava simpatizar com ela. Algo como ciúmes e inveja me invadia simplesmente por vê-la. Uma completa reação irracional.

Deixei o quarto tentando não pensar no quanto Eduardo ainda devia ser apaixonado por aquela mulher para não ser capaz de passar um dia sem

expressar isso da melhor forma que podia.

Andando a esmo pela casa, notei que estava realmente trancada, mas Eduardo havia me deixado biscoitinhos de atum, leite, água e uma tigela repleta de meu sabor favorito de ração. Oh, como eu amava salmão!

Me jogando no sofá, sem me importar por estar enchendo o tecido com meus pelos, senti minha pata bater em algo plástico e duro. Para a minha surpresa, a tela enorme em frente ao sofá se acendeu como mágica. Oh, uma televisão!

Um casal conversava e olhei assustada para a tela, pensando em como faria para aquela porcaria desligar. Eduardo iria brigar comigo por mexer naquilo? Mas eu não sabia desligar as imagens, já que minhas patas não conseguiam apertar o controle remoto, ou seja lá como eles chamavam desde que eu havia vivido com Daniel. Eu apenas conseguia fazer com que as imagens mudassem, mas nada de se apagarem.

Desde 1986 eu não via uma televisão, ainda mais uma tão gigantesca quanto aquela. Era claro que eu não sabia o que fazer, então decidi por usar a minha expressão mais inocente para o caso de Eduardo chegar a qualquer momento, e fazer parecer que a televisão havia ligado sozinha. Pronto, eu não teria nada a ver com aquilo.

As imagens na televisão começaram a fazer sentido, então comecei a compreender a história da moça sofrendo por estar longe de seu amado pelo que parecia ser culpa de sua terrível mãe. A doce mulher queria fazer as pazes com seu amado e estava pronta para perdoá-lo, sem saber que ele não fizera nada contra ela. A história chamou a minha atenção, e me sentei confortavelmente assistindo o desenrolar da situação, por diversos momentos até torcendo pela sofredora.

Mais tarde eu vim a descobrir que aquilo era um canal de filmes que me dava dois minutos a cada meia hora para ir buscar um pouco de ração ou um biscoito, antes de ter de correr de volta para continuar a assistir. Aquela era a coisa mais legal que eu havia visto.

Cenas atrás de cenas, histórias atrás de histórias. Todas muito sofridas e interessantes. Mas nada nem remotamente parecidas com a minha.

Os filmes me mantiveram distraída até o início da noite, quando ouvi o barulho das chaves na porta da frente. Foi naquele momento que eu percebi que viver com Eduardo havia levado toda a dignidade de mim.

Lá estava eu, virando as costas para a televisão cheia de coisas divertidas e correndo do sofá para a porta, sentada, alerta, esperando Eduardo aparecer para me dar carinho. Droga! O cara mal havia se afastado de mim e eu já estava mendigando carinho como uma gata domesticada, esperando que meu dono me pegasse no colo, afagando meus pelos daquela maneira deliciosa que apenas ele

fazia.

Eu estava fazendo exatamente o que eu sabia que não deveria: estava me apegando à Eduardo Molina.

Porém, toda a minha ansiedade se desfez quando a porta se abriu e não foi o adorável ruivo quem a atravessou. No seu lugar, uma mulher alta, de cabelos escuros e longos, com expressão séria, passou na minha frente com suas enormes e longas pernas, olhando para todos os lados antes de fechar a porta trás de si.

Se eu não tivesse visto todos os desenhos e a foto na cabeceira de Duda, jamais saberia quem era ela.

Alice.

O que ela estava fazendo ali? Por que estava andando pela sala de Eduardo como se tivesse todo o direito de estar ali? A maneira como ela andava, elegantemente, sem ao menos me notar, fazia o meu sangue ferver.

O que ela queria ali? Será que não havia machucado Eduardo o suficiente para ainda ter de visita-lo? O que ela pensava que estava fazendo? Entrega de sofrimento a domicílio?

Eu já havia visto a forma que Eduardo ficava por causa dela e não desejava assistir àquela cena novamente, afinal, ainda que não devesse me importar, me sentia mal por vê-lo sofrer daquela maneira.

Miei para atrair a sua atenção, ameaçadoramente, quase rosnando, e me dei conta de que não hesitaria em usar minhas unhas naquela mulher, se fosse necessário. Por mais que ela importasse para Duda, eu não me refrearia em machucá-la, caso fosse preciso.

Eu nem sabia o que havia acontecido entre os dois para tomar partido de Eduardo daquela maneira. Não tinha a mínima noção da história deles, mas ainda assim estava pronta para defendê-lo e ele nem significava nada para mim.

Ou significava?

— Ah, olha só. Eduardo arranjou um gato. Bem a cara dele.

As suas passadas compridas a trouxeram para perto de mim e eu já estava devidamente irritada por ela confundir o meu sexo daquela maneira. Macho era o caramba! Alice se agachou ao meu lado, estudando-me antes de dar uma gargalhada cheia de desdém.

Rosnei da maneira mais ameaçadora que pude e ela se levantou, dando um passo para trás.

Bom. Muito bom mesmo ou eu... Eu faria o quê? A arranharia? Porque como gata esse era o máximo que eu poderia fazer.

— Bravinho, gatinho?

Gatinho é a mãe, Alice, sua nariguda!

— Vou sentar-me bem aqui — disse enquanto se sentava calmamente no sofá

que eu ocupava momentos antes, cruzando as pernas da maneira mais refinada que eu já vira. — E esperar o seu dono chegar. Temos assuntos a tratar, bichano. E cá entre nós, já que ele ia adotar um gato, ele poderia arranjar, pelo menos, um mais bonitinho ou menos estranho que você, não é mesmo?

Minha raiva era tamanha que eu mal podia me mover, emitir qualquer som ou o que fosse.

Eu era simplesmente uma gata. Podia dizer que era elegante, esperta, experiente ou qualquer outra qualidade que eu poderia achar que tinha, mas jamais seria mais do que isso: uma gata. E com aquela mulher, ainda que uma bruxa maldita, tão bonita, me dizendo que além de ser um gato, que eu era estranha e feia, fez com que a minha limitação ficasse ainda mais evidente.

Eu nunca seria mais do que uma gata. Uma felina desprezada e eterna.

Alice pegou o controle remoto de cima do sofá e se espreguiçou como uma deusa, como se tivesse todo e qualquer direito de estar ali. Para ela, intrusa, claro, era eu.

Tudo o que me restava era ficar ali, parada, observando toda a sua beleza clássica, toda a sua sofisticação, e ficando mais deprimida a cada segundo. Deitei-me em um canto do tapete, tentando ignorar o som da televisão que passava algum programa sobre a vida animal, como se Alice quisesse me afrontar ao assistir àquilo.

Uma hora inteira se passou. E eu odiei cada segundo, desejando apenas correr dali e chorar o meu próprio destino, mas me controlando como podia. Eu não estava viva por tantos anos à toa. Eu sabia me controlar e por isso continuei ali, imóvel, como se Alice não me afetasse em nada.

Quase agradeci a todos os deuses felinos por ouvir novamente o som das chaves na porta.

Eduardo não nos notou. Abriu a porta calmamente, com um sorriso confiante no rosto, que parecia dizer o quão proveitoso havia sido o seu dia na Euforic, e só depois de fechar a porta ele se virou para nós.

— O que está fazendo aqui?

A pele de Eduardo estava tão pálida que ele parecia ter visto um fantasma. A pasta caíra de suas mãos, devido ao choque. Ainda assim, sua voz estava firme, como se não estivesse chateado com a sua presença, mas apenas bravo.

— Temos que conversar.

— Acho que já disse tudo o que tinha a dizer, Alice. E um pouco mais que era completamente desnecessário, também.

Ela se levantou, empertigada, e ele se aproximou, intimidador.

— Sei que me quer de volta.

Havia quem me chamasse de egoísta e cheia de mim. Mas, certamente, essas

pessoas não conheciam Alice.

— Vá embora, por favor. Não vamos dizer mais nada que possa nos magoar mais do que já fizemos, eu te imploro.

— Se não me quer de volta, porque o seu estúdio está cheio de desenhos meus?

Esperei que Eduardo lhe respondesse à altura, mas tudo o que meu dono fez foi abaixar a cabeça, mostrando a sua derrota. Ainda que eu não soubesse como ela tinha conhecimento dos desenhos, seu argumento levara a melhor sobre Duda.

— Você ainda me ama, Eduardo.

As suas palavras não levavam qualquer sentimento bom. Pelo contrário. A frieza delas fazia parecer que era uma ofensa Eduardo ainda ser apaixonado por ela. E isso me lembrou palavras parecidas vindas de uma pessoa diferente, mas que tinham a mesma frieza. As palavras de Daniel, enquanto me colocavam para fora de sua casa e de sua vida.

— Eu ainda posso deixar de te amar.

Ainda que todos os alarmes em minha mente soassem, dizendo que eu não deveria fazê-lo, não fui capaz de voltar atrás. Me aproximei do ruivo e rocei meu corpo e rabo em sua perna. A minha tentativa mais que desajeitada de um tapa no ombro para apoiá-lo naquela discussão.

Meu dono não precisava de mais sofrimento. E Alice não merecia nem um pingo dos sentimentos profundos que Eduardo nutria por ela.

— Ninguém deixa de amar alguém, querido.

— Então isso deve significar que você nunca me amou, não é? — Alice se aproximou e o ruivo recuou, em desespero. Seus dedos despenteavam os próprios cabelos, nervoso. — Não me interessa por que você veio, eu quero apenas que devolva minhas chaves e vá embora. Por favor.

— Vamos começar de novo, tudo bem? Nós podemos fazer melhor dessa vez.

— Não somos mais um plural. É você. Sou eu. Não há mais nós, Alice. E não vai haver nunca mais. — A dor em sua voz parecia reverberar em mim.

— Você está cansado. Durma, pense bem na minha proposta e conversaremos amanhã. Pode ir me buscar no banco, se quiser. Eu sempre adorei quando você ia me buscar no trabalho.

Sem resposta da parte dele, Alice se aproximou ainda mais, segurando o rosto fino de Eduardo em suas mãos de unhas bem pintadas. A visão de seus dedos compridos e suas unhas perfeitas fez com que eu olhasse minhas próprias patas, observando triste as minhas unhas de gato. Amarelas, compridas, estranhas. Feias.

Eduardo não teve nenhuma reação quando os lábios de Alice tocaram os seus, ali, bem acima de mim, num beijo delicado demais até para a própria mulher, que não foi correspondida. E assim que separou sua boca da de Eduardo, saiu, sem olhar para nós, dando ainda mais drama à toda aquela situação.

Quando Alice abriu a porta para sair, por um instante ela olhou por cima do ombro, como no desenho que Eduardo fizera na noite anterior, dizendo:

— E quando eu voltar a morar aqui, nos livraremos deste gato feio.

Insultar Eduardo não era o bastante, claro. Alice tinha que atacar a todos ao seu redor para se sentir plena. As mãos grandes de Duda me seguraram antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, acariciando-me antes de encarar a sua ex-namorada com um brilho ameaçador no olhar.

— Ela é uma gata. Fêmea. E muito mais mulher do que você jamais será.

A risada altíssima de Alice ecoou por toda a sala, me assustando.

— Isso é uma gata de rua, Eduardo, como você tem coragem de comparar isso comigo?

Solte-me, Eduardo, eu vou enfiar as minhas unhas na cara dessa nariguda.

— Eu queria que ela fosse humana, Alice, apenas para te mostrar que qualquer mulher é melhor do que você jamais será.

Não.

Não, Eduardo, não. Você não disse isso.

Um gosto estranho de sangue encheu a minha boca e a tontura fez com que eu fechasse meus olhos, desejando que tivesse entendido tudo errado. O pânico estava começando a se alojar dentro de mim.

Ele não disse a sério, gente, foi brincadeirinha. Ele nem sabe o que está dizendo. Cabeça quente, sabem como é. Não foi a sério.

— O que disse, Eduardo? — perguntou Alice. A ira não podia estar mais presente no tom de voz da morena.

— Que eu desejo que Kitty seja humana só para te mostrar como é ser uma mulher de verdade.

Porque mesmo sendo uma gata, ela é tudo o que você não é.

Duas vezes, seu ruivo maldito? Por todos os felinos! Como ele pode fazer aquilo? Como ele pode dizer aquilo? Eduardo não tinha a mínima noção do que fazia. Ele não tinha a menor ideia do que acabara de despertar. Droga. Por que ele fizera aquela merda?

— Pois eu desejo o mesmo. E desejo que você aprenda que nenhuma mulher na face da Terra jamais vai se comparar a mim.

E sem dizer mais nada, Alice jogou as chaves de suas mãos no chão, numa saída teatral, enquanto Eduardo a observava, em silêncio.

A porta estava aberta, eu poderia quebrar minha promessa e simplesmente

fugir.

Porém, era tarde demais, meu interior já começava a se convulsionar, alertando que meu segredo estava a poucos minutos de ser exposto. Era tarde demais.



Transformada

— Eu preciso de uma bebida.

Fui colocada no chão com cuidado antes que Eduardo caminhasse cegamente para a cozinha, onde certamente estaria o álcool de que ele precisava. A sua expressão me preocupava além do que eu gostaria de admitir e, ainda que eu estivesse furiosa por ele ter proferido todas as palavras que destruiriam as nossas vidas, deixei-me segui-lo para garantir que ele não fizesse nada drástico.

Eu deveria contar quantas horas eu tinha antes de tudo começar. Os arrepios e as fisgadas no estômago eram um indicador, mas eu não conseguia prestar atenção neles quando a mágoa de Duda e todas as palavras malvadas de Alice, tanto as direcionadas a ele, quanto a mim, estavam me impedindo de fazer qualquer outra coisa que não fosse me preocupar.

Miei, alertando o ruivo de que estava chegando e o assisti virar uma garrafa azul diretamente em sua boca, pouco se importando em pegar um copo ou qualquer outro recipiente. Apesar de parecer desesperadamente triste, Eduardo não parecia capaz de machucar a si mesmo.

Não me aproximei, continuando a encarar o seu perfil, esperando que ele me notasse. Depois de alguns bons minutos, a garrafa continuou a ser esvaziada sem que um olhar sequer fosse direcionado a mim. A dor dele estava imensa e isso fazia com que meu coração se partisse em pedaços.

Se antes de conhecer Alice eu já me perguntava o que alguém tão especial como Eduardo via nela, agora, depois de ouvir a sua voz e saber o quão desagradável ela conseguia ser, me levava a pensar qual qualidade aquela mulher poderia ter para deixar meu dono entregue daquela maneira.

— Eu odeio você, Alice... Eu odeio... te amar — ele soluçava alto. Os sons eram parecidos demais com os que eu ouvira no meu beco naquela noite e, por isso, tive de sair da cozinha e o deixei sozinho. Eduardo precisava de um tempo para chorar sem alguém por perto. E eu precisava de uma saída.

A cada instante as fisgadas em minha barriga pareciam se intensificar, e a única coisa que eu sabia era que não poderia ser vista por ninguém quando tudo começasse.

Eu ainda era capaz de me lembrar o que ocorrera da última vez. Se fechasse os olhos, ainda podia sentir as ondas de horror, fúria e decepção me acertando

com força. Eu não desejava jamais ter aqueles sentimentos atirados contra mim novamente.

Nunca mais.

Arrependime de não ter conseguido fugir quando tivera a chance e, por mais que quisesse procurar uma saída, a dor da transformação começava a me fazer ficar impossibilitada de formar qualquer movimento.

Meus membros começavam a coçar e meus ossos doíam, como se alguém brincasse de puxá-los, apenas pela diversão de alongá-los.

A dor fazia com que meus olhos se fechassem. Minha boca soltava gemidos silenciosos e desesperados. Por mais que eu quisesse amaldiçoar Eduardo por ter dito as palavras proibidas, não fui capaz de juntar forças sequer para chegar até o sofá, me jogando no tapete felpudo, sentindo o meu coração bater cada vez mais depressa, apertando-se, e dando a sensação de que crescia dentro do meu peito.

Eu fizera os cálculos errado. Acreditara, fielmente, que tinha ao menos uma hora antes de tudo começar, mas estava errada. Em quinze minutos ou menos eu estaria exposta, assim como o meu segredo. Não havia nada que eu pudesse fazer para evitar isso.

Respirei fundo, desejando fazer a sensação parar. Nada aconteceu. A dor continuava. Busquei implorar aos céus, aos felinos de todas as magnitudes para que minha transformação parasse. Mas a dor continuou.

Aceitei meu destino, enfim.

Minhas unhas se encurtavam, minha pele se esticava, minhas patas doíam. A sensação era horrível, assim como indescritível. Se me rasgassem ao meio, certamente doeria menos. Se costurassem a minha pele com cerol ainda assim a dor não seria tão intensa.

Uma lágrima escapou de meu olhar e apertei ainda mais os olhos, desejando não ver a mim mesma. Desejando, de alguma maneira, não mais existir, em nenhuma das formas possíveis.

Entretanto, quando abri os olhos novamente, não havia mais dor.

E isso nunca era uma coisa boa.

Um leve desconforto ainda me assolou na forma de um arrepio discreto, mas foi apenas o indicador de que tudo havia terminado. Da pior maneira possível.

Coloquei-me de pé, na esperança de que os momentos finais e dolorosos da transformação não tivessem me feito gemer alto e atrair a atenção de Eduardo. Vê-lo era a última coisa que eu queria no momento. O som da garrafa batendo contra o mármore do balcão soou novamente e agradeci pela sua atenção estar completamente voltada para a sua própria mágoa com suas bebidas.

Um novo arrepio me percorreu e notei que estava tremendo de frio.

Meus pés não sabiam como se mover direito. Ser bípede não era uma

experiência nova, mas havia, pelo menos, cinquenta anos que eu não era transformada, então demorei alguns minutos antes de conseguir chegar até perto da porta onde o agasalho e a pasta ainda estavam caídos.

Com uma dificuldade imensa, consegui colocar os braços através das aberturas no fofo tecido azul, e quando comecei a tentar descobrir o que fazer com o zíper, a voz de Eduardo começou a soar na cozinha. Não se lamentando nem chorando, mas me chamando.

A estranheza em estar em dois pés ainda me deixava confusa. Eu parecia alta e não sabia direito como movimentar meus novos membros. A única coisa que eu podia fazer era esperar que a transformação não durasse muito.

A tela da televisão, agora desligada, refletia a minha imagem. Ali, me enxergando, nunca me senti tão consciente da minha própria figura. Foi impossível não comparar o que via com a mulher que estava naquela mesma sala há poucos minutos.

Minhas pernas nunca seriam tão longas quanto as delas, nem meus cabelos tão brilhantes, já que eles tinham aquela cor estranha e indecisa entre louro e castanho. E, ao invés de me portar segura e ereta como Alice, lá estava eu enrolada em mim mesma, vestindo apenas o agasalho de Eduardo.

Eu era ridícula como gata e ainda pior como humana.

O que meu dono pensaria quando descobrisse que sua gata havia virado uma humana no meio da sua sala? Uma humana não tão atraente e que ainda roubara suas roupas?

— Kitty, eu... — estava analisando meu corpo através do reflexo quando Eduardo apareceu na porta da sala. Os olhos vermelhos pelas lágrimas derrubadas por Alice se arregalaram ao me ver ali.

Não poderia culpá-lo. Havia uma desconhecida seminua no meio de sua sala.

— Quem é você? Como entrou aqui?

Nenhuma resposta saiu de meus lábios. Fui obrigada a abaixar a cabeça, me sentindo ainda pior do que já me sentia. A situação certamente não tinha como ficar pior.

— Eu perguntei como entrou aqui. Responda! — perguntou o ruivo, que parecia incrivelmente fora de si. O fofo e adorável Eduardo havia desaparecido e em seu lugar havia uma pessoa firme que eu desconhecia. E que eu não tinha tanta certeza assim se queria conhecer.

Porém, mais uma vez, não pude responder à sua pergunta. Assim, ele avançou pela sala em passos largos, agarrando meu braço da mesma maneira que Daniel fizera há algum tempo. Eu conhecia aquele toque, sabia como era aquela maneira de agir.

Por alguns segundos foi como se eu tivesse voltado no tempo e estivesse

diante de meu antigo dono e amor novamente, pronta para ser jogada na rua, sentindo o meu coração se despedaçar ao mesmo tempo em que a fúria de Daniel crescia.

Eu passara tanto tempo desejando encontrar uma maneira de sair da casa de Eduardo e acabara recebendo o que queria quando menos esperava. Entretanto, seus olhos não expressavam nojo como quando Daniel me enxotara. Talvez o álcool em sua mente o estivesse impedindo de entender o que realmente havia acontecido ali.

Senti a mão quente de Eduardo se fechar em meu braço e foi como se eu tivesse levado um choque. O calor de sua palma aqueceu todo o meu corpo. Pude ouvi-lo respirar fundo quando me tocou, como se a mesma onda que havia me abalado, também o tivesse atingido.

— Quem é você?

A sua voz era mais suave agora, confuso e curioso. Não tão furioso como antes, mas ainda assim, deixei que ele ficasse sem resposta.

Eduardo demorou um bom tempo encarando meus olhos antes de, finalmente, notar que eu estava seminua. Além disso, como não havia conseguido fechar o zíper do agasalho, meu corpo estava exposto aos seus olhos, que examinaram meus seios, pernas e todo o resto, fazendo com que eu ficasse completamente envergonhada.

Não pela nudez, mas por ser tão diferente de Alice. Tão patética.

— Responda — ele foi ainda mais suave dessa vez, tentando conseguir a sua resposta de outra maneira, já que a agressividade não funcionara. — O que você está fazendo nua no meio da minha casa? — Suas íris castanhas encaravam as minhas e eu devolvi o olhar com a mesma intensidade.

Seus olhos nunca estiveram tão brilhantes. E seus cabelos ruivos estavam tão deliciosamente bagunçados, me dando a certeza de que foram desordenados enquanto a bebida o ajudava a se frustrar ainda mais.

Eu tinha dedos agora. Poderia passa-los pelas mechas vermelhas se quisesse.

Oh, e eu queria!

Meu corpo humano respondia mais às minhas emoções do que meu corpo da época do golpe de 64, uma das minhas melhores transformações. Eu ainda não era muito hábil em controlar meus movimentos, na verdade, mal me lembrava como controlar meus membros, mas eles sabiam exatamente o que eu queria deles no momento.

E ainda que meu cérebro soubesse que era errado, não pude me conter.

Meus dedos tocaram o cabelo de Eduardo e o homem à minha frente me encarou com o dobro de firmeza. Não dúvida. Muito menos nojo. Apenas me encarou. E continuou com seus olhos castanhos fixos nos meus enquanto meus

dedos, que se moviam de acordo com meu coração, não minha mente, deslizavam por seu rosto, afastando mechas ruivas de sua testa, roçando suas bochechas vermelhas e passando por seu pescoço esguio, sentindo-o estremecer de leve sob meu toque. Incerta, minha mão parou em seu ombro.

— Seus olhos são como olhos de gato. São lindos.

Eu ri, e o som assustou a mim mesma. Era novo. Tão diferente dos meus sons felinos que me fez rir de novo, feliz por ouvir minha voz daquela maneira. A ironia da situação ajudou a risada a se prolongar. Eduardo não tinha ideia de que não eram apenas meus olhos que eram como os de um gato.

Levantei a cabeça para encará-lo, já na espera de um olhar confuso por ver a louca seminua rindo sem propósito algum, mas meu dono estava sorrindo.

— Eu não deveria estar aqui, bêbado, prestes a beijar a mulher mais bonita que eu já vi. Até porque, você é totalmente desconhecida e está vestindo só meu agasalho, na minha sala de estar.

A enorme quantidade de informações em uma frase só, dita naquela voz tão suave de Eduardo, tirou a minha concentração e, ainda que ele tivesse avisado suas próximas ações, não fui capaz de recuar ou pensar racionalmente.

Quando os lábios quentes de Eduardo Molina tocaram os meus, eu me senti viva como jamais me sentira.

Eu tinha lábios. E eu poderia fazer com eles mais do que Alice, a dona dos lábios que eu invejara recentemente, fizera. A boca de Duda tomou a minha inteiramente e a sua língua entrou em minha boca. Eu não sabia direito o que estava fazendo, ou porque me deixava fazê-lo, mas correspondi e me obriguei a ficar calma, mesmo com o coração palpitando alucinadamente, repetindo seus movimentos e, sem me dar conta, colocando uma mão firme ao redor do seu pescoço, deixando a outra se apoiar em seu ombro.

Eduardo e suas mãos quentes eram tudo o que eu tinha naquele momento. Seu beijo era tudo o que eu desejava. Eu era humana e, por pelo menos aqueles segundos, era de Eduardo Molina como jamais fora de mais ninguém.

Suas palmas estavam na minha cintura e ele teve de interromper o beijo por alguns segundos para elogiar a maciez da minha pele, antes de voltar a me beijar novamente, com ainda mais ímpeto dessa vez. Seus dedos estavam por dentro do agasalho, indo e vindo sobre a minha pele. Eu podia sentir acender e incendiar cada ponto onde sua pele tocava a minha.

Os beijos de Duda não eram como os beijos que eu vira na televisão mais cedo. Eram mais suaves, mais precisos, mais doces.

E então me dei conta de que poderia passar mais quatrocentos anos beijando o ruivo e ainda não me cansaria disso.

— Moça, eu...

Afastei-me de Eduardo de uma vez. O que eu estava fazendo? Eu, mais do que ninguém sabia como tudo terminava. Se forçasse a memória poderia até mesmo ouvir a voz de Daniel me colocando para fora de sua casa e de sua vida. Então por que eu estava me deixando levar daquela maneira?

Corri para perto da porta e quando estava pronta para abri-la, Eduardo me puxou, afastando-me dali. Já estava pronta para ser grosseira quando Eduardo apontou para a minha situação seminua.

— Fique aqui, eu já volto.

E ao invés de aproveitar o afastamento de Eduardo para fugir, eu simplesmente continuei ali, parada, esperando o seu retorno. O que aquele homem tinha que me deixava tão vulnerável perto dele? O que ele tinha que me fazia tão malditamente consciente de quem eu era e como isso era horrível?

O meu suposto dono não demorou, logo retornando com uma calça larga de moletom e uma camiseta do Batman que ficaria enorme no meu corpo, mas que parecia tão confortável que não tive coragem de rejeitar quando as peças foram estendidas na minha direção.

— Eu realmente não sei o que eu estou fazendo. Eu deveria perguntar porque você não me responde ou simplesmente porque está nua e como entrou aqui, mas há algo em você que não me deixa pensar direito. Como um ímã, me puxando para mais perto, fazendo minhas mãos coçarem por vontade de tocar a sua pele — Eduardo suspirou e deu um passo para trás, despenteando ainda mais o seu cabelo tão ruivo. — Eu devo estar muito bêbado.

Não resisti a sorrir enquanto segurava as roupas apertadas contra o meu peito. O cheiro dele emanava das peças e tive que admitir que, naquele momento, ele ganhara muito do meu respeito.

Naquela casa ainda havia muitas peças de Alice que poderiam servir em meu corpo melhor do que as dele, mas, ainda assim, ele pegara de suas próprias roupas para me dar. Eu e Alice não éramos a mesma pessoa e Eduardo, mesmo bêbado, não nos tratou como iguais. E isso fez toda a diferença.

Molina se virou de costas, deixando claro que desejava que eu me trocasse e, sorrindo, fiz o que ele me sugeria, retirando o seu agasalho e depois o colocando por cima da camiseta.

Quando já estava devidamente vestida, entretanto descalça, o que para mim não era nenhum problema, emiti um som estranho e isso foi o bastante para meu dono saber que eu já havia terminado. Assim, ele voltou à sua posição normal, com os olhos fixos em mim e um sorriso adorável em seus lábios.

— Eu... te levo para casa — começou ele, mas apressei-me em negar a sua oferta. Eu meio que já estava em casa. — Por que não? Você não me parece muito bem, um pouco confusa. Quem sabe, eu...

Segurei sua mão com ansiedade e fiz que não com a cabeça mais uma vez. Seu rosto assumiu um ar de compreensão e logo ele estava sorrindo, afastando a minha franja da frente dos meus olhos antes de dizer:

— Seria bem legal se você realmente falasse comigo, sabe? Eu não entendo linguagem de sinais.

Oh, como se eu entendesse.

Coloquei-me na ponta dos pés e dei um beijo em sua testa, sorrindo quando abri a porta, pronta para partir. Eu ainda estava admirando seus olhos fechados e seu sorriso dividido entre confuso e satisfeito. E, antes que pudesse alcançar a porta novamente, meu braço foi preso pelas suas mãos quentes e seus olhos puros e castanhos se perderam de novo nos meus.

— Você não pode me dizer ao menos o seu nome?

Neguei de novo e dessa vez consegui me libertar, abrindo a porta e puxando a grande tranca do portão, fechando-a atrás de mim sem sequer olhar para trás. Senti meu coração bater com tanta força que era até capaz de ser ouvido de dentro da casa.

Ainda não compreendia tudo o que tinha acontecido. Meus lábios ainda guardavam o sabor de Eduardo e suas roupas aqueciam meu corpo, deixando o seu cheiro em mim. Minha mente ainda era uma confusão, mas eu jamais havia me sentido tão bem.

Eu já havia subido grande parte da rua moderadamente iluminada, rumo à esquina e pronta para ir o mais distante que pudesse, quando ouvi um barulho em alguma das casas. Olhando para trás, notei Eduardo parado em frente ao grande portão branco, observando a minha partida.

Respirei fundo e voltei ao meu caminho, seguindo em frente e virando a tal esquina, não demorando muito para encontrar um beco, onde me joguei sentada, sorrindo.

Gostaria de pensar que a razão do meu sorriso era a minha recente liberdade, o fato de não ter mais dono ou de finalmente voltar a viver pelas minhas próprias leis, como tinha de ser para todo felino.

Mas não era.

Meu sorriso vinha da lembrança do toque de Molina e isso era mais errado do que eu poderia mensurar. Não havia porque manter qualquer doçura naquelas lembranças se a realidade me fazia perder toda e qualquer esperança de um futuro bom.

E a maior prova disso era a dor que começava em meu baixo ventre, se retorcendo, como fisgadas, me deixando saber que a transformação estava perto. Puxei meus joelhos até o peito, apoiando a minha cabeça neles, enrolando-me como uma bola e procurando nos pensamentos bons toda a força que eu

precisava para ignorar a dor que sempre acompanhava o processo de humana para felina.

O beco estava escuro o bastante para que ninguém testemunhasse o horror da minha transformação, então deixei a dor consumir meu corpo mais uma vez, sentindo minha própria carne se revirar, se dobrar, se encolher e doer.

Minhas unhas doíam, meu corpo inteiro se agitava em agonia e meus músculos e ossos pareciam ser achatados. Em questão de segundos, um novo arrepio percorreu meu corpo e, tão subitamente quanto começara, tudo terminara.

As roupas de Eduardo ficaram no chão e eu fiquei deitada por cima delas.

Novamente com pelos, um rabo e bigodes.

Novamente uma gata.

Meu lado racional me lembrava de que eu estava na rua mais uma vez. Instigando minhas patas a correrem velozes até achar um local distante o bastante de Arthur, Eduardo, Alice ou quem quer que fosse. Eu deveria correr do ruivo e das sensações maravilhosas que ele dava e tomava de mim em retorno.

Mas Eduardo precisava de mim.

Ainda que meu cérebro não pudesse ver sentido algum ou ainda uma prova do que meu coração insistia em gritar, meu instinto sabia que Duda precisava de mim. Da minha companhia e apoio, ainda que como uma gata. Coisas que Alice, a humana deslumbrante, nunca fora capaz de lhe dar.

Eduardo se tornara mais importante para mim do que eu jamais poderia prever. Suas linhas e cores haviam ganhado um grande espaço dentro do meu peito e isso não poderia estar acontecendo.

Enquanto isso, minhas patas caminhavam com calma, rua abaixo, para longe do beco, e eu tentava me convencer que a fome alguma hora ia passar. A verdade é que eu precisava imediatamente da ração suculenta de salmão, e o local mais próximo com tal iguaria era a casa coberta de hera no fim da rua.

Era a pior decisão que eu tomava na minha vida, contudo eu não conseguia me arrepender dela.

Eu, Kitty, apenas podia esperar que Eduardo fizesse minha decisão valer a pena.



Desenhada

Morar com Eduardo havia me feito perder toda e qualquer gota de dignidade que eu tinha.

Isso mesmo. Ali estava eu. Do lado de fora da casa, miando como uma desesperada até que meu dono pudesse me ouvir e abrir o portão. O muro era muito alto e eu não conseguiria escalá-lo sem a ajuda de uma árvore, ainda assim havia chovido muito durante a tarde, o que deixara o tronco escorregadio.

Claro, porque Kitty e sorte são inversamente proporcionais.

Eduardo devia ser surdo. Uma vizinha já havia aberto a janela e eu poderia jurar que um “cala a merda dessa boca” viera do alto da rua, mas meu dono ainda não se compadecera de sua pobre, e agora rouca gata, que passava frio na porta de sua casa.

Poxa, eu só queria voltar para a minha caixa quentinha.

O dia já estava amanhecendo e eu provavelmente já sofria de uma grave e desnecessária hipotermia Mesmo assim o portão não fora aberto. Eu já estava mais do que certa de que meu dono havia desmaiado bêbado no sofá e nem percebera que eu não estava na casa.

Um claro indicador, um definitivo sinal, de que eu já deveria estar bem longe daquele lugar, que eu não deveria ter retornado. Mesmo assim, lá estava eu. Morrendo de frio e me humilhando.

O que eu não fazia por um afago e meio sachê de salmão.

Meus pensamentos estavam tão direcionados para o sabor sublime da minha ração preferida, tão totalmente focada nos sons de dentro da casa, à espera do meu dono, que não me atentei aos sons da rua. Por isso, não notei quando a caminhonete branca parou ao meu lado. O dono dela sacava a chave da casa do melhor amigo de dentro do bolso de sua calça jeans um tanto justa demais.

Arthur tinha uma chave. Alice tinha uma chave. Eu achava mais do que digno me arranjarem ao menos uma mini entrada separada para a minha pessoa. Se até a megera maldita tinha livre acesso àquela casa, qual o preconceito comigo?

— Olha só quem ficou para fora essa noite! Vem, eu te levo pra dentro.

Assim que entrei na casa, deixei-me levar pelo calor acolhedor e não pensei duas vezes antes de me jogar no enorme tapete, deixando que o tecido felpudo e

quentinho fizesse a sua mágica em mim. O cansaço por miar a madrugada inteira também levou a melhor sobre mim e me rendi a ficar alguns minutos deitada, descansando, enquanto ouvia a barulheira de Arthur começar na cozinha.

Meus planos consistiam em passar, pelo menos, mais vinte minutos repousando minha cauda naquela exata posição, mas o cheiro delicioso de não sei o quê, vindo do melhor amigo de Duda na cozinha, acabou com qualquer planejamento.

Meu estomago já emitia uns sons realmente assustadores e não esperei um segundo sequer antes de correr para a cozinha, a espera de qualquer pedacinho que caísse perto de mim, sem me importar com o que era feito. Oh, pelos felinos sagrados, que fome!

A transformação sempre me deixava faminta daquela forma. Nas poucas vezes em que ela acontecera, eu me lembrava de ter comido por um batalhão de fuzileiros navais.

— Você está no cio, não está? — perguntou o cozinheiro quando comecei a rodeá-lo, à espera de comida. — Una também age assim quando está no cio. Sai e volta miando como uma desesperada, se trancando para fora do apartamento. Sem contar a fome.

Um enorme pedaço de ovo mexido caiu aos meus pés e eu quase derrubei lágrimas de contentamento. Olhei para cima e recebi um enorme sorriso de Arthur, antes de sua atenção voltar para as suas panelas. Algo do que ele parecia não se cansar nunca, já que cozinhava o dia inteiro no seu próprio restaurante, pelo que eu havia entendido de sua rotina.

— A Kittyzinha do Dudu está querendo namorar...

A canção bem humorada, mas terrivelmente desafinada, foi logo acompanhada de risadas, como se aquela fosse a coisa mais engraçada do mundo.

O ovo não durou muito, mas por sorte eu havia deixado restar um pouco de ração da noite anterior e em apenas duas lambidas, já não havia nada na tigelinha azul. Minha fome não havia se apaziguado em nada, por isso subi no balcão, esperando ser presenteada com mais algum pedaço de qualquer coisa.

Meu rabo passou suavemente no braço tatuado de Arthur, decidida a vencê-lo pelo carinho para conseguir comida e estava quase conseguindo um grande pedaço de pão e um afago na cabeça, quando a porta da cozinha, a que levava direto ao lado de fora, onde ficava o estúdio de Eduardo, foi aberta, com um ruivo cansado a atravessando.

E mesmo recebendo o pão e um carinho delicioso, vindo de uma mão grande e de toque calmo, não dei a mínima importância para isso, mais preocupada em observar os olhos castanhos e os lábios macios do meu dono, ainda me

recordando de como eles pareciam incríveis vistos de tão perto, como na noite passada.

— Eu ainda me pergunto por que você insiste nisso, Arthur Nogueira.

— Porque se eu não vier fazer o seu café, você passa o dia sem comer, preso nos seus desenhos — respondeu Arthur de maneira gentil e suave, conflitando completamente com o mau humor que Eduardo parecia estar exalando naquela manhã. — Você parece estar sofrendo com ressaca, amigão.

Eduardo simplesmente apoiou os braços no balcão, deitando a cabeça neles, completamente rendido. Enquanto isso, Arthur corria para a geladeira, juntando alguns ingredientes que talvez fossem resultar no suco roxo que eu o havia visto entregar ao meu dono na minha primeira manhã naquela casa.

— Alice veio aqui ontem.

— O quê? —a cabeça do loiro ainda estava enfiada na geladeira, então ele não escutara a declaração de Eduardo que ergueu a cabeça e a repetiu. — Mas que merda aquela vagabunda veio fazer aqui?

Oh, Arthur. A cada segundo aquele cara subia mais no meu conceito. Una era uma gata de sorte por ser da posse daquele homem.

— Ela queria conversar.

— Alice é uma vadia, Eduardo. Eu vou deixar bem claro isso, ok? Alice é uma vadia que está cansada de ralar das nove às cinco num banco lotado e quer subir na vida fácil, então ela vai arranjar um trouxa, que no caso seria você, para se apaixonar, casar e tirá-la dessa vida de miséria e ralação. Entendeu?

Se eu tivesse mãos, eu certamente estaria batendo palmas para Arthur.

— Eu não...

O cozinheiro desistiu de juntar qualquer ingrediente e fechou a porta da geladeira de uma vez, fazendo um barulho alto que quase me assustou.

— Ela chegou aqui cheia de empáfia e disse que queria voltar. Provavelmente jogou na sua cara que você ainda a amava como se deixá-lo a amar fosse um grande e nobre favor que ela te presta. Eu a conheço, sei a boa vadia que ela é.

Eu podia jurar que Alice já tentara fazer o mesmo com o próprio Arthur, mas ele fora inteligente o bastante para se afastar enquanto ainda tinha tempo, ou orgulho próprio. Eduardo não tivera a mesma sorte.

Quando a cabeça de meu dono se abaixou, confirmando sem palavras que o amigo estava certo, Arthur não teve coragem de continuar despejando a sua fúria com Alice, ainda que estivesse apenas sendo sincero. Em duas passadas largas, ele logo estava do lado de Duda, colocando uma mão em seu ombro.

— Uma hora você vai ter que superar isso.

— Sei que sim — seus olhos castanhos e intensos se ergueram. — Mas não

foi só isso que aconteceu ontem.

A expressão curiosa e ansiosa de seu amigo fez com que meu dono pedisse para esperar alguns instantes enquanto corria para o estúdio, voltando em seguida com um pedaço de papel muito grande, quase como um cartaz, virado, para que não pudéssemos ver o que estava ali.

—Estou curioso, Duda.

— Eu sei. Mas me ouça, ok? — o mau humor e o cansaço de Eduardo se foram por alguns minutos enquanto ele encarava Arthur com um brilho diferente no olhar, que o deixou ainda mais bonito do que realmente era. — Ontem, depois que a Alice se foi, eu bebi a garrafa de vodca que estava na geladeira. Talvez eu tenha bebido um pouco demais porque quando voltei para sala, tinha uma mulher aqui.

— Que mulher?

Ainda em cima do balcão, aproximei-me de onde Eduardo estava parado, em pé, segurando o papel, ansiosa para saber o que ele tinha a dizer. Louca para ouvir sua primeira impressão sobre o meu verdadeiro eu.

— Nem eu sei. Eu não a conhecia. Ela estava nua, cara, vestindo apenas o meu casaco, descalça. No meio da minha sala.

— Uou! E como ela era?

A curiosidade ainda mais forte nas palavras de Arthur levou Eduardo a virar o papel e deixar com que eu e seu melhor amigo víssemos o que havia ali. Com cores vibrantes e traços incrivelmente precisos, o ruivo tinha desenhado algo tão realista que eu nem sabia como descrever.

Os lábios, o nariz pequeno e os cabelos compridos e daquele tom intermediário entre o louro e o castanho que ele conseguira reproduzir como uma fotografia estavam ali, perfeitamente desenhados.

Era eu. Meu eu humano. Mas de alguma forma era ainda melhor, porque Eduardo fizera com que eu parecesse alguém realmente linda, com aquele olhar brilhante e felino e a pele delicada, mesmo apenas em um desenho.

— Ela parece ser uma mulher muito bonita.

— Ela era linda. Realmente linda. A mais linda que eu já havia visto.

Aquela declaração fizera algo dentro de mim se acender antes mesmo que eu pudesse tentar conter minhas próprias emoções. Eduardo me achava linda e eu sabia que se tivesse meus lábios naquele momento, certamente estaria sorrindo.

Mas a realidade logo me lembrou de quem eu realmente era. Os pelos em minhas patas não deixavam com que eu me enganasse por muito tempo. Eu tinha certeza de que quando Eduardo associasse a mulher em sua sala, a beldade em seu desenho, a quem ela realmente era, faria como Daniel e não hesitaria em me colocar para fora.

Arrepiei-me ao lembrar dos gritos de Daniel ao me jogar na rua, e logo voltei a me concentrar na conversa de Eduardo e Arthur, que agora segurava o desenho, estudando-o mais de perto.

— Preciso de mais detalhes, Molina. Ela estava mesmo nua?

Opa. Calma aí, cozinheiro. Não vá pensando besteiras porque eu era uma dama, gata ou o que quer que fosse, de família. E o respeito?

— Bem, ela estava, mas eu estava tão bêbado que dei pouca atenção — declarou o ruivo. Uma única sobrancelha de Arthur se ergueu e Eduardo ficou completamente vermelho como seu cabelo.

— É, ela tinha pernas bem legais e... Hmm... — seus dedos fizeram movimentos na frente do corpo, imitando seios e eu soube que se estivesse em minha forma humana, estaria ainda mais vermelha do que ele estava. — Mas o que me impressionou mesmo foram os olhos dela. Ela tinha olhos de gato, Tui.

— Eu estou vendo. São incríveis. Se você os desenhou tão fielmente quanto sempre faz, tenho certeza de que os olhos dela são bonitos pra caramba — Eduardo continuava vermelho, o que fez Arthur, que conhecia melhor do que eu acreditava, gritar, ensurdecendo até os vizinhos: — Oh, meu Deus, Eduardo, você transou com a garota?

— Não, eu não...

— Seu safado!

Quanto mais vermelho Eduardo ficava, mais Arthur ria e se aproximava, provocando o amigo que estava tão sem graça que começara a abanar as mãos, negando tanto com os gestos quanto com sua voz estrangulada.

— Eu só a beijei. Eu não podia... Eu nem a conhecia... Arthur eu não...

— Você a beijou?

O tom era acusatório, de brincadeira, mas tudo o que eu conseguia ver era o sorriso orgulhoso do meu dono por ter beijado a bonita garota do desenho. Por haver me beijado.

— Sim. Eu a beijei e foi incrível.

Incrível. Meu coração podia bater um pouco menos acelerado e meu rabo podia se controlar e não entregar a felicidade que aquelas simples palavras traziam ao meu corpo felino.

Eduardo se sentou à minha frente, em suas azuladas banquetas, e apoiou o rosto nas mãos, o escondendo.

— Eu nem sabia ao certo o que estava fazendo, só sabia que queria beijá-la e fiz isso. E não me arrependo um só segundo, Tui. Eu ainda posso sentir o gosto dela em mim.

Meus olhos se fecharam e tudo o que eu desejei foi poder dizer a ele que o mesmo acontecera comigo. Que seu gosto ainda estava em mim. Mas o que eu

podia fazer? Eu era apenas uma gata.

— E depois?

— Eu arranjei uma troca de roupas para ela e me ofereci para leva-la em casa, mas ela recusou, saindo daqui antes que eu pudesse organizar meus pensamentos. Daí, quando finalmente fui atrás dela, ela estava quase no fim da rua — ele fechou os olhos, talvez se recordando do momento, antes de continuar. — Ela olhou para trás, mas não voltou.

O fogo nem estava aceso mais, por isso Arthur se deu folga das panelas e assumiu verdadeiramente o papel de melhor amigo, se sentando na banqueta ao lado da de Eduardo, tentando entender a história.

Aproveitei que nenhuma das atenções estava voltada para mim e comi um bocado de bacon que estava perdido em cima da mesa, afinal, eu ainda estava com fome e ninguém se manifestara para me alimentar até aquele momento.

— Você deixou que ela fosse embora?

— O que eu poderia fazer? Eu nem a conhecia. Eu ainda não tenho a mínima ideia de como ela apareceu na minha sala.

— Você não está preocupado com ela andando por São Paulo, descalça?

— Estou, droga! — a frustração era palpável em Eduardo. — Ela não disse uma maldita palavra. A moça era um verdadeiro mistério que surgiu e desapareceu como um passe de mágica — Mais uma vez seu rosto foi oculto por suas mãos, que subiram até os cabelos ruivos para despenteá-los um pouco mais. — Eu adoraria encontra-la de novo só para ter certeza de que ela era real e não apenas um delírio bêbado.

Impossível. Aquele fora um acidente e eu tinha certeza de que não se repetiria tão cedo.

Palavras impensadas no calor do momento. Jamais aconteceria novamente.

E apenas eu sabia o quão triste isso era.

— Eu adoraria ouvir a sua voz.

Eu desejava o mesmo havia quatrocentos anos.

— Então ela era gostosa assim mesmo? — provocou o loiro.

— Demais! — a admissão saiu antes que Eduardo pudesse prever e suas bochechas ficaram rubras novamente. Se eu fosse admitir também, diria que achara aquilo um verdadeiro elogio.

Eduardo namorara Alice, a mulher mais deslumbrante que eu havia conhecido e se eu era considerada bonita para um homem que conhecera por inteiro a Rainha da Beleza, então talvez eu não fosse tão feia e estranha quanto pensava.

— Kitty, pare de comer todo o bacon!

Arthur puxou a embalagem, antes cheia de bacon, com uma careta

decepcionada, observando os dois mínimos pedaços que eu ainda não tivera tempo de abocanhar.

Eduardo aproveitou o momento para puxar-me delicadamente para um carinho no topo da minha cabeça com toda a sua peculiar delicadeza, e não resisti a me aproximar ainda mais, miseravelmente entregue.

— Acho que você não percebeu ainda, Duda, mas Kitty está no cio. É por isso que ela está comendo assim e talvez ela comece a apresentar mudanças de humor. Talvez ela até tente te morder. Uma vez Una mordeu o dedão do meu pé tão forte que até hoje eu devo ter marcas dos dentinhos dela.

Credo, Una.

Mas eu não estava no cio. Eu não tinha cios, nem nunca tivera. Era apenas a transformação que me deixava faminta. Apenas isso. Malditos humanos e suas conclusões precipitadas.

— Cio? E o que eu tenho de fazer?

Eduardo me tirou do balcão e colocou-me no seu colo, voltando a coçar meus pelos enquanto meu rosto estava perto do seu peito, deixando-me ouvir perfeitamente as batidas suaves de seu coração. Ele encarava Arthur realmente esperando alguma orientação sobre o que tinha de fazer durante o meu suposto cio. Poxa, uma gata nem podia sentir fome sem que as pessoas pensassem que ela já estava ficando louca?

— Acho que precisamos arrumar alguém para ela cruzar.

Eu iria cruzar, sim. Cruzar minhas duas patas na cara de Arthur. Pronto, ele acabara de perder todo o respeito que juntara comigo. Por todos os felinos! Não dê ouvidos a este insano, Eduardo, ele não sabe o que diz. Eu não precisava cruzar.

Não queria mais ninguém me tocando.

Não como queria Eduardo. Os beijos dele da noite passada ainda mexiam comigo e, apenas por estar em seu colo, perto demais de seus lábios, já sentia vontade de ser humana novamente, apenas para ter lábios e poder repetir tudo. Fazer tudo outra vez e poder beijar seus lábios até que eles pudessem devolver a minha capacidade de falar.

E isso era errado. Era impossível.

— Ok, então. Vamos achar um macho para Kitty.

Eduardo, não! Ruivo burro! Aquilo era absurdo. Eu não queria cruzar com ninguém. Eu não precisava de um macho. Tinha 400 anos de independência a zelar.

— Ei, acho que conheço um candidato. Ele e Kitty farão um par perfeito.

Arthur ergueu meu rosto para sorrir diretamente para mim e seus olhos se fixaram nos meus. O contato durou apenas alguns segundos, porque o loiro,

assim que penetrou meu olhar, se afastou rapidamente e se voltou ao desenho enrolado em cima do balcão. Sua boca se abriu por alguns instantes e seu cenho se franziu, observando-me com confusão antes de balançar a cabeça.

— Então você conhece um bom gato para ela?

— Oh, sim. E garanto que nenhuma gatinha cheia de marra é páreo para Marvin Padilha.

Foi a vez das minhas sobrancelhas se erguerem. Arthur realmente estava me menosprezando.

Cheia de marra, certo? Pois ele aprenderia era que ninguém era páreo para mim. Quatrocentos anos na rua tinham lá as suas vantagens.

Marrenta? Pois bem, Arthur não perdia por esperar.



Cortejada

Já era perto do horário do almoço, como declarava o meu estômago, quando uma buzina alta e estridente soou do lado de fora, tirando Eduardo de suas divagações, em cima de um caderno de desenho muito rabiscado e obrigando meu dono a ir atender quem quer que fosse a criatura impaciente que o chamava no portão de casa.

A chance era ótima para que eu me mandasse dali, entretanto, o tapete estava tão confortável que não pude me mover. Deitada sobre os pés do meu dono, notei que talvez estivesse perdendo o controle de vez, me comportando como uma submissa animal de estimação, o que eu havia jurado para mim mesma jamais fazer.

Eu culpava completamente a minha transformação pela minha súbita amabilidade e ao cansaço da dor por ficar deitada daquela maneira preguiçosa, sem vontade sequer de fugir.

Não culparia jamais meu coração que estava cada segundo mais rendido aos olhos castanhos e intensos, e às adoráveis sardas no rosto perfeito do meu dono.

— Kitty, minha linda, Marvin chegou.

Oh, droga!

Eu havia esquecido completamente das maluquices de Arthur que tinha a plena certeza de que eu estava na porcaria de um cio. E havia realmente acreditado que ele esperaria alguns dias antes de me fazer encontrar o tal macho. Mas minha ilusão não durara sequer três horas. O maldito cozinheiro havia levado o gato até lá.

O que era aquilo? Cruzada a domicílio? Disk Cruzada? Oh, que situação.

Como a teimosa que era, continuei deitada, chegando ao cúmulo de fingir estar dormindo para que Eduardo não me perturbasse, mas logo a sua risada inundou a sala e não fui capaz de continuar de olhos fechados. Havia algo que me levava a observar Duda rindo, ainda que essa visão fizesse meu coração se apertar com algo desconhecido, porém bom, eu era incapaz de desviar o olhar.

— Você é adorável quando faz pirraça, minha linda.

Eu só queria não reagir daquela forma. Eu queria ser a boa e velha gata independente, mas a cada sorriso, olhar ou simples elogios, sem qualquer esforço de Eduardo, eu me via cativa.

— Thomaz disse que vai deixar o Marvin aqui por hoje e amanhã de manhã vem busca-lo.

Por mim, pode levar de volta. Eu não estou a fim de socializar.

Entretanto, incapaz de me comunicar, apenas resmunguei e tive minha vontade contrariada, já que Eduardo tirou o gato de seu colo e o colocou na minha frente.

— Seja boa com ele, Kitty — disse meu dono. Sua grande mão fez um carinho discreto em minha cabeça, antes de voltar-se para Marvin. — E você seja um bom garoto, Sr. Padilha, faça Kitty gostar de você, cara.

Incapaz de me esconder, uma vez que o já mencionado gato estava na minha frente. Não tive como não encará-lo, notando seus pelos quase escuros, de um marrom intenso que parecia quase chocolate, mesclados com branco, e seus olhos esverdeados que me encaravam com igual firmeza.

Certo, gato. Eu sou Kitty e você não vai conseguir nenhum tipo de comunicação comigo. Agora fique aí, seja um bom garoto como Eduardo lhe instruiu, enquanto eu voltarei à minha caixa para ter uma tarde de sono incrível.

— É um prazer conhecê-la, Kitty. Eu sou Marvin Padilha.

Por todos os deuses felinos. Que brincadeira de mal gosto era aquela? Péssimo gosto, aliás.

Eu não conseguira me comunicar com outro tipo de animal em mais de quatrocentos anos e, do nada, me surgia um gato castanho que conseguia se comunicar comigo de maneira tão compreensível quanto ocorria com um humano. E ainda por cima me entendia, apenas com os meus gestos e expressões faciais? Por quê? Como?

E ainda mais com aquele sotaque português que era ao mesmo tempo fascinante e irritante.

— Você não parece ser do tipo comunicativa, não é? —disse o gato enquanto dava uma volta ao meu redor. Eu continuava de queixo caído, encarando Eduardo que nos observava discretamente, parado a uma distância segura. Ele observava os avanços de Marvin sem nem ao menos imaginar que aquilo era mais complicado do que poderia jamais supor.

— Não se preocupe, querida, eu serei um cavalheiro e deixarei que recupere sua fala antes de vir até mim. Reconheço que sou bem apessoado o bastante para lhe deixar pasma. Como você já deve saber, nossos donos esperam que nós procriemos. Podemos fazer isso ser bom para nós dois.

Arrogante. Esta fora a segunda palavra que passara pela minha cabeça. Um palavrão digno de estivador foi a primeira.

— Quer que eu deixe vocês a sós, Kitty? — meu dono perguntou ao perceber que eu ainda não havia feito um movimento sequer desde que Marvin Padilha, o

arrogante, começara o seu monólogo.

Não. Claro que eu não queria ficar sozinha com aquele desconhecido cheio de si, mas eu adoraria saber como ele conseguia se comunicar comigo quando ninguém mais havia conseguido.

Em mais de quatrocentos anos.

Miei, esperando que Eduardo compreendesse a minha negativa, mas como sempre acontecia, ele entendeu completamente o contrário. Saiu e me deixou a sós com Marvin.

— Você parece nova. Quantos anos tem?

Não é da sua conta. Pulei para o sofá, deitando-me ali, pouco me importando com a minha falta de educação.

— Eu tenho a habilidade de ficar jovem novamente. Por várias e várias vezes. Digamos que eu tirei a sorte grande com Thomaz. Ele sempre tem comida, água e leite. Além de possuir uma casa incrível. Meus conhecimentos sobre tecnologia e atualidades aumentaram significantemente desde que fui adotado por ele.

Grande conto, cara. Mas eu não me importava.

— E você, Kitty? Qual é a sua história?

A minha história? Era longa, triste e cheia de pedaços ruins. Nada novo. Mas sempre assustador e doloroso. Pronto, quatrocentos anos resumido em trinta segundos.

— Adoraria escutá-la, já que você parece ter muito a dizer — seu sotaque pareceu ainda mais intenso e eu percebi que já estava cansada de tudo aquilo.

Fechei meus olhos e Marvin se colocou no sofá, ao meu lado. Talvez aquele gato não entendesse o conceito de espaço físico necessário, entretanto eu mostraria a ele. Com minha pata traseira, afastei-o de perto de mim. Tentando deixar bem claro que não estava interessada em proximidade, intimidade ou o que quer que fosse com ele e outro felino.

Talvez com Eduardo. E isso já era horrível o bastante para que eu tornasse tudo ainda pior.

— Eu sou como você, Kitty. Somos incompreendidos. Sofremos por não conseguirmos nos comunicar, ser quem realmente somos ou queremos ser. Porém, eu sou mais velho. Posso te ajudar a passar por isso de maneira menos dolorosa.

Como? Eu havia vivido solitária por tanto tempo que nem era capaz de pensar em outro tipo de vida. Sempre pelas minhas próprias leis, acertos e erros que jamais pensara em encontrar alguém que tivesse o mesmo terrível destino que eu para entender o que estava acontecendo.

— Não fique com medo, querida. Talvez você não saiba se comunicar,

apenas — Marvin pulou de volta para o chão, andando calmamente na direção da cozinha. — Venha.

E por mais que todos os meus sentidos pedissem para que eu continuasse no mesmo lugar, deixei o receio de lado e saí do meu conforto, acompanhando o seu longo e ruivo rabo até o lado de fora, onde havia uma varanda com diversos móveis feitos de bambu, inclusive cadeiras com estofado de um azul bem claro, quase branco, que pareciam ser macias além da conta.

Ainda assim, fiquei no mesmo lugar, enquanto meu companheiro felino pulou para uma das poltronas, deixando que a luz do sol aquecesse seu rosto, fechando os olhos por alguns momentos e demonstrando o prazer que aquilo lhe trazia.

Eu nunca fora uma criatura muito diurna. Conhecendo a violência da cidade, deixava para dormir durante o dia, estando alerta quando o sol se punha, evitando qualquer surpresa. São Paulo era perigosa demais e eu havia aprendido essa lição a duras penas.

— Não sei quanto a você, mas eu sou gato mais por opção própria do que por maldição. Tive oportunidades mais do que o suficiente para reverter minha situação, entretanto, prefiro a vida assim. Ando há quase mil anos sobre quatro patas e adoro a minha vida felina. Não preciso me preocupar com coisa alguma. — Marvin fez um movimento que, se fosse humano, seria interpretado com um dar de ombros, e sua pequena boca se esgarçando num quase sorriso despreocupado. — Horários, alimentação, cuidados, carinhos. Nada. Não preciso me preocupar com nada. As transformações nunca deixam de ser estranhas, na verdade, dolorosas até. Mas eu não trocaria minha vida de gato por nada.

E eu? Eu trocaria?

O som de papéis sendo amassados veio da pequena construção no quintal e isso me levou a notar que desde que eu conhecera Eduardo, essa pergunta ficava cada dia mais difícil de ser respondida.

Sentei-me no chão, da maneira mais confortável que pude, observando Marvin continuar sua narração.

— Há cerca de mil anos, eu mexi com as pessoas erradas. Eu era o tipo de jovem tolo e mimado, que achava que podia fazer o que quisesse e sairia ileso. Bem, eu não sabia no que estava me metendo e fui transformado, como punição por meus atos. As palavras que me trazem de volta à forma humana são simples demais para serem ditas em vão, e quando aconteceu da primeira vez, não me contive. Eu realmente acreditei que estava finalmente livre e que era para sempre. — Seu rabo se abanou suavemente e Marvin lambeu sua pata antes de prosseguir. — Uma hora. Foi o tempo de correr até meu antigo lar e ser chutado quando encontraram um gato sujo em seu hall de entrada. O tempo passou, vim

para o Brasil, aprendi a depender apenas de mim mesmo e aproveitar cada vã oportunidade que me aparecia. Aprendi a me acostumar com meu modo felino de ser. Acredito que você fez o mesmo, não é? — seu olhar verde era intenso, porém doce, como se quisesse realmente me compreender. — Se habituou às suas limitações. Aprendeu novamente como viver, se alimentar e se esconder. Nós realmente nos habituamos a tudo nessa vida. Até mesmo a isso.

Assenti, sabendo o quanto Marvin estava certo. Eu havia me acostumado realmente a ser uma gata. De tal forma que às vezes nem conseguia me visualizar completamente como uma humana. E quando me via como uma mulher, não conseguia controlar meus membros, como acontecia quando era uma gata. A noite anterior com Eduardo fora uma excelente prova disso.

— E o que houve com você? Mexeu com as pessoas erradas, Kitty?

Talvez. Quem sabe eu fora inocente demais, crédula demais.

Sem que eu permitisse, as imagens passaram pela minha mente, apressadas, como se todos aqueles anos passassem em um segundo apenas, me levando a ter certeza de que certas coisas eram realmente melhores quando ficavam no passado.

Abaixei a cabeça, soltando um som parecido com um murmurar, mas levantando-a assim que pensei que aquilo poderia parecer um gesto de fraqueza. Eu não era fraca. Ninguém que passava por tudo o que eu já havia enfrentado e continuava de pé, como eu, poderia se considerar fraca ou algo do gênero.

Marvin, ao contrário de mim, era uma pessoa realmente comunicativa e passou o que pareceu ser uma grande parte da tarde contando pedaços da sua vida. Alguns relatos eram realmente tediosos e outros completamente engraçados, como a sua viagem de navio para o Brasil, pouco depois da primeira colonização do país.

— Você gostaria de falar, não é? — disse Marvin quando notou que minha boca estava aberta, mas não saia um som sequer de dentro dela. — Eu irei te ajudar, querida.

Estava pronta a dizer que não precisava de ajuda, mas ainda que não fosse capaz de proferir qualquer palavra, fui interrompida por Eduardo que parou à porta da varanda.

— E como estão indo as coisas por aqui?

O seu tom lembrava um pai zeloso questionando as intenções do pretendente de sua filha.

Marvin começou a miar, realmente entrando em seu personagem felino e depois de encará-lo, avaliando-o, Eduardo me encarou e isso foi o bastante para deixar que meu coração batesse forte, contra a minha vontade, obrigando-me a abaixar a cabeça para não revelar em meus olhos o quanto aquilo mexia comigo.

Além de morrer de medo de que, ao olhar em meus olhos e notar o quão parecido eles eram com os da mulher que conhecera na noite anterior, Eduardo finalmente se desse conta de quem eu realmente era.

— Fiz um jantar para vocês. Para ficarem mais íntimos e tudo o mais.

O quê? Eduardo estava levando aquela palhaçada de cruzamento realmente à sério? E além de tudo estava nos propondo um encontro? Aquilo não era a porcaria de um encontro. Longe daquilo.

Muito longe. Eu até achara Marvin interessante, apreciara saber que haviam mais transformados na cidade, mas parava ali. Nada de cruzamento para esta gata.

— As damas na frente, querida.

Querida, o caramba!

Ainda assim, sob o olhar atento de Eduardo, caminhei acompanhando Marvin para a cozinha, onde encontrei a cena mais adorável que eu já havia visto.

Eduardo tinha preparado todo um aparato para jantarmos, com tigelinhas de água e ração azuladas e um pequeno pote com uma flor artificial, dando um ar romântico a tudo aquilo.

Encarei meu dono soltando um miado que poderia certamente ser considerado um riso e ele pareceu tão envergonhado pela minha reação, bem como a expressão atônita de Marvin, que foi até adorável.

— Desculpa, gente. Mas achei que um clima mais romântico ajudaria Kitty a fazer isso.

Sem dizer mais nada, ainda um tanto rosado de vergonha, o ruivo saiu da cozinha, deixando eu e meu companheiro felino supostamente à vontade, sem me dar qualquer chance de dizer o que eu realmente achava de toda aquela situação.

Eu apenas queria deixar claro que jamais cruzaria com Marvin Padilha, nem que ele fosse o último humano/felino da face da Terra. Com ou sem clima romântico.

Marvin devorava a sua comida com voracidade, como se na casa dos Padilha não tivesse aquela maravilhosa ração, e eu apenas o observava incomodada com toda a situação.

— Coma, querida. Gosto de minhas mulheres bem alimentadas. E você precisará de muita energia porque a minha força humana se reflete em minha forma felina quando estou cruzando.

Eca, Marvin. Que informação desnecessária! Tentei sair dali, mas a sua pata ficou em cima da minha enquanto seu rabo se enrolava no meu. Eu não queria cruzar, não queria me socializar. Será que estava tão difícil assim de me fazer

entender?

O corpo felino de Marvin se prensou ao meu e tentei me afastar ou recuar, mas não consegui.

Um miado bem parecido com um rosnado escapou de minha garganta e Marvin roçou sua cabeça em minha garganta.

— Isso é quem você é, Kitty. Você é uma gata, nós gatos fazemos isso — disse ele. Mas eu fiz questão de arranhá-lo com minhas compridas unhas e Marvin se afastou apenas o suficiente para poder olhar em meus olhos com suas orbitas verdes e sinceras. — Não somos humanos mais, Kitty. Ainda que desejemos isso ardentemente, não somos mais do que isso: gatos. Devemos agir como tal.

Minhas orelhas caíram e quando estava pronta para me render, para ao menos tentar, algo dentro de mim lembrou-me da noite passada, quando eu estivera nos braços de meu dono, como uma humana. Aqueles sentimentos que deixavam minhas emoções mais profundas tomassem conta de minha mente.

— Eu quero te ajudar, Kitty. Deixe-me te mostrar como.

Gatos se deixavam levar pelos seus instintos. Sexo era um deles.

Ainda assim, não fui capaz de deixar Marvin prosseguir com o que quer que fosse. E antes que eu pudesse dar qualquer desculpa silenciosa, fui subitamente erguida por duas mãos fortes, que me trouxeram diante de olhos castanhos e doces que estavam trazendo toda a confusão possível para a minha vida desde que eu os encarara pela primeira vez.

— Desculpe, Marvin, mas acho que minha gata não está no clima hoje. Vamos deixar para outro dia, está bem, garotão?

Marvin tinha os pelos eriçados, demonstrando que não estava nada feliz com a interrupção de Eduardo, mas era inteligente o bastante para perceber que Duda tinha ao menos o quádruplo do seu tamanho e investir contra ele numa briga seria em vão.

Aceitando sua derrota, voltou à ração, comendo-a com gosto. Apesar do sabor do salmão ser realmente tentador, eu não sentia fome. A confusão dentro de mim era tamanha que tudo o que eu queria era fechar os olhos e rezar para que tudo acabasse.

— Você poderá ficar na caixa de Kitty, no meu quarto, por essa noite — disse meu dono ao gato castanho, mas não recebeu sequer um olhar como resposta. Assim, comigo firmemente segura em seus braços, subimos para seu quarto, e ao estarmos longe o bastante de Marvin, meu dono sussurrou entre minhas orelhas: — Acho que ele não gostou muito da minha interrupção, não é?

Não. Ele não havia gostado. Quanto a mim, eu ainda não sabia. Talvez tivesse realmente gostado de ser interrompida. Ou talvez não. E era essa

confusão tão enorme que me deixava tão mal.

Eu achava que era realmente uma gata formada, até esperta para os padrões felinos. Achava que estava devidamente habituada ao meu estilo de vida felina. Mas o que eu realmente sabia da vida como uma gata? Eu estava há quatrocentos anos apenas sobrevivendo, utilizando-me de algumas características felinas para continuar viva, mas nada além disso. Eu nunca nem sequer passara pelo cio.

Eu estava num estado onde não era nem uma mulher, nem uma gata. Mas uma aberração entre as duas formas. Então, com a presença de Marvin e Eduardo, algo dentro de mim se dividia, as duas formas indecisas, me deixando sem saber qual das duas eu deveria ser. Sem saber como qual delas deveria me portar.

Eduardo sentou-se ao meu lado na cama, retirando o caderno e uma caneta colorida do portalápis, começando a rabiscar qualquer coisa ali, levantando o olhar do desenho de tempos em tempos, como se quisesse se certificar de que eu estava ali e bem.

Isso era o que donos faziam. Preocupavam-se com seus animais, certo? Entretanto, a preocupação de Eduardo fazia outra coisa comigo. Ela deixava meu lado humano, geralmente já bem frágil, ainda mais derretido. Eu deveria pensar em Duda apenas como um dono, não como um humano pelo qual a parte mulher dentro de mim se sentia terrivelmente atraída.

Marvin não subira para o quarto ainda e eu observei a porta, perguntando-me se ele estava bem. Porque a minha parte felina desejava ser maior, desejava realmente aprender o que era ser uma gata e Marvin, alguém que entendia verdadeiramente o que era ser quem eu era, parecia ser o professor perfeito.

— Kitty, há algo que temos que conversar.

Bem, Eduardo, você fala e eu escuto. É o máximo que podemos fazer em termos de conversação, já que eu não era capaz de responder mesmo.

— Eu... bem... — Duda ajeitou o travesseiro, sentando-se eretamente na cama, deixando o seu bloco de lado para que pudesse me encarar e ter a conversa que parecia ser bem séria. — Eu achei que só teria essa conversa com uma filha, um dia... — meu dono coçou a cabeça, confuso, espalhando seus cabelos vermelhos e eu questionei seriamente a sanidade dele. — Às vezes, Kitty, os homens, ou machos no seu caso, têm... Necessidades. Eles precisam de algo que só você pode dar a eles. E só poderá dar esse algo se estiver realmente preparada.

Sério? Sério mesmo?

Meu dono estava realmente tendo A conversa comigo? Uma gata? Realmente deveria questionar a sanidade do meu dono? O nível de álcool que ele ingeria poderia estar fazendo pastel dos neurônios dele.

— Hoje você não estava preparada para Marvin, mas um dia você vai encontrar alguém para quem você estará e vocês terão vários filhotinhos juntos.

Quem mais era a favor de colocar Eduardo num centro de reabilitação para alcoólatras?

Molina puxou-me para ainda mais perto de si e mantive minha cabeça baixa, para que meus olhos não me denunciassem. Porém, seus dedos se moveram delicados pelo meu pescoço, obrigando-me a encará-lo.

— Eu estou me apegando a você, Catarina — disse brincando, inventando um nome para mim que, ao contrário do que deveria, me vi apreciando. — Estou me apegando mais do que deveria. Eu só espero que esteja gostando de mim também.

Era este justamente o problema.

Eu gostava. Gostava de mais maneiras do que eu era capacitada a gostar.

Meu rabo se enrolou em sua mão, uma vez que era impossível explicar com palavras o meu afeto, e assisti um sorriso lindo e radiante se abrir em seus lábios. Eduardo era lindo demais. De uma maneira diferente e apaixonante. Como se toda a beleza que havia dentro dele se externasse e o tornasse ainda mais belo. Era impossível de resistir.

Alice devia ser muito estúpida para deixá-lo. Se fosse eu...

— Eu também te amo, minha gatinha — sua risada adorável ecoou pelo quarto quando meu ruivo finalmente compreendeu o que o meu rabo enrolado em sua mão queria dizer. — É cedo para fazer declarações de amor assim, mas eu gosto mesmo de você. E aposto que você só gosta de mim porque é uma gata. Se fosse humana, certamente estaria longe.

Talvez. Quem poderia saber? Talvez fosse Eduardo quem estivesse longe quando descobrisse quem eu realmente era. E quem poderia culpá-lo?

— E se você fosse humana, Kitty? Você me deixaria?

Opa. Aquela foi por pouco. Era só uma suposição. Acalmem-se. Não foi dessa vez.

Eduardo deixou o seu corpo deitar-se languidamente pelo colchão e me puxou contra si, deixando meu tronco por cima do seu, enquanto acariciava os pelos da minha cabeça, com os olhos fechados, deixando que o sono que o inundava me abatesse também. Assim como o calor do seu corpo tão humano que transmitia para o meu, tão felino.

Já estava certa de que ele havia dormido quando sua voz sonolenta soou novamente.

— Eu queria que você fosse humana, minha linda. Apenas para saber se me abandonaria.

Meu corpo enrijeceu ao ouvir as palavras.

De novo, não.



Conduzida

Assim que tive certeza de que Eduardo havia realmente dormido, entrei em seu guarda roupa, certa de que lá acharia exatamente o que estava procurando. Sem pensar duas vezes, puxei o vestido de Alice de dentro do armário, com os dentes, e o arrastei pelas escadas, rezando para que dessa vez a minha transformação fosse silenciosa.

Eduardo merecia um soco no meio da boca. Como ele fora estúpido para proferir as palavras de novo?

E no momento lá estava eu, sentada na azulada banqueta da cozinha, vestindo o vestido que ficara péssimo em mim, longo e bege que me fazia parecer pálida e sem atrativos. Não que eu tivesse muitos.

Meu plano era ficar ali até que a transformação acabasse e eu pudesse voltar à minha forma felina. Além disso, aproveitaria meu tempo sozinha para pensar em alguma maneira de impedir que Eduardo utilizasse Kitty e Humana na mesma frase novamente. Ele não tinha ideia de como o processo de transformação era doloroso para me obrigar a fazer isso por duas noites consecutivas.

Minha sorte fora que a transformação daquela noite foi uma das mais silenciosas que eu já tivera, não acordando nem mesmo Marvin, que estava deitado no sofá da sala, completamente cheio de pelos dele, o que eu imaginava ser a sua noção de vingança ao meu dono.

Aqueles minutos sozinha me permitiam pensar em minhas próximas ações e, por mais que tentasse chegar a uma conclusão, minha mente continuava miseravelmente nublada. A única certeza que eu tinha era de que precisava fugir. Eu estava a apenas um passo de me prender de vez à Eduardo, o que era extremamente perigoso para nós dois.

Desviada dos meus devaneios, escutei passos lentos se aproximando da cozinha e logo notei que eles eram pesados demais para serem simplesmente de Marvin. Eu tinha perdido minha atenção por alguns minutos e não havia mais tempo de me esconder. Eduardo estava no hall e eu sequer o ouvira descer as escadas, de tão perdida em pensamentos.

Tarde demais. Já podia me ver sendo colocada porta afora, como Daniel fizera um dia. Mas, ao invés de já me preparar para a iminente partida, eu só

conseguia ficar ali, estática, esperando por Molina.

Continuei imóvel, escutando o aparelho de som da sala ser ligado com cuidado e uma música suave invadir toda a casa. Eu conhecia aquela canção. Uma das preferidas dos cantores desafinados nos fins de semana naqueles barzinhos de esquina. A música era muito boa assim, na sua versão original.

— Talvez tenha alguma mágica em você.

Minha cabeça se voltou para trás de uma vez. Perdida na melodia e na letra interessante da música, esqueci que Eduardo estava no andar de baixo e que seria questão de segundos até que ele me encontrasse. O que realmente acontecera naquele exato momento.

Sorri, como uma resposta, e não pude deixar de sentir meu coração bater mais forte.

— Eu estava pensando em você quando essa música começou — explicou meu ruivo dono enquanto se aproximava, fazendo-me recuar um pouco em minha banqueta, quase enroscando o pé no vestido longo. — Você realmente me parece do tipo que faz saídas à francesa.

Entendi logo que ele se referia à música e deixei que mais pedaços da composição entrassem em minha mente, fazendo-me fechar os olhos por alguns instantes. Quando os abri novamente, Eduardo estava ainda mais perto e fiz questão de deixar meus olhos baixos, evitando que ao olhar para eles, meu dono fizesse a comparação imediata e percebesse a verdade.

Sua mão grande e cheia de calos nas pontas dos dedos segurou meu rosto, parando tão próximo de mim que seu cheiro intoxicou todos os meus sentidos. Suave, Eduardo levantou meu rosto para que me encarar e seus olhos castanhos brilhavam mais intensamente do que nunca.

— Fiquei preocupado com você. Chegou bem à sua casa ontem? — assenti, afinal, de uma maneira ou outra, Arthur havia aberto a porta para mim naquela manhã e eu havia chego em casa. E notar que eu já considerava aquele lugar como minha casa era realmente preocupante. Sua mão continuava deslizando pelo meu rosto e seus dedos compridos aproveitavam para acariciar a minha garganta, deixando a minha pele mais quente do que o normal e a minha respiração ainda mais entrecortada. — Esse seria um bom momento para perguntar como você sempre consegue entrar na minha casa sem que eu te ouça ou veja? Eu pago uma fortuna de segurança patrimonial e você a dribla como se fosse uma brincadeira.

Ao invés de parecer bravo, Eduardo ria, e o mero som de sua risada, fez com que eu risse também. Bem, a segurança patrimonial dele estava intacta. Eu sempre conseguia entrar naquela casa porque eu jamais saíra dela.

Aos poucos, nossas risadas foram morrendo e meu ruivo simplesmente ficou

ali, encarando-me.

Sem fazer perguntas que eu não poderia responder ou dizer qualquer coisa que eu não poderia comentar. Apenas observando-me com seus cintilantes olhos castanhos enquanto eu sentia me perder e afogar dentro deles.

Outra música começou, mais uma preferida dos desafinados dos barzinhos, e uma das que eu mais gostava de ouvir nas madrugadas. Ao que parecia, uma das preferidas de Eduardo também.

— Vai parecer estranho se eu disser que adoraria dançar com você nesse momento?

Neguei veementemente. Era estranho, se fossemos realmente avaliar a situação, mas eu não me importava. Duda fazia aquilo parecer tão certo que simplesmente apoiei-me em sua mão estendida e, com toda a falta de graça que vinha junto com o meu corpo humano, demorei alguns segundos antes de desenroscar o vestido das pernas e acompanhar meu dono até o meio da cozinha, num espaço aberto que permitiria todos os nossos passos.

— Você sabe dançar, não é? — neguei mais uma vez com a cabeça, com ainda mais força dessa vez, e o ruivo ainda riu. — Como se eu soubesse! Mas não pode ser tão difícil, certo? Apenas me segure com força, eu vou tentar te conduzir.

Meu corpo foi puxado contra o seu com firmeza e seu perfume pareceu ainda mais intenso.

Vários centímetros mais baixa que ele, fui obrigada a apoiar minha cabeça em seu peito enquanto suas mãos apertavam a minha cintura. Meus braços estavam enrolados em torno do seu pescoço, como eu já observara outras pessoas fazerem, e esperei que estivesse correta em minha suposição de como me portar. O queixo levemente barbado de meu dono se apoiou no meu cabelo e mesmo sem ver o seu rosto, podia ter a mais plena certeza de que ele sorria, acima de mim.

— Apenas me acompanhe.

Rodopiamos duas ou três vezes e o vestido atrapalhou um passo mais ousado, mas logo, como uma verdadeira mágica, conseguimos nos colocar em sincronia, movendo nossos corpos com fluidez e leveza, como se fossemos um só. Deixando apenas que a voz rouca do intérprete da canção nos fizesse pensar com as palavras bonitas daquela música.

Meus olhos estavam fechados e eu podia sentir o coração de Eduardo sob a minha bochecha.

Forte. Lento. Certo. E de alguma forma irracional, meu coração começou a bater no mesmo ritmo, como dois instrumentos afinados, tocando a mesma melodia.

Seus lábios sussurravam a música com um conhecimento surpreendente e suas mãos me seguravam como se não quisesse, ou pudesse, deixar que eu me afastasse.

Foi quando notei as lágrimas em meus olhos. Elas dividiam espaço com um enorme sorriso, então não foi difícil notar que elas eram lágrimas boas. Lágrimas de felicidade. Eu, que jamais havia dançado com alguém em toda a minha existência, naquele momento dançava com o homem mais incrível e especial que eu já havia conhecido. Dançar com Eduardo Molina era diferente de todas as coisas que eu já havia sentido.

Ele era meu certo alguém. A música dizia que quando se encontra certo alguém que despertava em você um sentimento, não se deve resistir, mas se entregar. Então, se a melodia estivesse certa, eu deveria continuar exatamente onde eu estava. Me entregando, ainda que eu fizesse minha parte em resistir, em prol do meu segredo e da sanidade de meu dono, ali ainda estava eu.

Entregando-me a um certo alguém que despertava em mim todos os melhores sentimentos.

Como o amor, por exemplo.

Eu sei. Isso era algo que eu realmente não deveria sentir. Sendo uma gata como eu, o melhor seria me afastar e rejeitar a todo custo. Eu não era aquilo que se entregava a Eduardo naquele instante, então por que perder tempo sonhando se logo todas as minhas esperanças iriam se desmoronar?

Afastei-me, ainda que relutante, de Eduardo e este abaixou os olhos, notando que várias lágrimas se acumulavam em meu olhar. Antes, elas eram realmente felizes, livres pelo calor do melhor momento que eu já vivera até então, mas elas se tornaram lágrimas tristes e amargas.

E ter Eduardo à minha frente, tão lindo e humano, alheio a todo drama que me envolvia em mais de quatrocentos anos, fez com que tudo ficasse ainda mais triste, deixando-me despreparada para o que veio em seguida.

Os dedos quentes do ruivo encontraram as lágrimas que escorriam dos meus olhos. Então, suas duas mãos seguraram com força a minha cabeça e Duda limpou o meu pranto antes de prender meus lábios com os seus num beijo doce o suficiente para fazer a minha mente se liquefazer.

Sua boca tocava a minha tão suavemente quanto as asas de uma borboleta tocavam uma à outra.

A música estava terminando, mas seu calor ainda estava em mim, o que fazia com que eu me sentisse acolhida, sem razões para chorar.

Entretanto, a realidade era mais cruel e mais profunda do que se mostrava ali.

— Eu preciso saber o seu nome. Tenho que saber como se chama o certo

alguém que está mexendo comigo dessa forma.

Minha mão foi erguida até tocar o peito coberto pela camiseta de malha preta, sentindo as batidas do coração dele, agora ainda mais fortes, intensas e vibrantes sob a ponta dos meus dedos.

Aquilo era tão errado que obriguei-me a me afastar e abaixar a minha cabeça. Eduardo estava se apegando. Não apenas à Kitty gata, mas à humana. Aquilo era tão terrível! Tanto para ele quanto para mim!

Porque minhas duas metades não brigavam entre si, pela primeira vez em séculos. Dessa vez, elas estavam em total acordo: ambas queriam Eduardo Molina.

Afastei-me ainda mais, aproximando-me da sala e Eduardo não perdeu tempo em me acompanhar, tentando segurar a minha mão, mas sendo frustrado no último instante.

— Não, espera. Vamos conversar.

Sinalizei minha boca, a tampando, e isso foi o bastante para Eduardo entender que eu era incapaz de me comunicar daquela maneira.

— É, eu meio que já havia notado que você não pode falar — disse o ruivo e suas bochechas ficaram tão rubras quanto os seus cabelos. Mas ao invés de eu achar a sua expressão envergonhada estranha, eu só consegui achar o homem diante de mim ainda mais adorável.

Eduardo era perfeito demais para que eu pudesse sequer sonhar que ele poderia ser meu. De qualquer forma possível.

Com a guarda baixa, não consegui resistir quando Eduardo me puxou para um abraço forte e carinhoso. Estar nos braços daquele ruivo sempre seria a melhor coisa que eu já experimentara.

Ali, ele começou a se mover, me conduzindo novamente, dançando a qualquer música que o rádio escolhera tocar agora, chegando até mesmo a me girar, arrancando risadas altas de nós dois, antes de me ver presa em seus braços novamente.

Eu o machucaria.

Era inevitável. E era o que eu menos queria fazer em todo o universo. Eduardo tinha um coração bom e eu o esmagaria quando finalmente chegasse a hora em que minha verdadeira identidade fosse descoberta. Que tipo de pessoa era eu por fazer algo tão cruel como aquilo? Por não correr enquanto ainda tinha tempo?

E por falar em tempo, meu estomago decidira que aquele era o momento perfeito para começar a dar as suas características fisgadas, informando que meu tempo se esgotara.

Soltei-me dos braços calorosos de Eduardo e dei alguns passos hesitantes e

ágeis em direção à porta, sendo seguida por um dono muito compreensivo que entendera que eu tinha de partir.

Aceitando minha saída, ele segurou em minha mão e conduziu-me até a porta.

— Prometa que volta amanhã. Nós vamos conversar. Eu prometo que eu vou tentar. Eu vou fazer isso dar certo. — seu sorriso era enorme e seus olhos castanhos estavam ainda mais brilhantes, cheios de confiança e fé. — Eu quero fazer isso dar certo, você quer?

Mais do que tudo em minha vida.

Eu queria que desse tudo certo. E aquelas palavras surgiam do fundo do meu coração. Eu queria que tudo desse certo. Mas eu mesma sabia o quão impossível era.

— Você quer? — perguntou novamente. Nesse instante, o vento soprou meus cabelos, insuportavelmente longos naquela forma humana, fazendo-me notar o quanto estava frio do lado de fora. Mesmo assim, os braços de Eduardo continuavam me puxando para mais perto de si. Seus lábios se moviam com cuidado, pronunciando a palavra de maneira perfeita, provavelmente acreditando que eu não o ouvia muito bem.

Mesmo sabendo dos riscos, eu fui sincera.

Assenti, conhecendo o perigo. Eu disse que queria também. E aquela fora a senha para que Eduardo finalmente deixasse que eu me fosse, logo antes de meu corpo dar as fisgadas mais intensas, quase me levando a chorar de dor na frente do meu dono.

Naquela noite, meu caminho até o beco foi veloz. Meus pés praticamente não tocavam o asfalto, correndo o máximo que eu podia até chegar ao local completamente mal iluminado, sentindo as últimas pontadas de dor, e também as mais intensas, atravessarem o meu corpo, dando por completa a minha transformação.

E ali, deitada no chão sujo, sentindo a minha pele se encolher e meus ossos se achatarem, notei que a dor da transformação não era nada perto da dor em meu peito por saber que eu havia feito tudo errado. E uma agonia ainda mais cortante por saber que mesmo fazendo tudo da pior maneira, eu ainda queria um pouco mais antes de partir.

Queria mais de Eduardo, queria que ele se infiltrasse dentro de mim de tal maneira que eu nunca fosse capaz de esquecê-lo, que a presença dele se impregnasse em mim. Em qualquer forma que fosse. Mas que ele estivesse em mim.

Quando finalmente tive certeza de que meu longo rabo se abanava atrás de mim, deixei o vestido no chão, perto das roupas de Eduardo, emprestadas na

noite anterior, e com minhas quatro patas, corri de volta para casa. Sendo um pouco mais esperta e, através da árvore em frente à casa vizinha, com todas as minhas fantásticas habilidades felinas, pulei o muro para dentro da casa de Eduardo.

Infelizmente, a porta da frente estava trancada e fui obrigada a me deitar na porta, ainda que do lado de dentro dessa vez, miando alto, na esperança de que Duda ainda estivesse na sala para abrir a porta. O que foi em vão, já que a sala estava silenciosa agora. Talvez o meu dono já tivesse se recolhido.

Ainda assim, dei a volta pela casa e encontrei a janela da cozinha aberta. Indo contra todos os meus ideais, ao invés de aproveitar todas as oportunidades para fugir, eu usava a janela para entrar na casa e voltar para os braços do homem que estava se tornando alguém especial demais para que eu tivesse a mínima vontade de abandoná-lo.

A casa estava silenciosa. Marvin continuava deitado no sofá, alheio a toda cena que acontecera na sala momentos antes, estendido numa expressão de contentamento que me fez acreditar que ele tinha um sonho bom.

Subi as escadas tentando fazer o mínimo de barulho possível e encontrei meu adorável dono deitado em sua enorme e azulada cama, mas não dormindo. Seus olhos estavam abertos e fixos no abajur ao seu lado, o bloco aberto em seu colo, mas o seu pensamento muito além.

Escalei a cama, deitando-me ao seu lado, sem poder evitar minhas ações, e logo fui coberta com seu delicioso edredom azul, ouvindo a sua voz sussurrar:

— E qual será o seu nome?

Fechei os olhos e senti a tristeza e alegria me inundarem com a mesma intensidade.

O nome dela é Kitty, Eduardo. Catarina. E ela está fazendo a maior burrice de toda a sua vida ao se apegar dessa forma. Porém, nem que ela queira, ela conseguirá resistir a você.

Nem se quisesse com toda a minha força. Eu jamais resistiria a Eduardo.

Ainda de olhos fechados, me aconcheguei mais perto do meu dono, deixando o cansaço da transformação trazer os meus sonhos. Sonhos bons. E neles eu podia acreditar que havia alguma esperança para mim.

Tão diferente da realidade.



Decidida

Eduardo Molina, nós já tínhamos entrado em um acordo sobre a instalação de malditas cortinas escuras naquela porcaria de quarto.

Pelo amor de todos os felinos! Até que dia eu seria obrigada a acordar com o sol atacando a minha bela face daquela maneira? Meu dono era um cara rico, o que custava substituir as cortinas que eu havia estragado?

Credo, que avareza!

Retorcendo o meu corpo pela cama inteira, tentei me espreguiçar e, pelo menos, achar um lugar onde o sol não castigasse tanto, mas fui acordada pelo som alto da voz de Arthur Nogueira em algum lugar, cantando alguma música que eu nunca escutara antes, mas que não era uma melodia ruim.

Meu dono não estava em lugar algum do quarto e notei que eu não tinha saída a não ser descer para o café da manhã. O que meu estomago agradecia e muito, já que começara a roncar de fome.

Uma reação muito natural à transformação.

Quando finalmente cheguei à cozinha, não consegui esconder minha decepção ao não encontrar meu ruivo dono sentado em sua banqueta de sempre, conversando com seu melhor amigo. Em seu lugar havia um preguiçoso Marvin, estendido no estofado azul enquanto Arthur despejava ração em duas tigelas, provavelmente preparando o nosso café da manhã.

Fiquei parada ali por alguns segundos, esperando que Duda aparecesse de algum lugar, mas quando nada aconteceu, encarei Arthur, indagando silenciosamente que porcaria estava acontecendo.

— Você é tão óbvia, Kitty — disse ele. Se eu pudesse teria rolado os olhos. — O Duda te cativou mesmo, hein? — rindo como se não houvesse amanhã, Arthur demorou alguns minutos antes de se tocar que eu continuava com uma expressão que não deixava muitas margens para brincadeira. — Eduardo tinha coisas a acertar na Euforic e só voltará depois do almoço. Então pediu para eu alimentar vocês.

Mesmo depois de se explicar, Arthur continuou rindo da minha obviedade e notei que talvez eu tivesse me apegado demais. Se até Arthur havia notado como eu procurava por Eduardo, o que mais me faltava?

Eu poderia continuar pensando sobre a vida, o amor e as infelicidades deste,

mas quando a tigelinha cheia foi colocada na minha frente, esqueci qualquer divagação. Ainda que eu fosse uma gata elegante, quando a minha fome era gritante como naquele momento, meu nível baixava ao de um cachorro, aquele animal deprimente e sem classe.

— Certo. Você está se alimentando, Marvin também e os dois parecem seguros. Posso voltar para o meu restaurante.

O cozinheiro deu uma última olhada na cozinha, procurando ter certeza de que não esquecera de nada, voltando para perto da pia apenas para abrir a janela. Mal sabendo que estava dando a oportunidade perfeita para que eu acabasse com todos os meus problemas.

— Tchau Marvin, Tchau Kitty. Tenham lindos filhotes.

Marvin não havia dito uma só palavra desde que eu entrara na cozinha e também não dirigira o olhar para mim, talvez temendo revelar mais do que o necessário sobre a sua verdadeira identidade. E, só depois que o som da porta da frente se fechando foi ouvido, o gato castanho finalmente desceu da alta banqueta, pousando maciamente ao meu lado sobre as quatro patas.

Elegante como todo felino tem de ser.

Entretanto, o seu olhar era tão compreensivo que apenas encarar as suas íris verdes foi o bastante para me lembrar que eu não estava sozinha naquele gigante mundo cruel.

— Teve uma boa noite, querida?

Não respondi, como já era esperado. Porém, dessa vez, mesmo se eu soubesse como articular as palavras e dar voz à elas, não teria nada a dizer. Eu ainda não sabia explicar se a noite anterior fora boa ou não. Ao mesmo tempo em que estar nos braços de Eduardo fora simplesmente mágico e emocionante, saber que aquilo era impossível de se tornar real, que aquela era apenas uma fantasia temporária e que logo os pedaços ruins chegariam para estragar aquela linda lembrança, me fazia triste.

E então eu me via num impasse: ao mesmo tempo em que queria ficar ao lado de Molina, onde eu me sentia em casa pela primeira vez em anos, séculos na verdade, por outro lado eu queria ir embora, poupar nossos corações da maior dor que eles já sentiram. Poupar a mim mesma da humilhação e salvar Eduardo de toda a decepção.

— Nós somos animais, Kitty. — a voz repleta de sotaque de Marvin chamou a minha atenção, fazendo-me levantar o olhar para ele, enquanto me sentava no chão, deixando meu rabo planar antes de se assentar também. — Depois de quatrocentos anos, ou mil anos no meu caso, nós nos habituamos tanto a essa forma que em certos momentos nos esquecemos do que é ser humano. Esquecemos sentimentos e nos tornamos vítimas dos instintos. Mas você não.

Inclinei a cabeça, tentando, a partir dos gestos, perguntar o que ele queria dizer com aquela declaração.

— Eu vi vocês ontem à noite.

Marvin conhecia o meu segredo, mas agora ele sabia como eu estava fora de controle. Como eu fizera todas as coisas que eu não deveria fazer, inclusive a pior delas: render-me aos meus sentimentos e me encantar daquela forma pelo meu próprio dono.

Algo que não era tão incomum para um animal. Mas absurdamente horrível no meu caso, que nutria algo muito maior do que uma simples gratidão por ser tirada da rua. Era maior, bem maior.

Marvin se aproximou ainda mais, quase fazendo a sua cabeça roçar a minha.

— Você é uma gata, Kitty. Mesmo que uma vez tenha sido uma humana e que, ocasionalmente, se deixe transformar, não há volta para você. Eu realmente gostaria que continuasse como aquela mulher linda que eu vira na sala na noite passada, mas aquela não é você mais. Você é uma felina, Kitty. Ninguém jamais entenderá o que acontece com sua transformação. Vão chamá-la de aberração, vão humilhar você, desprezar você. E ainda que eu te conheça há algumas horas, não desejo que passe por isso. Eu já estive nesse lugar ruim, já fui humilhado, desprezado e considerado uma aberração. Foi doloroso demais para que eu deixe qualquer outra pessoa sofrer o que eu sofri. Especialmente você.

Afastei-me de Marvin, aproximando-me da janela, e observei o vento frio do começo da manhã paulista tocar meus pelos, dando um leve gosto de liberdade.

Era muito legal da parte do meu mais novo companheiro felino se importar daquela maneira, mas ele havia chegado atrasado. Eu já havia sido humilhada. Já havia passado pelo estágio de ser desprezada. Já sofrera o suficiente.

E também não era como se eu quisesse me apaixonar daquela forma por Eduardo. Acontecera.

Eu não tinha pedido para que meus sentimentos nublassem a minha razão a cada vez que os olhos castanhos e aqueles cabelos deliciosamente ruivos estavam à minha frente.

Acontecera.

— Eduardo não vai entender. Eu adoraria ser otimista, dizer que tudo irá dar certo dessa vez, que vocês farão dar certo, mas não será assim — explicou Marvin, revelando que tinha ouvido a declaração que fizemos do lado de fora da casa. Sem muitos motivos, me senti envergonhada. — Ainda que pareça gostar de você, tanto da gata quanto da humana, isso não impede que Eduardo a machuque. Ou que você o faça primeiro.

Eu sabia de tudo aquilo. Marvin não precisava gastar o seu sotaque e saliva comigo. Eu tinha a mais plena consciência de que estava apenas cavando a

minha própria cova. Mas, por mais que eu quisesse me afastar, havia algo em Eduardo que me impedia de ir longe. Ou de querer partir, de qualquer forma.

Era difícil argumentar que eram apenas a ração suculenta e o carinho que me mantinham ali.

Estava escrito na minha testa que era mentira.

— É hora de se decidir, Kitty. Não há meios termos para nós.

A pata de Marvin pousou na minha, no que deveria ser um gesto de apoio e, por aqueles instantes, deixei que ela continuasse ali.

— Você é uma gata ou não? Tem sentimentos ou instintos? Se decidires que deseja ser uma felina, estou pronto para ajudar-lhe a se adaptar. Caso seja uma humana, só posso lhe desejar boa sorte.

O que eu realmente queria?

Eu era uma gata. Há quatrocentos anos e por mais que eu acreditasse que estava em pleno controle, a verdade era que eu sempre me deixara levar pelo meu lado humano. Minha metade de outra espécie sempre vivera travando uma verdadeira guerra contra o meu lado felino. Certas vezes ganhando, em outras perdendo. Mas não havia nada que eu poderia fazer.

Havia todos aqueles sentimentos dentro de mim. Sensações que jamais me abandonaram, ainda que eu quisesse que elas se fossem. Memórias, dolorosas lembranças e sentimentos que me levavam a fazer coisas impensáveis para uma felina. Eu não conseguia ser guiada apenas pelos meus instintos.

Meu corpo poderia ser de uma gata, mas meu coração sempre seria humano.

Por mais que eu quisesse, não havia nada a fazer. Marvin sabia disso. Ele tinha de saber. Se ele era como eu, ele sabia como era doloroso viver com dois lados de si mesmo brigando, querendo assumir o controle. Sabia o quão exaustivo e complicado era. Marvin tinha de saber.

Eu não saberia ser apenas a humana. E tampouco saberia ser apenas a gata.

— Você tem de decidir. Não poderá ser humana para sempre, querida. E não pode deixar-se cativar a ponto de se render. Já pensou se descobrem o que você é? O mundo não está preparado para aceitar pessoas como nós, Kitty — sua cabeça tocou a minha e ergui meus olhos para encarar a profundeza verde e felina que eram os olhos do gato à minha frente. — Eu fiz a minha escolha e não me arrependo dela. É a sua hora de escolher, Kitty.

Marvin estava certo. Por mais que eu detestasse admitir, não poderia deixar continuar me apaixonando daquela forma. Ainda me lembrava de Daniel e de como as suas palavras ainda doíam em minha carne, como se as mágoas que ele me trouxera fossem verdadeiros cortes não cicatrizados, ardendo e de vez em quando até mesmo sangrando, apenas para me lembrar que eles ainda estavam ali. Para me lembrar de quem eu verdadeiramente era.

Uma aberração.

Eduardo não merecia que seu tão bondoso coração fosse partido por uma coisa como eu.

Não aquele homem que conseguira ser apaixonante em questão de dias. Não, Eduardo. Ele já havia se machucado o bastante com Alice para que eu o ferisse ainda mais sendo quem eu era.

Molina não precisava de ainda mais sofrimento. Eu não tinha esse direito.

— E o que me diz, Kitty? O que vai ser?

Se fosse possível, naquele momento, uma lágrima rolaria pelo meu olhar.

Porém, não havia volta.

Assenti, abaixando a cabeça na minha maneira felina, esperando que Marvin entendesse que eu não possuía outra escolha. Ninguém mais merecia sofrer com a minha maldição. Aquele era um fardo que apenas eu era obrigada a carregar.

— Há certas coisas que você precisa aprender... — começou ele, falando mais consigo mesmo do que realmente comigo. — Como a sua raça, como se portar, como deixar seus sentimentos não te influenciarem e tudo o mais. Somos gatos. Feitos de classe, estilo e instinto. Apenas isso.

Classe. Estilo. Instinto.

Empertiguei-me, tentando mostrar ao meu companheiro que eu era capaz de fazer aquilo, mas que eu só precisava de um pouco de empenho. Em um misto de sorriso e torcer de bigodes, a cauda de Marvin Padilha se entrelaçou à minha, como um gesto amigável que me deixou emocionada.

— Acredito que você seja uma manx, apesar do rabo longo, sabe. Geralmente manx não tem rabo. Você é mesmo uma raridade, garota.

Eu não tinha ideia da minha raça e fiquei repetindo a palavra manx em minha mente, tentando decorá-la. Por todos os felinos, eu vivera mesmo quatrocentos anos sem sequer saber a minha raça?

— Tudo bem, estou notando que precisarei ensinar-lhe muitas coisas a mais do que eu imaginava. Vou apenas ao quarto buscar alguns apetrechos e já retorno.

Minha cabeça se inclinou novamente, assentindo, e assisti o gato castanho sair da cozinha, deixando-me em frente à janela escancarada.

Era a minha chance.

O momento que eu havia esperado por longos dias.

Em um pulo elegante e ágil, consegui colocar-me em cima da pia. Ali seria ainda mais fácil para alcançar o gramado atrás da casa, onde ficava o estúdio de Eduardo, e partir para algum lugar longe o bastante daquela confusão. Onde eu não pudesse causar dor a mais ninguém.

Antes de partir, porém, olhei para trás.

Eu podia, sim, ser uma gata, mas meus sentimentos me venciam antes que eu pudesse sequer lutar contra eles. Por isso, me vi desde aquele momento, sentindo falta de Arthur e suas tatuagens coloridas, da forma como ele se divertia com suas panelas e como era fiel e carinhoso com o melhor amigo.

Talvez sentisse falta de Marvin. Alguém inesperado e interessante que eu adoraria conhecer melhor se a necessidade de fugir não fosse tão imperiosa naquele momento.

Mas, acima de tudo, eu sentiria falta de Eduardo. Sentiria falta de tudo que era relacionado a ele. Desde os cabelos brilhantes e vermelhos, passando pelas sardas delicadas e os olhos castanhos e doces. Sentiria falta de seu talento e de seu carinho. Sentiria falta dele.

E, justamente por isso, pulei para o gramado.

A liberdade tinha um gosto doce em minha língua, ainda que dividisse espaço com a amargura da tristeza. Eu deveria pensar que era melhor assim. A distância curaria todas as feridas.

O muro alto não foi nenhum obstáculo para minha fuga e com mais um salto impressionante, pude chegar até o meio dele, para assim escalar o resto. Já no chão, deixei que todas as imagens e lembranças daquela casa se esvanecessem enquanto minhas patas deslizavam no cimento da calçada, do lado de fora.

Porque eu sabia que Marvin tinha razão. Era hora de ser uma gata! Por isso fiz questão de deixar que minhas necessidades ficassem na frente dos meus sentimentos. Correndo pelas ruas até ter certeza de já ter passado da vizinhança de Eduardo Molina, voltei para a Avenida Paulista, sentindo a movimentação e aglomeração acalmarem a minha tristeza.

Eu tinha de fazer aquilo.

Tinha de ser uma gata e longe de Eduardo.

Para o nosso bem.



Distante

Minhas patas? Feridas.

Meu estômago? Os trovões daquela noite não se comparavam com os sons que ele fazia.

Minha mente? Completamente torturada pelas lembranças que eu fazia questão de afastar, mas que por mais que eu tentasse, nunca era bem sucedida em esquecer.

A chuva estava ficando cada vez mais forte e aproveitei o momento para me abrigar embaixo de um prédio enorme, que eu julgava ser um tribunal de justiça ou algo do gênero, julgando pela movimentação que eu vira ali. Além disso, vários homens de gravatas e mulheres com sapatos altos demais para conseguirem se equilibrar naquele piso escorregadio circulavam naquele lugar.

Acompanhando meu humor, a chuva não havia dado trégua nos últimos dias, como se o céu chorasse todas as lágrimas que eu mesma me impedia de chorar. Remoer os sentimentos não era a minha prioridade. Arrumar comida fácil e ficar longe de humanos que poderiam dizer as palavras mágicas, essas sim era prioridades.

O primeiro dia passou como o mais fácil. Lamber feridas e encontrar um pedaço de sardinha numa lanchonete suja ali por perto foram tarefas relativamente simples, considerando que eu estava me escondendo de qualquer humano em potencial. A sardinha estava péssima, mas eu não estava em posição de reclamar.

Ou sardinha ou voltar para Eduardo.

Então, até que sardinha velha me parecia bem atraente.

Minhas patas doíam demais, feridas de tanto andar. Só que, por mais que eu desejasse ter ido mais longe, não consegui. Cheguei até perto das rodovias, sendo iluminada por faróis impiedosos, mas dei-me conta - ainda bem - que não conseguiria me virar tão bem em outra cidade que não fosse São Paulo. Cogitei até mesmo tentar o interior. Diziam maravilhas de Campinas, mas voltei para a aglomeração paulista que me abrigava desde sempre.

Agora ali, sentada embaixo do estreito pedaço de telhado, tentando me abrigar das gotas de chuva que espirravam aparentemente em todas as direções, me perguntava o que me doía mais: meu estomago vazio, minhas patas,

mutiladas por andar além do necessário, ou meu coração.

Sons foram ouvidos dentro do prédio e eu me encostei perto da parede, esperando que as sombras impedissem os humanos de enxergarem minha silhueta. Era tarde, perto das oito da noite, um horário realmente estranho para ainda haver alguém dentro daquele lugar. Geralmente as pessoas chegavam ali pela manhã e saíam as cinco, sempre com alguém fazendo um pouco de hora, mas nunca até tão tarde.

Abrigar-me entre as colunas daquele prédio havia sido uma ideia realmente genial. A não ser pelo frio da madrugada que entrava impiedoso por todas as frestas. E mesmo depois de um mês ali, ainda não conseguira encontrar uma maneira de entrar no prédio e me abrigar em algum lugar onde jamais pudesse ser achada por outro ser humano.

Durante as madrugadas, eu costumava dar uma volta pela vizinhança, conhecendo seus hábitos de longe, esperando perto das lanchonetes para recolher restos de comida e comportando-me de uma maneira quase degradante. Como se sardinha velha não fosse decadente o suficiente, eu havia comido carne do lixo.

O que seria de meu estilo felino se as coisas continuassem naquele nível?

As caminhadas não ajudavam apenas em aquecer-me, já que a umidade gelada do asfalto e calçadas diminuía a queimação que eu sentia na ponta das patas. As andanças me ajudavam a pensar em qualquer outra coisa que não fosse Eduardo Molina e a dor que suas lembranças traziam.

Eu tinha que ignorar as memórias.

Sonhar acordada com meu antigo dono ruivo não era o que eu deveria fazer como uma gata. E isso era apenas o que eu precisava ser a partir de então. Eu era uma felina. Embora fosse mais forte do que eu, por diversas vezes enquanto andava me pegava desejando ter mãos, lábios e tudo o mais que fosse necessário para pertencer a Eduardo.

— Eu não te eduquei para isso. O seu futuro poderia ser brilhante!

A voz grave de algum homem realmente furioso ecoou por todo o prédio e eu mesma fiquei assustada, tendo uma breve ideia de como a pessoa com quem ele brigava devia ter sentido medo.

Mas o que quer que fosse que ocorria dentro do tribunal de justiça não era da minha conta. Por isso apoiei-me nas patas da frente, observando do meu refúgio nas sombras as pessoas atravessarem a praça em frente. Um número reduzido, já que o horário de maior movimentação já havia acabado.

Eu estava sendo muito bem sucedida em escapar dos humanos, apesar do caso com a criança.

Oh, sim. Eu não deveria ter ficado tão chateada com o acontecido. Até mesmo porque gatos não ficam chateados e eu, como uma gata, deveria me

afastar de todo e qualquer tipo de sentimento.

Mas naquela manhã, uma das mulheres de saltos altíssimos estava acompanhada de uma linda menininha que era mais esperta e observadora que a maioria e me achara em meu esconderijo, puxando-me para mais perto de si.

— Mamãe, olhe, uma gatinha! — disse a garotinha.

— Deixe-a aí, Julia, ela parece doente.

E, obedientemente, a pequena Julia atendeu ao pedido da mãe, me deixando no chão e acenou, triste, quando voltei às sombras.

Um dia eu havia me gabado de possuir charme e elegância dignos de uma felina da melhor estirpe. Esse dia havia chego ao fim. Eu era apenas uma gata suja e doente.

Eu chegara ao limite de roubar pedaços de pão que velhinhos simpáticos jogavam aos pombos.

A que maldito ponto eu havia chegado? Ao pior deles, afinal, eu deveria me lembrar de que no meu décimo dia ali, uma ratazana correra para fora do esgoto. Meu estomago se revirava apenas com a recordação da coisa nojenta que eu havia feito. Marvin dissera para que eu me levasse pelo instinto, afinal eram o que gatos faziam. E claro, gatos comiam ratos. Eu jamais faria aquilo novamente, mas eu estava com tanta fome que não fui capaz de me conter.

A vida naquele lugar era horrível. O clima chuvoso estava deixando meus pelos eriçados e ridículos. Porém, estava longe de Eduardo e isso era tudo o que importava.

Enquanto eu estivesse ali, ainda que sofrendo e me rebaixando cada vez mais, estaria segura de qualquer decepção ou coração partido. O meu apego a ele se tornara insustentável e meu segredo era cada vez mais difícil de ser guardado. Eu simplesmente não podia permanecer ao seu lado, apenas esperando pelo momento em que ele olharia em meus olhos e descobriria a verdade.

Descobriria a aberração que eu era.

Resolvi então que era hora de deixar a metade felina vencer a humana e na terceira semana eu conheci alguém.

Um gato preto, de aparência não muito confiável, mas ainda assim um gato. Não tivemos muita conversa antes de segui-lo para o que parecia ser um beco, atrás da praça. Em minha defesa, poderia lembrar que eu era incapaz de me comunicar com qualquer espécie animal e com aquele gato não fora diferente.

Como todo macho, assim que o segui, o pobre ficou todo animadinho, achando que as coisas iriam esquentar entre nós e decidiu que eu havia permitido que seu rabo ficasse roçando o meu. O que, claro, eu não havia permitido. Menos ainda gostado. Enquanto o corpo do felino se aproximava cada vez mais do meu, tudo o que eu podia pensar era em Eduardo tendo A conversa comigo,

me dizendo que eu deveria estar pronta para fazer aquilo.

E eu não estava pronta. Embora tivesse de estar. Eu precisava ser uma gata, e se aquilo era o que gatos faziam, eu tinha de fazer.

Deixei então que o gato continuasse suas tentativas de coito mal sucedidas, mas bastava fechar os olhos, buscando tornar a situação mais confortável, que os olhos castanhos de Eduardo me vinha à mente. Seus cabelos ruivos implorando para serem tocados, seu sorriso fácil se abrindo para mim, suas mãos talentosas e carinhosas...

Talvez o meu companheiro tenha ficado muito chateado por me ver afastá-lo daquela maneira e dar o fora do beco, mas eu não estava arrependida. Os gemidos revoltados que ele emitia atrás de mim não me convenceram a voltar. .

Foi quando me dei conta de que jamais estaria pronta para alguém mais que não fosse Eduardo.

Era como o salmão. Depois de comê-lo, nada se comparara àquele sabor sublime, nenhuma sardinha jamais me satisfaria, nenhum atum seria o bastante. E depois de ter as mãos e os lábios de Eduardo em mim, como eu poderia querer qualquer outro alguém? Felino ou não.

Quão insano era, da minha parte, tentar fazer com que as coisas fossem normais e felinas quando, dentro de mim, não havia qualquer nuance de instinto animal. Havia apenas sentimentos.

Os mais humanos deles.

A chuva estava ficando cada vez mais forte e os relâmpagos e trovões estavam me deixando um tanto temerosa. Junto dela, vinha um vento frio que arrepiava todos os meus pelos. Entretanto, não havia para onde fugir. Eu estava a salvo ali e, portanto, Eduardo também estava a salvo de mim e de toda a dor que eu trazia comigo.

Ambos estávamos a salvo agora.

Eu não poderia machuca-lo de onde estava. E a dor não poderia me atingir mais. Gatos não sentem dores em suas almas. Apenas dores físicas.

Eu era uma gata agora. Uma manx de rabo longo que sentia apenas dores físicas.

Mas que droga! A quem eu estava tentando enganar? Eu sentia falta de Eduardo. Mais do que eu poderia admitir. À noite, quando o frio ficava quase insuportável, eu fechava os olhos e podia sentir a sua mão grande e quente acariciando o pelo da minha cabeça daquela maneira única que só ele era capaz.

Era também quando eu percebia o quão longe ele estava e como tudo era melhor assim. Se ele havia me procurado, se em algum momento a mesma saudade que me assolava havia batido em seu peito, se por segundos que fossem, Eduardo sentira falta de sua pequena Kitty ou da moça silenciosa, eu jamais

saberia. Mas em meus sonhos, Eduardo sabia que éramos a mesma pessoa, que a sua gata altiva era a mulher a quem ele beijara com tanto ardor e, nas minhas fantasias, isso não era problema algum. Ele correspondia aos meus sentimentos mais profundos.

Sonhos e fantasias que se esvaneciam assim que eu abria os olhos e lembrava que não era nada mais do que um monstro felino.

Bem provável que Eduardo jamais me procurasse. Talvez, dentro de si, ele soubesse afinal que não éramos para ser. Nem toda a sua simpatia e amabilidade, nem toda a minha elegância e arrogância poderiam esconder a realidade: eu era algo ruim e inominável. Não uma gata, menos ainda uma humana.

Eu era simplesmente algo ruim que machucaria Eduardo. E essa era última das coisas que eu queria.

— Então é isso? Eu só posso me considerar seu filho se colocar terno e gravata e achar que sou maior que todos porque sou um homem da lei? — uma voz estranhamente familiar chamou minha atenção para a discussão que ainda continuava do lado de dentro do prédio antigo. — Ótimo, então eu não quero mesmo ser seu filho!

Os deuses felinos escolheram justamente aquele momento para me torturar e uma goteira apareceu no teto, pingando gotas frias de água bem na minha cabeça. Ir um pouco para a direita, ou esquerda não adiantaria em nada, já que a maldição da estrutura velha mostrava uma fileira de goteiras numa espécie de campo minado no teto. E os homens continuavam a discutir, para aumentar minha agonia.

— Então essa é a sua escolha? Prefere continuar insistindo nessa estupidez ao invés de assumir responsabilidades de um homem?

— Você acha que eu não tenho responsabilidades?

— Eu permiti no começo porque achei que era só uma fase. Eu acreditei que se cansaria e que assumiria o legado que os Nogueira têm nessa cidade. Mas a minha paciência acabou.

Mas que coisa! Será que aqueles dois não podiam discutir um pouco mais baixo? Ou ao menos se afastarem da porta. Ou melhor ainda, que fossem discutir na casa deles e deixasse que eu tivesse meus momentos de paz que já estavam complicados com a luta contra as goteiras.

— Não preciso da sua paciência, pai. Nem de nada que venha de você. Eu recuso essa vida que você quer para mim. E olha só, se isso é virar as costas para você, que seja! — gritou o primeiro.

Um silêncio tomou conta do lugar, até que porta se abriu de uma vez e bem no exato instante em que eu atravessava para o outro lado, fazendo com que o homem que estava tendo um desentendimento com o próprio pai encontrasse-me

em seu exato campo de visão.

— Não ouse, Arthur Nogueira. Não ouse desafiar seu próprio pai! — o rugido veio do homem alto, vestido num impecável terno preto com gravata vermelha que era uma verdadeira versão envelhecida do homem que eu conhecera na cozinha de Eduardo Molina.

Arthur escolheu justamente aquele momento para encarar o chão e sua expressão, que até segundos atrás era completamente furiosa e determinada, se abriu em surpresa e antes que pudesse correr e deixá-lo apenas com a suspeita de que havia me visto, fui pega por suas mãos firmes e quentes.

Apesar de receber um olhar duvidoso do Sr. Nogueira, não fui sequer mencionada por nenhum dos dois homens, certamente mais ocupados em terminar o seu embate do que se preocuparem com a gata suja que Arthur tinha pego, do nada.

— Não ouse! — repetiu seu pai.

— Eu parei de me importar com qualquer coisa que você diz desde que percebi que só terei algum valor para você quando for o filhinho advogado perfeito que tanto espera. Eu não sou esse cara e nem quero ser. Eu sou o chef de um dos melhores restaurantes de São Paulo e me orgulho mais do que você se orgulha dessa merda de cargo de juiz. — Arthur respondeu furioso.

Apesar da determinação em sua voz, as mãos do cozinheiro tremiam.

O frio o havia feito vestir uma jaqueta jeans, ocultando as suas coloridas tatuagens e seus cabelos estavam penteados para trás, dando a ele um ar mais rebelde do que ele realmente possuía.

— E só me chame aqui de novo, quando quiser uma feijoada típica, uma especialidade do meu restaurante, ou pelo menos o prato do dia. De outra forma, espero que eu tenha sido claro o bastante: não quero seguir seus passos. Eu já trilhei meu próprio caminho e minha jornada é longa demais para eu parar de andar agora.

E sem dizer mais nada, comigo ainda firmemente segura em seus braços, Arthur desceu a escadaria em frente ao tribunal e seguiu, descendo a rua, com o peito subindo e descendo com toda a raiva que ainda circulava em seu corpo.

— Eu deveria te dar a maior bronca da sua vida por sumir assim, Kitty — disse ele, enquanto nos aproximávamos da pick-up branca e gigantesca da qual Arthur era dono. — Mas não estou em condições. Por enquanto, apenas saiba que ficamos malucos de saudades.

A porta do carro foi aberta e eu fui gentilmente colocada no banco de passageiros, ainda atônita demais para lidar com o fato de que eu fora encontrada justamente por Arthur. De todas as pessoas que poderiam estar discutindo ali, tinha de ser justamente o cara nu da cozinha de Duda. Tinha de ser justamente o

melhor amigo do cara que eu evitava furiosamente.

Era a segunda vez que Arthur me encontrara e como ele mesmo havia dito, talvez fosse mesmo o destino. Nada me assustava mais do que o destino e todas as suas brincadeiras de mau gosto que sempre acabavam com meu coração em pedaços.

— Vai ficar tudo bem agora, Kitty. Para nós dois. Estamos indo para casa.

Casa.

Eu, que sempre fora uma gata de rua, acostumada as minhas próprias leis, finalmente tinha uma casa, um lar. Ainda que não devesse chamá-lo assim. Eu não deveria voltar, nem me dar mais uma chance porque antes mesmo da sinfonia ser tocada, eu já sabia como ela acabaria. Eu já sentia as lágrimas de vergonha e humilhação, de dor e mágoa, antes mesmo que elas escorressem. E, sinceramente? Eu não estava pronta para vê-las novamente. Não no olhar de Eduardo. Ainda assim, por mais errado que fosse, meu coração batia forte, contente.

Depois de tanto tempo distante, eu finalmente estava voltando para casa. De novo!



Desesperançada

Mesmo furioso e distraído, Arthur era um bom motorista. Não demorou muito para que o seu carro descesse pela conhecida rua de Eduardo Molina e meu coração começasse a bater cada vez mais rápido. Ansioso.

O freio de mão foi puxado com raiva e a cabeça loira do homem ao meu lado se apoiou no volante, tentando recuperar o controle. Mas depois de tudo o que eu havia presenciado, não o culpava por estar tão fora de si. Após assistir a maneira como Arthur se sentia à vontade na cozinha, como se estivesse em seu habitat natural, rodeado de panelas e talheres, era impossível vê-lo em qualquer outro lugar. Especialmente todo engravatado e dentro de um prédio como aquele em que eu passara meus últimos dias.

Arthur não havia nascido para as leis e gravatas, havia nascido para a cozinha. Como o pai dele poderia desconsiderar o talento que o filho tinha? Depois de longos minutos, o meu chef de cozinha favorito ergueu a cabeça, me encarando com seus olhos azuis brilhantes e me segurou, abrindo a porta do carro. Com todo o direito e poder de melhor amigo, abriu o portão da casa de Duda.

Meu coração, que já estava descontrolado, ficou ainda pior quando atravessamos o largo pátio a caminho da porta. Arthur estava alheio ao meu nervosismo e, para piorar a situação, ao invés de me dar alguns momentos para deixar que eu me preparasse para o reencontro tão temido, simplesmente deu a volta pela casa, indo para a construção no quintal, onde seu sexto sentido provavelmente lhe dissera que Eduardo estava por lá.

Minhas patas tremiam. Meu corpo tremia. Minha respiração estava instável. Depois de tanto tempo, eu finalmente veria Molina.

Sem dizer uma palavra, Arthur abriu a porta do estúdio, colocando-me no chão para que eu mesma pudesse tomar meu caminho até meu dono. Seus cabelos ruivos estavam ainda mais desgrenhados do que eu me lembrava, mas ainda assim, eu jamais havia visto Eduardo tão lindo.

Sua atenção estava completamente voltada para a enorme mesa, diante da qual estava sentado, desenhando como se não houvesse amanhã.

Em outra ocasião, eu poderia apreciar a decoração da sala. Todos os desenhos espalhados, a profusão de cores e todas as linhas e traços espalhados

por aquele lugar. Bem parecido com o seu quarto, mas dessa vez de uma maneira mais profissional, já que os seus lápis estavam em ordem e a mesa dava um ar mais sério ao cômodo.

Porém, naquele momento, tudo o que eu queria prestar a atenção era no meu dono e em como eu sentira a sua falta. Meus passos eram incertos e dados sem que eu sequer notasse, aproximando-me do homem que mexia comigo mais do que deveria.

Arthur continuava parado à porta, nos observando com um sorriso misterioso e quando me virei para trás, sem saber o que fazer a partir dali, o cozinheiro louro e simpático simplesmente fez um gesto para que eu continuasse, como se não tivesse nada a temer.

Mas havia. Eu era a criatura a quem todos ali deveriam temer. A pessoa que os magoaria e decepcionaria além do que poderiam imaginar. Eu os feriria. Como não podiam enxergar isso?

Novamente, Arthur fez um gesto para que eu fosse em frente e eu o fiz. Mesmo sabendo o que estava arriscando. Mesmo sabendo o que havia a perder. Eu precisava sentir Eduardo por uma última vez.

Então dei mais um passo à frente, parando ao lado de sua perna e roçando meu longo rabo em sua pele exposta pela bermuda de tecido grosso e cáqui que usava. Assustado, a sua cabeça se afastou da mesa e se inclinou, olhando para baixo na tentativa de saber o que havia causado cócegas em sua perna.

— Kitty!

A voz dele.

Meu coração bateu tão forte que não fui capaz de me mover, respirar ou sequer pensar. Apenas me mantive ali, de cabeça erguida, encarando os olhos castanhos mais lindos que os meus já viram.

O seu sorriso.

Assim que seus lábios sorriram, pronunciando meu nome mais uma vez, seu corpo se inclinou e eu não me controlei mais. Não havia como lutar contra aquilo. Eu o amava. E assim que Eduardo se inclinou para me pegar, eu mesma pulei em seu colo e deixei que seus braços me prendessem com força num abraço que me obrigou a conter todas as lágrimas que eu desejava derramar.

Lágrimas de saudade, de dor, mas, acima de tudo, lágrima de felicidade por estar novamente onde eu deveria estar.

Eu sabia que era perigoso, que eu estava me arriscando, mas quando fui erguida contra o peito do homem a quem eu amava, não resisti em esticar as patas para sentir as batidas de seu coração sob elas. Eu estava rendida.

Não havia mais fome, frio ou dor.

Não havia mais ratazanas ou gatos de rua. Todo aquele sofrimento das ruas

tinha acabado, eu havia aprendido a minha lição. Eu vivera quatrocentos anos e em todo esse tempo me envolvi demais, sendo levada pelas emoções. Mas nunca, em todos aqueles anos, eu jamais havia me sentido daquela forma.

Como se pertencesse a algo maior. Eu sentia que, ali, com ele, eu tinha um propósito para existir e que em qualquer uma das minhas formas eu pertencia a algo. Finalmente.

Eu era de Eduardo. O único humano que fizera o meu lado felino e meu lado humano entrarem em harmonia. Ele era o único capaz de me fazer querer que as duas metades fossem uma coisa inteira para que eu pudesse pertencer apenas a ele.

— Você voltou para mim, minha menina.

A maneira como ele me apertava, como sussurrava em minha orelha pontuda que sentira a minha falta... Tudo colaborava para que eu soubesse exatamente o que tinha de fazer a partir dali.

E não me arrependia em nada da minha nova decisão: eu não fugiria mais. Eu tinha um dono agora, arcaria com as consequências, se assim fosse necessário, mas não iria partir mais. Nunca mais.

Eu pertencia a Eduardo Molina. E de corpo e alma.

— O que está acontecendo aqui?

Minha cabeça se afastou do peito de Eduardo com uma violência inesperada e ele olhou na mesma direção onde eu encarava cheia de fúria. Ali, parada dentro do estúdio de meu dono, vestindo um vulgar conjunto de ginástica vermelho, estava a última mulher que eu desejaria ver.

Arthur a encarava com o mesmo olhar que eu, completamente furioso em ter aquela mulherzinha estragando o nosso momento. E ele deveria estar ainda mais furioso, afinal nem sequer tivera tempo de compartilhar com o melhor amigo o que acontecera minutos antes no tribunal de justiça.

— Como entrou aqui sem tocar a campainha? — perguntou a megera.

— Porque eu tenho a chave — respondeu o cozinheiro sem a menor simpatia. Não era novidade que meu salvador sempre tivera uma antipatia com a amada de Eduardo. Na verdade, pelo que eu me lembrava, Arthur usara até mesmo a palavra vadia para descrevê-la. — E sou desejado aqui, ao contrário de outras pessoas.

Entretanto, a atenção de Alice não estava mais centrada no loiro alto parado ao lado da porta, e sim em mim, ainda estática nos braços de Eduardo que também não fazia movimento algum, esperando o que a sua ex-namorada tinha a dizer.

— Não acredito que você trouxe essa gata suja de volta à nossa casa.

Difamação! Eu me dera severas lambidas no caminho para a casa de

Eduardo, querendo estar o mais apresentável possível para o meu dono. Ninguém poderia me chamar de suja. E, pior ainda...

Que papo era aquele de nossa casa? Aquela casa era de Duda Molina, - um pouco minha até - mas de ninguém mais.

— Ela é minha gatinha, Alice. Onde mais ela deveria ficar?

— Em um abrigo de gatos doentes. Lá é o lugar dela! — disse. De repente, Alice se virou para Arthur, certamente desejando espalhar o seu veneno para todas as direções que pudesse. — Aposto que foi você quem a trouxe de volta. A acusação apenas fez com que o loiro cozinheiro jogasse os dois braços para cima, se rendendo, mais cansado da situação do que qualquer outra pessoa.

Depois da discussão que tivera com o próprio pai, ele evidentemente não queria brigar com alguém tão baixo quanto Alice.

— Tui, você não me contou sobre... — tentou Eduardo quando Arthur simplesmente se virou, exausto o bastante para sequer se despedir. E eu, certamente, não poderia culpá-lo.

— Amanhã, ok?

E com os ombros caídos, meu cozinheiro favorito atravessou o umbral, sem nem se importar a olhar para a mulher parada em uma pose vulgar, provavelmente tendo a intenção de ser sensual. Tui foi embora sem olhar para trás, perdido nos próprios pensamentos e nos próprios dramas.

— Você vai levar essa gata embora, certo?

Errado. E da próxima, nariguda, eu prometia uma cicatriz para o resto da vida nesse rosto cheio de maquiagem. Minha paciência estava no fim com todas aquelas ofensas.

Eduardo se levantou, ainda comigo em seu colo, e atravessou o jardim, sendo seguido de perto por Alice, nos levando até a cozinha.

Ainda que eu devesse estar preocupada com a mulher atrás de nós, não conseguia deixar de sentir todas aquelas sensações bobas que me inundavam todas às vezes em que Duda me tocava.

Ele derrubava minhas defesas.

Passei meu rabo em seu rosto, numa demonstração de carinho, para que ele soubesse que talvez eu fosse mesmo uma gata suja e doente, mas eu o amava muito mais do que aquela mulher oferecida e vulgar poderia amar.

O sorriso espontâneo que eu tanto amava surgiu em seu rosto e deixei que ele me apertasse mais em seus braços, matando a saudade que tinha de mim, na mesma proporção que me fazia ter a certeza de que ele era a pessoa por quem eu estava esperando há quatrocentos anos.

Eduardo me fazia querer acreditar que era possível. Que ali, nos braços do homem por quem eu me apaixonara, havia uma esperança de que eu poderia ser

salva, de que a minha maldição poderia ser quebrada.

— Essa gata vai trazer doenças para a casa — argumentou Alice, apenas para ser impertinente.

— Ela esteve perdida por semanas, Alice. É normal que esteja desnutrida e desmazelada, mas estou certo de que ela não está doente. Só precisa de um pouco de salmão e de carinho, não é? — os olhos castanhos encararam os meus e ele sorriu. Isso foi o bastante para que eu me perdesse ainda mais.

— Não tem como você ter certeza.

— Eu marcarei uma consulta para ela amanhã, se isso a faz se sentir melhor.

Eduardo me colocou no balcão e saiu, buscando a minha tigelinha e preparando o meu prato favorito. Salmão. Como eu pudera passar tanto tempo longe? Havia coisa melhor que salmão?

Ah, havia sim! Descobri isso quando meu dono se aproximou de mim, com uma tigela de ração e outra repleta de leite, colocando-as na minha frente e fazendo um último carinho nos pelos do topo da minha cabeça. O que mais uma gata como eu poderia querer?

Porém, os braços de Alice apareceram do nada e retiraram a mão de Eduardo de minha cabeça para colocá-la em sua coxa enquanto abraçava o seu corpo como uma verdadeira amante faria.

Molina sorriu e deixou que os seus próprios braços a rodeassem e puxassem o seu corpo mais para perto do seu, aspirando o perfume de seu cabelo. Aquele gesto deixou o seu sorriso mais bobo, mais apaixonado. Alice ficou na ponta dos pés e mordeu a orelha dele, enfiando seus dedos longos pela bagunçada juba alaranjada, deixando que suas unhas arranhassem o seu couro cabeludo.

O que mais uma gata como eu poderia querer?

Ser humana. Permanentemente.

Ser humana o suficiente para não deixar que aquela megera se aproximasse do meu dono nem em outra vida. Humana o bastante para fazê-lo se apaixonar por mim e não precisar de mais ninguém. Para fazer o que Alice fazia, morder a sua orelha, arranhar a sua nuca e deslizar as pontas de seus dedos por seu peito, descendo para a sua barriga, sem pressa alguma, sabendo que o homem em seus braços não iria a lugar algum porque te amava tanto que jamais poderia sair dos seus braços.

Miei, atraindo a atenção dos dois e Eduardo atendeu ao chamado, afastando-se para que pudesse me encarar. Seus olhos brilhavam, mas não por mim.

— Seu leite está fresquinho, Kitty? Quando terminar poderá descansar um pouquinho.

A maneira doce como meu dono se dirigia a mim fazia com que fosse impossível não me apaixonar por ele cada vez mais. Quando ele me encarava

daquela maneira suave, como se eu merecesse mais consideração que qualquer outra pessoa, mesmo sendo uma maldita gata, fazia algo contorcer-se em meu peito.

— Você realmente vai deixar que essa gata more aqui, Edu? — perguntou Alice com desprezo.

— E onde mais ela moraria? — questionou ele pela segunda vez naquela noite.

— Não importa! Em qualquer lugar, mas não aqui, não onde eu esteja! — respondeu Alice, aquela vadia, me dando um leve empurrão e afastando-me das tigelas. Mesmo assim, ela deixou transparecer em sua face o nojo que sentira por me tocar.

E foi bem assim que eu perdi a cabeça.

Avancei sem pensar, arranhando seu braço com toda a força que fui capaz. Seus braços estavam nus, afinal ela vestia apenas o curtíssimo top de ginástica, deixando muita pele de fora para que eu pudesse unhar sem medo. Minhas garras pegaram bem em sua carne, ferindo do seu cotovelo até seu pulso, deixando o sangue escorrer pela parte interna do seu braço.

Uma sensação de dever cumprido! O que eu sentia certamente era uma satisfação estranha, mas boa, que me assolou. E não contive um sorriso felino quando a mulher correu para a pia, colocando o braço sob a corrente de água, enquanto Eduardo tentava ajudá-la, segurando um pano de prato, pronto para fazer o que fosse necessário.

Ela não valia nem os centavos da conta de água que ele estava gastando, então por que se importar?

— Gata maldita! — urrou depois de gemer agonizante, deixando o líquido cair em seu ferimento.

Exagerada! Nem foi um arranhão tão grande para que ela estivesse fazendo tamanho drama. E, para ser bem sincera, ela havia merecido, depois dos diversos insultos e o empurrão.

— Isso foi muito feio, Kitty. Não faça mais isso, ouviu?

Eduardo parecia mesmo muito sério e chateado quando chamou minha atenção, apontando um dedo. O jeito que ele repreendeu me encheu de culpa, fazendo com que eu abaixasse a cabeça, envergonhada. Mas não tão envergonhada assim para deixar de sentir aquela satisfação por ter deixado a minha marca em Alice. Eu podia ser uma gata suja e doente, mas agora ela teria uma boa recordação dessa felina.

— Só isso? É só isso que você vai fazer, Eduardo? — Alice virou-se furiosa para ele, espalhando água por toda a cozinha enquanto gritava a plenos pulmões, fazendo o ruivo dar um passo assustado para trás. — Essa gata maldita e doente

me dilacera o braço e tudo o que você faz é repreender como um pai molenga?!

— Ela não fez por mal. Kitty não a conhece direito, gatos se sentem ameaçados quando são atacados por estranhos. Com certeza ela viu o seu empurrãozinho como um ataque e se defendeu. Instinto animal.

A história não havia sido verdadeiramente daquela forma, mas era uma versão aceitável.

— Instinto animal? Sua gata pode ter me passado doenças, Molina! E eu tenho certeza de que isso é apenas o começo. Olhe para ela! Veja como esse animal nojento me olha. Essa gata me odeia!

Uau! Aquela era a primeira vez em que eu tinha de concordar com Alice. E duas vezes. Sim, aquele era apenas o começo. Se ela continuasse, eu não hesitaria em arranhar toda a sua cara ou esfolar a sua perna tão profundamente que sangraria por dias.

Eu também concordava com o fato de que a odiava. Não apenas por tudo o que me dizia, mas por Eduardo. Por tudo o que o fizera sofrer. Por deixá-lo perdido e destruído quando eu o conhecera.

— Impressão sua, Alice, ela...

— Não me interessa! Estou indo embora!

Alice puxou o pano de prato das mãos do meu dono e o enrolou no braço que, para o meu desprazer, nem estava sangrando tanto. Depois, virou-se para a porta, decidida a sair dali.

— Não, espera! Não vá! — Eduardo a segurou pelo braço bom e a puxou de volta para ele.

O desespero naqueles olhos escuros era tão falso que eu quis arranhar o outro braço só para me vingar. Eu queria dar a ela a mesma dor que eu sentia naquele momento ao vê-la abraçada com Eduardo.

— Não vá embora. Por favor! — ele implorou novamente.

— Não posso ficar, Edu. Não com essa gata aqui.

Seu braço se estendeu, apontando para mim, fazendo com que o seu Edu lançasse um olhar completamente confuso. Ele tentava entender o que estava se passando, mas eu já havia compreendido a situação.

Ainda que eu fosse uma simples gata, Alice estava dando o ultimato. Não com todas as letras, mas deixara claro o bastante para que até eu mesma fosse capaz de entender.

— É muito simples, Edu... — sua voz era tão doce que por alguns segundos ela conseguiu enganar até a mim. Poucos segundos. — Ou você tira essa gata dessa casa ou eu irei embora.

Eu deveria ter poupado a mim mesma da humilhação. Deveria simplesmente ter desaparecido pela porta aberta e me perdido novamente na noite. Eu já sabia

qual seria a sua decisão.

Ainda assim, eu fiquei.

Eu esperei.

Eu rezei para que algo dentro dele o fizesse ver a verdade e o levasse a entender que havia mais em mim do que os olhos poderiam ver. Como sempre, eu não deveria permitir, mas deixei que uma pequena fagulha de esperança começasse a crescer dentro de mim. Ainda assim, coloquei aquela pequena chama de confiança nas mãos dele e deixei que Eduardo decidisse o que fazer com ela.

O que seria mais importante? A gata fujona que o amava mais do que sonhara ser possível ou a vaca cruel e humana que partira seu coração?

— Ou ela, ou eu! — lembrou Alice.

Eduardo andou até mim e segurou-me com todo o carinho que era capaz. Meu interior se encheu de alívio. Era eu! Eu era a escolhida. O seu olhar encarou o meu, mas não havia nenhum sorriso em seus lábios, as suas mãos grandes rodeavam meu corpo com firmeza.

— Deus, como você está magra! Mas você será bem cuidada agora, minha menina.

Ele deveria saber que me tinha em suas mãos quando me chamava daquela maneira, quando usava aquele termo para me chamar como se eu fosse realmente digna dele. Como se eu fosse realmente dele... A sua menina.

Encarando Alice, meu ruivo dono prensou-me contra o seu peito, segurando-me em um abraço apertado. Algo deve ter sido dito, mas minha audição não pode captar o quê. O sorriso de Alice devia ter me alertado, mesmo que eu não tivesse ouvido suas palavras.

Eu estava enganada.

O sorriso dela era luminoso e radiante. Satisfeita. Como se estivesse vingada. Nenhuma palavra saiu de sua boca e nem era necessário. Seus olhos já diziam o bastante.

Fechei os meus, sentindo Eduardo se movimentar, ainda me carregando e tentei não sentir nada.

Como uma boa gata deveria ser. Talvez, sendo uma boa felina, ele mudasse de ideia e me deixasse ficar. Porém, quando seus passos não pararam e a porta da garagem foi aberta, voltei a abrir os olhos e procurei aceitar o meu destino com toda a dignidade que ainda me restava.

Eduardo não tinha mais a sua carteira de motorista, mas isso não importava quando fui colocada contra um macio banco de couro, como naquele primeiro dia. Tanta coisa havia mudado desde aquele dia. Tantas decisões haviam sido tomadas...

Mas nenhuma escolha era tão dolorosa quanto a que Eduardo tomava naquele instante. As ruas passavam por nós como borrões, devido à velocidade alta com que Molina dirigia e eu fiz o possível para não deixar que meu olhar vagasse para o homem ao meu lado. Eu não deixaria que ele visse o quanto estava me machucando naquele momento.

O carro parou tão subitamente quanto havia arrancado, deixando-me saber que havíamos chegado ao nosso destino final. Porém, ao invés de ver um decadente abrigo de gatos, vi um prédio muito elegante pintado em marfim e verde oliva.

O portão fora aberto e Eduardo caminhou para dentro do edifício sem encarar-me uma vez sequer. Eu sentia o tremer das suas mãos, mas também não fiz qualquer esforço para chamar a sua atenção. Eu precisava ser forte e não me deixar abalar.

Contudo, quando entramos no elevador, seus três dedos seguraram a minha pata, lembrando o quanto eu ficava assustada com aquela tecnologia moderna, e então não pude mais me conter. Meus olhos buscaram os seus e algo deve tê-lo atingido, já que os seus ficaram vermelhos, como se estivesse prestes a chorar, como daquela primeira vez no beco.

— Eu sinto muito, Kitty. Eu sinto tanto.

Eu também sentia. Odiava que as coisas fossem daquela maneira, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Mas ele sim... Eduardo podia até mudar de ideia, porém eu não me enganaria mais.

A decisão estava tomada, certo?

Num abraço forte, Eduardo me envolveu em seus braços, permitindo que eu sentisse o seu calor por uma última vez e, numa ânsia absurda de fazer com que ele se lembrasse de mim da melhor maneira, rocei meu focinho em sua bochecha, da forma mais próxima a um beijo que uma gata conseguiria.

O sorriso dividiu espaço com as lágrimas que agora estavam escorrendo por seu rosto, molhando suas sardas adoráveis.

— Sinto muito, minha menina. Eu pedi para que nunca me abandonasse e finalmente quando voltou para mim, sou obrigado a te deixar.

Então não deixe, Eduardo! Dê-me uma última chance. Não deixe que eu tenha tomado a decisão errada ao querer ficar ao seu lado. Não permita que eu tenha me enganado ao escolher você para pertencer.

— Perdoe-me.

Por favor, Eduardo. Por favor.

As portas do elevador se abriram e seus dedos soltaram a minha pata. Eu queria gritar, implorar, miar... Fazer o que fosse preciso para Duda entender o que eu queria: ficar com ele.

Um corredor enorme abriu-se a nossa frente e Eduardo o seguiu, parando diante de uma porta com o número 38. O ruivo bateu suavemente na madeira, certo de que seria ouvido e atendido.

Antes que a porta fosse aberta, meus olhos foram encarados pela última vez por aquela profundeza castanha. Quem abriu a porto foi Arthur, mas nós não desviamos nossos olhares. A minha pata continuava em cima da sua tatuagem.

— Eu sinto muito.

Suas mãos passaram-me para as mãos do chef de cozinha que se estenderam sem entender nada.

Mesmo assim fui recebida em seu colo, sem perguntar o que acontecia ou por que eu estava sendo abandonada. E antes mesmo que pudesse elaborar qualquer questão, Eduardo respondeu, utilizando as mesmas palavras que o próprio cozinheiro usara mais cedo:

— Amanhã, ok?

Assim, assisti Molina se afastar aos poucos, seguindo o corredor até deixar que as portas do elevador se fechassem às suas costas. Selando a sua escolha. Sem olhar para trás. A culpa era completamente minha por acreditar que poderia haver algum futuro... Por pensar que eu poderia ser amada ou libertada daquela maldição. Eu tinha acreditado que poderia haver alguma chance, qualquer mínima possibilidade, quando não havia nada.

Eu estava apenas enganada.

E, agora, abandonada.



Proposta

Ao que tudo indicava, eu era uma péssima influência. Ou pelo menos era isso que Arthur Nogueira dizia enquanto deixava duas tigelas de ração perto da janela, uma vez que Una também começara a achar a paisagem interessante, ou apenas queria me fazer mais companhia do que o recomendável. Agora, ela colava o seu focinho extremamente rosado contra o vidro e mantinha os olhos de cores diferentes sempre brilhando quando o dia estava perto do fim e as luzes começavam a se acender.

Olhando para Una e notando o quanto a vida era simples para ela, pensei que Marvin talvez tivesse razão quando dizia que eu deveria deixar meus sentimentos de lado, ainda que eu me lembrasse dos efeitos da última vez que eu tentara assumir plenamente o meu lado felina. Do nojo de comer ratos e da repulsa de tentar deixar um gato me tocar.

Eu não era felina. Definitivamente.

Tampouco era humana.

E isso era o que me dilacerava o coração. Era justamente o que me fazia tão infeliz. Não ser humana, não ter pernas, lábios ou mãos para fazer Eduardo feliz, ou pelo menos tentar ser uma opção. Porém, eu não era humana e uma hora ou outra seria obrigada a aceitar isso e seguir em frente. Assim que minhas patas parassem de arder, ou não doessem mais, eu começaria uma nova jornada.

— Era de se esperar que depois de quatrocentos anos essa vista ficasse enjoativa, não é?

O susto fez com que eu desse um pulo alto, afastando-me da janela, antes de encarar o dono da voz. Encarei o gato castanho que me analisava como se a sua presença no apartamento de Arthur fosse algo muito normal e corriqueiro.

Talvez ele e Una não se dessem tão bem, já que a gata branca saiu de perto de nós, subindo as escadas para o segundo andar do apartamento, onde ficava o quarto de Arthur, sem sequer olhar para trás.

— Aposto que perguntarás o que eu estou a fazer aqui — falou. Meu olhar deve ter parecido mais irônico do que o comum, já que Marvin riu enquanto se aproximava ainda mais da janela. — Como consegui chegar aqui não é importante, menos ainda como soube onde você estava.

Eu não sabia que percepção Marvin Padilha tinha da situação, porém, eu

achava que aquelas perguntas eram muito importantes, sim.

— Eu precisava encontrá-la de novo. Havia diversas coisas que a sua partida repentina impediu-me de dizer.

Já estava preparada para responder que eu não levava jeito para ser uma gata e que não estava interessada em tentar novamente quando Marvin, daquela maneira estranha que ele tinha de me compreender antes que eu pudesse me frustrar por não conseguir dizer, conseguiu ler em minhas expressões exatamente o que eu queria comunicar.

— Eu gostei de você, Kitty. Não apenas por sermos dois amaldiçoados eternos, mas também porque ninguém será capaz de compreender nosso infortúnio como um ao outro. Acredito que este seja um sinal de que poderíamos ser muito bons juntos.

A pata de Marvin tocou a minha e, ao contrário do que eu esperava, não me senti tão incomodada do que quando aquele gato havia me tocado antes. Talvez porque eu soubesse que Marvin era humano em essência, por isso seu toque não fosse repulsivo. Ou porque eu estava carente demais desde todo o acontecido com Eduardo e Alice.

Eu precisava me sentir querida.

Entretanto, por mais reconfortante que o toque de Marvin fosse, não se comparava ao de Duda e ao que ele era capaz de despertar. E odiei-me completamente por sequer compará-los.

— Não desejo ver-lhe ainda mais machucada, Kitty. Esse amor que sente por seu humano ruivo passou dos limites aceitáveis e seguros. Sabes que quanto mais insistir, pior ficará. Seu dono pode ser um bom rapaz, mas nunca se envolverá a uma gata amaldiçoada. Ainda que eu deseje o melhor a ti, minha querida, não quero que desperdice suas esperanças acreditando que ele poderá ser sua salvação, quando não poderá.

Eu sabia disso. E sabia que mesmo que Eduardo fosse meu príncipe encantado, aquele quem quebraria a minha maldição, ele jamais ficaria comigo. Como Daniel, ele me encararia com nojo, me chutaria, me colocaria fora da sua vida.

Fechei os olhos, praticamente podendo sentir os pontapés e ouvir os gritos de Daniel. E eu nem o amava o suficiente. Com Eduardo aquilo seria ainda pior. Os pontapés e gritos me aterrorizaram, me traumatizaram. Mas com Molina, não era apenas a minha carne que seria ferida, mas meu coração. Ele se desfaria em mil pedaços.

Um carinho delicado foi feito nos pelos da minha pata e encarei elas juntas, sem saber o que esperar daquele contato, antes de voltar meu olhar para a janela.

— É sua decisão, Kitty, se acreditas que observar essa janela durante todo o

dia, sentindo pena de si mesma é o que deveria fazer, tudo bem. Porém estou aqui para lhe ajudar. — Marvin falou com carinho. Bufei e tentei retirar minha pata da sua, porém ela estava firme sobre a minha. — Eu a entendo, Kitty. Já amei uma humana.

Meu olhar se afastou do vidro e encarei Marvin, tentando vê-lo como dono de um coração e não apenas como o felino cheio de si. Prossegui o encarando, esperando por sua história, mas não ouvi relato algum. O que ele estava esperando? Eu era uma gata curiosa e pelo que todos sabiam, curiosidade era a maior causa de morte dos felinos.

— Vamos fazer um acordo?

Eu era completamente contra acordos. Eles sempre acabavam com alguém se dando mal. E na maioria das vezes, esse alguém era eu.

— Comes um pouco, bebes o seu leite e eu lhe contarei quem era a humana e como me apaixonei por ela.

Os olhos verdes de Marvin pareciam sinceros e minha curiosidade estava cada vez maior. O gato não parecia ser do tipo que amava alguém e por mais que eu odiasse admitir, havia uma veia romântica demais no meu corpo felino que adorava ouvir histórias de amor. Mesmo as sem final feliz.

— Por favor.

Havia preocupação em sua voz e isso me tocou mais do que eu pretendia assumir. Então, elegantemente, com o rabo bem erguido, afastei-me da janela. Marvin ao meu lado parecia aliviado por eu finalmente ter me rendido e estar prestes a me alimentar. O sol brilhava forte, aquecendo a parte do carpete onde as duas tigelas estavam. Enfiei a cara no pote de salmão e engoli um pedaço, sem muita vontade, fazendo questão de mastigar com a boca bem aberta, sem a menor educação, apenas para que Marvin notasse que eu finalmente estava comendo e começasse a contar o que lhe acontecera.

— Seu nome era Patrícia.

A falta de continuidade no relato me obrigara a tomar um gole de leite, fazendo barulho para provar o que eu estava fazendo e notei que Marvin ainda me encarava, esperando que eu comesse mais do que aquilo. Mais um pedaço e um gole de leite foram necessários antes que eu finalmente pudesse ouvir mais do que ele tinha a dizer.

— A conheci na Vila Mariana. Era madrugada e eu estava transformado em humano, fumando um cigarro, um dos meus poucos prazeres humanos. Patrícia cantava Elis Regina, alto, nervosa, talvez para acalmar a si mesma. Era tarde demais para que uma moça tão bela ainda estivesse nas ruas. — Um sorriso felino se abriu em seus lábios. — Talvez fosse o destino que tenha nos colocado no mesmo lugar. Eu acreditaria se ainda possuísse qualquer fé no destino.

Sua frase me lembrava de Arthur. Ele acreditava que meu encontro com Eduardo fora destino, também. Assim como Marvin, eu não acreditava em destino. Mas sim em carma, e sabia o quanto ele poderia ser cruel. Sentia isso a cada segundo em que meu coração batia por meu ex-dono ruivo e adorável.

— Apaixonei-me assim que a vi. Havia algo de diferente naquela mulher que fazia-me sentir como se eu pudesse ser mais do que um simples amaldiçoado. Assim, comecei a me encontrar com ela em todas as madrugadas, estando no lugar certo, no momento certo. Foi apenas uma questão de tempo até que começássemos a conversar. Sentávamos em um bar, prestes a fechar as suas portas com garçons de caras fechadas, e ali conversávamos por horas. Eu sentia-me completo ao seu lado. Como se fosse forte o bastante para enfrentar qualquer coisa. Desde garçons bravos e cansados aos mil anos de maldição. Já sentiu-se assim, Kitty?

A imagem de Eduardo e eu em sua cozinha, nos beijando, fez com que eu abaixasse a cabeça.

Porque eu sabia exatamente como Marvin se sentia.

— Conhece a história da Princesa e o Sapo? — franzi os bigodes, confusa, mas não pude me lembrar. Viver nas ruas ensinava de tudo um pouco. Bastava saber escutar o que as pessoas tinham a dizer, mas admitia que ainda havia muitas coisas que eu tinha de aprender. — O conto de fadas onde o príncipe é amaldiçoado, transformado em um sapo e apenas com o beijo da princesa pode ser transformado de volta em príncipe, para que possam ficar juntos para sempre. Patrícia tinha uma queda por contos de fadas e esse era o seu preferido. — A tigela de leite foi empurrada em minha direção e depois de receber um olhar ácido de Marvin, me obriguei a beber um pouco mais.

— Pensei que era um sinal. Acreditei em destino naquele momento.

O gato ficava observando eu me alimentar, enquanto parecia viajar para outro lugar ao contar sua própria história de vida e azar.

— Em uma de nossas noites, fui ousado o bastante e a beijei. Foi a melhor coisa que fiz em toda a minha existência. Lábios são macios e viciantes, não concordas? — assenti, tentando esconder um sorriso e deixei meu companheiro felino continuar. — Era amor. Passei inúmeros dias na rua, como um gato, mal importando-me com o cansaço e a fome que vinham após a transformação, aguardando ansiosamente a noite chegar para que eu pudesse ser humano uma vez mais, para estar com Patrícia novamente. Eu ainda me recordo de como ela era suave e especial, como fazia com que eu mesmo me sentisse especial. Como se eu pudesse merecer um pouco de amor.

Eu entendia o sentimento. Bem demais, muito mais do que eu gostaria de entender.

— Um dia revelei-me a ela. Contei o que eu era realmente. Deveria ser como a Princesa e o Sapo, não é, Kitty? Eu a beijaria e tudo ficaria bem. Porém, houve gritos, afastamento, lágrimas. Como se eu fosse uma aberração. Se tudo deveria ficar bem, por que então ela chorou e gritou que eu havia mentido? Por que encarava-me como se tivesse nojo de mim e odiasse-me por ser quem eu era?

Podia sentir a dor em suas palavras como se fosse a minha própria dor. Porque, na verdade, era realmente a mesma agonia que eu sempre sentia. Era o meu maior medo. Apenas me deixar revelar novamente para ser machucada, humilhada. Classificada como uma aberração, julgada e excluída.

— Patrícia foi embora e eu continuei a seguindo por vários anos, sem que ela pudesse avistar-me. Eu observei como a mulher que eu amava cuidou para esquecer tudo o que havia acontecido. Assisti como ela se casou e teve um filho. Como Patrícia morreu. E essa foi a pior parte. — ergui os olhos para ele, notando que ali estava uma faceta de Marvin que ele certamente não mostrava a qualquer um. Talvez eu fosse realmente especial para ter aquelas informações sendo divididas comigo. — Eu a vi morrer, Kitty. Vi o seu corpo ser colocado em um caixão... E o que mais doeu em minha alma foi saber que não havia nada que eu pudesse fazer. Saber que eu passaria a eternidade lembrando da minha amada, vendo outras pessoas que me importavam, assim como ela, morrerem enquanto eu continuaria. Enquanto eu permaneço. Isso também dói em você?

Sim, doía em mim da mesma maneira. Era cruel ver aqueles a quem se amava irem embora, um a um diante dos meus olhos, e não ter absolutamente nada que pudesse ser feito para trazê-los de volta, ou partir junto com eles.

A eternidade era certamente a pior parte da maldição.

— Foi a partir desse dia que decidi não ser mais humano. As emoções de um humano machucam demais. Eu não as quero sentir nunca mais. E não quero que as sinta. Não quero que se machuque.

Por quê? Por que eu significava algo para aquele gato castanho? Com certeza as perguntas estavam escritas em meu olhar, já que Marvin respondeu:

— Eu realmente não entendo porque gosto de ti. Mas me importo e é por isso que estou aqui. Você precisa de uma chance e sinto que não lhe foram dadas oportunidades o suficiente. Você precisa seguir em frente e deixar de lado todas essas dolorosas emoções humanas. Eu estarei contigo neste desafio.

Forcei um miado que pareceu uma risada e ele fez o mesmo.

— É de conhecimento público que não sou a melhor companhia existente, mas pense bem... Poderia ser Una a lhe ensinar a ser uma gata. Eu sou sua melhor opção, querida.

Meus miados risonhos continuaram e balancei a cabeça em negativa. Não tinha nada contra a pequena e fofa gatinha no segundo andar, mas tinha certeza

de que ela não entenderia o meu problema.

— Eduardo é mortal, Kitty. Ele tem uma vida inteira pela frente e, por mais que me doa dizer isso, você não está inserida nela.

Essa verdade já me era conhecida. Ainda assim, cortou meu coração como uma faca. Eu não estava inserida na vida de Eduardo. Em minhas fantasias, já podia vê-lo se casando, tendo uma vida humana ao lado de Alice, ou de qualquer mulher merecedora de seu coração lindo. Podia vê-lo envelhecendo, indo mais longe e morrendo. Porque era isso o que acontecia com todas as pessoas. Elas morriam.

Diferente de Marvin e eu.

— A decisão cabe a você, Catarina.

E naquele momento eu sabia que era para valer. Podia continuar chorando pela porcaria de destino que tinha, esperando em vão que Eduardo entendesse que Alice não era o seu verdadeiro amor e viesse me levar para ficar ao seu lado. Ou poderia seguir em frente. Ser realmente uma gata, assim como Marvin escolhera.

— Eu estarei ao seu lado. Não somos como o sapo dos contos de fadas, minha cara. Poderemos tentar ter o beijo mágico e em alguns momentos até ter uma ponta de esperança num tocar de lábios qualquer. Porém, jamais seremos mais do que isso: gatos.

As palavras de Marvin só fizeram-me sentir ainda mais estúpida por tentar significar mais do que uma simples gata para Eduardo. Ele podia ter me beijado duas vezes e até ter achado minha versão humana atraente, mas nunca me escolheria a Alice. Ele não trocaria aquela megera pela gata.

Mesmo que as duas versões de mim o amassem enlouquecidamente, nenhuma delas poderia tê-lo.

— Não a deixarei. Eu lhe ensinarei tudo o que precisar saber. Basta decidir se quer ser uma gata ou continuar sendo massacrada por esses sentimentos. — ele se aproximou, tirando as tigelas vazias de perto de nós com as patas. Seu rabo tocou o meu e eu não tive vontade de me afastar. — Eu ainda não entendo porque a aprecio, Kitty, uma vez que você não dá muitas razões para que alguém o faça. Mas eu gosto de ti, mesmo assim, e quero dar uma chance de te fazer uma gata para que possamos ficar juntos. Não poderemos ter nossos príncipes e princesas, mas ainda poderemos ter um ao outro.

Mais uma vez a sua pata estava em cima da minha, tocando-me com ternura e me dando uma prévia de como seria viver ao seu lado. Abaixei a cabeça até que a minha testa estivesse na curva de seu pescoço. O seu rabo se enrolou no meu e essa foi a minha maneira de deixá-lo saber, silenciosamente, sobre a minha decisão.

Eu não precisava mais encarar a janela para observar o mundo mudar. Eu mesma faria minhas próprias mudanças nele. Para isso eu tinha que me dar a oportunidade. Eu não ganhara uma chance de Eduardo, mas ganhava uma proposta bem tentadora de Marvin. Por que não aproveitar?

Não havia final feliz para mim, de qualquer forma. Gatas como eu sequer poderiam ter um final.

Talvez o destino estivesse à favor de ambos daquela vez e poderíamos dar certo.

— Um dia. Dê-me vinte e quatro horas para mostrar-lhe que podemos ser bons juntos.

Com a cabeça baixa, bastou fechar os olhos para que a recordação dos dedos trêmulos e quentes de Eduardo, me passando para as mãos estendidas de Arthur, me lembrasse que o próprio ruivo havia feito as suas escolhas.

Era hora de fazer as minhas.

— Um dia, Kitty. Eu tenho um ponto positivo ao meu favor: eu jamais lhe machucaria. Eu sei exatamente o que você é, que é o mesmo que sou. Isso pode dar certo, não?

Poderia dar certo? Eu não sabia, mas tinha de lhe dar algum crédito. Nós sabíamos o que o outro era. Sabíamos até onde podíamos ir, porque éramos a mesma coisa. Teríamos o mesmo fim.

Um dia era tudo o que Marvin teria.

Rocei meu nariz no focinho gelado de Marvin, esperando que o destino fizesse o seu melhor por mim, por Eduardo e pelo gato à minha frente. Então, aceitei a sua proposta.



Amada

Nunca, em todos os meus quatrocentos anos, agradeci tanto por não ser capaz de me comunicar. Nunca.

Eu já estava na companhia de Marvin há mais de doze horas e, a cada segundo, mais e mais entediada. Se eu fizesse uma lista de todos os dias mais chatos da minha vida, aquele estaria em primeiro lugar. E eu devia tudo à Marvin Padilha.

Como um verdadeiro cavalheiro, o felino insistente fora me buscar em casa e me ensinara como entrar e sair do apartamento de Arthur com facilidade. As janelas do segundo andar costumavam ficar sempre abertas e era bem fácil atravessá-las. Com cuidado e rezando para não gastar a sua última vida, andamos pelo beiral do prédio até conseguir descer a um andar mais baixo e seguro para pular.

Temi que o nosso encontro fosse ser um daqueles encontros aventureiros, mas depois de passar todo o dia visitando prédios históricos e conhecendo as ruas onde as melhores histórias da cidade de São Paulo foram protagonizadas, decidi que preferia, mil vezes, o encontro aventureiro do que aquele marasmo que estávamos enfrentando.

Nada contra São Paulo. Por todos os felinos, eu adorava aquela cidade!

O problema era Marvin e sua incapacidade em notar que eu estava de saco completamente cheio. Se ele queria me levar para sair, se queria um encontro decente, teria que ser bem melhor do que aquilo. Porém, ao contrário de mim, o gato parecia achar que estava tudo correndo às mil maravilhas. O que, evidentemente, não estava.

Perto do meio dia, Marvin julgou que eu estivesse com fome e nos levou para comer perto de uma peixaria. O melhor que eles tinham era atum. Não era nada mal, mas poderia ser melhor.

Poderia ser salmão, mas até eu mesma entendia que não se podia ter tudo.

Decidi por fim que eu talvez devesse me empenhar mais para fazer aquele encontro parecer remotamente decente. Talvez devesse roçar meu rabo no dele enquanto andávamos, para lhe dar uma sensação de intimidade, pelo menos. Mas não sabia em como isso iria ajudar, por mais que ele desejasse significar mais, Marvin era apenas um amigo. Eu até desejava me dar uma chance de ser uma

felina e dar ao próprio Marvin uma chance comigo, mas era incapaz de pensar em qualquer homem que não fosse Eduardo.

Mesmo que eu tivesse decidido por ser uma gata, meu coração continuava querendo ser humano. Especificamente querendo ser daquele humano.

E isso era completamente errado.

Marvin, no entanto, estava tentando. Eu jamais tiraria o seu mérito por isso. Era encantador ver o seu esforço, até mesmo me roubando um novelo de lã, como um presente para mim. O bichano me entregou e esperou, encarando com animação, que eu me enrolasse nele como qualquer outro felino faria.

Seria aquele um teste?

Desesperada por passar, joguei o novelo para cima, vendo como ele caía nas minhas patas, fazendo a linha áspera se enrolar em mim de um jeito que não me deixou animada, como faria com Una, por exemplo. Aquilo apenas me deixou irritada por me ver toda enrolada daquela forma.

Se para ser uma gata eu precisasse fazer aquilo com frequência, então eu declinava da forma mais elegante possível. Valeu, mas não.

O nosso programa continuou daquela maneira: histórico e felino. Ficamos um tempo no Parque da Independência, atravessando os jardins belíssimos, em silêncio, apenas aproveitando o dia chegando bem perto do seu final.

Encarei Marvin, tentando me dar uma chance, e rocei meu rabo de leve no seu. Ele estava dando o máximo de si para me fazer superar meu coração partido e começar de novo, da maneira correta, mas tudo o que eu fazia era odiar aquele encontro. Eu era mesmo uma gata mal agradecida.

— Sabes qual é a melhor parte em ser um gato?

Fiz que não com a cabeça, observando a enorme construção à nossa frente. O museu do Ipiranga se erguia em todo o seu esplendor. Em todos os meus anos em São Paulo, eu jamais chegara tão perto daquele prédio e agora me arrependia por não tê-lo feito antes.

Era magnífico. Pomposo, mas de uma maneira incrível. Era tão belo que eu não conseguia desviar meus olhos. Eu estava encantada com aquele lugar. Entretanto, várias placas ao redor anunciavam que o mesmo estava fechado para algumas reformas.

— Podemos ir para onde quisermos, quando quisermos — disse ele. O seu bigode se curvou com o que pareceu ser um sorriso e ele se apressou, correndo até perto de uma janela entreaberta, onde um dos funcionários da obra do museu deixara um tijolo, impedindo que a mesma se fechasse.

O espaço não era grande, mas gatos eram reconhecidos por sua habilidade de se enfiarem em locais onde, logicamente, não caberiam. E quase não fiquei surpresa quando, depois de se esgueirar e se espremer, Marvin finalmente

conseguiu entrar no museu. Com um gesto simples, pediu para que eu o seguisse, o que fiz, me sentindo um pouco mais otimista no momento.

Depois de toda a chatice daquele dia, qualquer convite para qualquer aventura, por mais boba que fosse, já estava plenamente aceito.

Busquei não perder o corpo de Marvin de vista, seguindo o rastro castanho com certa dificuldade. Era domingo e o museu estava vazio, mas a quantidade de coisas amontoadas ali para a reforma tornavam o local um perigoso labirinto e, sem Marvin, eu com certeza já teria me perdido.

Subimos diversos degraus de escadas, até estarmos no que me parecia ser o último andar. A construção ainda não havia chegado naquele local e, com exceção dos enormes tecidos tampando uma coluna ou outra, tudo ali parecia perfeito.

Por alguns instantes, foi como se eu tivesse voltado no tempo. Nada de tecnologia, nada de correria... Nenhum humano. Por aqueles breves momentos, enquanto andava pela enorme sala, me senti mais segura do que jamais havia me sentido em toda a minha vida.

A janela estava fechada, mas o vidro estava limpo o bastante para que pudéssemos ver os jardins lá embaixo, se espalhando da maneira mais bela possível, deixando-me boquiaberta com a maravilha que era aquele lugar. O sol estava começando a sua mágica, tingindo o céu com todas as cores possíveis e eu senti Marvin se aproximar, observando as janelas à nossa frente, apreciando o espetáculo da natureza.

Ele não disse nada. Apenas deixou que sua cauda se enroscasse na minha enquanto o seu corpo pendia para mais perto de mim, tocando-me como um companheiro teria todo o direito de tocar sua companheira. E eu era isso agora, não? Era a sua companheira, para o bem ou para o mal. Porque ainda que procurasse por toda a cidade, ninguém seria capaz de me compreender tão bem quanto Marvin. Ninguém entenderia o meu drama como ele entendia. Éramos amaldiçoados e só nós mesmos compreendíamos a dor de ser quem éramos.

— Sinto muito se isso foi ruim demais — comentou Marvin. Eu não precisava de muito para entender que ele estava se referindo ao nosso dia juntos.

Minha pata tocou a sua, como se o confortando e agradeci a todos os felinos por não precisar mentir dizendo que tinha sido legal quando não fora. A única coisa que eu poderia fazer era confortá-lo e esperar que ele fizesse melhor na próxima vez. Ou que me trouxesse ao Ipiranga logo de cara.

— Eu tentei, Catarina.

Meus olhos se arregalaram e eu o encarei, notando que ele apenas sorriu. Apenas outra pessoa havia me chamado daquela forma. Na noite em que eu beijara Eduardo pela segunda vez, ele havia me inventado aquele nome e eu me

vira o apreciando mais do que deveria, como a tola apaixonada que eu era.

— Porém não foi o bastante, foi? — ele continuou.

Não. E nunca seria.

Todo aquele dia apenas me mostrara que, ainda que eu estivesse presa no corpo de uma gata, a minha alma nunca seria felina. Eu havia me adaptado a certos aspectos da vida nas ruas, como uma gata, mas nunca seria inteiramente uma. Eu ainda pensava e sentia como uma humana. E isso era o que fazia as coisas machucarem tanto.

— Pode me dar mais uma chance?

A culpa não era de Marvin. Eu mesma fizera aquele encontro ser uma porcaria. Ao invés de me entregar à experiência, tentar me divertir, tudo o que eu fizera fora desejar que as coisas fossem diferentes. A companhia, o encontro. Eu mesma.

Marvin merecia mais uma chance. Eu tinha de conseguir ser uma gata.

Doía demais estar ali, admirando o espetáculo mais incrível da natureza, pensando em Eduardo. As luzes alaranjadas que riscavam o céu, como o sol se escondendo, lembravam-me de seus cabelos. Eu não queria mais comparar o toque de qualquer outra pessoa ao dele e notar que nada me satisfazia mais do que Eduardo Molina.

Como eu poderia superar aquele amor se ele estava em mim de uma maneira mais profunda do que poderia ser possível? Era como um sangramento que não se podia estancar.

Inclinei minha cabeça, tocando o seu nariz com o meu e Marvin entendeu que aquela era a minha maneira de lhe dizer que sua segunda chance estava concedida.

— Eu queria que você fosse humana, Catarina.

Seu imbécil!

Dei um pulo para trás, indignada e Marvin encarou-me como se estivesse fazendo a coisa mais normal do mundo. Ele tinha ideia do que estava fazendo? Aquelas eram as palavras que iniciavam a minha transformação. Em meia hora, no máximo, eu viraria uma humana nua no meio de um museu em reforma, tudo por culpa daquele maldito gato estúpido.

Ah, ele que esperasse até eu virar humana! Eu castraria aquele filho de uma gata má!

— Não me olhes assim, querida. Sei muito bem o que estou a fazer.

Sabe? Eu também vou saber quando arrancar aqueles olhos verdes fora! Mas, como o gato esperto que era, Marvin se afastou, deixando-me sozinha na sala para que levasse meu tempo com a transformação, dando-me alguns momentos de privacidade.

Em minha mente, eu blasfemava como um marinheiro quando senti a primeira pontada da transformação. Odiava o fato de aquela maldição doer tanto. A dor era tão grande que quando senti o primeiro osso se estendendo, gritei sem querer e Marvin voltou à sala. Eu não queria que ele visse a cena. Era um show de horrores, mas aparentemente, ele não se importava.

Encolhi-me contra uma das paredes e gemi terrivelmente, miando e gemendo ao mesmo tempo, sentindo minha voz mudar, junto com o meu corpo. Os pelos desaparecendo, o corpo se formando, as patas se transformando em mãos e pernas, pés e braços. E então, da mesma forma como a dor da transformação começou, subitamente, ela parou. Então, soube que, mais uma vez, eu era humana.

Assim que me levantei notei que eu não fora a única a passar por uma transformação.

À minha frente, um lindo homem de cabelos castanhos e rebeldes, caindo na testa, me encarava de volta com olhos verdes firmes e brincalhões. Devia ter um metro e oitenta, mais alto que Eduardo, mas em nada me intimidou com a sua altura. Ele vestia apenas uma calça de moletom cinzenta e eu agradeci por não precisar ver nada mais íntimo. Porém, estava sem camisa e não pude deixar de admirar como o seu abdômen era todo definido. Suas mãos longas e grandes estendiam uma camiseta branca na minha direção e não me fiz de rogada, a aceitando e vestindo imediatamente enquanto o encarava interrogativamente.

— Sempre venho aqui para me transformar. Geralmente fico no telhado, a fumar um cigarro, então deixo minhas roupas escondidas embaixo de uma estátua de Dom Pedro. — ele apontou para a porta e eu assenti. Pouco me importava onde ele guardava as suas coisas. Eu queria saber por que estávamos humanos. E como sempre parecia me ler tão bem, Marvin começou a se explicar: — Você nunca conseguirá ser uma gata, Kitty. Eu tentei, achei que era adequado para ti, se adaptar à sua maldição e todo o mais... — a versão humana de Marvin tinha covinhas adoráveis que se aprofundavam quando ele sorria e todo o seu charme humano parecia se potencializar com aquele sotaque português que ele não o abandonava. — Seu coração jamais permitirá que isso aconteça. Você nunca irá se adaptar e não quero mudar quem és, apenas quero deixar que as coisas fiquem mais simples para você.

Eu agradecia por isso, mas ele tinha de notar que éramos seres amaldiçoados. Fácil e simples eram palavras que não constavam em nossos vocabulários.

— É por isso que se apaixonou por Eduardo... Porque ele é um humano! Ele tem mãos, lábios e pernas. E se é disso que precisas para ser feliz, então também terei mãos, terei lábios e pernas e a amarei assim.

Marvin estendeu as mãos para mim e admirei seus dedos compridos e

macios, ao contrário das mãos de Eduardo, calejadas e marcadas de tinta. Estendi minha palma para ele e deixei que a segurasse, voltando-a para cima e me fazendo aproximar de seu corpo. Sua pele era quente e quando ele ergueu a minha mão até seus lábios para beijá-la, notei que as palmas de minhas mãos estavam feridas como minhas patas.

Porém, isso não parecia importar à Marvin.

Seus cabelos castanhos eram lindos e mesmo na semiescuridão daquela sala, quebrada apenas pelos postes de luz no jardim, eles pareciam ainda mais brilhantes e adoráveis. Afastei uma mecha teimosa de seus olhos e notei que seu rosto era realmente belo. Masculino, com um maxilar forte e boca firme, mas adoravelmente juvenil, com seus olhos brilhantes e a covinha nas bochechas. Mais perto dele, notei que havia até mesmo uma leve barba começando a cobrir o seu rosto e achei isso ainda mais atraente.

Seu rosto se inclinava, deixando seus lábios na altura dos meus e automaticamente me deixando nervosa.

Era simples com Eduardo. Ele simplesmente se aproximava, olhava para mim e tudo o que eu precisava fazer era fechar os olhos e deixar que ele me beijasse até fazer com que eu perdesse os sentidos e correspondesse aos seus lábios, dando tudo de mim para o homem a quem eu amava.

E ali, admirando os lábios de Marvin, não me sentia tentada a fazer isso: fechar os olhos e deixar que seus beijos me tirassem o sentido.

Nossas mãos se soltaram e senti a sua palma subindo pelo meu braço até se enveredar pelos meus cabelos, segurando-me pela nuca, trazendo-me mais perto ainda de seu corpo. Meu coração devia bater forte, eu devia suspirar, minhas pernas deviam fraquejar. Era assim que eu me sentia quando Eduardo estava perto de me beijar. Mas nada disso acontecia com Marvin humano.

— E se o seu beijo, minha princesa, transformar-me em um príncipe? Afinal, não somos dois sapos?

E se? Eu poderia tentar. Talvez, mesmo que não funcionasse, eu pudesse sentir algo quando o beijasse, algo perto do que eu sentia quando beijava Eduardo. Talvez a solução para esquecê-lo estivesse naquele beijo, no toque dos lábios de Marvin Padilha.

Finalmente tirei minhas mãos do lado do corpo e as coloquei na nuca de Marvin. As duas, rodeando o seu pescoço com meus braços. Então, fui puxada para ainda mais perto, com uma mão na minha cintura, aquecendo-me com o calor que emanava de sua pele, mas não despertando mais reações que isso.

Fiquei na ponta dos pés, me aproximando mais, já que a minha própria altura não era lá essas coisas, quando finalmente senti os seus lábios tocarem os meus.

Estranho.

Essa era a melhor forma de descrever. Os seus lábios amassavam os meus fazendo com que se abrissem, mas não parecíamos sincronizados. Estávamos apenas nos empenhando, dando o melhor de nós para fazer tudo dar certo, mas parecíamos fazer as coisas ficarem ainda mais erradas. Ergui ainda mais os pés, buscando mais contato. Coloquei mais firmeza no meu aperto e no meu beijo, abrindo a boca, deixando com que a sua língua me explorasse melhor, mas ainda assim, nada aconteceu.

Não havia sequer uma fagulha do que Eduardo despertava. Não havia a menor química.

Isso só podia significar uma coisa.

Fechei os olhos e deixei que a imagem de Eduardo me viesse à mente. Podia ver as suas lágrimas ao me deixar ir embora e o seu sorriso enquanto desenhava para mim no vidro da janela.

Podia até mesmo sentir seus dedos na minha pele, na minha carne humana, inflamando onde tocava, despertando o meu coração e o fazendo bater cada vez mais rápido, cada vez mais errante.

O beijo de Marvin pareceu me levar ainda mais pelo sonho e, de olhos fechados, não era a Marvin quem eu beijava, mas sim Molina. Seus olhos castanhos e suas mãos calejadas pelos lápis, seu corpo quente e protetor, seus sussurros calmos e delirantes.

Aos poucos, Marvin me soltou, ainda me segurando em seus braços, mas deixando com que eu voltasse a apoiar meus pés firmemente no chão. Seus olhos verdes me encaravam com curiosidade, mas seu rosto não estava brincalhão e metido a espertinho como sempre era. Marvin estava sério.

— Não sentiu nada, não é?

Eu não queria mentir, nem tampouco queria ferir os sentimentos de Marvin. Eu gostava de sua companhia, gostava de como ele era um ótimo amigo, mas não podia fingir que ele era Duda.

— Sinto muito por isso, não devia ter levado tudo tão longe... — ele abaixou a cabeça também, se sentindo culpado. Com um aperto no peito, segurei sua mão, colocando-a em meu rosto, depois de beijar a sua palma calmamente, como ele havia feito comigo mesma mais cedo. Eu não podia falar que apesar de não me sentir como ele se sentia comigo, eu ainda era agradecida por todos os seus esforços, por tentar me dar um rumo quando eu não tinha nenhum.

Eu não queria pensar em Eduardo o tempo todo. Não era como se eu quisesse ficar presa naquele amor sem futuro, mas havia algo que me puxava de volta para ele, por mais longe que eu tentasse ir.

— É ele, Kitty. Eu tenho certeza de que Eduardo é o único que faz a metade gata e a metade humana entrarem em acordo, para te tornar completa. Posso

passar toda a eternidade tentando ensinar-te como ser uma gata, ou nos transformando como loucos, mas isso não teria a menor serventia. Sempre será Eduardo. Estamos apenas a perder nossos tempos.

Coloquei dois dedos em seus lábios, fazendo-o se calar. Não era assim. Eu poderia esquecê-lo.

Apenas um encontro não definiria nada. Eu poderia me empenhar mais. Eu lhe dera uma, duas chances, mas, agora, apenas precisava que Marvin me desse uma também.

Uma chance, Marvin, e eu faria melhor.

Ergui-me na ponta dos meus pés de novo e ele foi pego de surpresa quando meus lábios tocaram os seus. Mesmo assim, Marvin foi gentil o bastante para me dar a chance que eu pedira silenciosamente, fechando os olhos e me instigando a fazer o mesmo, aproveitando o beijo.

Entretanto, como da primeira vez, não senti nada.

— Desculpe-me. Não posso fazer isso, Catarina. Não posso tocar o seu coração. Eu bem que queria, mas não posso fazer-te completa.

Fui abraçada com força e apertei meus braços ao seu redor, sentindo o seu corpo se moldar ao meu, mas não sentindo nada mais do que o carinho terno e fraternal que emanava de nós dois.

Sincronizados, dessa vez. Marvin era um felino incrível e um humano adorável. Merecia encontrar uma humana, ou uma gata, se assim fosse, que pudesse dar a ele todo o carinho que ele precisava e que pudesse libertá-lo daquela tão terrível maldição.

Mas não era eu.

— Eu disse que faria isso ser mais fácil para ti e tudo o que fiz foi estragar tudo. Eu gosto de você, Kitty, e gosto o bastante para entender que não sou o homem que você precisa, menos ainda o felino. Sinto muito.

Num abraço apertado, dei um beijo em seu peito, onde podia alcançar, e senti Marvin sorrir, sabendo que aquela era a minha forma silenciosa de dizer-lhe que estava tudo bem.

— Continue me beijando assim e posso esquecer que quer aquele ruivo estranho e irei deitar-te nesses lençóis, fazendo você ter as melhores sensações que já sentiu.

Dei uma risada estranha e ele fez o mesmo, conduzindo-me pela sala com carinho, parando a uma distância segura da janela, onde poderíamos ver as estrelas, mas não poderíamos ser vistos por qualquer desavisado que olhasse para cima da praça.

— Há alguma possibilidade de Eduardo ser capaz de acabar com a sua maldição?

Eu estava com a cabeça apoiada em seu ombro e me empertiguei no momento exato em que ouvi a sua pergunta. Como ele sabia que eu conhecia a forma de acabar com a maldição? Arregalei os olhos e ele soube de pronto que eu conhecia a verdade. Ainda assim, fiz que não com a cabeça e ele acreditou na minha resposta, sabendo que aquele assunto me deixava desconfortável.

Ainda com a cabeça apoiada na minha, Marvin começou a contar como o Museu Paulista, mais conhecido como Museu do Ipiranga, havia sido planejado e todos os poréns maçantes que envolviam a construção de um dos lugares mais bonitos que eu já tinha conhecido.

Depois de mais vinte anos contados em vinte morosos minutos, senti a dor da transformação retornar. Afastei-me com dificuldade e retirei a camiseta pela cabeça, devolvendo-a para Marvin, enquanto me curvava de novo contra a parede, buscando alguma posição mais confortável, mas isso era completamente impossível quando se sentia tanta dor. Meus ossos pareciam se quebrar e minha pele ardia com os pelos aparecendo, além do meu rosto, que se retorcia.

Não queria que Marvin presenciasse a minha transformação. Não queria que ele tivesse a prova máxima de que eu era um monstro, ainda que ele também passasse por tal ato horrendo e desconfortável.

Alguns momentos de humanidade tinham como castigo a mais dolorosa das transformações, como uma forma de evitar que eu quisesse passar por ela novamente e me tornasse humana permanentemente.

Como se eu tivesse qualquer opção!

Quando as palavras eram ditas, eu não tinha como fugir, reverter ou chorar. Tudo o que eu podia fazer era esperar que o tempo passasse e eu atendesse ao desejo daquele que dizia, mesmo sem saber o que realmente acontecia.

Finalmente a dor parou e encarei Marvin, esperando que ele também fosse um gato castanho, mas lá estava ele: alto, moreno e muito humano para o meu gosto. Miei interrogativamente e ele deu uma risada que realmente me assustou.

— Desculpe, minha querida, mas nós mais velhos, temos nossas vantagens. E mais de uma hora de transformação é uma delas.

E assim, Marvin se abaixou, segurando-me em seus braços fortes enquanto descia as escadas, saindo pela porta dos fundos, entreaberta e cheia de materiais de construção do museu, como se nada tivesse acontecido e como se o local não estivesse fechado.

— Não acreditei em você, Kitty. Sei que Eduardo pode reverter a sua maldição e é o que faremos. Você só viverá em paz quando essa sua jura for destruída. Não há nada que eu possa fazer por mim, mas se há uma chance para você, eu a farei ser mais do que uma simples chance. Eu prometo.

Marvin apenas sorriu luminosamente em resposta ao meu olhar assustado e

continuou atravessando o Parque da Independência, determinado a cumprir a sua missão.

— Vamos te fazer livre.

E dessa vez, apesar de todos os quatrocentos anos de decepções e tristezas, eu acreditei.



Desafiada

Furiosa era uma palavra que sequer começava a descrever como eu me sentia.

Ficar ali, parada, na frente de Arthur Nogueira enquanto ele mantinha aquela expressão sarcástica, com uma sobrancelha apenas erguida, estava tornando tudo ainda pior.

Porém, Marvin não desistira. Na verdade, ele continuava exibindo um sorriso convencido enquanto esperava que Arthur abrisse por completo a porta de seu apartamento e assim pudessem conversar melhor.

Talvez, quando eu pudesse me comunicar, num dia distante, eu pudesse ensinar Marvin Padilha sobre abordagens. Porque, evidentemente, chegar ao apartamento de alguém dizendo que a gata de quem ele estava tomando conta era uma amaldiçoada, que poderia se transformar em humana a qualquer momento, contanto que as palavras mágicas fossem ditas alto o suficiente, não era uma boa maneira de começar com esse assunto.

— Ok — disse Tui com a expressão de desdém absolutamente justificável. — E você espera que eu acredite nisso?

E quem poderia condenar Arthur por não acreditar. Nem eu mesma acreditava.

— Por que não acreditarias em mim? Estou a falar a verdade.

O nervosismo fazia o sotaque de Marvin ficar ainda mais intenso e a situação ficar ainda mais surreal. Até mesmo Una se aproximou da porta, observando a cena com a sua expressão simpática e adorável, aguardando o desfecho daquela palhaçada.

— Amigão, você aparece na minha casa, com a gata do meu amigo, dizendo que ela é uma moça que foi transformada em gato e precisa ser libertada da maldição e espera, realmente, que eu acredite nisso? Pelo amor de Deus! Kitty é uma gata de rua que meu amigo Eduardo encontrou. Nada além disso.

Arthur encarou-me, como se tendo certeza de que eu era o que ele estava tão veementemente afirmando e eu, por minha vez, exibi minha melhor expressão felina.

— Você usa drogas? Precisa de dinheiro? Eu não tenho muito aqui, mas no restaurante...

— Não quero a porcaria do seu dinheiro! — dei um ganido estranho, já que a raiva de Marvin fizera com que ele me apertasse com um pouco mais de força. — Eu sou Marvin Padilha e não uso narcótico. Estou realmente lhe dizendo a verdade.

A voz de garoto português expressava todo o seu ultraje e eu estava rindo internamente, apesar de todo o drama envolvido, a situação era hilária, com a descrença de Arthur e a insistência do ex-gato.

— Marvin Padilha é um gato, cara. Agora saia da minha casa ou serei obrigado a chamar a segurança do prédio. Eu posso te arranjar um trocado por ter achado a Kitty, mas nunca mais apareça na minha frente.

Fui tomada das mãos de Marvin tão subitamente que quase perdi a cena a seguir, quando deveria dar algum crédito a Arthur por ter tentado fechar a porta, mas não foi muito bem sucedido, fechando-a no pé de Marvin que o deixara ali estrategicamente para não ser colocado para fora.

— Posso provar.

Eu jurava por todos os deuses felinos que arranharia até a bunda de Marvin se ele ousasse fazer o que eu pensava que faria.

O relógio captou a atenção de Arthur novamente. Eram quase oito da noite e ele já deveria estar no restaurante há um bom tempo. Ainda assim, Marvin continuava ali, insistindo numa história que ele acreditava ser completamente estúpida, impedindo-o de seguir para o seu trabalho. Balançando a cabeça, cansado, observei do meu ponto aquecido no colo de Arthur, finalmente deixar que a porta fosse aberta, permitindo que Marvin entrasse em seu apartamento.

Se era assim que ele procedia com qualquer louco que aparecia em sua porta com as histórias mais malucas possíveis, não era de se estranhar o alto índice de furtos na cidade de São Paulo.

— Estou pedindo apenas a sua ajuda, nada mais. Estou dizendo a mais completa verdade. Kitty é sim uma amaldiçoada, como eu. Somos gatos até que as palavras mágicas sejam ditas e então voltamos a ser humanos. Porém, por pouco tempo. — Ele explicou enquanto andava incerto pela sala de estar do cozinheiro.

Fui colocada no chão e, depois do dia completamente intenso que eu tivera, não perdi tempo em me esparramar no sofá, onde Una sentou-se logo em seguida, elegantemente.

— Eu preciso de sua ajuda, Arthur. Eduardo Molina é quem pode quebrar o feitiço de Kitty. É ele quem permitirá que ela fique humana o tempo todo.

— Já chega!

Com um movimento que eu não previa, Arthur o segurou pelo braço e o arrastou em direção à porta, sob o meu olhar confuso, espelhando o de Una que

provavelmente não tinha ideia da confusão que estava acontecendo diante de si.

— Eu queria que você fosse humana, Catarina.

Maldito!

Maldito Marvin Padilha! Duas vezes no mesmo dia? Eu havia perdido a esportiva completamente. Saí correndo pela sala e me atirei em sua perna, o arranhando com força, sem me importar com o seu choro alto de dor e nem com Arthur que, notando a minha agressividade, correu para ajudar o estúpido amaldiçoado ao invés de me ajudar a bater nele para valer. Tui me segurava com força, tentando me afastar de Marvin, me encarando como se eu fosse uma criança birrenta.

Aquele filho da mãe estava prestes a acabar com a minha vida e eu não podia nem descontar com alguns arranhõezinhos? Qual era a justiça daquele mundo?

— Em meia hora, no máximo, ela se tornará humana. Eu usei suas palavras mágicas.

Por que as pessoas não podiam cuidar das próprias vidas? Arthur deveria estar realizando o seu talento e cozinhando para a elite paulista, já Marvin deveria estar cuidando de descobrir como desfazer a própria maldição. E todos, sem exceções, deveriam me deixar em paz! Entretanto, lá estavam os dois, respirando com dificuldade enquanto me encaravam com desconfiança.

— Meia hora é tudo o que você tem, portuga. Se em meia hora, nada acontecer, eu chamo a segurança para você.

Marvin sorriu satisfeito e eu me desesperei. Arthur se abaixou, pegando-me em seu colo, com força, observando-me com cautela, tentando definir o que os tremores em meu corpo poderiam significar.

Pois eu lhe explicaria: significava medo. Significava que graças a Marvin, eu seria obrigada a expor a aberração que eu era a mais alguém. Arthur, apesar de tudo, era uma pessoa a quem eu aprendera a estimar. Gostava dele o bastante para não desejar receber dele o olhar de asco que todos pareciam me lançar quando descobriam quem eu realmente era.

— Deixe que eu a segure, Arthur. Ela tentará fugir, mas não posso deixar que isso aconteça.

Fui passada de volta para as mãos macias de Marvin com uma certa incerteza e Arthur continuou parado a uma distância segura, enquanto observava o moreno se sentar em seu sofá, pacientemente, pronto para continuar ali até que o fim da meia hora chegasse.

— Eu vou libertar você, Kitty, mesmo que seja uma malvada ao me arranhar.

Arranharia de novo se tivesse oportunidade, mas a última transformação havia cansado o meu corpo o bastante para que, junto com o esforço da luta contra Marvin, eu não tivesse forças para atacá-lo uma vez mais.

— Por que está fazendo tudo isso?

— Porque gosto dela. E sei como é ser um amaldiçoado. — Marvin ergueu a cabeça olhando nos olhos azuis e ainda céticos de Arthur Nogueira. — Imagines como é ser um humano preso em um corpo felino, com todos os seus movimentos limitados, tendo de se comunicar apenas através de miados e rosnados que os humanos não compreendem. Eu adaptei-me, mas Kitty não.

— Como assim?

— Ela não consegue se comunicar com outras espécies. Eu consigo falar enquanto estou em minha forma humana e quando felino, sou capaz de compreender outros gatos, apenas. Mas Kitty não consegue se comunicar em forma alguma.

Do outro sofá, Una dá um miado estranho e Marvin ri. Mesmo em sua forma humana ele compreendera o que ela dissera e a gata branca pareceu ofendida por ter se tornado motivo de chacota.

— Certo. Vou fingir que acredito. Mas por que acha que o Edu é capaz de quebrar a maldição dela?

— Não sei ao certo. Cada maldição se parte de uma maneira diferente. Depende de quem a colocou, porque e como a colocou. Mas acho que a magia de Kitty tem a ver com o amor.

Meus olhos se arregalaram. Marvin chegou tão perto da verdade que eu até me assustei. Era impossível que ele soubesse o que se passara comigo, mas ainda assim, ele sabia de alguma forma.

Como se fossemos conectados.

— E Eduardo...

— Kitty o ama. Não sei por que, uma vez que ele não tem atrativo algum, mas ela o ama.

Arthur deu uma risada seca e me encarou com piedade. Algo me dizia que ele estava começando a acreditar e isso me colocava certamente em maus lençóis.

— Certo, se Edu amar Kitty isso vai acabar?

— Não sei — Marvin foi tão sincero que a ele mesmo, fazendo com que abaixasse a cabeça, pensando em uma resposta mais objetiva e completa para dar ao cozinheiro. Entretanto, nada lhe veio. Os dois continuaram ali, parados, sem dizer nada um ao outro, enquanto esperavam que a maldição começasse a se reverter.

Para que o tempo passasse mais depressa, ao menos para mim, pensei no museu que eu visitara a pouco e em como seria esplendido morar em um lugar como aquele. Ainda que estivesse um tanto mal tratado e coberto por mofo, com paredes descascando e todo o mais, aquele lugar jamais perdia a sua elegância.

Um lugar perfeito para uma felina.

Foi então que a primeira pontada de dor começou.

— Pegue um roupão para ela — pediu Marvin, segurando-me com mais cuidado, evitando que seu aperto me machucasse ainda mais do que a transformação já o fazia. Eles observavam o meu corpo se retorcer em dor, e Arthur não pensou duas vezes antes de subir as escadas, apressado. A dor me dilacerava. A mesma coisa que sempre acontecia, mas com a qual eu jamais me habituava.

Parecia que eu estava sendo fatiada, virada de dentro para fora, como uma peça de roupa usada.

Era doloroso, irritante, horrível.

Eu odiava as transformações e passara por duas no mesmo dia, graças a Marvin.

Aquele gato metido a português merecia morrer. Realmente.

Arthur voltou correndo, com um roupão preto e felpudo nas mãos e olhou atentamente para Marvin que me colocava no chão, dando mais espaço para que eu pudesse prosseguir com a transformação.

Fechei os olhos, querendo que nenhum dos dois me visse naquela situação tão vulnerável e Marvin, deixando o roupão ao meu lado, demonstrando sua educação, virou-se de costas, obrigando Arthur a fazer o mesmo, deixando-me ter um pouco de privacidade enquanto os últimos espasmos de dor percorriam o meu corpo.

Então, tão de repente quanto começava, a dor parou. Recolhi o roupão do chão e o vesti, sentindo-me fraca demais para sequer me levantar, por isso continuei sentada no chão, apoiando a cabeça contra o sofá, respirando fundo enquanto esperava a tontura e o enjoo passarem.

— Pronto.

Marvin foi o primeiro a se virar, sorrindo docemente na minha direção enquanto se aproximava, colocando um fio de cabelo atrás da minha orelha, sentando-se ao meu lado. Uma de suas mãos buscou a minha e eu deixei que ele o fizesse, sem forças para qualquer outra coisa.

Arthur estava imóvel. Seus olhos arregalados, fixos em mim, sabendo que Marvin havia dito a verdade o tempo todo. Eu não era simplesmente uma gata de rua, afinal. Surpresa!

— Oh, meu Deus. É verdade!

Infelizmente era. E agora ele me olharia como se eu fosse parte de um enorme circo de horrores. Prazer, Kitty, a aberração da noite, será um prazer entretê-los.

— Sim, mas ela está cansada demais. Ela já havia se transformado mais cedo

e esse é um processo muito doloroso e cansativo.

— Mas... Mas...

— É por isso que quero libertá-la da maldição. Kitty é mais do que felina, ela jamais se adaptaria à vida de uma gata e, além disso, — seus olhos observam nossas mãos entrelaçadas e eu sorria, triste, sabendo exatamente o que ia em sua mente naquele momento — ela ama a um humano.

— Eduardo — completou Arthur.

Sim. Eu amava Eduardo. Mas de que adiantava todo aquele show se Duda nem me queria como sua gata, quem diria como humana. Fora lindo e tocante da parte daqueles dois quererem me ajudar, mas não daria certo. Não havia nada a ser feito além de continuarmos com nossas vidas.

— Uau!

Arthur não tinha palavras, apenas se jogou no sofá, ao lado de Una, que logo correu para o seu colo, assustada com o que tinha presenciado, ou talvez desejando que o mesmo pudesse acontecer com ela e que a alvíssima gata pudesse se tornar humana. Quem sabe?

— Eu e Ed somos amigos desde a quarta série e me orgulho de sermos capazes de manter essa amizade há tanto tempo. Escutamos os conselhos um do outro com frequência, sabe? — disse Arthur, coçando entre as orelhas de sua gata. — Ele esteve lá por mim quando meu pai me colocou para fora de casa e eu estive lá por ele quando a sua mãe faleceu. Eu já lhe disse várias vezes que ele está apenas perdendo tempo com Alice. Já a conhecia de muito antes, uma oportunista que se joga no colo de qualquer homem com um sobrenome válido nessa cidade. Ela até mesmo tentou comigo, mas a notícia de que eu havia sido deserdado não demorou muito a se espalhar e a espertinha se afastou o quanto antes.

— Alice?

— Sim, a namorada de Eduardo. Uma verdadeira vadia interesseira que parece adorar ver Eduardo sofrer e se satisfaz sabendo que quem causa a sua tristeza é ela.

Mas era assim que ele a amava. E eu, mais do que ninguém, sabia que por mais que fosse errado ou impossível e danoso, não havia como parar um amor. Eduardo amava Alice, assim como eu o amava.

— E este homem gosta dessa mulher tanto assim para deixar que ela lhe faça isso?

Encarei Arthur à espera de sua resposta. Eu já a conhecia, mas ouvi-la dos lábios de seu melhor amigo faria com que a informação se assentasse melhor em minha mente. Ajudaria a entender que o meu lugar não era entre os humanos. O quão proibido era nutrir sentimentos quando se era uma gata.

— Duda se acostumou. É o que ele conhece por amor... Se Alice diz que o ama, ainda que seja mentira, ele a deixa voltar, todas às vezes. Ele deixa que Alice faça dele o que quiser, porque acredita que o amor seja assim.

Não. O amor era mais do que simplesmente aquilo e até eu mesma sabia disso. Era dolorido, sim, mas fazia você se machucar para não ter de machucar a quem se amava. Nunca o contrário, jamais o contrário.

Os olhos azuis de Arthur se apertaram e sua testa se franziu enquanto me encarava com firmeza.

De repente, estava de pé, num átimo, apontando para mim com a expressão mais espantada que eu já vira em seu rosto.

— Oh, eu sabia! Você é a moça que Eduardo encontrou na sua casa. A moça dos olhos de gato. Eu sabia que os seus olhos me eram familiares naquele desenho. Era você, Kitty!

Assenti, envergonhada.

— Eu jamais o tinha visto tão empolgado do que quando ele te encontrou como gata e por mais que você fosse uma metida, era perceptível como ele ficava entusiasmado quando você estava por perto. E a sua versão humana também fez bem ao meu amigo. Ele falou de você por semanas, dizendo o quanto era bonita e queria te encontrar de novo. Mas então você sumiu e... Alice voltou.

— E o que faremos?

— Kitty, — Arthur se ajoelhou no chão, à minha frente, olhando firmemente em meus olhos — é possível que Eduardo termine a sua maldição? Realmente possível?

Fechei os olhos e não tive forças para mentir, por isso, do meu modo silencioso, apenas acenei com a cabeça. Sim, Eduardo poderia ser aquele que me faria livre. Os dedos de Arthur passaram pelo meu rosto, delicadamente, e eu sorri agradecida por ele ter acreditado em mim. Por não ter fugido ou me encarado com nojo por me tocar.

— Então você terá a sua maldição quebrada, Catarina. Eu prometo.

Eu não acreditava em promessas. Quatrocentos anos haviam me ensinado a não acreditar. Elas se desmanchavam e se quebravam.

— Eu prometo.

Marvin repetiu e eu fechei os olhos, sabendo que não havia como cumprirem suas promessas.

Eu era amaldiçoada e, por mais que tentassem, era impossível obrigar que alguém amasse outra pessoa. O coração de Eduardo já estava repleto de Alice e por mais que tentassem, que dessem o melhor de si, isso não mudaria.

Eu sempre seria uma gata. Eduardo sempre seria de Alice.

E era melhor assumir e compreender esses fatos antes que tudo se tornasse mais doloroso.

Minha cabeça se apoiou no ombro de Marvin, sentindo o sono e o cansaço me atingir com toda a sua força. Eu mal pude ouvir enquanto os dois homens planejavam a maneira exata de conseguirem me fazer livre da maldição.

Tudo o que eu queria era ter voz e poder lhes dizer que estavam gastando seus esforços em vão.

Eu era apenas uma gata.

Mas, enquanto os dois homens planejam a minha liberdade, eu apenas permaneci ali, com os olhos fechados, esperando que aquele dia terrível terminasse.



Apaixonada

— Eu queria que você fosse humana, Kitty.

Virou palhaçada! Claramente virou uma imensa palhaçada. Desde que Arthur notara que eu poderia ser muito útil quando os funcionários do restaurante não davam conta do fluxo de clientes, as palavras escapavam de seus lábios finos com uma facilidade impressionante. E não importava o quanto eu o arranhasse, mordesse o seu calcanhar ou rosnasse, não havia muito que eu pudesse fazer depois que as palavras eram ditas.

Em algumas ocasiões, eu tentava descontar minha raiva com alguns tapas e chutes merecidos, mas ele levava tudo como uma grande brincadeira, rindo quando eu o atingia.

Naquele domingo, em pleno horário de almoço, o fluxo do restaurante estava assustador. Havia até mesmo uma fila do lado de fora, diversas pessoas esperando vagar uma mesa para que pudessem entrar no Saborart e se deliciarem com a culinária brasileira tão sublime de Arthur Nogueira.

Graças a minha inaptidão de falar qualquer coisa, a vaga de hostess ou garçonete jamais eram minhas. Entretanto, eu parecia ter uma habilidade anormal com facas, sendo frequentemente colocada junto às panelas enquanto um ou outro auxiliar de cozinha trocava seu avental por um terno formal e ia para a frente do restaurante, ajudar no atendimento.

— Não fique bravinha, gatinha, suas roupas já estão no escritório — sussurrou ele, bem perto das minhas orelhas para que nenhum dos seus funcionários pudesse pensar que ele estava louco.

Afinal, era supernormal o chefe, dono de um dos melhores restaurantes paulistas, levar suas duas gatas para o local em um domingo cheio de movimento.

Odiando cada pedacinho daquele homem, segui para o seu escritório, onde a porta já estava aberta e um vestido elegante e azul royal, bem como um avental imaculado, estavam à minha espera. Como sempre, Arthur havia deixado um sapato de salto, esperando que eu os calçasse e viesse em sua direção completamente desequilibrada.

Eu era extremamente agradecida a ele por me arrumar roupas. Não emprestadas e apertadas, como eu usava antes, mas compradas especialmente

para mim, o que eu achava um gesto muito especial.

A transformação não durou muito daquela vez. Em quinze minutos, eu já estava tentando ficar em pé sem tombar para qualquer lado em cima daqueles sapatos de salto e o avental já protegia a frente do vestido que ia até os meus joelhos de uma maneira elegante, que combinava comigo de um jeito bem interessante.

Um elástico de escritório estava perdido em cima da mesa de Arthur e, sem o menor arrependimento, o usei para prender os meus cabelos em um coque alto, impedindo que qualquer fio de cabelo caísse nos vegetais que eu picaria logo mais.

Ao sair do escritório, Arthur já estava me encarando com humor, fazendo até mesmo um gesto de positivo quando me viu, apreciando a minha roupa, mas logo voltando para as suas panelas que, num domingo daqueles, era a sua principal preocupação.

Depois de várias visitas ao Saborart, como amiga do dono e não mais como gata faminta que sempre ficava nos fundos à espera de algum resto, imediatamente me coloquei no meu posto, segurando uma cenoura e a picando com firmeza e experiência. Arthur havia me ensinado há algumas noites, a espessura perfeita das rodelas de cada vegetal e eu me considerava uma boa aluna.

Desde que Marvin e Arthur haviam se compromissado a me ajudar com a tarefa de me libertar de minha maldição, eu me transformava basicamente todos os dias, cumprindo favores para Arthur, que sempre ria e repetia:

— Nada mais justo, Catarina. Estou guardando o seu segredo, não é?

Eu poderia ficar furiosa com a sua arrogância, mas tinha de confessar que adorava trabalhar no Saborart, mesmo nas noites de menor movimento. Aquele lugar tinha algo de especial, além dos pratos bonitos e saborosos, eles eram verdadeiras obras de arte culinárias. Ajudar Arthur não era um fardo, mas uma chance de me sentir útil, algo que em todos os meus quatrocentos anos, jamais havia sentido.

Como se tivesse todo o direito de entrar na cozinha do restaurante a qualquer momento, um homem alto e moreno, com covinhas encantadoras, atravessou a porta sorrindo e cumprimentou o chef com um gesto digno de grandes amigos.

— Você podia deixar as suas funcionárias usarem um pouco de maquiagem, Arthur.

A cozinha do Saborart tinha testosterona vazando pelas paredes com a enorme quantidade de homens que trabalhavam ali e, naquele momento, eu era a única garota na cozinha, o que significava que o comentário de Marvin Padilha tinha um destinatário: eu.

— Pode resolver isso para mim? Estou meio ocupado com essa moqueca.

Sorridente, Marvin tirou dois tubos negros do bolso de sua calça jeans um pouco mais justa do que o recomendável e pediu para que eu me aproximasse, o que fiz com um tanto de cautela.

— Abra bem os olhos — ordenou ele. Fiz o que Marvin me pedia, insegura, e tive os cílios puxados pelo pincel estranho que tinha em suas mãos. Quando a situação incômoda acabou, ele passou para o outro olho, repetindo o processo. — Certo. Agora faça bico. — Novamente o obedeci, mas dessa vez ele trocou os tubos e aplicou o conteúdo dele nos meus lábios, fazendo com que eu amassasse um contra o outro, para espalhar o grude uniformemente pela minha boca. — Melhor não é, companheiros?

Todos os funcionários de Arthur pararam o que estavam fazendo, encarando-me com olhares com diferentes níveis de aprovação, mas todos bem satisfeitos com o trabalho de Marvin, seja lá qual tenha sido, antes de voltarem aos seus afazeres.

Maquiagem. Era isso que os dois haviam me explicado que aquilo era, dias atrás quando aquela meleca fora aplicada em meu rosto pela primeira vez. Um artifício para que as mulheres ficassem mais bonitas. Segundo Arthur, água e sabão retiravam aquilo, e sem maquiagem, Alice não seria tão atraente como todos pensavam.

— Vim apenas avisar-lhes que nossos planos estão seguindo o combinado. Thomas vai almoçar em casa hoje e estou certo que vai querer o seu gatinho para pajear, então não posso presenteá-los em demasia com a minha presença.

Os dedos ágeis de Marvin roubaram duas fatias de bacon que estavam em cima da mesa e se afastou antes que Arthur pudesse acertá-lo com sua colher de pau, erguendo as duas mãos em rendição antes de avisar que já estava partindo. Recebi um molhado beijo na bochecha, antes da porta que dava acesso aos fundos do restaurante se fechar atrás do gato amaldiçoado que havia se tornado o melhor amigo que eu poderia ter.

Era interessante como os dois se empenhavam, fazendo planos mirabolantes para que pudessem me ver livre da minha sina, sem saber que era muito mais fácil do que pensavam. Na verdade, fácil demais que era até impossível.

— Olá!

A voz me tirou dos meus devaneios e fez com que eu abaixasse a cabeça, tentando não ser vista pelo homem dos meus sonhos. Mas era impossível pensar em continuar fatiando aquele pepino quando Eduardo Molina estava a apenas alguns metros de mim. Eu não precisava sequer me virar para ter certeza de que ele era realmente o dono da voz que eu ouvira há pouco. O meu próprio corpo reconhecia a sua presença. Minha pele se arrepiando, meu coração disparando,

meus lábios se tornando secos...

— Disseram que ainda tenho dez minutos antes de limparem a minha mesa, então vim dar um abraço no meu melhor amigo — disse Eduardo. Com minha cabeça baixa, ele não podia me ver.

Sua atenção estava voltada ao homem louro no canto extremo da sala, ávido por abraçar o seu melhor amigo.

— Estou tão orgulhoso de você, cara! A fila lá fora está gigantesca e não para de chegar gente! Você é um sucesso!

O brilho nos olhos de Arthur, feliz por estar orgulhando alguém, a despeito de todas as besteiras que seu pai havia dito, fez com que eu sorrisse, esquecendo de manter a cabeça abaixada enquanto observava a interação dos dois melhores amigos.

— Ainda bem que eu fiz uma reserva e...

Oh, droga!

Mesmo estando há duas mesas de distância e tendo uma prateleira cheia de panelas penduradas à minha frente, esqueci-me de manter a cabeça abaixada e não foi difícil para que o reconhecimento brilhasse nos olhos castanhos de Eduardo.

— Você.

O arrepio em minha pele se tornou ainda mais forte e dei dois passos para trás, desequilibrando-me e quase derrubando a travessa de saladas que estava atrás de mim. Meu coração disparado não me permitia ter qualquer pensamento coerente e tudo o que eu podia fazer era encarar Eduardo, como uma tola apaixonada e assustada.

Seus cabelos ruivos estavam despenteados, mas visivelmente mais curtos, e a camisa xadrez azul e preta que ele vestia o deixava ainda mais lindo do que o normal.

Tentei me afastar ainda mais, porém os saltos não me permitiam, fazendo com que eu tivesse certamente caído no chão, se Eduardo não fosse mais rápido e tivesse me segurado com suas mãos calosas e fortes.

— O que você está fazendo aqui?

A pergunta era suave, não como uma acusação, mas em um tom de genuína surpresa. Uma surpresa boa. Tão boa quanto a sensação de sua mão em minha pele, dos seus olhos nos meus, me deixando cada vez mais rendida. Se é que era possível.

Tentei responder à sua pergunta, mas um som bobo saiu da minha boca, fazendo com que eu me calasse, totalmente envergonhada. Olhei ao redor, esperando ver Alice entrando por qualquer uma das duas portas da cozinha, mas ela não estava em nenhum lugar onde pudesse ser vista.

— Você não voltou mais, achei que tivesse feito algo errado.

Minha cabeça se balançou, efusivamente, deixando claro que ele não havia feito nada errado. O que era uma mentira. Ele havia errado, sim, naquele exato momento em que lhe fora dada uma escolha e Eduardo me deixara ir embora.

Ao nosso redor, os homens continuavam os seus trabalhos, alheios à nós e nosso pequeno drama. As mãos de Eduardo fizeram com que eu me colocasse de pé e, mesmo com aqueles sapatos altos, ainda não era mais alta do que ele, fazendo com que minha testa ficasse rente aos seus lábios, tanto que eu precisava inclinar a cabeça para poder encarar o seu rosto.

— Seus olhos de gato ainda são tão lindos quanto eu me lembrava.

Um passo à frente e estávamos a milímetros um do outro. Meu coração ainda batia da maneira mais insana possível e eu sentia que meus dedos coçavam de vontade de tocar o seu rosto ou deslizar pelos seus cabelos.

— Por que eu sempre me sinto assim perto de você? — a pergunta viera baixinho, talvez mais para si mesmo do que para mim, esperando que os sons da cozinha ocultassem a sua voz. — Eu deveria aprender a resistir a você e essa sua aura misteriosa.

Seus dedos roçaram os meus cabelos, segurando-me bem perto de minha nuca. Eu estava tão silenciosa quanto sempre estivera, por fora. Dentro de mim, meu coração gritava, extasiado com a sensação de que Eduardo Molina estava me tocando novamente. Em uma cozinha de um restaurante lotado, mas isso não tinha importância. Era Eduardo.

— Edu, nossa mesa está... — ela respirou fundo, retomando a compostura, enquanto as mãos de Eduardo me soltavam, fazendo com que eu soltasse um som baixinho, sentindo a imediata falta de seu contato. — Pronta.

Eduardo e eu nos viramos para a porta entreaberta e encaramos Alice, elegantemente vestida num conjunto de blazer e calça pretos que a fazia parecer ainda mais charmosa do que o comum, com aqueles cabelos escuros e lindos, penteados para um lado do rosto.

— Alice, essa é minha amiga...

Em duas passadas longas, logo Alice estava ao nosso lado, segurando o braço de Eduardo com uma posse jamais vista. Duda estava sem graça pela maneira com que ela o segurava na minha frente, porém não foi capaz de dizer mais nada.

— Desculpe-nos, querida. Meu namorado e eu estamos com um pouco de pressa — disse a megera. Os olhos escuros e frios da namorada do homem que eu amava percorreram o meu corpo, observando-me dos pés a cabeça, parando para avaliar até mesmo o avental que me cobria e, com o sorriso mais desdenhoso que eu já tivera o desprazer de ver, acrescentou. — E fome. Também

estamos com fome. Por isso capriche em nossas saladas.

Para completar ainda mais a sua falta de educação e demonstração gratuita de como um ser humano poderia ser insuportável, Alice saiu arrastando Eduardo de volta à frente do restaurante, como se ele não tivesse qualquer vontade própria.

Um tapa em minha cara teria doído muito menos, com toda a certeza.

A maneira como aquela vadia havia praticamente sublinhado a palavra "namorado" fora completamente proposital. Ela não me conhecia, mas não precisava saber quem eu era para deixar claro que Eduardo tinha uma dona e que eu poderia abandonar qualquer intenção que eu tivesse a respeito dele.

Como se eu não soubesse disso.

Eu já estava completamente ciente de que, apesar de todo o amor que eu sentia por Eduardo, jamais seria retribuída, sendo obrigada a enfrentar duas maldições. Aquela que me transformava em uma gata e a que me transformava em uma tola.

Arthur tirou a sua atenção de sua moqueca, ou qualquer outro prato que estava atraindo a sua dedicação total, e me levou até o seu escritório, sabendo que o momento da minha transformação de volta estava quase chegando. Nenhuma palavra foi dita por nenhum de nós, mas quando os braços do chef me rodearam, a dor que eu sentia, tanto pela transformação, quanto pelo amor não correspondido, fizeram com que eu abraçasse o meu amigo de volta, sentindo as lágrimas estúpidas rolarem pelo meu rosto, de uma maneira humilhante e silenciosa.

Quando se certificou de que eu estaria bem, Arthur beijou a minha testa e me deixou na sala fechada, sabendo que a minha transformação começaria logo apenas por observar a maneira como meu rosto se contorcia, sentindo as primeiras agulhadas da dor.

Como Eduardo seria capaz de quebrar a maldição da gata, se ele mesmo me dera uma nova maldição para sofrer. Uma que doía muito mais e que me deixava em pedaços sem precisar passar por qualquer incomodo de transformações.

Enrolada no chão, sentindo a minha pele se esticar e meus ossos se partirem, chorei baixinho.

Sentindo a angústia da mudança em meu corpo e raiva de mim mesma por ser tão tola a ponto de ter deixado as coisas chegarem àquele ponto.

Certamente, estar apaixonada era a pior das maldições que existia.



Desejada

Eu certamente mataria Marvin Padilha e Arthur Nogueira assim que a primeira oportunidade aparecesse. E com requintes de crueldade, se possível.

Fora uma atitude completamente odiável da parte dos dois pronunciarem as palavras mágicas, e ao mesmo tempo, como se tudo para eles fosse uma grande brincadeira, me deixarem sozinha para passar pelo doloroso processo.

— Suas roupas e maquiagens estão no segundo andar.

Rosnei com raiva, mas nenhum deles pareceu se importar, fechando a porta como se eu não passasse de uma gata mimada. Meu corpo nem se incomodava tanto com a dor das transformações mais, uma vez que eu passava por elas quase diariamente. E, naquele dia, uma segunda feira, o único dia da semana em que o Saborart não abria para o jantar, pensei que poderia ser diferente e eu pudesse ter alguma folga daquele horror que era a transformação.

Bem, eu estava errada, certo?

Quando meu corpo estava livre de pelos e eu podia sentir meus dedos humanos, levantei-me e corri para o segundo andar, acreditando que logo os dois conspiradores estariam de volta, tendo se ausentado do apartamento apenas para me dar alguma privacidade. Ao contrário dos vestidos que Arthur e Marvin pareciam me adorar vestindo, hoje havia uma blusa de botões muito bonita em um tom de cor de rosa suave e uma calça jeans escura que eu não tinha muita certeza se serviria em mim.

Não havia me deixado sapatos daquela vez, por isso, depois de vestida, desci as escadas descalça e com os cabelos soltos, já que também não achara nada para prendê-los para cima como eu gostava.

Ao mesmo tempo em que eu chegava ao último dos degraus a porta foi aberta, fazendo-me ter certeza de que os dois espertinhos haviam apenas me dado um pouco de tempo para me sentir confortavelmente depois da mudança. Contudo, não foi a voz de Arthur ou Marvin que ouvi quando a porta foi aberta.

— Tui, cheguei para buscar a caixa que você pediu.

A intimidade que Arthur e Eduardo tinham um com o outro fazia com que deixassem as chaves das casas um do outro em suas mãos sem hesitar. Era por isso que era comum encontrar Arthur nas manhãs na casa de Eduardo, e que o mesmo entrasse no apartamento de Arthur sem precisar bater antes.

Porém, dessa vez, Arthur não estava lá, já que saíra na companhia de Marvin e Una para me deixarem à vontade. Oh, como eu era iludida. Nem sequer pensara que aquilo era um estratagema dos dois malditos para me deixar a sós com Eduardo Molina.

Continuei parada, no mesmo lugar na escada, esperando que ao não ouvir nenhuma resposta de Arthur, ele fosse embora, sem me ver e tornar tudo ainda pior. Depois de nosso encontro e da demonstração de posse de Alice, os meus sentimentos ficaram ainda mais atribulados e toda vez que meus pensamentos tomavam o rumo de Eduardo, imagens dele com Alice se misturavam em minha mente, fazendo meu coração ainda ficar mais despedaçado.

Se é que era possível.

Algo em minha simples respiração deve ter alertado Eduardo sobre a minha presença. Dessa vez não tive outra opção a não ser terminar de descer as escadas e deixar que ele me visse por inteiro, ainda que estivesse descalça e completamente descabelada.

Ele, ao contrário, estava lindo como sempre. Sua camiseta branca estava repleta de pingos de tinta e seu rosto e cabelos também haviam sido atingidos, manchados com diversos pontos verdes, amarelados e cinzentos.

Ao me ver, seus olhos brilharam ainda mais do que o normal, fazendo com que por alguns segundos eu me perdesse na beleza daquela maré castanha e não fosse capaz de mais nada além de assisti-lo apaixonadamente.

— Às vezes me pergunto se você é real.

Eu não queria, mas os meus lábios sorriram, me mostrando que mesmo que eu tentasse não me render àquele homem, o meu corpo o fazia por mim. E foi assim que me vi dando um passo para frente, chegando mais perto dele, que sequer hesitou antes de se aproximar também.

Meu coração batia tão rápido quanto as asas de um beija-flor. Eu podia senti-lo martelando o meu peito sem piedade e acelerando a minha respiração, me deixando como uma tola na frente de Eduardo.

— Você é linda demais, especial demais para ser real. Você é um sonho.

Suas mãos se ergueram, segurando o meu rosto bem perto do meu pescoço e eu me senti derreter apenas por sentir as suas mãos em mim, incendiando o meu corpo inteiro em questão de segundos. Dei mais um passo para frente, sentindo agora não apenas o calor de suas mãos, mas também de seu peito tocando o meu, sujando minha camisa com as gotas de tinta ainda frescas no tecido da sua camiseta.

— Eu não deveria querer você tanto assim. Eu nem sei o seu nome ou porque está aqui, mas esse desejo já está me consumindo... — sussurrou ele bem perto do meu ouvido. Eu sabia o quanto era errada toda aquela situação, mas eu não

sabia como resistir.

Ele tinha uma namorada. Eu era uma gata suja. E mesmo assim era como se existisse uma força de atração me puxando para mais perto dele, como se aquela fosse a coisa mais correta do universo. Meus dedos cederam à tentação, finalmente tocando o cabelo vermelho e desalinhado, endurecido com a tinta que grudara nos fios e sentindo um novo sorriso bobo se formar em meus lábios. Oh, Eduardo, como eu sentira a sua falta.

Seus dedos deslizaram do meu rosto até pararem em minha cintura, ambas as mãos, sentindo minha pele através do algodão da camisa. Meus olhos se ergueram buscando os seus e me coloquei na ponta dos pés para poder observá-lo melhor, mal notando que meus seios pressionaram ainda mais o seu peito e que minha boca estava perto o bastante da sua para que ele a tomasse como bem entendesse. Como eu bem desejava.

A sala estava numa semiescuridão. A luz da cozinha e da rua lá fora, que entrava pela enorme janela, eram as únicas formas de iluminação e eu me senti confortável daquela maneira, como jamais me sentira antes.

— Desde que eu a vi novamente, aquele dia, eu não consigo tirar você da minha cabeça. Isso é errado, moça, mas eu não consigo não pensar em você.

Eduardo pensava em mim? A alegria que consumiu meu coração era radiante, minha mente estava tão leve que tudo o que pude fazer foi sorrir largamente, puxando-o para mim, pela gola da camiseta, mal me importando em sujar as mãos. Eu apenas desejava tê-lo cada vez mais perto de mim. Eu tinha de lhe dizer que ele também esteve em todos os meus pensamentos.

Mas não havia como fazê-lo. Os únicos sons que saíam da minha boca eram estranhos e jamais lhe dariam a dimensão do que ele me fazia sentir.

Por isso toquei meu próprio peito, depois minha cabeça e repousei minha mão no peito dele, indicando a partir dos meus sinais que eu também havia pensado nele. Além do saudável ou recomendável. Aparentemente, tudo o que eu fazia era pensar nele.

— Que bom que pensou em mim, também — disse ele com um sorriso, daquela sua maneira fofa, puxando-me para mais perto e deixando seus lábios tocarem os meus de uma forma única e apaixonada.

Eu estava beijando Eduardo Molina.

Meus olhos se fecharam suavemente, enquanto os lábios dele prensavam-se contra os meus, delicadamente, provocando-me a abrir mais a minha boca, dando plena passagem para que ele pudesse me beijar da maneira como nós dois necessitávamos. E eu o fiz.

Esqueci que havia quatrocentos anos de maldição nos separando, deixei Marvin, Arthur e seus planos mirabolantes de lado, deixei até mesmo Alice

desaparecer de meus pensamentos.

Era Eduardo me segurando tão docemente em seus braços, me beijando como eu sempre quisera ser beijada. Como se eu realmente valesse a pena. Como se eu merecesse de verdade.

— Como algo tão errado pode ser tão bom? — sussurrou contra meus lábios e eu fui forçada a abrir os olhos, vendo que os seus ainda estavam fechados, mas sua expressão era de contentamento, nem um pouco arrependido de estar beijando outra mulher enquanto a sua namorada devia estar em casa, à sua espera. — Você está confundindo a minha cabeça, me enfeitiçando.

Suas palavras foram amenizadas pelo seu sorriso radiante, enquanto colocava uma das mechas do meu cabelo para trás, tirando-a do meu rosto, afastando-me com cuidado de perto dele.

Sorrindo.

— Eu preciso ir ou vou passar a noite toda beijando você.

Eu não me opunha em nada àquela opção. Mas sabia que em alguns minutos o meu corpo voltaria a ser de uma gata e essa era a última coisa que eu queria que Eduardo visse. Justamente agora que eu podia sentir que não era a única que estava repleta de desejo naquela sala. A forma como seus dedos não deixavam meu corpo e seus olhos brilhavam, mais escuros que o normal, me fazia ter certeza de que eu era desejada.

Antes que pudesse me conter, já estava na ponta dos pés novamente, tentando ter mais um pouco da melhor sensação que inundava meu corpo. O perfume de Eduardo entrava por minhas narinas e me fazia sentir mais viva do que nunca. O seu corpo no meu, trazendo calor e proteção, suas mechas ruivas em meus dedos... Tudo era mais perfeito do que eu poderia sonhar e se eu pudesse fazer um pedido, só pediria que o tempo parasse.

O relógio do universo podia simplesmente quebrar para nos manter nos braços um do outro por toda a eternidade... Para me manter humana e manter Eduardo como meu. Para sempre.

O nosso beijo era lento e apaixonado. Nossas respirações eram entrecortadas e meu coração batia no ritmo do dele, como algo destinado a ser. Como se nada naquele beijo fosse errado. Como o final feliz de uma bela história.

Mas o beijo de Eduardo não me transformava em uma princesa. Logo eu seria um sapo, ou uma gata, melhor dizendo, novamente. Não havia final feliz. Não importava o quanto Arthur e Marvin se empenhassem.

Empurrei seu peito delicadamente e Eduardo piscou por duas vezes até a sanidade retornar por completo à sua mente, fazendo com que o homem sorrisse levemente e desse dois passos para trás, deixando com que suas mãos me soltassem, mas ainda sem desfazer a expressão de contentamento que fazia seus

olhos brilharem, lindos.

Seus lábios se abriram e fecharem por várias vezes, até Eduardo perceber que não precisava dizer nada. Eu também não diria nada, por meus próprios motivos, então ficou declarado, mesmo sem palavras, que manteríamos aquele silêncio confortável.

Acenei, timidamente, e ele sorriu largamente, antes de sair, fechando a porta e me deixando ali, completamente rendida e apaixonada. Sentindo-me mais feliz do que nunca, mas ao mesmo tempo como uma tola. Fora apenas um beijo. Em nenhum momento ele prometera que ficaria comigo ou que não amava Alice. Mas ainda assim, a minha imaginação era um tormento e me fazia imaginar uma porção de finais alternativos. Finais impossíveis no qual eu não precisava voltar à minha forma felina e podia permanecer ao lado do homem a quem eu amava.

Como eu dissera, finais impossíveis.

Diversos minutos depois, a porta se abriu novamente, fazendo com que eu me levantasse do sofá, onde até então eu estivera deitada perdida em pensamentos românticos, para encontrar a dupla planejadora com as expressões mais confiantes possíveis.

— Suponho que seu encontro com o senhor Molina tenha sido muito agradável, não é, Kitty? — disse o chef calmamente enquanto eu sorria, incapaz de negar a felicidade que me preenchia.

— Ele está apaixonado, Kitty. Ele quase morreu de ciúmes quando soube que você estava ficando aqui com seu irmão por alguns dias até o apartamento de vocês terminar de ser reformado — Arthur piscou pra Marvin, provavelmente achando que a desculpa que eles haviam dado para a minha presença ali tivesse sido completamente genial. Em minha opinião, ela era apenas ridícula.

— Ele vai libertar você dessa maldição felina, Catarina. E você vai curar todas as cicatrizes de Alice e vai libertá-lo da maldição de um amor cruel. Como tem de ser.

Sentei-me de uma vez nas almofadas macias, ao sentir as dores da transformação começar e o processo não demorar a ter início. Como sempre, a mudança foi rápida e logo estava eu em minha forma felina novamente.

— Duda volta amanhã para ver a sua gata. Ele gosta das duas Catarinas, isso é uma coisa boa, não?

Arthur nem imaginava o quanto.

E aquela simples frase, por mais que não devesse, trouxe toda a esperança para dentro de mim.

Talvez, depois de quatrocentos anos, eu finalmente estivesse perto, de verdade, de me libertar da minha maldição.

Eu estava, realmente, perto de ser livre.



Esperançosa

Sinceramente, eu só esperava que a vigilância sanitária não resolvesse passar no Saborart tão cedo.

Arthur era um cara legal demais para levar uma multa por ter duas gatas flanando pela sua cozinha. Ainda que fosse uma terça-feira à tarde e o restaurante estivesse vazio, com exceção de Arthur, Una e eu.

O melhor chef de São Paulo deveria estar fazendo a contabilidade do lugar, afinal era para isso que os livros negros estavam em cima de um dos balcões, mas as panelas tinham um apelo forte demais para que o loiro pudesse resistir.

E era por isso que ele havia amarrado um lenço com umas estampas azuis, muito bonitas por sinal, e estava experimentando uma nova receita de molho que, segundo o que ele continuava resmungando enquanto batia colheres e panelas de um lado para o outro, ficaria ótimo com frutos do mar.

Como sua fiel escudeira, Una estava bem perto dele, comendo pequenos pedaços de linguiça defumada, recebendo ocasionais carinhos de Arthur, que desviava a sua atenção dos temperos apenas para mimar a sua alva gatinha.

A cena era tão adorável que acabei por decidir não assistir mais aquela cena de afeto. Eu ainda sentia muita falta de Eduardo para assistir Arthur e Una sem pensar em como seria incrível se meu dono não tivesse aberto mão de mim. Como minha vida seria melhor se eu não fosse uma maldita gata.

Com o restaurante fechado, ninguém se incomodaria por eu estar sentada no largo balcão do bar, relaxando com a música ambiente e nacional que ninguém havia desligado após o almoço, e a iluminação mais escura, uma vez que o dia estava cinzento, prevendo uma verdadeira tormenta naquela noite.

— Posso te fazer companhia?

Eu não havia notado a sua chegada, mas assim que a sua voz preencheu os meus ouvidos, meu coração começou a bater mais forte, desesperado. Os seus cabelos vermelhos estavam jogados em todas as direções e seus olhos estavam baixos e preocupados enquanto apoiava a sua mochila e a pasta, tão repleta de papéis que alguns deles até mesmo escapavam de dentro dela. No balcão, Eduardo sentou em uma das banquetas estofadas e sorriu para mim, pegando minha pata com três de seus dedos, da mesma maneira que fizera na primeira vez em que fomos ao veterinário.

— Eu vou entender se ainda estiver brava comigo, mas adoraria que soubesse que eu ainda sinto muito, muito a sua falta.

Lembrei, então, que da última vez em que ele me vira em minha forma felina, eu ainda estava ressentida por ter sido trocada por Alice. Mas nada disso importava quando a sua voz suave dizia que sentira a minha falta. Porque eu sempre sentia a dele. Independente da forma em que eu estivesse.

— Por mais que eu não esteja com você agora, minha linda, eu sempre me lembro de você.

Seus dedos vasculharam a pasta, puxando um desenho feito em um papel grosso e azulado onde meus traços felinos estavam retratados quase à perfeição, rabiscados em preto com precisão e elegância, quase me fazendo parecer bonita.

Então era assim o amor? Aquela coisa estranha, porém gostosa, que inundava o seu peito e te fazia sorrir sem perceber ao escutar uma declaração daquelas?

Seus dedos roçaram meus pelos cuidadosamente, desde o topo da cabeça até embaixo do pescoço, fazendo com que a minha cabeça se movesse junto com sua mão, me fazendo parecer dócil. O que eu nunca fora, de fato. Mas Eduardo evocava em mim todos os sentimentos que eu nunca pensara existir.

O seu rosto estava baixo o bastante para que eu não resistisse à minha própria vontade e tocasse sua barba nascente e avermelhada com a minha pata ferida, sentindo os pequenos pelos fazerem cócegas em mim de uma maneira preciosa. Ali, tão perto, eu conseguia ver os seus olhos vermelhos e inchados, como em geral ficariam se ele tivesse passado a noite em claro. Ou chorado.

A preocupação tomou conta de mim, uma vez que eu já sabia que se Eduardo havia chorado, Alice era a responsável por suas lágrimas.

Os choros de Duda sempre eram causados por aquela megera. Por que ela gostava tanto de vê-lo sofrer? Era quase como se ela ficasse mais forte a cada lágrima que ele derramasse por ela. Eu já tinha certeza que ela adorava vê-lo triste..

A porta de acesso da cozinha foi aberta de uma vez, talvez com Arthur finalmente notando que eu não estava mais na cozinha, com Una, onde deveria estar e se preocupando. Mas logo sua expressão preocupada se tornou um sorriso fraternal:

— Ei, Duda, aproveita que está aqui e vem experimentar minha nova obra de arte.

— Como se eu já não fosse sua cobaia de testes culinários há mais de doze anos — resmungou meu dono, mas não audível o suficiente para o amigo se chatear, enquanto juntava suas coisas e me colocava no chão, para que eu pudesse segui-lo até a cozinha, onde Arthur já se esmerava, derramando o seu

novo molho em um pedaço de um peixe qualquer.

— Puxe uma cadeira, fique à vontade e me conte porque está no Saborart às três da tarde de uma terça-feira.

— Não posso querer ver o meu melhor amigo?

A expressão de Eduardo poderia parecer inocente, à primeira vista, mas quando Arthur colocou o prato à sua frente, com uma mão apoiada na mesa e a sobrancelha completamente arqueada, Duda se rendeu. Os dois realmente se conheciam melhor do que eu imaginava, já que logo Eduardo expressou o ar mais cansado que eu já vira, com os ombros caídos e a cabeça baixa.

Arthur não precisou sequer perguntar. Depois de alguns segundos, Eduardo soube que seu melhor amigo não desistiria tão cedo de saber o que lhe perturbava.

— Alice.

— Por que isso não me surpreende?

Muito menos surpreendia a mim. Tudo de errado que acontecer na vida de Eduardo tinha dedo de Alice. A mulher era tão odiosa que até se a Terra parasse de girar, a culpa seria dela. Ao invés de limpar as panelas que usara ou finalmente fazer o que havia dito e mexer nos livros de contabilidade, Arthur apenas puxou uma cadeira para perto de meu ruivo dono, colocando um garfo em sua mão.

— Eu beijei Catarina ontem — confessou Duda. Tentei evitar emitir qualquer miado ou som que indicasse o quanto eu estava feliz por Eduardo já saber o meu nome humano, mas continuei fingindo que não entendia a conversa que estava acontecendo ao meu lado. — Quando voltei para casa, quis conversar com Alice. Eu estava confuso, não tinha nenhuma certeza sobre meus sentimentos por ela.

— Ela quem? Catarina ou Alice?

Eduardo abaixou a cabeça e deu um sorriso discreto, enquanto tirava um pedaço de peixe com o garfo e o atirava para mim, no chão.

— Por Alice! — respondeu. E, antes que Arthur pudesse perguntar qualquer coisa, ele explicou: — Alice é linda, Tui, realmente especial, mas as coisas que ela faz comigo são horríveis. Eu tento pensar que ela me ama, mas não acredito que isso seja verdade. Sua forma de me tratar é como se eu fosse um nada e eu ainda fosse obrigado a agradecer por tê-la ao meu lado. — Como o seu melhor amigo não dissera nada, Eduardo suspirou e finalizou: — E ela transou com alguém no domingo.

O peixe estava muito gostoso, o molho era ainda melhor, mas eu não me importava a mínima com comida no momento. Tudo o que me importava era o relato de Eduardo.

— Como assim?

— Ela continua me traindo, Arthur. Sabe-se lá com quem, mas provavelmente é alguém com mais status e dinheiro. Eu sei disso e mesmo assim quando eu tento deixá-la, Alice ri e diz que eu não seria capaz, que eu a amo demais e não saberia como viver sem ela.

— E ela está certa? — a pergunta de Arthur ecoou na cozinha industrial e até mesmo Una parou de lamber suas linguiças para analisar a expressão de Eduardo, enquanto o mesmo pensava na melhor forma de responder àquela pergunta.

— Não mais.

Arthur tentou limpar a mesa com o pano de prato no cós da sua calça, tentando parecer ocupado e buscando não fazer qualquer pergunta. Ele tentava não pressionar o amigo, mas seus olhos azuis espelhavam tanta curiosidade que se Eduardo demorasse mais cinco segundos para continuar a se explicar, Arthur o forçaria a falar.

— Eu me senti culpado por beijar Catarina, Tui. Eu estou em um compromisso com Alice, apesar de tudo, e não deveria ter gostado tanto de beijar uma mulher que não seja minha namorada. Mas as coisas que eu sinto quando estou com Catarina não chegam nem aos pés do que eu senti com Alice. Achei que amava minha namorada, mas hoje tenho minhas dúvidas.

Notando como Eduardo estava adoravelmente confuso, eu me aproximei dele, sentindo os seus dedos se esticarem para me alcançar também, sem olhar para mim, como se fosse algo que seu corpo estivesse fazendo por conta própria, acariciando os pelos do topo da minha cabeça, virando-se surpreso para mim quando notava o que eu fazia.

— Vocês brigaram?

— Não. Eu apenas pedi para que ela fosse embora.

Uau! A notícia era tão boa que tínhamos até que dar uma festa. Estourar champanhe, fazer canapés de salmão, encomendar uma faixa enorme escrita: “E não volte mais, Alice” e tudo isso.

— Desde que eu conheci Catarina na minha sala, eu sinto essa coisa inexplicável por ela. Revê-la aqui em seu restaurante e ontem no seu apartamento só me fez ter ainda mais certeza do que eu sentia.

Arthur voltou seus olhos para o chão, onde os dedos de Eduardo ainda estavam na minha cabeça, me encarando com toda a preocupação possível, sem saber como aconselhar o melhor amigo. Dessa vez, não era apenas incentivá-lo a terminar de vez com Alice e ir atrás de quem realmente estava mexendo com seus sentimentos. Eduardo estava apaixonado por uma gata amaldiçoada.

Que amigo incentivaria um amor desses?

— Você nem a conhece, Duda. Como pode dizer isso? — ralhou Arthur, mas sabia que não queria dizer isso dessa forma, apenas não queria entregar a verdade tão fácil. Mas foi só então que notei o sorriso no canto dos seus lábios. Aquele maldito estava planejando reverter a minha maldição e as palavras de Eduardo eram a confirmação de que seus planos estavam próximos demais de se concretizarem.

— Mas eu quero conhecê-la melhor. Quero saber quem ela é, o que ela faz, de onde veio... — os dedos dele se suavizaram e a ponta de seu indicador deslizou pelo meu rosto, tocando meus bigodes, fazendo cócegas de novo. — Saber se ela gosta de gatos.

Oh, Eduardo. Ela adorava gatos. Ela até mesmo era uma gata nas horas vagas. Na verdade, sua amada era uma gata na maior parte do tempo.

— Acho que Kitty gostaria dela — o cozinheiro sorriu e finalmente se levantou, indo para pia lavar suas panelas.

— Eu também acho. Não sei porque, mas acho que as duas têm o mesmo olhar. Uma semelhança estranha que eu nem sei como explicar.

Uma panela caiu da mão de Arthur, mas ele a recuperou rapidamente, tentando não deixar que ele desconfiasse de sua surpresa, mas o ruivo não notou nada, comendo o seu peixe, até decidir que deveria continuar o relato de sua briga com Alice.

— Eu a confrontei sobre com quem é que ela está transando e Alice teve a coragem de dizer que fora apenas sexo. Assim, como se fosse a coisa mais comum do mundo. “Se ninguém quer transar com você, a não ser eu, o problema é seu. Não posso dizer o mesmo sobre mim, então vou mesmo aproveitar”. Ela me disse isso, dessa exata maneira. Não sei porque continuo deixando essa mulher me magoar dessa forma.

Nunca desejei que minhas palavras mágicas fossem ditas do que naquele momento. Eu precisava ser humana para poder dar uma boa surra, daquelas dignas a ponto de deixar hematomas, pouco me importando se seria presa por isso. Não podiam me prender sem documentos, e para todos os efeitos, eu não existia mais desde 1578.

— Porque você é um otário e ela é uma vadia convincente. E você nem pode ficar ofendido porque é verdade e eu sou o único com bolas o bastante para lhe dizer.

— Você está certo — Eduardo apoiou a cabeça nas mãos, frustrado, esquecendo completamente o seu peixe pela metade. — Ela fez com que eu me separasse de Kitty, a melhor coisa que aconteceu em minha vida. Que tipo de ser humano em sã consciência odeia gatos?

Sim, essa era uma pergunta muito oportuna. Pessoas más e sem índole

odiavam gatos. E essa descrição podia ser perfeitamente aplicada à Alice.

— Eu disse a ela que não a queria mais, que havia outra pessoa em meu coração. Mesmo que eu ainda não tenha certeza dos meus sentimentos por Catarina, achei justo lhe dizer a verdade. — confessou. Meu coração disparava em todas as vezes que Eduardo revelava que havia um espaço para mim em seu peito, para as duas formas de mim. Por mais que quatrocentos anos tivessem me tornado uma gata escaldada, não literalmente, não pude evitar não sentir esperanças. — Alice ficou furiosa, me xingou de todos os palavrões que conhecia e disse que tinha certeza de que era a fulana do restaurante, como ela disse. Que um cara como eu não deve perder tempo com ajudantes de cozinha.

— Que absurdo!

— Como se eu me importasse com isso! Eu não dou a mínima se venho de uma família rica ou qualquer coisa assim. Eu não dou a mínima se Catarina é uma ajudante de cozinha. Alice acha que Catarina não merece alguém como eu, mas é o contrário, você já viu com ela é linda, sou eu quem não merece uma mulher tão bonita.

Coloquei-me de pé, sob as patas de trás e toquei o rosto de Duda, fazendo com que ele olhasse em meus olhos e entendesse, mesmo que eu não pudesse dizer com todas as palavras, que eu não era tão linda como ele imaginava. A beleza não era vista pelo lado de fora, mas pelas atitudes, por quem a pessoa era por dentro. E ainda que seus cabelos ruivos e olhos castanhos fossem os mais charmosos que eu já vira, a maneira doce como ele tratava a mim, um simples animal, e todas as suas gentilezas ou seu enorme talento, faziam com que ele fosse lindo. Era eu quem não o merecia, sendo eu uma gata estranha e eterna, mas que o amava.

E amava cada pedaço dele. Amava-o exatamente daquela maneira e por tudo o que ele era.

Amava suas qualidades e defeitos. Amava a maneira como seus olhos se iluminavam quando estava desenhando, amava a pequena cicatriz quase imperceptível em cima do seu lábio, mas também amava a sua mania de coçar os olhos e o nariz quando estava distraído. Por todos os felinos, eu amava até mesmo a barba rala que ele insistia em deixar crescer.

Eu o amava por inteiro. E se Alice não era capaz de fazê-lo, era porque ela era uma estúpida.

— Você parece cansado, Duda — observou o chef.

— Dormi num hotel essa noite e ainda tive de fazer grande parte da campanha institucional da Euforic numa escrivaninha apertada. Alice não quis ir embora e eu não quis ficar no mesmo lugar que ela. Talvez eu estivesse hipnotizado, incapaz de ver quem ela verdadeiramente era. Hoje eu sei quem

Alice é, e me pergunto por que eu gostei dela um dia.

Porque não podemos escolher quem amamos, Eduardo.

Eu mesma era um exemplo disso. Eu aprendera da pior forma que o amor era uma loteria e os números eram escolhidos para nós. Se tivéssemos sorte, o bilhete em nossas mãos era o premiado.

Amor era destino, por mais que antes eu não acreditasse nisso. Eu tivera que esperar quatrocentos anos para ter o bilhete certo em minhas mãos, ou patas. Os meus números foram chamados quando escutara os sons de Eduardo naquele beco. Ali, eu acreditei que não era sorte. Um dia eu pensara realmente que destino não existisse, mas eu estava errada. Eles repetiram meu número vezes sem fim, me levando para Arthur para que ele me levasse até Eduardo, de volta para onde eu pertencia.

Tinha de ser Eduardo.

— Sinto muito que as coisas tenham sido assim, Duda. Mas você pode começar de novo agora, começar do jeito certo.

— Com Catarina? — perguntou meu dono.

— Com Catarina.

Eduardo sorriu, contente e tirou mais um grande pedaço de peixe do seu prato, atirando-o para mim, que certamente estava sentindo mais fome do que ele, apesar de mal estar me aguentando de emoção depois de todas as coisas que eu ouvira naquela cozinha.

— Você voltará para casa em breve, minha linda, prometo — disse ele com seus dedos coçando a minha cabeça novamente, daquela maneira agradável que eu tanto gostava.

— Tenho uma boa notícia para te dar — Arthur se virou de uma vez, afastando-se das panelas, agora lavadas, com uma expressão completamente confiante em seu rosto. — Catarina me pediu para perguntar se você está livre na sexta. É solstício de inverno e aparentemente essa data significa algo para ela. Não sei, ela só queria saber se você gostaria de sair e comer alguma coisa. E como sou seu melhor amigo, ela perguntou para mim.

— Um encontro?

O tom animado de Eduardo encheu meu coração de emoção. Eu não havia marcado nada, nem pedido para Arthur marcar alguma coisa, mas eu sabia muito bem o que ele pretendia com aquele convite naquele dia específico.

Aquele maldito chef devia, com certeza, ter conversado com Marvin que havia lhe explicado o que acontecia conosco, os transformados, no dia do solstício de inverno. Naquele exato dia, nossas maldições eram amenizadas e aqueles que eram transformados ganhavam um dia na forma que preferissem. Um dia todo!

Isso significava que eu tinha até a meia noite para ser humana, para estar ao lado de Eduardo Molina. Em um encontro.

— Sim — Arthur parou em frente à sua gata, coçando a cabeça dela de uma maneira delicada que fez a alva Una ronronar alto. — O que respondo a ela?

— Que eu adoraria! Tui, isso seria ótimo para conhecê-la melhor! Tenho um bom pressentimento sobre isso. É como... Como se eu tivesse esperado a minha vida inteira para conhecer uma mulher como Catarina.

Oh, Eduardo! Eu também passara a minha vida inteira esperando para conhecer alguém como ele. Obrigada por me fazer sentir tão cheia de esperança. Muito obrigada.

— Eu conversarei com ela depois, marcando. E não pense que eu estou triste porque você terminou com a Alice porque eu não estou. Ela não merecia você e estou, na verdade, feliz por ter se livrado desse martírio. É hora de começar de novo, Duda. Vai ser melhor dessa vez.

— Sim, eu darei tudo de mim para que seja.

Deixei que Eduardo me erguesse até que nossos olhos estivessem presos um no outro, fixos, dizendo coisas que não éramos capazes de colocar em palavras. Eu, por não poder pronunciá-las, ele por não conhecê-las.

Eu podia sentir a esperança nos abraçando, calmamente, prometendo coisas que eu sempre tivera medo de acreditar. Porém, dessa vez eu tinha Duda, então não havia porque ter medo. Assim, simplesmente deixei que Eduardo me abraçasse, carinhosamente, deixando que o seu calor me inundasse junto com aquela sensação boa que me dava fé.

Era como ter passado anos em um país estrangeiro e finalmente voltar para casa. De repente, eu estava de volta onde sempre deveria estar: nos braços de Duda, com a certeza de que ninguém me tiraria dali.

Nem Alice, nem maldição alguma.

O meu final feliz estava tão perto que eu podia até mesmo sentir seu gosto doce. Um gosto parecido com o beijo de Eduardo.

Gosto de esperança, de liberdade.

De amor.



Encantada

— E então, Molina, quais são as suas intenções?

Todos os olhos da sala se voltaram para Eduardo, à espera de sua posição e os meus se voltaram para Marvin Padilha, esperando que ele notasse o quanto estava sendo estúpido.

Ele e Arthur não haviam parado de confabular desde o momento em que Eduardo saíra do restaurante, na terça, planejando todos os detalhes daquele encontro. Os dois homens estavam mais preocupados com a minha maldição do que eu mesma.

Ainda que eu estivesse exultante por sentir que estava mais perto do que nunca de ter a minha condição felina finalmente abandonada, meu foco estava no fato de que durante um dia inteiro, eu não precisaria pensar que o meu tempo estava contado. Naquela noite, eu poderia beijar Eduardo quantas vezes quisesse, poderia tocar a sua mão e ouvi-lo falar sobre seus desenhos o quanto desejássemos.

Até a meia noite eu seria completamente dele.

— Intenções? — Eduardo devolveu, confuso, e sua atenção se desviava de Marvin para mim, sem entender ao certo o que estava acontecendo ou se meu suposto irmão estava realmente falando sério. Ergui o olhar para Arthur, que estava perto da enorme janela, com sua fiel Una aos seus pés, esperando realmente pela resposta do seu amigo em relação às suas intenções.

— Eu... eu...

— Por favor! — implorei para que todos parassem com aquela maluquice e Eduardo sorriu largamente. Uma ação que vinha se repetindo a cada segundo que qualquer palavra saía da minha boca. Ele ainda não podia acreditar no quão fascinante era o fato de eu estar falando.

Minha laringite havia se curado. E essa era a brilhante explicação que Marvin havia inventado para a minha voz ainda bem rouca, quando Eduardo entrara na sala de estar de Arthur, pronto para me levar ao meu primeiro encontro.

A laringite também nos ajudou a conseguir uma desculpa para o meu aparecimento nua na casa de Eduardo, uma vez que os remédios fortíssimos que eu tomava me deixaram desorientada e eu acabara confusa àquele ponto.

Nossa mentira era péssima, mas a forma com que Marvin falava, tentando o máximo possível não disfarçar o seu sotaque, tornava tudo verídico o suficiente para que Eduardo acreditasse realmente em nós.

— Vocês são ridículos.

Puxei Eduardo pela mão, enquanto bufava, sem paciência para os dois idiotas que faziam uma verdadeira inquisição sem motivo algum. Enquanto eles achavam divertido fazer perguntas que os faziam parecer preocupados com a minha segurança, eu ficava cada segundo mais impaciente para sair logo daquele apartamento. Quanto antes eu começasse o meu encontro, melhor.

Eu só tinha até a meia noite para ser humana.

Era solstício, o dia em que todos os transformados podiam usufruir de sua forma humana, sem precisar se preocupar com horários, dores ou qualquer outra coisa. Até que a meia noite chegasse, eu era completamente humana. Porém, naquele ano, a natureza, ou a força felina superior, havia sido extremamente generosa comigo, dando mais do que eu merecia. Naquele ano, além de dedos, pernas e lábios, eu também tinha voz. Eu podia falar.

Eu podia ouvir o som do nome de Eduardo escapando dos meus lábios e apreciar o tom daquelas sílabas simples, mas que importavam tanto para mim.

Eu podia xingar Marvin, resmungar com Arthur e até mesmo ligar para um restaurante de comida japonesa às oito e trinta da manhã e encomendar uma dúzia de sushis de salmão para entregar, apenas porque eu podia. Talvez Arthur ficasse um pouco chateado pela cobrança em seu cartão de crédito, com extra por entrega em horário diferenciado, mas o que eu poderia fazer?

E de uma forma ou outra, eu havia pagado todos os meus pecados quando Arthur e Marvin haviam descoberto que eu podia falar, me obrigando a sentar no sofá, em frente a eles, e contar toda a minha história.

Toda. Sem qualquer edição.

Desde a minha infância no Rio de Janeiro, a maldição, como eu viera parar em São Paulo, para fugir do desespero de meus pais à minha procura como humana, como eu conhecera Daniel e mais perguntas, até mesmo a “como funciona o seu cio?”, vinda evidentemente de Marvin, que eu decidi deixar sem resposta.

— Já chega, Marvin, temos que ir.

— Vocês não saem daqui até eu ter certeza das boas intenções do ruivo.

Marvin estava seriamente desejando ser assassinado. Se ele continuasse com aquela maldita expressão de pai zeloso e Arthur não arrancasse aquela expressão curiosa, eu poderia jurar que mataria a ambos.

— Não, Catarina, ele está certo — Eduardo soltou-se do meu aperto e se virou para os dois homens, um deles o seu melhor amigo, respirando fundo antes

de responder. — Eu a trarei para casa antes da meia noite, como me pediram. E tenho somente as melhores intenções com sua irmã porque sei o quanto ela é especial. Prometo não ultrapassar nenhum limite e me esforçar para ser um ótimo acompanhante. Realmente fazer desta noite, uma noite boa e agradável. Eu sinto muito, mas temos que ir agora, nossa reserva é para as nove.

— Eu não me lembro de ter feito reservas para vocês.

— Não iremos ao Saborart essa noite — eu poderia ter fotografado a expressão chocada, desapontada e frustrada de Arthur e Marvin. — Catarina já trabalha lá, é bom ter um dia de folga.

Os dois ficaram ainda mais chocados, apavorados com a ideia de não poderem assistir o meu encontro da pequena janela de acesso da cozinha ao salão, sem poder constatar em tempo real se todos os seus planos tão bem engendrados estavam dando certo.

— E aonde vocês vão?

— Não pareça tão ofendido, Arthur. Nós vamos ao La Vienne. Eu prometi fazer a noite de Catarina agradável, não?

Marvin e Arthur deixaram seus queixos cair ao mesmo segundo, impressionados com a escolha de restaurante de Eduardo que, ao ouvir seu nome, não me despertou nenhuma reação especial. Eu não me importaria nem se fôssemos comer numa barraquinha de cachorro quente em qualquer esquina, contanto que ele estivesse comigo.

— La Vienne? — perguntei tímida.

— Sim, é um pouco sofisticado demais, mas acredito que você merece o melhor do que eu tenha a oferecer.

Meus olhos se encheram de água. Eu nunca fora merecedora do melhor, mas eu o vinha recebendo desde que aquele ruivo encantador aparecera naquele beco escuro. Na verdade, Eduardo conseguia ser mais que o melhor. Talvez essa fosse a razão para as coisas serem tão difíceis para nós: porque tudo que era verdadeiramente bom, demandava um esforço bruto para manter.

Marvin abriu a boca, pronto para questionar a escolha do restaurante, quando ergui as sobrancelhas para os meus defensores, querendo que eles se calassem e dessem por encerrada as suas tentativas de interrogatório. Já era tarde o bastante para que eu perdesse mais tempo ao invés de aproveitá-lo com Eduardo.

Arthur foi o primeiro a se dar por vencido e recolheu Una em seu colo, abraçando-a com cuidado, fazendo com que meu dono olhasse em volta, à procura de sua gata, estranhando pela primeira vez o fato de eu não estar ali, rondando-o, como certamente faria se estivesse ali.

Na forma felina.

Havíamos arrumado uma desculpa para a minha “ausência” também. Arthur

dissera que eu estava me encontrando com um gato alaranjado da vizinhança e estávamos tendo alguns momentos íntimos.

— Podem ir. Mas se Catarina não estiver aqui às 23h58, em ponto, juro que mato você, ruivo.

Eduardo pareceu realmente assustado, enquanto estendia a mão para mim, pedindo permissão para que eu o deixasse me conduzir para fora do apartamento, fugindo das ameaças do meu suposto irmão.

— Onze e cinquenta e oito, Eduardo! — gritou Arthur da janela, onde a sua cabeça e a de Marvin eram apenas pequenos pontinhos em uma enorme janela.

Ignorei-os e recuperei-me por alguns segundos, me perguntando como iriamos até o tal restaurante se a carteira de motorista dele ainda não havia sido reavida, mas notei que um táxi estava nos esperando na frente do prédio de Arthur, relaxando-me por apenas alguns segundos.

Dentro do carro branco, todo o meu nervosismo retornou, sentindo os dedos de Eduardo apertarem os meus.

Eu tinha dedos agora e podia entrelaçá-los nos de Eduardo, sem medo.

— Você está linda esta noite, Catarina.

Meus dois amigos haviam pensado em tudo naquela tarde, chamando uma mulher que chegara com uma bolsa enorme, me sentando numa cadeira estranha e baixa, puxando meu cabelo em todas as direções, enrolando-o nas pontas com uma coisa quente e que não me deixava mexer a cabeça.

Algo bem desconfortável e, segundo minha humilde opinião, desnecessário.

— Beleza exige esforços — rira Marvin. Claro, não era ele que estava sendo queimado vivo por um aparelho estranho.

E depois daquilo ainda tivera a sessão de produtos pegajosos no meu rosto. Uma farinha cheirosa, coisas gosmentas, mais pós e um lápis riscando ao redor do olho. Tudo isso num processo exaustivo, doloroso e até chato, em certos momentos, mas quando ela dera o seu trabalho por concluído e fomos todos para frente de um espelho, para avaliarmos, juntos, o resultado, eu mal reconheci a mim mesma.

Eu estava linda.

Diferente, digna de ser levada para um encontro com Eduardo Molina. Digna a ponto de competir com Alice e não perder. De ser a escolhida, caso houvesse um novo ultimato. A simpática contratada de Marvin e Arthur ainda me ajudou a colocar o vestido preto e as sandálias prateadas de saltos altíssimos que Tui me presenteou com um sorriso exuberante. Eu sabia que elas deviam ter custado uma verdadeira fortuna, mas ele me entregava os sapatos com tanta simpatia que eu não pude fazer qualquer outra coisa a não ser aceitá-los e abraçá-lo o mais apertado que eu pudesse para demonstrar o quanto eu apreciava todas as coisas

que ele já havia feito por mim.

Mesmo depois de pronta, arrancando elogios de Arthur e suspiros de pesar de Marvin por não ser ele a me levar em um encontro humano, eu ainda não conseguia enxergar alguma vantagem em toda a minha produção. Isso fora até Eduardo me vir. A forma como seus olhos castanhos brilharam e como suas bochechas ficaram vermelhas, como se envergonhado com o rumo dos próprios pensamentos ao me ver naquele vestido elegante e justo.

Eu ainda me recordava de como seus olhos haviam ficado fixos em mim, chegando até mesmo a ignorar o seu melhor amigo, sorrindo de orelha a orelha, caminhando calmamente em minha direção, até segurar a minha mão da maneira mais carinhosa e tímida, sussurrando como eu estava linda.

Desde aquele momento, eu ainda não conseguira fazer aquele teimoso sorriso contente sair do meu rosto. Aquela era uma noite que além de especial. Eduardo a faria inesquecível.

Talvez fosse naquela noite que tudo daria certo.

Um pressentimento infinitamente bom me preenchia sobre isso. Eu sentia que estava tão perto de ter a minha liberdade que não conseguia mais sequer conter o meu nervosismo. Quem olhasse de fora, julgaria que eu era uma mulher comum, ansiosa para um encontro também comum, com um cara por quem ela estava comumente interessada. Ninguém jamais imaginaria que eu era uma transformada ansiosa e completamente nervosa com a possibilidade de quebrar minha maldição de quatrocentos anos.

— Estou me tornando repetitivo, não? Mas você está mesmo linda! — murmurou, adoravelmente vermelho. Eu entendia exatamente o que ele estava sentindo. Eu estava procurando manter minha boca fechada para não repetir milhares de vezes o quanto ele estava fantástico com aquela camisa preta e com seus cabelos vermelhos penteados para trás, como um modelo daqueles outdoors luxuosos.

Ele nunca me parecera mais lindo e a cada vez que eu o encarava, era como se eu o visse pela primeira vez. Eduardo era bonito de qualquer jeito, mas saber que ele se esforçara, penteando seus sempre tão revolto cabelo, e até mesmo se portando mais elegante, me fazia ainda mais apaixonada.

Ah, se ele soubesse que não havia qualquer necessidade de usar ternos caros, fazer reservas em restaurantes sofisticados ou qualquer coisa... Demonstrações de dinheiro e poder não me surpreendiam. Eu me apaixonara pelo bêbado do beco. Eu me cativara pelo homem romântico e carinhoso que se revelara diante dos meus olhos. Eu o assistira em quase todos os seus momentos e era a compilação deles que me fazia amá-lo ainda mais.

— Catarina, eu quero fazer dessa noite uma das mais importantes da sua

vida.

— Estar aqui, com você, já faz essa noite ser a melhor de todas as que já vivi.

Em quatrocentos anos.

— Jura? — ele parecia tão feliz ao me ouvir dizendo aquilo, que não resisti e sorri também.

Havia como amá-lo mais? Naquele momento o meu coração estava tão cheio de Eduardo que eu tinha minhas dúvidas se havia mais espaço para ele ali.

— Obrigado por se encontrar comigo. Eu tinha de saber mais sobre você, entender o que acontece comigo... — Suas bochechas estavam vermelhas novamente, me apaixonando mais. — Estou encantado demais por você. Nunca pensei que sentiria isso por alguém.

— Eu sinto o mesmo, Eduardo. Embora acreditasse que não deveria sentir isso antes.

Minha mão gelada e trêmula foi apertada carinhosamente, olhando no fundo dos meus olhos, tentando entender os motivos pelos quais eu havia dito aquilo.

E como eu poderia responder? Como poderia lhe explicar que fiz de tudo para não me apegar e não partir o seu coração sendo a gata amaldiçoada que era? Que em quase quatrocentos anos, já havia perdido toda a minha fé e esperanças até encontrá-lo e ver todas as minhas expectativas se reerguerem? Não dava para explicar tudo assim, de uma vez. Eu precisava que as coisas acontecessem primeiro.

— Você tinha uma namorada.

— Ah... Alice — Eduardo coçou a nuca, envergonhado. — Terminei tudo entre nós. Eu estava me apaixonando por outra pessoa. E espero ter a chance de impressioná-la para fazê-la sentir o mesmo.

— Já estou impressionada, Eduardo.

E apaixonada também, mas decidi não me entregar demais. O carro havia parado, em frente à um ostentoso restaurante de paredes escuras.

— E pode me chamar de Duda.

Fui ajudada por Duda, como eu o chamaria com toda a certeza, a sair do carro, arrumando a barra do vestido para que não subisse demais, e fomos recepcionados por um simpático senhor de terno que nos levou pelo elegante restaurante até uma mesa mais afastada e íntima. Ao sentarmos, foram entregues os menus e apresentados ao garçom da noite, que se afastou, deixando que tivéssemos nosso tempo para escolher nossos pratos.

Segurei o menu com firmeza, nervosa, uma vez que eu não sabia ler e encarei Edu, que lia seu menu com atenção, procurando a opção mais saborosa.

— O que você gostaria de comer, Catarina?

— Salmão! — a resposta saíra tão automática dos meus lábios que eu sequer notara o que havia dito até Eduardo me encarar, curioso. O que eu poderia fazer? Certos hábitos eram realmente difíceis de perder, mesmo que pudessem me fazer parecer prepotente na frente do meu encontro, o que aparentemente não pareceu, já que ele me sorria, encantado.

— Minha gata ama salmão. Creio que é o prato preferido dela.

Escondi meu sorriso, tentando fazer parecer que eu não sabia que ele tinha uma gata.

— Uma gata? E como ela é?

— Ela é a gata mais arrogante que você já viu. Tem uma personalidade difícil, mas é tão engraçada e doce que não consigo me manter longe dela. E você, gosta de gatos?

A pergunta certamente fora feita com base no que ele vivera com Alice, quando fora obrigado a me mandar embora, fazendo a escolha errada, mas que parecera tão certa na ocasião.

— Você vai me mandar embora se eu disser que não sou fã de felinos?

— Há essa possibilidade.

Eduardo não estava brincando. E saber disso me deu ainda mais esperanças de que havia mesmo uma chance de minha maldição ser quebrada. Eu estava tão perto, tão perto.

— Que bom que eu adoro gatos, então.

Um som animado escapou dos lábios de Eduardo, alto demais para o refinado restaurante, atraindo a atenção das pessoas bem penteadas e vestidas que estavam ali.

Ele estava curioso para saber mais sobre mim e logo nossas conversas começaram. Duda contava pedaços de sua vida, da sua infância em São Paulo, sobre como ele e a irmã eram superprotegidos por serem filhos de um importante empresário de um conglomerado de comunicação da cidade, sobre sua amizade com Arthur que vinha desde os tempos de escola, com um suporte mútuo, onde o loiro cozinheiro estivera lá quando a mãe de Eduardo perdeu sua batalha contra o câncer e como, no ano seguinte, foi a vez de Edu se colocar ao lado de Arthur quando este decidira seguir seu sonho de ser chef e fora expulso de casa pelo pai furioso.

Já eu resumira a minha história, fazendo-a parecer que acontecia em apenas vinte anos.

Contando sobre a garota que nascera no Rio de Janeiro, escondendo a época, evidentemente, conhecendo tipos errados e perigosos e vindo para São Paulo quando a situação exigira.

Ele contou que adorava a cor azul porque lhe lembrava os olhos da mãe. Eu

confessei que se pudesse moraria no Museu do Ipiranga e o faria escondido, se tudo desse errado na minha vida. Eu poderia ser o fantasma do Ipiranga.

Mas nada daria errado.

Eu seria livre e me tornaria de Eduardo naquela noite. Eu não precisaria me esconder em nenhum museu antigo. Eu me tornaria livre naquela noite.

Nós riamos e nos divertíamos, rindo a valer de todos os contos de Eduardo sobre a sua adolescência com Arthur e eu o encarava, encantada, divertida. Apaixonada. A sua mão não saiu da minha nem por um instante e eu me sentia cada vez mais perto dele. Estávamos nos conectando de uma forma que não seríamos capazes de reverter. E eu ainda não me dera conta se isso era uma coisa boa ou ruim.

Os garçons já haviam retirado nossos pratos e trago mais dois pequenos com um delicioso sorvete de creme com bolinhos de chocolate, como nossa sobremesa. Logo teríamos que ir embora se quiséssemos voltar ao apartamento de Arthur antes da meia noite, evitando enfurecer meu falso e felino irmão.

As horas haviam passado tão rápido que eu nem havia percebido que já estava tão perto das onze e meia até que Eduardo comentou, casualmente:

— Estou realmente com a mulher mais bonita do restaurante.

— Imagine!

— Sim, e estou despertando olhares de inveja, afinal, tem um senhor que está nos encarando sem parar, duas mesas à frente. Acho que ele está se perguntando como um cara estranho como eu conseguiu levar uma mulher bonita como você para sair. Acho que sou um sortudo mesmo!

Eu ri alto e encarei o homem na direção que o gesto discreto de Duda apontava, tentando imitar a sua sutileza ao observar o nosso suposto observador, notando o senhor a quem ele se referia.

Eduardo não estava mentindo, o homem nos estava encarando mesmo, mas não era de forma desejosa. Ele não era um simples cliente num restaurante que avistara um cara com uma mulher bonita.

Ele era Daniel.



Descoberta

Os seus olhos não tinham mudado em nada desde a última vez em que eu o vira. Eles ainda expressavam o mesmo ódio e nojo de nosso último encontro. E ainda que hoje ele estivesse bem mais velho, provavelmente perto dos setenta anos, com os cabelos brancos e diversas rugas vincando o seu rosto antes rosado e juvenil, a sua essência continuava a mesma. Ele ainda era um homem bonito, porém ainda era o homem que me odiara e me considerara uma aberração, mesmo que eu lhe tivesse ofertado o meu coração. Lhe mostrado o meu segredo.

Daniel havia mudado. Porém, eu não. Eu não envelhecera um só dia, uma só hora. Eu continuava sendo a mesma que fora durante aqueles anos em que ficáramos separados. A mesma que eu fora nos anos antes dele.

O choque me calou, matou minha risada, e temi que Daniel fosse imprudente o bastante para fazer qualquer coisa que me denunciasse. Olhei ao redor, avaliando os outros clientes do chique restaurante, esperando que ele não fizesse nada, não naquele momento, não quando eu estava tão perto de ter a minha maldição quebrada pelo homem que eu sempre sonhara.

Por todos os deuses felinos. Não!

Mas antes que o próprio Daniel pudesse se levantar e vir até a nossa mesa, apoiado em uma bengala de madeira muito refinada, todo o restaurante se virou para a entrada, acompanhando a discussão que começava na recepção. Todos ali se calaram, escutando os gritos de uma mulher que berrava com o atendente simpático que nos recebera, que a impedia de entrar, sem reservas, no restaurante.

— Senhora! Senhora! — o recepcionista gritava, correndo atrás da mulher que não se permitia parar. A confusão chamara a atenção até mesmo de Eduardo e eu, que estávamos mais preocupados em segurar as mãos um do outro como se não houvesse amanhã. Ambos encaramos a entrada, nos deparando com Alice, parada no meio do saguão, à apenas alguns metros de nossa mesa, olhando tudo à sua volta, procurando algo.

Procurando por nós!

Os olhos frios e escuros escaneavam cada mesa, buscando. Quando ela finalmente nos encontrou, não se deteve, caminhando tempestuosamente até nós. Oh, sim! Porque eu certamente merecia que coisas como aquela acontecessem.

Justo naquele momento.

— Então é com essa coisa sem graça e fedendo a tempero que você está me traindo? Oh, Eduardo, eu esperava mais de você.

Como se já não me bastasse ter Daniel há apenas alguns metros, reconhecendo-me, ainda era obrigada a ter Alice causando uma cena no meio do restaurante. O que mais me faltava?

Os seus gritos ecoavam por todo o local e por mais que Eduardo tivesse se levantado, segurado o braço de Alice, sussurrando contido e tentando levá-la para um local onde pudessem conversar mais reservadamente, ela não deixou que ele fizesse qualquer maior movimento para tirá-la dali.

Puxando o braço de suas mãos, ela se aproximou ainda mais de mim, ameaçadora, resolvida em fazer do momento que tinha tudo para ser o melhor da minha vida, em outra experiência ruim para ser remoída em minha eternidade.

— Alice, por favor.

— Olhe bem para ela, Eduardo. Olhe! O que essa fulaninha tem demais?

— O que diabos você está fazendo aqui? Não há mais nada entre nós, por favor, não torne tudo ainda pior.

Seu tom de voz era baixo, mas Alice estava determinada a fazer daquilo um verdadeiro espetáculo. Os clientes certamente estavam entretidos com a baixaria.

— Não sou tão estúpida quanto pareço ser. Eu sabia que tinha uma reserva aqui. Eu sabia que havia um motivo para você estar me deixando! — dramaticamente, Alice se virou para o ruivo e continuou. — Nós fomos feitos um para o outro, Eduardo. Você me ama. Nós vamos nos casar.

Eduardo estava embasbacado demais para responder, por isso simplesmente fez que não com a cabeça, assegurando-a de que ela só podia estar louca, aquela era apenas uma invenção de sua imaginação fértil e maldosa.

— Você não pode estar pensando em ficar com essa garota, Eduardo. Quem ela é? Ela não é ninguém, ela não tem sequer um sobrenome. Ela não é nada.

O restaurante ficou em silêncio, observando algo além de nós enquanto eu continuava encolhida em minha cadeira, ameaçada pela presença de Alice, que continuava me encarando como uma predadora.

— Ela é uma gata! — a voz de Daniel soou alta o suficiente para que todos no restaurante pudessem ouvi-lo, virando-se para ele e observando como a confusão ali ficava maior e mais dramática a cada segundo. Daniel caminhava com dificuldade, pela sua avançada idade, aproximando-se enquanto o silencio ainda reinava no saguão. Até mesmo os garçons estavam parados, esperando o desfecho daquela cena.

— Ela é uma maldita gata. Isso não é humano, só está coberta de carne e beleza porque estamos no solstício de inverno.

O desprezo em sua voz, enquanto apontava com desdém para mim, magoou-me além do que eu podia admitir. E eu que achara que Daniel já havia me machucado o bastante. Eu estava enganada.

Eduardo e Alice encaravam o recém-chegado com confusão, achando que se tratava de um maluco se aproveitando da confusão. Mas ele não era louco. Eu era uma aberração.

— Você a encontra. Ela é toda arisca e de repente passa a se comportar. Passa a te deixar encantado, é doce. Eu sei muito bem como funciona, garoto. Você cria amor por ela e, de repente, de vez em quando, aparece uma mulher linda, não se sabe de onde, que não fala uma só palavra, mas te encanta como uma sereia no meio do mar. Eu sei, conheço a história porque aconteceu comigo. Isso é uma aberração, garoto. Fuja enquanto pode.

Eu negava com a cabeça, sem voz devido ao pânico, agora em pé, trêmula, dando calmos passos para trás enquanto mantinha as mãos na frente do meu corpo, negando com elas também.

Era verdade, eu era uma gata. Mas não era uma aberração. Não. Eu não era. Não.

— O que você está dizendo?

— Essa maldita dura para sempre. Ela nunca morrerá! — dizia o velho enquanto golpeava a minha mão erguida com a sua bengala, fazendo com que eu acuasse ainda mais, arrancando sons surpresos de nossa plateia, e então golpeando mais uma vez, fazendo com que eu abaixasse ambas as mãos, dolorida, chocada demais para me defender.

— Essa coisa é uma gata? O senhor está maluco? Ela é só uma prostitutazinha que acha que pode sair por ai roubando o homem das outras. — Alice destratou o homem que tinha idade para ser seu avô e se afastou na minha direção, segurando-me pelo cabelo enquanto eu fazia um som bem parecido com um miado, me afastando de perto dela, mas ainda sendo segura.

Os dois me feriam e Eduardo não sabia o que fazer, contra quem brigar, incomodado com toda a atenção que estávamos recebendo. Sem pensar, segurou Alice, afastando-a de perto de mim, lançando também um olhar gelado para Daniel, deixando claro que a situação estava acabada.

— Este foi o maior absurdo que já ouvi — declarou.

— Duvida? Isso voltará a ser um gato quando o relógio der meia noite. Você tem trinta minutos antes que isso aconteça.

— Certo.

A resposta era simples. Uma única palavra. Mas teve o poder de reunir todo o sarcasmo que eu nem fazia ideia de que Eduardo tivesse. E com um olhar raivoso para Alice e eu, mandou que saíssemos do restaurante enquanto pagava a

conta.

— Isso vai destruir você. Eu odeio essa aberração nojenta! — gritou Daniel para Eduardo, que encarou o velho como se pudesse lhe socar a cara se não fosse sua idade e o respeito que esta lhe inspirava. Porém, Daniel não estava livre do olhar furioso de Duda, que virou as costas para ele antes que fizesse algo desrespeitoso como xingar ou bater naquele idoso.

Fui então obrigada a andar ao lado de Alice para a saída, sentindo o olhar de todos sobre mim, me fazendo ainda mais humilhada. As pessoas me julgavam silenciosamente, alguns até sussurrando suas opiniões, tirando suas conclusões, criando suas próprias versões da minha história.

O restaurante tinha um serviço privado de táxis e por isso já havia um, de portas abertas, à nossa espera. Alice entrou nele sem cerimônia e, sabendo que Eduardo desejaria que eu fizesse o mesmo, sentei-me ao seu lado, sem outra opção. A megera continuou disparando ofensas, fazendo com que meu coração se partisse ainda mais e meus olhos se enchessem de água.

Eu sabia que aquilo aconteceria uma hora ou outra. Eu sabia que seria descoberta. Mas jamais imaginara tamanha humilhação. Jamais pensara que criaria tanta esperança para vê-la sendo soprada para longe de tal maneira.

— E você acha mesmo que ele me deixaria para ficar com você? Acha que ele perderia alguém como eu em troca de alguém assim? Como você?

— Você o deixou, o traiu, machucou seu coração e ainda acha que tem algum direito sobre ele?— disparei furiosa, cansada de me calar quando podia dizer tudo o que eu sempre quisera dizer àquela mulher. Estava cansada de escutar suas porcarias e não poder revidar. Ao menos por aquela noite, se Alice queria me ofender, que estivesse preparada para um contra-ataque.

— Eu sou o que você jamais será, sua imbecil. Quantas vezes ele já voltou para mim? Eu só preciso estalar os dedos e Eduardo está de volta. Não se iluda. Nenhuma vagabunda terá o que é meu. Eu nasci para ser rica, para ser uma Molina.

Eu estava prestes a perder toda a minha compostura e me embrenhar no cabelo dela, brigando como uma qualquer, arranhando toda a cara de vadia de Alice, mas antes que eu pudesse fazê-lo, a porta do carro se abriu e Eduardo entrou, nos encarando com raiva.

Meu coração batia acelerado.

O meu medo não residia em perdê-lo para Alice, não de todo. Eu tinha medo de que ele tivesse acreditado em Daniel, que realmente tivesse dado ouvidos à sua história aparentemente maluca, mas verídica.

Por que justo naquele momento? Por que logo quando eu estava tão perto?

O endereço da casa de Eduardo foi rosnado para o motorista que não perdeu

tempo em se enfiar pelo transito incessante da cidade de São Paulo, rumo ao destino fornecido.

— Edu... — nós tentamos ao mesmo tempo, mas ante o olhar do ruivo, não prosseguimos.

— É verdade o que aquele senhor disse? Ele te conhece, Catarina?

Eu não podia mentir. Não para Eduardo. Eu o amava demais para fazê-lo. Mas o que eu poderia dizer? Assumir que era uma gata? Fazer com que ele me odiasse para sempre? Eu estava numa situação em que não sabia para onde correr, e ter Alice conosco, dentro do apertado carro, tornava tudo ainda pior.

Ela tinha razão. Quem eu pensava que era para criar esperanças de que Eduardo ficaria comigo? Eu era uma gata amaldiçoada. Eu não era ninguém. Eu não era nada.

Não respondi à pergunta. Apenas escondi meu rosto nas próprias mãos e comecei a chorar.

— Catarina, eu preciso que me responda — dizia ele enquanto o carro seguia.

— Isso é absurdo, Eduardo. Ela não pode ser mais patética do que isso.

A voz de Alice me deu mais um choque de realidade e me odiei por criar tantas esperanças vãs.

Quem era eu para pensar que o meu final feliz estava tão próximo? Nenhum de nós disse mais nada, guardando nossas energias para quando chegássemos em casa e, quando o dinheiro foi entregue ao taxista e Eduardo abriu a porta para nós, eu soube que havia feito uma péssima escolha.

Eu estava na casa de Eduardo.

Eu não deveria estar ali. Faltava pouco para meia noite. Eu tinha de voltar para Marvin e Arthur.

— Eu não... não... — tentei argumentar enquanto entrava em sua casa, empurrada por sua mão posicionada calmamente na base das minhas costas.

— Eu não farei nada de mal a você, apenas preciso saber a verdade.

Sentei-me no sofá, derrotada.

— Você vai me odiar, Eduardo. Não me force a fazer isso, por favor! — meu choro era intenso.

Alice mantinha um sorriso maligno em seu rosto. Aquela era a chance de que precisava. Eu cairia e ela poderia ter sua glória a partir disso. Ela teria Eduardo de volta assim que eu virasse uma maldita gata cinzenta na frente dos seus olhos.

Eduardo teria nojo de mim. Ódio, talvez. Nunca mais iria querer me ver e então ela estaria livre para consolá-lo. Alice o conhecia, saberia a maneira exata de fazê-lo sentir-se bem, sabia quais botões apertar, onde pressionar para tê-lo de volta.

Eu não estaria mais em seu caminho.

— Faltam dez minutos para a meia noite, Catarina. Você ficará aqui para me provar que aquele velho estava errado. Que o que ele disse foi apenas um absurdo.

— Não...

— Você não pode ser uma gata. Seria surreal demais. Se você fosse uma gata, teria de ser Kitty. Isso tem de ser apenas uma coincidência. A droga de uma coincidência! — ele dizia, como se estivesse lendo alto seus pensamentos. E para o meu infortúnio, estava perto demais da verdade. — Você não pode ser Kitty.

Tentei me levantar do sofá, mas sua mão apertou meu ombro, me obrigando a sentar-me novamente. Seu aperto ao meu redor era firme. Eu não poderia fugir.

Sentia muito por partir seu coração. Eu sentia tanto! Mas era exatamente o que aconteceria quando meus dez minutos chegassem ao fim. Eu voltaria a ter bigodes e rabo.

Eu seria odiada, repudiada.

Eu não teria o meu final feliz e teria de ver Eduardo me dizendo adeus da pior forma possível: me jogando na rua. Não seria a primeira vez. Já acontecera antes, quando Daniel o fizera. Eu ainda me lembrava de como doera ver o seu olhar, repleto de nojo e raiva. Ainda me recordava de todas as suas palavras e como me machucava vê-lo me mandar embora daquela maneira.

Porém, doeria ainda mais dessa vez.

Doeria porque eu não amava Daniel como amava Eduardo. Doeria porque eu não teria de dar adeus apenas ao meu final feliz, à esperança partida de ser libertada, à promessa não concretizada de Marvin e Arthur.

Doeria porque eu daria adeus definitivamente à Eduardo Molina e a tudo o que ele representava. Eu seria obrigada a dar adeus ao meu coração.

Eu não conseguia olhar o relógio, na posição em que estava, com Eduardo à minha frente. Mas pude sentir em minhas entranhas o exato momento em que o ponteiro chegou à meia noite. Meu corpo tremeu e senti a dor lancinante em meu corpo.

A transformação tivera início. O meu final feliz tinha um término.

O aperto de Eduardo se soltava, eu me enroscara no sofá, sentindo todos os pontos do meu corpo doerem, arderem, inflamarem e então formigarem. E então, de repente, como sempre, tudo estava acabado.

Os olhos escuros de Eduardo e Alice estavam focados em mim.

Era o fim.



Partida

Eduardo estava paralisado. Seus olhos fixos em mim.

Ele não podia acreditar.

Alice ria. Sua risada alta e estridente, ecoando por toda a casa, os espasmos da gargalhada a sacudiam por inteiro, a forçando a se retorcer, segurando a barriga.

— Deus, isso pode ficar mais patético? — dizia entre as gargalhadas.

— Kitty... — Eduardo sussurrou e eu fechei os olhos, nervosa. Não queria vê-lo, não queria ver todo o nojo e ódio que seus olhos estampariam. Eu não queria ir embora dali sentindo as coisas ainda piores.

Eu não suportaria.

Meu pescoço foi seguro pelas mãos frias e finas de Alice, meu coração bateu mais rápido. Fui erguida até que eu estivesse bem perto de seu rosto, me obrigando a respirar fundo, com medo.

Como humana eu tinha tamanho e forças para uma luta justa, mas como gata, não havia nada que eu pudesse fazer. Ela me segurava de uma maneira que impedia que minhas garras a alcançassem.

— Uma mulher feia. Uma gata feia. Que sina a sua, Kitty. — desdenhou. — Como você pode achar mesmo que tinha chances com Eduardo? Ele não seria tão estúpido.

Rosnei para ela, pronta para atacar, sabendo que eu não tinha nada a perder agora e fui segura ainda mais longe, tornando ainda mais impossível dar qualquer golpe, qualquer arranhão que fosse.

— Catarina... — novamente o sussurro de Eduardo chegou às minhas orelhas, mas não me dava nenhuma dica sobre qual seria a sua expressão, qual seria o tamanho do seu nojo, do seu ódio. Eu ainda não podia encará-lo.

— Você não é nada. Eu estava certa. Você achou que poderia me passar para trás e ter o que era meu, mas Eduardo nunca será de ninguém. Eduardo é meu.

Ele não era de Alice. Eu não o merecia, era certo, mas ela também não era digna de possuí-lo.

Eduardo era bom demais para qualquer uma de nós. Alice se proclamava melhor que eu, porém não tinha nada que a fizesse melhor, a não ser sua aparência.

Ambas achávamos que éramos melhores que tudo, egoístas e arrogantes, mas na verdade éramos apenas duas idiotas que jogavam com as próprias regras, as inventando e moldando para se dar bem, mas falhando miseravelmente.

Alice não era melhor do que eu. Eu não era melhor do que ninguém. Eu era apenas aquilo: uma maldita gata que naquele momento deveria estar causando arrepios de horror em Eduardo, fazendo-o perceber que havia tocado e beijado a sua suja gata de rua. Uma maldita gata.

Eu não tirava a razão do seu desprezo. Eu me odiava também e era por isso que eu deveria encontrar uma saída. Algo que eu deveria ter feito há muito tempo, mas fora estúpida o bastante para esperar até ser tarde demais. Para me entregar até que fosse irreversível.

Os dedos longos e finos de Alice se abriram e eu caí no chão. Automaticamente, meus olhos buscaram a saída, encontrando-a num átimo. A porta estava aberta. Eu tinha de correr.

Correr e fugir. Ir para longe.

— Por que tem sempre de fazer isso? Eu não te amo, Alice. Eu achei que você me amava, achei que gostava um pouco de você, mas me enganei. Eu não quero você! — a voz de Eduardo estava cheia de raiva, e pude ver seus passos avançarem até ficar a centímetros dos pés calçados em saltos altíssimos. A sua raiva foi a facada que faltava para assassinar o restante da minha esperança. Eduardo estava com ódio, ódio de ter sido enganado por uma aberração. — Suma daqui e não ouse voltar. Eu não quero mais você, muito menos te olhar. Não se atreva a voltar e tentar consertar as coisas novamente, porque não há como. Você me teve de volta das outras vezes porque eu não havia aberto os olhos o suficiente para poder vem quem você realmente é. Te desejo sorte na busca de um namorado, amante ou o que seja, rico e estúpido, porque eu não vou mais ser esse cara.

Alice não tinha resposta para isso. Ela apenas ficou ali, calada, observando Eduardo. Seus olhos escuros e bem maquiados estavam prestes a derramar lágrimas. Não de tristeza, mas de frustração, por não ter conseguido alcançar um objetivo, segundo ela, tão simples como ter Eduardo de volta.

Meu coração estava fraco e dolorido, mas bateu uma vez mais, contente por saber que mesmo depois de minha partida, não teria chances para aquela oportunista com Eduardo. Ele não voltaria para a megera, estava livre para encontrar outro alguém.

Alguém mais bonita, com menos confusão e insanidade, como nós duas. Alguém que seria capaz de amá-lo mais do que eu jamais poderia. Alguém a quem Duda amaria também e que faria a sua vida valer a pena. Alguém que inspiraria seus desenhos, que traria as cores certas à sua vida.

A porta continuava aberta.

Eu não pensei duas vezes. Eduardo ficaria bem, contanto que eu estivesse bem longe. Eu sabia que era exatamente isso que eu tinha de fazer: ir para longe.

Minhas patas correram pelo tapete, atravessando a porta com a velocidade de um raio, desesperada para deixar tudo para trás. O que eu deveria ter feito desde a primeira vez.

Um pulo ágil e eu já estava em cima do muro, observando a porta aberta e notando Alice com o rosto entre as mãos, o corpo sendo abalados por espasmos, não mais com gargalhadas, mas com um choro. Porém, os olhos de Eduardo não estavam presos nela, observando a mulher que amara por tanto tempo chorar. Os olhos castanhos do meu ruivo amor estavam fixos além, do lado de fora da casa, naquele muro onde eu estava equilibrada, pronta para pular para o outro lado.

Eu estava a um pulo da liberdade.

Os lábios finos e rosados se moveram, formando duas palavras, mas era tarde demais. Eu sabia o que deveria fazer e dessa vez não deixei meu coração guiar minhas ações. Deixei que o meu cérebro me dissesse o que fazer, pulando para o asfalto frio e correndo até sentir meus pequenos pulmões arderem.

— Kitty, não! — seus lábios haviam dito naquele momento, mas era tarde.

Se eu tivesse dado ouvidos ao meu lado racional antes não estaria indo embora com uma bagagem tão pesada. Uma que continha emoções e lembranças torturantes e dolorosas demais para que eu pudesse carregar.

Então eu corri.

O ar daquela madrugada de junho estava gelado, mas não me importava com o aperto que isso e a corrida intensa faziam com meus pulmões. Eu tinha de correr para longe. Longe o bastante para nunca mais ser encontrada por humano algum.

Porém, antes, havia uma última coisa a fazer.

Meus passos incertos me levaram até os enormes portões do prédio de Arthur, sabendo que ele não estaria ali. Era sexta-feira, um dia de bastante movimento em seu restaurante. No entanto, notei que o Saborart devia estar sendo operado apenas pelos cozinheiros, uma vez que seu chef ainda estava no apartamento, onde a luz continuava acesa na sala e duas pequenas cabeças, uma felina e menor, apontavam na janela cada vez que um carro fazia barulho na rua abaixo deles.

De onde estava, pequena e oculta pelas sombras, eu não podia ser vista por eles e agradeci por isso. Eu não estava pronta para dizer adeus aos meus dois melhores amigos. Não estava pronta para lidar com o olhar de Marvin e Arthur ao descobrirem que seu plano havia falhado. Eduardo não se apaixonara por mim, ele me odiava agora. Ele sabia o que eu era e agora conhecia o meu

segredinho sujo.

Continuei parada ali, em frente ao seu portão, deixando que o meu silêncio levasse, de alguma forma, meus agradecimentos e despedidas aos dois maravilhosos homens na janela. Eu jamais seria capaz de agradecer o suficiente ao humano Arthur e ao gato Marvin por tudo o que haviam feito por mim.

Eu sentiria falta de Tui. Sentiria falta da expressão encantada que seu rosto assumia quando estava envolto com seus ingredientes e receitas. Eu queria poder ter minha voz por mais alguns segundos, apenas, para poder lhe dizer o quanto eu era grata por ele ter me trazido de volta para casa tantas vezes, por ter me dado um lar e por gostar tanto da Kitty felina quanto apoiava a Catarina humana. Eu sentiria tanta falta do meu chef e amigo!

E também não saberia como dizer adeus a Marvin. Não quando eu sabia que deveria tê-lo escutado, que deveria ter tentado realmente ser uma gata, ignorando todas aquelas emoções conflitantes e dolorosas que agora me faziam tanto mal. Eu deveria ter aceitado seus braços estendidos. Mas agora não era hora de me arrepender, a sua amizade havia me feito maravilhas e eu o amava por isso.

Entretanto, eu estragara tudo. Eu destruíra tudo. Como sempre fazia.

Fora por isso que eu não quisera ir para os braços de Eduardo naquele maldito beco. Eu sabia que a partir do momento em que eu pertencesse a ele, eu iria arruinar tudo o que estivesse à minha volta. E eu estava certa.

Eduardo me odiava, eu transformara a vida de Arthur de ponta cabeça e ainda brincara com os sentimentos de Marvin. Como eu poderia querer dar lições de moral para Alice, chamá-la de destruidora de corações quando eu mesma o era? E das piores. Eu era ainda pior do que ela.

Escutei o som macio de patas se aproximando e vi Una atravessar as grades do portão com elegância e facilidade, aproximando-se até se sentar ao meu lado, inclinando a cabeça para que, assim como eu, pudesse ver a janela com as luzes acesas lá em cima.

Os seus olhos diziam o que eu não queria dizer. Um verde e outro azul, mas delicados e amorosos o suficiente para me deixar saber que a graciosa gata branca sentiria a minha falta. Ela sabia que eu estava partindo e por mais que não quisesse que eu me fosse, não poderia fazer nada para me convencer a ficar. Eu tinha de partir. Era o melhor para todos. Se eu ficasse, a destruição seria ainda maior.

Encostei meu pescoço no dela, numa espécie de abraço felino, estranho, mas confortável.

Lancei um olhar para a janela, mostrando Arthur e Marvin e ela assentiu, sabendo o que eu estava lhe pedindo.

Aqueles dois precisavam de alguém que cuidasse deles, que olhasse por eles.

Eu esperava que essa pudesse ser Una. Ela havia se tornado uma boa e silenciosa amiga com quem eu poderia contar nos momentos de solidão no apartamento de Arthur.

Eu sentiria falta dela também.

Com um último olhar para a doce Una, e a vi assentir, se despedindo pela última vez e me deixando correr para a calçada, desaparecendo de seu campo de visão. Escutei um miado alto e o respondi, garantindo à gata que ela seria lembrada.

Era hora de ir.

Meus passos não eram incertos dessa vez. Eu sabia exatamente para onde ir e meus instintos felinos, ainda que eu tivesse estado naquele lugar apenas uma vez, sabiam exatamente para onde me levar.

O ar estava ainda mais gelado e os meus pensamentos ainda mais confusos. Alguns deles me diziam para voltar. Mas outros me levavam a correr ainda mais.

Eu não tinha sono. Não tinha fome. Eu tinha apenas uma obstinação boba de chegar ao meu destino. Eu só me contentaria ao ver aquele lugar enorme e vazio, quando eu soubesse que estava só e não havia nada à minha volta que eu fosse capaz de destruir.

Horas se passaram e muitos faróis de carros iluminaram meu caminho até a enorme praça, bem iluminada por seus longos postes. Aquele lugar era inacreditavelmente bonito a qualquer horário. E

vazio, como estava àquela hora da madrugada, era ainda mais encantador.

Apenas eu atravessava aqueles lindos jardins em direção ao enorme prédio antigo onde uma enorme placa indicando que estava fechado para reforma não foi capaz de me parar.

Enfim eu estava em meu novo lar.

A chuva que deixara o céu daquela tarde escuro e cinzento, finalmente decidira cair, umedecendo meus pelos cinzentos. Tive de me abrigar de seus pingos gelados dentro do enorme museu. Subindo a enorme escadaria com cuidado, achando um espaço na porta principal onde me encaixei tão habilmente como qualquer felino, entrando no escuro lugar, sentindo o cheiro de mofo e cimento, mas acima de tudo, sentindo o cheiro da liberdade.

Minhas patas estavam doloridas, meus pulmões queimavam e minha cabeça estava dolorida com tantos pensamentos que não levavam a lugar algum.

O segundo andar foi o meu escolhido. Aleatoriamente, escolhi um dos muitos cômodos dali e decidi fazer daquele o meu quarto, notando que ele não era muito utilizado, já que não havia nenhuma marca de reforma nele ainda. Suas janelas estavam emperradas e por isso não fechavam, trazendo através de sua abertura um maravilhoso cheiro de terra molhada que se sobrepunha ao

cheiro acre e antigo do museu.

Aquela era a minha nova casa.

Eu havia dito a Eduardo que, se desse tudo errado, eu viveria ali. E era exatamente o que eu estava fazendo, afinal, tudo dera errado. Tudo fora destruído. Minhas esperanças, meus sonhos, meu amor.

Fechei os olhos e deixei o cansaço fazer o seu trabalho. Meu corpo relaxou contra o piso frio e as imagens me inundaram. Primeiro os olhos doces e castanhos, penetrantes, depois os seus cabelos vermelhos sempre desarrumados. Eduardo estava deitado em meu colo e eu tinha dedos. Eu podia fazer o que mais adorava no mundo: passar meus dedos por seus cabelos ruivos e beijar a sua testa, pois eu tinha lábios também. Seus dedos se entrelaçavam nos meus e ele levava minha mão até sua boca, beijando meus dedos, subindo pelo meu braço até que eu estivesse deitada, inversamente, sob ele, tendo meus lábios beijados com todo o amor possível.

— Eu te amo, Kitty — dizia.

Meus olhos se abriram de uma vez e lancei um olhar apavorado ao meu redor. Nenhum cabelo ruivo, nenhum par de olhos penetrantes. Nada de agasalhos azuis. Nada.

Apenas paredes desgastadas e o ar frio da chuva. E isso me aliviou, pois eu sabia que enquanto estivesse ali, estaria tudo bem. Eu estava longe de tudo, não criaria problemas ali. Eu não era uma ameaça ao coração de ninguém a não ser o meu próprio. E era uma refém das lembranças de Eduardo, sim, mas isso teria de passar em alguma hora.

Eu o esqueceria. Não naquele dia. Nem nos próximos cem anos, mas isso aconteceria em algum momento.

Enquanto eu estivesse ali, com a chuva fria como companhia, estaria tudo bem. Eu estava machucada, partida, irreparavelmente dolorida, mas estava bem.

No fim, eu estava sã e salva.

Amaldiçoada e sem um final feliz.



Livre

O vento soprava meus pelos com força.

Aquele era o sabor da liberdade? Era para ser doce, não? Ou pelo menos ter um leve gosto de ração de salmão. No entanto, tinha outro gosto. Um sabor amargo que me trazia lágrimas aos olhos apenas ao senti-lo. Quase como comer ratos.

Logo o sol iria embora e eu já estava ali, à espera do momento mágico que a natureza me proporcionava.

O pôr-do-sol era realmente a coisa mais deslumbrante do mundo. Marvin tinha razão ao apreciar tanto olhar o sol se esconder diante daquela praça, vendo as suas luzes colorir as copas das árvores e criar um espetáculo único.

Eu não tinha ideia de que dia era, mas estava agradecida por mais um ter terminado. Seria aquele um dia a menos ou um dia a mais na minha eternidade? Não importava. Tudo o que eu sabia era que agora, depois de me esconder dos funcionários da obra, finalmente tinha todo aquele lugar apenas para mim, me permitindo ficar ali, no meu local favorito em frente à janela, observando o sol se movimentar para começar a sua magia.

Ali, sozinha, sabia que ninguém se arriscaria a dizer as palavras mágicas sem querer. Não havia como Arthur me encontrar por acaso. Eu estava a salvo.

Entretanto, estar sozinha as vezes era horrível. Me fazia lembrar de que todos que me importavam já haviam partido, uma hora ou outra, todos haviam me abandonado, pela morte ou por vontade própria, um por um, me abandonando, me deixando entregue à própria sorte.

Como meus pais fizeram. Como Daniel fizera.

Como Eduardo fizera.

Não deveria doer tanto, mas doía. Era como se tivesse uma estaca dentro do meu coração, esperando cicatrizar o mínimo possível para se retorcer novamente, abrindo a ferida, jamais a deixando se curar. Pois a cada segundo em que tentava não pensar em Eduardo Molina, lá vinham seus cabelos ruivos à minha mente, seus olhos doces e castanhos predominavam meus pensamentos e eu imediatamente me esquecia de minha resolução de esquecer totalmente o homem que me fizera conhecer o amor de verdade.

Lancei um olhar para o museu enorme e vazio e notei que tinha alguns

minutos ainda, antes do pôr-do-sol começar. Minhas patas estavam um tanto doloridas e decidi andar para alongá-las e tentar amenizar a dor que sentia nelas. Em uma semana, eu conhecera aquele lugar como nenhum paulistano, descobrindo cada canto e me fascinando com cada detalhe.

Estava um pouco destruído, mas ainda mantinha sua beleza, sua imponência.

Eu descia as escadas que davam para a entrada principal quando ouvi um som na fechadura.

Havia alguém ali. Porém, não senti necessidade de me esconder ou correr. Meu humor estava ruim o bastante para me fazer ter certeza de que a qualquer movimento do visitante em minha direção, o meu ataque já estava pronto.

Meus dias estavam sendo péssimos e eu não teria o mínimo receio de descontar todas as minhas frustrações em um pobre operário que esquecera alguma coisa na obra.

As imagens de Eduardo, seus olhos cheios de dúvida e julgamento, me analisando com nojo e ódio me faziam voltar no tempo, me fazendo lembrar de todas as vezes em que fui encarada com as mesmas sensações por outras pessoas, todas me julgando insuficiente e me classificando como aberração.

Eu não queria mais passar por aquilo. Nunca mais.

E a cada vez que essas imagens me invadiam, meu humor ficava ainda pior. Eu deveria esquecê-lo, mas tudo o que sabia fazer era sentir mais e mais a sua falta. Eduardo ainda era tudo para mim.

Ouvi a porta sendo aberta e apurei meus ouvidos. Se o operário fosse para o quarto das ferramentas, era possível que ele não me visse ali na escada, o que evitaria qualquer encontro desagradável.

Parcialmente escondida, fechei os olhos, deixando que meus ouvidos captassem todo e qualquer som, me preparando para o pior, esperando.

— Você parece o Rupert, sabia?

A voz. A menção. Tudo era como da primeira vez. Mas agora as lágrimas não vinham dele, mas de mim. Ele deveria ir embora. Eu não sabia porque ele estava ali, mas tinha de partir. Eu não podia fingir ser uma gata independente e cheia de mim quando estava tão perto dele. Eu só podia assumir quem realmente era, uma gata partida em milhares de pedaços por um amor grande demais para que ela pudesse suportar.

Aquele idiota deveria ir embora naquele momento. Eu me conhecia bem o suficiente para saber que com apenas mais uma palavra, eu seria dele, seria reconstruída, meu peito voltaria a bater para que ele o destruísse novamente.

— Mas é mais bonita. E é muito elegante também. — riu enquanto eu continuava de olhos fechados, ouvindo seus passos se aproximarem, subindo as escadas, ainda que meu coração fizesse um barulho absurdo, me impedindo de

ouvir qualquer coisa a não ser suas batidas descompassadas.

— Se o Tui estivesse aqui, com certeza ele acrescentaria “teimosa” à sua descrição.

Eu estava trêmula. Apenas a recordação de Arthur fora o suficiente para me fazer sorrir, apesar de todo o nervosismo. Eduardo tinha de ir embora. Eu estava ali para me dar uma chance. Para não ser uma gata, mas tampouco para ser uma humana. Estava ali apenas para existir em minha forma de aberração. Sem me preocupar com sentimentos ou entregas. Apenas para ser.

Quando soube que não aguentaria mais lutar contra minha própria vontade, eu me virei, encarando Eduardo e quase sentindo meu peito se partir ao fazê-lo.

Ele estava ali, com os cabelos ruivos revoltos pelo vento lá fora que ainda nos atingia pela porta que ele havia deixado aberta. O ruivo tinha um sorriso esperançoso que brincava em seus lábios finos e seus olhos brilhavam mais do que nunca. Um agasalho azul-celeste vestia o seu corpo e eu soube que assim que ele fosse embora, aquela seria a imagem dele que eu guardaria em mim.

Naquele momento eu não estava em seu território, eu não poderia ser mandada embora. Ali era o meu local, as minhas regras eram as que imperavam e isso fazia a imagem dele ainda mais etérea.

Talvez eu estivesse apenas louca. Imaginando coisas, fantasiando que ele estava ali por mim.

Eu estava louca demais. Velha, louca e machucada demais.

Mas então, Eduardo se inclinou e me pegou em seu colo.

O calor de suas mãos em meu pequeno corpo felino trouxe mais uma vez aqueles disparos bobos em meu coração. Eu deveria saber me controlar melhor na frente de Eduardo, mas não era capaz. Quando ele me tinha em suas mãos, daquela maneira, era como se todo o universo ganhasse um sentido. Como se tudo fosse completo de novo.

Era irracional como eu conseguia me esquecer tudo o que se passara apenas ao olhar em seus olhos. Eu me odiava por não poder me conter.

Os olhos do ruivo estavam fixos nos meus e ele sorria com delicadeza. Em nada lembrando o olhar que me lançara antes que eu saísse de sua casa, arrasada e despedaçada.

— Você não me deu uma chance de me explicar, Catarina. Você simplesmente sumiu, fugiu das minhas mãos antes mesmo que eu pudesse compreender o que estava acontecendo... — ele começou. — Foi uma das coisas mais irreais da minha vida ter você ali, no meio da minha sala, se transformando, como num filme de ficção científica. Eu não tive nojo ou raiva. Eu apenas não entendi o que estava acontecendo.

Como assim? Eu vira o olhar dele.

— Você foi embora rápido demais. Alice falou por horas em como você era nojenta, como você era uma aberração, mas eu nunca pensaria isso, Kitty. Não quando eu achava tudo aquilo tão fascinante.

Fascinante? Que tipo de narcótico Arthur estava usando como tempero para o almoço de Eduardo?

— Kitty, eu fui atrás de você. Marvin, Arthur e eu estávamos há dias te procurando, tentando imaginar onde você poderia estar. — Seus olhos buscaram os meus com ainda mais firmeza, antes de continuar. — Essa era a minha última aposta. Eu estava perdido. Não sabia mais onde poder te encontrar. E eu dei sorte. Eu te achei, minha menina.

Por quanto tempo? Por quanto tempo ele me acharia, cuidaria de mim, até que receberia um chamado de Alice, querendo que ele voltasse? Eu tinha quatrocentos anos e mais o que fazer do que chorar por ele por mais vinte anos até que Eduardo se decidisse entre mim e a abominável Alice.

Pulei do colo de Duda, deixando bem claro que dessa vez seria diferente, que eu não voltaria assim. Porém, ao invés de parecer magoado ou confuso pela minha atitude, ele apenas sorriu, parecendo deliciado com a situação.

— Você está brava comigo. Eu já sei o que fazer.

Eduardo se virou para o final da escada, notando um grande saco de cimento e pegou um pote qualquer do chão, recolhendo um pouco do pó no recipiente e levando-o para o alto dos degraus onde eu estava.

— Isso vai cortar os meus dedos — dizia ele enquanto jogava o cimento no chão, espalhando o pó até ter um espaço coberto inteiramente com a cor cinzenta. — Mas você vale a pena.

E então, seus dedos indicadores começaram a abrir espaços pelo cimento, espalhando o pó até que linhas e curvas se formassem, me mostrando um novo desenho, onde eu era a musa novamente.

A habilidade dele era incrível e seus traços, mesmo no pó, eram encantadores. Ele ergueu os olhos para mim, por alguns instantes e apenas sorriu, contente, continuando o desenho que eu assistia com surpresa e amor.

— Não preciso sequer olhar para você para saber todos os seus traços. Eu já poderia desenhá-la de olhos fechados. É isso o que o amor faz com as pessoas, faz com que decoremos todos os traços de quem amamos. E eu decorei os seus, Kitty. Você sabe o que isso significa?

Meu coração parou.

Não podia ser sério. Mas Eduardo não parecia estar brincando. Assustada, minha pata marcou o cimento também, criando uma espécie de assinatura. O braço de Eduardo estava estendido, finalizando o meu retrato em pó e a sua tatuagem ficou alinhada com a minha marca, fazendo com que o seu sorriso

crescesse.

— Significa que tinha de ser você, Catarina. Significa que eu amo você, mesmo que tenha demorado tanto para perceber. Agora que digo em voz alta, noto que faz todo o sentido. Eu realmente amo você.

Eduardo largou seu desenho, fazendo um sinal para que eu me aproximasse e deixei que minhas patas me conduzissem em sua direção. Duda me segurou novamente em seus braços, deixando que minha pata ficasse em cima da sua tatuagem, mostrando a maneira como nos completamos. Como esperamos um ao outro por tanto tempo. Como era certo, apesar de todos os erros.

Ele abaixou a cabeça, sua boca tocando o topo da minha cabeça, aquele lugar que eu adorava que ele tocasse e então, sentado nas escadas do museu paulista sussurrou as palavras que eu esperara quatrocentos anos para ouvir:

— Eu te amo, Kitty. Amo a maneira como você ronrona antes de dormir, como sempre quer seu leite aquecido, como se acha boa demais para sardinha. Ou como seu sorriso humano é encantador, como seus olhos me fazem tremer de desejo ou como suas pernas são maravilhosas. Você é meu certo alguém, aquela que despertou todos os meus melhores sentimentos. Eu amo tudo isso, minha menina. Ao mesmo tempo. Eu amo as duas Catarinas. Amo a gata e amo a humana. Eu a amo em todas as formas.

Aquelas eram as palavras.

Eu senti meu corpo se aquecer.

Algo estranho estava acontecendo comigo e talvez Eduardo tenha percebido também, pois me colocou no chão, ficando em pé e se afastando o suficiente, enquanto me observava. Meu corpo se esticava, meus ossos se estendiam, mas não havia dor dessa vez. Era como se meu corpo ardesse em chamas, mas recebesse o bálsamo frio para curá-lo. Era a sensação mais revigorante que eu sentira. Eu estava me transformando.

Mas era mais do que isso.

Eu estava me libertando.

Eduardo me encarava com um sorriso radiante. Eu estava livre, finalmente.

— Arthur estava certo. Meu amor quebrou a maldição.

Fechei meus olhos, me sentindo mais feliz do que jamais sentira. Era real, então. O amor de Eduardo por mim era real, de outra forma eu não teria sido capaz de ter a maldição quebrada. Eu estava livre e era amada.

Aquelas haviam sido as palavras da bruxa que me amaldiçoara.

Fora há tantos anos que eu nem me lembrava mais. Quatrocentos anos era realmente tempo demais para remoer mágoas velhas.

Eles diziam na cidade que eu era a mais bonita da temporada. Que seria uma questão de tempo até ser desposada pelo melhor partido do Rio de Janeiro. Eu

era a única a não ver nada de especial em mim mesma. Infelizmente, cativei um homem a quem não deveria ter cativado: o filho de uma importante matrona carioca, a mais rica e tradicional. Todas as moças desejavam a sua atenção e eu, que sequer o apreciava, fora agraciada com todos os segundos da sua devoção.

Isso enfurecera uma mãe interessada em unir sua filha com o melhor e mais rico rapaz da cidade, ainda que a garota não tivesse nada de tão interessante. Tempos desesperados pediam medidas desesperadas e fora assim que a senhora conseguira um frasco cheio de um líquido azulado.

Era para ser um simples chá. Era tão comum ser convidada para um chá com quitandas nas casas mais abastadas que não notei a armadilha até meu corpo se retorcer.

As pessoas me amavam pela minha beleza e só. Sendo um gato, animal tão odioso e mesquinho, incapaz de ser adorável, segundo ela, não seria possível despertar o amor com tanta facilidade. E para não me deixar convencer ninguém, minha voz também foi tomada.

E fora assim que a minha vida se tornara felina.

Mas isso não importava mais. Não agora.

Respirei fundo e abri os olhos, tendo de afastar os cabelos da frente do meu rosto. Mãos, ali estavam elas. Abaixei a cabeça e encarei meus pés, desfazendo o precioso desenho de Eduardo.

Era um milagre.

Eu estava livre.

A minha imortalidade havia partido. Era hora de descansar.

Havia sido bom e perfeito enquanto eu tivera aquelas experiências e aventuras, mas quatrocentos anos era tempo demais. Tempo o suficiente, eu diria.

Eduardo se aproximou e deixou que suas mãos segurassem meu rosto, olhando no fundo dos meus olhos com um sorriso terno, despertando um sorriso nos meus próprios lábios, abaixando sua cabeça até que nossas testas se tocassem, calmamente, me roubando um beijo calmo, como todos os nossos beijos eram, mas, dessa vez, completamente livre e apaixonado.

E eu soube que aquele sentimento não era invenção da minha cabeça.

Era real. Eduardo Molina me amava como eu o amava.

Meus dedos ainda não estavam acostumados com a sensação de se estenderem daquela forma, mas os levei até os cabelos de Eduardo, deixando que eles se embrenhassem neles, acariciando e sentindo.

Nada poderia ser mais perfeito.

— Eu te amo, Eduardo — sussurrei, ainda não sabendo como usar todos os mecanismos do meu corpo humano, mas querendo que cada parte do meu corpo

aprendesse desde aquele momento que funcionava para apenas uma razão: amar ainda mais Eduardo.

— Eu também amo você, minha menina — disse. Seus dedos acariciaram o topo da minha cabeça. — E eu só vim notar isso quando percebi que, se fosse preciso, para ficar ao seu lado, viraria até mesmo um gato. Um gorducho e laranja. — riu e o som adorável da sua voz fez com que eu me sentisse ainda mais apaixonada. Eu jamais fora tão feliz.

Eduardo segurou minha mão e encarei a maneira como nossos dedos se entrelaçavam, encantada com a sensação de liberdade e poder que meu novo corpo me trazia.

— Vamos embora, Kitty. Vamos para casa.

Após descer dois degraus, Eduardo percebeu que minha mão havia se soltado da sua. Ele certamente não entendera o que estava acontecendo, mas entenderia em breve.

Era como se aquela fosse a minha última transformação.

Como acontecia quando diziam as palavras mágicas. Eu tinha apenas uma hora até que minha forma felina se revelasse mais uma vez.

— Não posso.

— Do que está falando? — Eduardo pensou em me rebater, mas algo em meu olhar deveria tê-lo alertado que as coisas eram mais sérias do que ele pensava. — O que está acontecendo?

— Apenas me beije mais uma vez, Eduardo. Por favor.

Um sorriso brincou em seus lábios enquanto ele subia de volta os degraus que havia descido, me puxando para seus braços, me segurando como se jamais fosse capaz de me deixar partir.

Nossos lábios se tocavam com delicadeza e paixão. A língua de Eduardo buscava a minha e nós as enrolamos, sentindo coisas inexplicáveis a partir de um simples beijo.

Minhas mãos buscavam tudo o que pudessem alcançar: cabelos, pele, roupas, tudo. Eu precisava me inebriar de Eduardo Molina. Precisava sentir cada sensação que ele pudesse me dar.

Eu esperara anos e anos para encontrar alguém como ele e agora que finalmente encontrara, era hora de ir. Não me parecia justo.

Mas quem dissera que a vida era justa?

Eu ganhara a minha liberdade, mas tinha de pagar um preço por ela. E por mais que me doesse, sabia que um dia Eduardo entenderia.

— Obrigada por ser aquele que me amou, por ser quem me salvou — eu falava, tentando conter as lágrimas, mas era impossível. — Obrigada por estar naquele beco, por cuidar de mim tão bem, por despertar todos esses sentimentos

maravilhosos dentro de uma simples gata. Obrigada por ser você, Eduardo.

Seus olhos estavam brilhantes e eu sabia que logo ele também estaria chorando, sem medo de como isso pudesse parecer estranho para um homem. E isso apenas me fazia amá-lo ainda mais. Eu apenas esperava que desse a inspiração e cores necessárias para encher a sua vida quando a saudade doesse demais.

O fim, agora, era inevitável.

— Eu te dei todos os meus segredos, Eduardo. E você me deu amigos. Eu sei que em determinados momentos eu te odiei por me fazer sentir tanta confusão, mas as minhas duas partes, a humana e a felina, o amaram desesperadamente.

— Do que você... — começou ele, mas coloquei os dedos em seus lábios, impedindo que ele prosseguisse. Agora eram os meus pés que estavam na escada. O vento frio arrepiava a minha pele nua, mas nenhum de nós se importava.

— Apenas se lembre de mim, Eduardo.

De costas, desci mais um degrau, sentindo o meu corpo tremer e se aquecer de uma maneira deliciosa. O vento me abraçou, pronto para me conduzir para longe e finalmente Eduardo entendeu.

Quatrocentos anos era muito tempo. Muita coisa. E naqueles últimos meses eu vivera mais do que em todos os meus anos. Eu sentira o que era realmente estar viva e não podia estar mais agradecida a Eduardo, por todas as sensações que me permitira sentir, por todas as passagens que eu pudera viver através do amor que eu sentia por ele.

Eu fora cativada pela alma mais encantadora que existia. E estava grata por tudo o que ela me proporcionara.

— Fico contente que tenha sido você a me salvar. Que você seja o meu certo alguém. Tinha de ser você, Eduardo. E se tudo deve ter um fim, sou orgulhosa em dizer que, graças a você, esse é o melhor final feliz que eu poderia ter.

Desci mais um degrau e por mais que desejasse me seguir, Eduardo estava ali, imóvel, com uma mão estendida, desejando parar o tempo, desejando reverter os nossos destinos. Mas era daquela forma que tinha de ser e eu estava agradecida por isso.

— Você sempre estará em mim. E eu estarei em você, onde quer que esteja.

Era inevitável. Mais um degrau. Mais uma lágrima.

— Pode ser que tudo tenha um fim, mas os nossos amores vão perdurar. Algumas coisas são infinitas, Kitty, e nosso amor é uma delas. Eu amo você.

O vento me abraçou ainda mais forte e meu corpo se tornou ainda mais leve. Eduardo sabia que era o fim. Eu sabia. A leveza aumentou, como se cada pedaço de mim fosse soprado delicadamente para longe e abri os braços, sentindo-me

flutuar, sentindo agora o gosto doce da liberdade que era o mesmo sabor dos beijos de Eduardo.

Sabendo que o seu amor era o que me libertara, que me dera o final feliz que eu sempre havia sonhado. Sabendo que aquele sentimento era infinito e brilhante.

Entendendo que o verdadeiro amor libertava e salvava.

Como o amor de Eduardo fizera por mim.



Eterna, ou quase isso

Os ajudantes de cozinha nem se preocupavam mais com o gato castanho entrando pela porta dos fundos do restaurante. Menos ainda com o homem ruivo que o acompanhava. Estavam acostumados com o melhor amigo do chef e dono do restaurante. Só não estavam acostumados com os olhos castanhos, antes tão doces, cada dia mais caídos e tristes.

Eles não sabiam. Não havia como saberem.

Mesmo Marvin e Arthur que conheciam a história, jamais saberia o quanto doía em Eduardo.

Eles sentiam a sua dor, sentiam, assim como ele, a falta da gata e da humana, mas jamais sentiriam tanta saudade quanto Eduardo.

Eles não foram obrigados a ver a mulher que amava desaparecer na frente dos seus olhos.

Todas as noites, quando fechava os olhos, se lembrava do sorriso, da expressão de calma no rosto de Catarina. Seus braços abertos, aceitando o seu fim e deixando que a liberdade a consumisse.

Deixando que se desaparecesse, que delicadamente se transformasse em uma poeira brilhante, soprada pelo vento.

— Eu tenho uma reunião com Miguel e Elisa em vinte minutos, é bom que tenha um motivo ótimo para me trazer aqui.

Arthur entregou a colher de pau que mexia o caldo até aquele instante para um auxiliar e limpou as mãos no pano de prato pendurado em sua cintura, aproximando-se do amigo.

Em todos os anos de amizade, jamais vira seu quase irmão tão desconsolado. Desde o momento em que ele voltara do museu, paralisado, em choque, não sabia o que fazer. Nem mesmo a morte de sua mãe havia sido tão dolorosa.

Doía nele ver os olhos castanhos do amigo sempre tão tristes e rasos d’água, mas doía ainda mais saber que não existia nada que pudesse dizer ou fazer para tirar dele aquela tristeza.

Até aquela manhã.

Marvin se enrolou aos seus pés e Arthur sorriu para o gato, seu novo amigo. As coisas não haviam sido mais fáceis para ele. Apesar de se sentir contente por Kitty finalmente ter sido libertada da maldição, Marvin não conseguira esconder

mais os sentimentos. Ele amava a gata cinzenta de uma maneira mais profunda do que todos poderiam ter imaginado. Apesar de todo o seu apoio e esforço para que ela fosse feliz ao lado de Eduardo, dentro de si, havia dor por entregar nas mãos de outro alguém a pessoa a quem amava.

E agora estavam ambos sem ela. Eduardo sem a sua humana Catarina, Marvin sem a sua felina Kitty.

Porém, não por muito mais tempo.

Arthur não disse nada, apenas seguiu para a porta de mogno de seu escritório, sabendo que seus dois amigos o acompanhavam e não pode tirar o luminoso sorriso de seu rosto, animado com a certeza de que o mesmo sorriso logo se estamparia no rosto de ambos atrás dele. Abriu a porta e deu um passo para trás, deixando que seus amigos entrassem em seu escritório.

Marvin nunca mais fora humano desde que Kitty se fora. Eduardo não sorrira mais, preso no estúdio, repleto de lápis escuros, desenhando a mesma silhueta felina, os mesmos olhos penetrantes, vezes sem fim.

Afastando-se, Arthur deixou que os quatro tivessem seu momento.

Para todo fim, havia um começo e apenas agora Eduardo se dava conta disso.

Os olhos de Marvin se focaram na gata cinzenta de porte aristocrático em cima da mesa, lambendo a pata com tédio, como se quisesse dizer que já estava cansada de esperá-los. Porém, os olhos de Eduardo estavam presos na mulher sentada na cadeira de Arthur, que apoiava os pés calçados em saltos de verniz vermelhos, com os cabelos jogados para um dos lados do ombro, sorrindo para os dois recém-chegados.

— Vocês demoraram um bocado, hein?

Abaixando os pés, a mulher se levantou e segurou a gata em seu colo, abraçando-a, caminhando até o meio da sala. Era impossível. Mas o sorriso sarcástico no rosto dela era parecido demais com o da mulher por quem se apaixonara. A gata em seu colo era uma cópia fiel de Kitty e isso fez com que Eduardo se sentisse ainda mais perdido.

— Mas... Como?

— Você me libertou da maldição — sorriu ela. — A gata e a humana precisavam ser amadas da mesma forma, serem valorizadas da mesma maneira. Então eu pude voltar para você. Porém, Eduardo, não foi você que amou minhas duas formas. Marvin também soube apreciar a gata autoritária e a humana confusa. Por isso Kitty também voltou.

Era impossível de acreditar, mas era real.

Elas estavam bem ali, na frente deles e pertenciam a eles mais uma vez.

A dor havia acabado, não havia mais porque chorar. Kitty e Catarina estavam bem. Estavam vivas. E eram deles, como deveria ser.

A pequena gata cinzenta pulou do colo de sua nova dona e se enrolou nos pés desta, antes de dar um passo corajoso à frente, apenas um. Ainda era a mesma teimosa arrogante de sempre e podia esperar que Marvin desse o próximo passo.

Um miado fora o bastante. Os olhos de Marvin se arregalaram. Ele a entendera. Ela se comunicara com ele perfeitamente. Com ele. Como felina.

“E aí?” ela dizia. E aí? O que ele faria?

Porém, Marvin sabia, pela primeira vez, exatamente o que fazer. Ele já havia perdido a sua gata uma vez, sabia exatamente o quanto a sua falta era dolorida e o quanto o peso das lembranças, mesmo as boas, era insuportável.

Sua pata castanha se adiantou e antes que pudesse continuar, Kitty estava enroscada nele, ronronando e demonstrando que ela também sentira a sua falta.

Marvin jamais seria capaz de colocar em palavras, ou miados, o quanto sentira falta de tê-la tão perto. E mesmo que pudesse, não admitiria tão fácil, Kitty já era metida o bastante para que deixasse aquela informação escapar.

Então, como num estalo, Marvin soube exatamente pelo que esperara em mil anos. Aquela era a hora de sua escolha. Era ali onde Marvin teria de escolher o caminho de sua maldição. Fora por aquele momento que atravessara o oceano, que viera para um país estranho e vagara por tantos anos. Era por Kitty.

Passara mil anos trocando de formas, sem ser capaz de encontrar algo que lhe desse a certeza de qual forma escolheria. Até que aquela gata chegasse e fizesse tudo em sua vida ganhar, repentinamente, um sentido. Até que ele decidisse quebrar a sua própria maldição e decidisse escolher o certo.

E Kitty era o certo.

Ela era o que fazia tudo valer a pena. A sua gata era tudo pelo que havia esperado. Era com quem escolheria passar o resto de seus dias e, mesmo que ela os fizesse bem difíceis, isso tornaria tudo mais divertido.

Marvin fechou os olhos e pronunciou, com o coração aberto, as palavras que sempre temera pronunciar. Mas dessa vez, sabia que não teriam arrependimentos. Estava pronto. Finalmente.

“Eu escolho a forma felina”.

Ainda com os olhos bem cerrados, sentiu uma brisa quente o envolver e sentiu a sua gata se afastar, discretamente, para poder observar melhor o que aconteceria a seguir. Ele não queria ver, mas Eduardo e Catarina estavam observando atentamente uma fumaça dourada envolver Marvin e se encorpar até virar o humano Marvin, perfeitamente delineado diante de seus olhos, sorrindo agradecido para a humana Catarina.

Ele finalmente estava livre.

Agora, Marvin sabia o gosto que a liberdade tinha. Não era doce. Não o mesmo gosto que tinha para Catarina, o gosto do beijo de Eduardo. Sua

liberdade tinha o sabor de salmão. O gosto do beijo de Kitty.

Ela o salvara e o libertara. E ele a amava.

A fumaça dourada se dissipou aos poucos até desaparecer, dando por concretizada a escolha, trazendo a mortalidade que Marvin aceitou de bom grado. A mortalidade lhe dava Kitty e não havia nada que Marvin quisesse mais do que a sua gata.

— Ele escolheu e quebrou a sua maldição — explicou a humana. Então, ela se ajoelhou até ficar na altura dos dois gatos, coçando a cabeça dos dois ao mesmo tempo. — Ela voltou apenas por você, Marvin. Ela fará a sua escolha valer a pena.

Kitty faria.

Ele nem precisava que a mulher o dissesse. Marvin sabia que o seu destino estava começando naquele momento. Com uma data de término, agora. Dera adeus à imortalidade no momento em que fizera a sua escolha, mas não precisava de milhares de anos para amar Kitty. Ele era capaz de fazer cada dia valer por mil anos de coisas boas. E enquanto ele a tivesse, teria todas as coisas esplendidas que não conseguira achar em toda a sua vida.

— E o que tem a me dizer, Eduardo?

A voz de Catarina era ansiosa enquanto se erguia, olhando em seus olhos castanhos com seu olhar de gato brilhando, eufórico. Ela tinha plena consciência de que fizera Eduardo sofrer quando achara que não a veria novamente, mas nem ela mesma sabia como a sua maldição terminava e uma vez que estava finalmente terminada, a primeira coisa que fizera fora voltar para o seu homem.

Ou, mais exatamente, voltar para os fundos do Saborart, batendo na porta com a gata cinza em seus braços e encarando Arthur Nogueira com um sorriso radiante, sendo imediatamente envolvida num abraço que traduzia toda a sua saudade.

Eduardo a encarou com firmeza.

O que ele tinha a lhe dizer? Que ela o fizera sofrer mais do que Alice, o machucando ainda mais quando achara que finalmente seu coração teria algum conforto? Porém, ele não tinha nada a dizer.

Eduardo Molina conhecia as palavras. Sabia como conjugá-las, encaixá-las perfeitamente numa frase, em diversos idiomas, aliás. E por isso, ele sabia exatamente quando elas não eram o suficiente.

Justamente por isso, ele não disse nada. Não era necessário. Ele tinha outras maneiras de expressar o que seu coração tanto queria dizer. Kitty nunca lhe dissera uma palavra e, no entanto, ele aprendera demais com as suas lições silenciosas. Era hora de calar Catarina e dizer-lhe tudo o que seu coração queria dizer.

Seu corpo se moveu mais rápido do que ele imaginara ser possível e, em questão de segundos, Catarina estava em seus braços e seus lábios se prenderam aos de sua amada, observando-a fechar os olhos, num sorriso, permitindo ser beijada, escutando as batidas aceleradas do coração dele que batia na mesma sintonia do seu. Suas mãos a seguravam como se ela fosse a coisa mais preciosa que ele já possuíra.

O que realmente era.

Catarina era dele. E a realização disso fez com que Eduardo aprofundasse ainda mais o beijo, ignorando o casal de gatos aos seus pés e todos os cozinheiros e clientes do lado de fora daquela sala. O medo que passara quando a vira desaparecer, se fora. A felicidade o preenchia por completo. Sua menina, a sua linda menina, era realmente sua agora.

Por quanto tempo Deus permitisse, mas sua.

Ouvindo seus corações baterem, Catarina não tinha a mínima certeza sobre até que dia eles continuariam palpitando. Agora era finita. Catarina tinha um prazo de validade e isso era surrealmente bom.

— O que me diz?

— Tenho mesmo de dizer algo? — perguntou ele. Catarina assentiu, insistente, seus olhos ainda fechados, seus braços rodeando Eduardo com força, mas uma de suas mãos acariciando sua nuca, roçando os tão amados cabelos ruivos. — Eu te amo Catarina. E quero que esteja ao meu lado por toda nossa vida. Quero poder te ver envelhecer e estar ao seu lado até que nosso momento final chegue. Quero poder viver o suficiente para te fazer feliz e ser seu pelo tempo que for.

— Eu te amo, Eduardo Molina.

Seus lábios se buscaram novamente num beijo cheio de paixão e saudades que fez os dois corações baterem ainda mais depressa, antecipando tudo o que, dessa vez, poderiam fazer.

— E a única transformação que aceitarei agora é a do seu sobrenome. Em breve espero ter a honra de anunciar para todo mundo que a senhora Catarina Molina é minha esposa.

Ela pulou em seus braços, sem se importar com a risada alegre de Arthur que decidiu deixar os casais, tanto os humanos quanto os felinos, se amarem, fechando a porta do escritório e anunciando na cozinha que o prato da noite seria salmão.

Eduardo beijava a sua futura esposa com pressa. A eternidade não era uma garantia mais.

O tempo passava depressa e eles tinham que amar cada segundo, dar cada minuto ao outro e agradecer pelas horas passadas ao lado da pessoa que fizera a

sua vida, finalmente, valer a pena.

Os seus corpos eram finitos, suas almas talvez também o fossem, mas o amor que sentiam jamais seria. Bem como a sua história.

Em algum lugar, as palavras sobre a gata humana que amou um homem com todo o seu coração perdurariam, sendo contadas para alguém, em sussurros, até que todos acreditassem no poder do verdadeiro amor. Aquele amor que salva, liberta e torna tudo bom e certo.

Aquele mesmo amor que sempre permaneceria, como todo amor deve ser: infinito.



Diana

“Até que aprenda como uma mulher se sente”

***G**iovanna Frota, a loira e elegante secretária, desencostou-se da mesa do Buffet do elegante casamento quando viu a pequena moça surgir da multidão, aproximando com passos que eram, ao mesmo tempo, incertos e determinados.*

A conversa seria breve. O castigo, merecido.

Podia sentir a dúvida de Priscila Bacelar, a pequena moça, à distância, não apenas pela maneira como ela olhava para trás constantemente, observado o sensual rapaz de terno escuro e camisa preta, sentado perto dos noivos.

Era por causa do amor verdadeiro que irradiava dos noivos, o adorável e talentoso Eduardo Molina e sua agora esposa, Catarina, a linda mulher de olhos lindos que pareciam até mesmo olhos de gato, que estavam ali. Mas era pela vontade de ter um amor como aquele que Priscila estava indo até ela.

Com as mãos firmes, Giovanna passou o pequeno tubo com um líquido pegajoso, cor de cereja para as mãos da secretária mais nova, que rodou o recipiente em seus dedos, na tentativa de compreender se o que sentia realmente valia o que estava prestes a fazer.

Aquela era poção mágica que resolveria todos os problemas de Priscila.

Um segredo que deveria ficar muito bem guardado. E por isso a loira mais nova olhou ao redor mais uma vez, insegura sobre tudo, desde o motivo que a levava a segurar aquele vidro com o líquido rubro, até os efeitos e consequências que acarretaria.

— Tem certeza? — foi o que a Srta. Bacelar perguntou à outra. Mas Giovanna não tinha como saber. Na vida nada era concreto ou seguro e a magia sempre podia se voltar contra o feiticeiro. Tudo o que ela podia fazer era esperar que, pelo menos para Priscila, a mágica funcionasse.

Ou talvez a sua mágica não funcionasse em si mesma, pois quando Giovanna a utilizara para si, acabara dando tudo errado. A sua estúpida magia havia lhe feito perder Lucas Moretto de vez.

Quando ela transformara o próprio namorado em um gato, utilizando uma magia antiga, acabou apenas fazendo com que o amado encontrasse o verdadeiro amor em Una, a gata branca e manhosa de Arthur Nogueira, o chef e dono do Saborart. E, da maneira mais romântica que era possível, a

transformou em uma mulher linda que agora, segundo os sempre constantes rumores da Euforic, os dois estavam prestes a se casar.

O que era para ser um grave castigo para um péssimo namorado, acabou sendo a chance da vida de Lucas, fazendo com que ele encontrasse seu verdadeiro amor.

Não queria que isso acontecesse com Priscila e Miguel. Eles pareciam certos um para o outro, pareciam um casal para a vida inteira, algo que a própria Giovanna vira nela mesma e em Lucas, mas que agora eram apenas lembrança. Porém, acreditava no destino e sabia que ele estava do lado do jovem casal.

Talvez a sua magia os ajudasse. Miguel Santana precisava realmente entender como Priscila se sentia sendo apenas um caso para ele, uma das muitas marcas na cabeceira da sua cama. E se as conversas não estavam resolvendo, a magia resolveria.

Quem sabe ele assumisse de vez o relacionamento que tinham e parasse de arrastá-la para rapidinhas sujas na sala de xerox que sempre acabavam com uma calcinha destroçada de Priscila em algum canto da sala. Como acontecia com grande parte das mulheres na Euforic, inclusive.

Não que Priscila não gostasse disso, de todo o sexo arrebatador, mas ela precisava de mais que transas escondidas e ligações quentes no meio da noite. Ela queria amor. Queria compromisso. E era isso que o líquido vermelho lhe daria.

— Eu quero que ele saiba como é ser uma mulher, Giovanna. Quero que ele sinta na pele o que nós sentimos, que ele aprenda como queremos ser tratadas. Quero que Miguel entenda como eu me sinto.

Os sussurros eram ouvidos apenas pelas duas. A música estava alta no melhor salão de São Paulo e, com toda a atenção que o casal tinha em si, bem como toda a confusão com a quantidade de convidados, ninguém prestava atenção em nenhuma delas.

— Isso vai ajudar. Certamente vai.

Miguel realmente precisava de uma lição. Que a sorte estivesse a favor de Priscila, como não estivera para Giovanna.

Com um último olhar para o pequeno vidro, ela deu as costas para a moça, se misturando na multidão que celebrava o casamento do ano com champanhe e pequenos canapés de salmão, os preferidos da noiva.

— Sabe o que fazer, Priscila — disse por cima do ombro, antes de realmente partir.

E, pela primeira vez desde que conhecera a confusão machista e convencida que era Miguel Santana, Priscila realmente sabia o que fazer.